

## O MACHO DESNUDO

### Roteiro cênicos para (des)construção do masculino

Este livro reúne textos teatrais que exploram a (des)construção da imagens e ações em torno da masculinidade. Os textos foram escritos entre 1996 e 2008, integrando um esforço temático em prol de esmiuçar comportamentos, ideias e desejos tidas como tipicamente aplicadas a homens do sexo masculino.

Em meio à chamada crise do masculino e todas suas implicações, este projeto nada tem de agenda ou propaganda. Apenas mapeia e interpreta cenicamente a presença irreduzível de algo que em termos de politicamente correto procuramos negar ou condenar: a presença desse mamute histórico, desse centro de poder primitivo e destruidor que nos assalta, pisa e arrasa, mesmo diante das táticas discursivas mais sofisticadas.

O tema é tão candente, que recentemente um esforço enciclopédico coordenado por Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello foi publicado em 2011 sob título de *A História da virilidade*, em três volumes. O terceiro volume - "A virilidade em crise? Século XX-XXI" - procura demonstrar que mesmo com mudanças na cultura ocidental provocadas pelas crises econômicas, o processo de igualdade entre os sexos e a desidealização da guerra e seu heroísmo, a figura do masculino enfrenta uma redefinição, mas ainda carrega seus traços arcaicos. E é nisto que reside sua força: nesta tensão entre as contradições, a sobrevida no limiar: o entrechoque entre seu modelo arcaico e as demandas na nova sociedade.

Em meus textos eu procurei enfrentar esta ambivalência no masculino a partir de dois grandes contextos: o das relações familiares e o das relações entre amigos. Este microcosmos se apresentam como laboratórios para se observar a formação e teste dos valores pressupostamente masculinos. Na redoma doméstica, pais autoritários e mães delirantes. Na esfera do companheirismo, a sexualidade em trânsito e o retorno ao egotismo.

Os textos seguem em ordem de sua elaboração, de forma a se demonstrar tanto a variação como o enriquecimento da temática. De textos curtos como "A última

Noite sobre a Terra", para os textos mais elaborados como "Cachorro Morto" e "O violador", penso que se registra um empenho também ambivalente: a busca pelo esgotamento do tema parece escavar novas e mais selvagens situações. Paralelo a isso, a elaboração de diversos textos a partir de uma provocação comum, parece apontar para as artimanhas da obsessão, que se espalha entre o controle ou não das imagens que nos assolam.

Neste sentido, para mim foi terrível e belo ter escrito estes textos. Parte de minha história pessoal se confunde com as páginas rasbicadas. Mas, ao mesmo tempo, tendo assumido outros papéis na vida, tudo parece ao mesmo tempo distante. Nesse ponto, as figuras abusivas masculinas e a fragilidade dos iniciados no drama de sua identidade dialogam e renovam suas mútuas implicações.

Desso modo, com os textos em sequência cronológica é possível acompanhar o trajeto de multiplicação de opções temáticas e expressivas. Os primeiros textos, quando eu ainda estava mais próximo da literatura, apresentam-se mais sintéticos, intransitivos, com mais imagens visuais desconexas e menor linearidade. São textos para a voz, mas construídos de modo a ir aos limites da língua, com recusos sintáticos e semânticos não usuais. As trocas de falas apresentam situações em que os interlocutores não partilham informações. O grande narrador está nas rubricas. Porém, um senso de incompletude, de acúmulo de momentos isolados é o que prepondera.

Tal estética aos poucos vai sendo redirecionada em prol da sobreposição de níveis dentro de uma ordenação mais tradicional. Aqui há o deslocamento do sintetismo poético para as tramas paralelas, para a complexidade das contracenções, para um hiperrelismo cativo do absurdo da cotidianidade. Este novo padrão alinha-se com a experiência maior minha na elaboração, produção e direção de espetáculos teatrais. Assim, a sequência cronológica das peças apresenta também parte de meu amadurecimento como dramaturgo, a partir do momento em que retomo padrões de escritura e o faço agora efetivos não mais no concentrado das falas e sim na organização das cenas. Não é apenas atividade verbal que provoca o estranhamento: a sucessão quase familiar de eventos que vai se juxtapondo e se contradizendo é o novo procedimento utilizado.

Daí o efeito produzido: antes, tudo parece mito, antigo, arcaico, pleno, fora da História. Em seguida, temos o banal, o de hoje, o manifesto, que pouco a pouco vai dando lugar à eclosão do indiferenciado, no sem nome, daquilo que conhecemos bem e pode nos destruir.

Espero ter realizado algo que não apenas constrange ou faz pensar. Hoje vejo que a dramaturgia do masculino aqui explicitada não é um esforço museológico de ressuscitar velhas noções ou esquecidas caricaturas. Em um mundo dinâmico, movente, creio que há a convivência de todos os tempos, de todas as vontades. Não se varre para debaixo do tapete o que está aí, diante de nós. A palavra não anula a realidade. Não adianta dizer que algo não existe ou não tem mais o poder de nos afetar.

Diante disso, a dramaturgia pode e deve enfrentar o que é negado, o que não se quer dizer ou apontar. Se a fera foi ferida, não foi de morte. Se o machista é ridículo, nós precisamos vê-lo, para conhecê-lo de fato, para então rir. *Daí O macho desnudo.*

## SUMÁRIO

Uma Última noite sobre a Terra

Acid House

Não se esqueça de mim

Uma noite um bar

As coisa que não se mostram

Cachorro Morto

O violador

A morte de um grande homem

Rádio Maior

Iago

Despedida

## **Uma última noite sobre a terra**

Diálogo futuro (1997)

*Cenário lunar-surrealista. A sombra de uma Terra luzente e aos pedaços pode ser vista. Entre destroços de metais retorcidos, eles conversam, dois sobreviventes, cansados, o ar raro e as palavras ofegantes. Sentados.*

O MAIS VELHO

(Imitando o mais novo.) Eles virão nos buscar, tenho certeza, não podem fazer outra coisa, eles virão nos buscar, eu creio.

O MAIS NOVO

(Imitando o mais velho.) Cale-se rapaz: escute e veja quando tudo acaba. Essa é uma noite maravilhosa, a grande noite, era prá estar acostumado, aqui, comigo.

O MAIS VELHO

Não podem fazer outra coisa, estamos perto, tão perto que já escuto os passos, eles chegando prá nos buscar, gente assim como nós, que também busca. Saímos de nosso lugar, uma vez há tanto tempo...

O MAIS NOVO

(Ri.) E você sabe por que viemos parar aqui, neste mundo que se acabou?

O MAIS VELHO

Eu tinha filhos, dois, sem mulher, uma casa enorme, cheia de gritos e tropeços. Mamãe cozinhava o cheiro em todos os lugares, eu brincava lá fora...

O MAIS NOVO

(o que riu aproxima-se e o sacode) Acorde, não morra ainda, não me deixe aqui...

O MAIS VELHO

Eu tinha uma bicicleta cor de laranja e eu era mais rápido que todos, podia correr que ninguém me pegava - “pai, por que mamãe não volta e arruma nossa cama, dormir, dormir, mamãe (*gestos de apagar a luz em quarto de criança*): dole uma, dole uma e dole três, a luz do quarto escuro apagada...”

O MAIS NOVO

*(Ergue-se e começa a correr)* Viu, olhe pra mim, eu corro melhor do que você, eu sempre corri mais, eu chegava na frente, mesmo chovendo, o chão caindo para os lados, a terra lisa como a cabeça de um homem velho, eu corria sem respirar nada, só os olhos crescendo, de olhos fechados eu, e nada vendo, só correr mais rápido que a chuva, fugindo da chuva, brincando de não-me-pegar suado e úmido, eu, o que corria- *(Olha e ri desatinadamente. O corredor pára seu percurso em zigue-zague em torno do amigo - ele, seu satélite)*. O quê, rir do quê, o que há para rir, seu idiota?!!

O MAIS VELHO

*(Pára de rir, surpreso:)* Eu não entendo, eu...

O MAIS NOVO

*(Dirige-se o corredor para o amigo, as mãos na garganta dele, esganando-o:)* Não era para ser assim, meu bom amigo, todo esse tempo aqui. Sempre me deu vontade de fazer isso, de te levar de volta para as tuas filhas, para teus pais, um passado goela adentro, seu louco, seu terrível louco! Matar alguém seria a última coisa a se fazer nesse mundo sem homens, sem ninguém para falar. Antes de viajar, em vida outra vida, eu sempre quis fazer isso. *(Tira as mãos da garganta do rapaz, este já desmaiado no chão, e conversa com ele, como se ele o escutasse:)* Matar alguém seria a razão de uma vida, um sentido, sabe. Quando vejo o olhar do quase morto implorando para que eu desista, um homem redimido de sua miséria, de seus planos, um homem nascendo em minhas mãos quentes, e eu vendo tudo, matar eu mesmo, eu mesmo vendo tudo, o corpo caído pesado contra o chão, para se encontrar com uma escuridão enorme, o seu caminho, o que encontro, a cara no chão, minhas as mãos em sua morte. *(Enquanto fala, o outro começa a se recuperar, empurrando-o para um lado, com os pés. Ergue-se:)*

O MAIS VELHO

Louco você, só pode ser esta a explicação, como conseguimos viver tanto juntos... Qual é seu nome mesmo ?

O MAIS NOVO

Não durma rapaz, não durma: saiba que sempre estou por perto, como sua calças, dentro de você, as suas cuecas, tão perto de você, como seu sexo, corpo, muito mais perto ainda, vendo com teus olhos de medo, o pavor, amigo, o pavor crescendo em tua frente, dentro, lá dentro, fazendo tremer essa cabeça que pensa muito e muito.

O MAIS VELHO

Você está doente! É o mal da lua! Chegamos até aqui e o que nos resta? Fomos até o limite do mundo, o que fazer mais? Fugimos de tudo, as pessoas e as coisas atrás, perdemos o que ficava em volta... Longe de tudo o que importa, nada mais pode nos atingir...

O MAIS NOVO

Cale-se ou eu te mato, meu doce amigo...

O MAIS VELHO

*(Senta-se no chão, o desconsolo final)* Desista, o que podemos fazer, senão escutar um ao outro. O que não foi feito, as palavras mastigadas pelo medo de que fossem escutadas. Cada um como um pequeno mundo dando voltas...

O MAIS NOVO

Cale a boca ou eu te arrebento *(Pega um dos destroços da nave, uma barra de ferro retorcido. Em pé, desafia o amigo)*. Vem, prá mim, cara, diz o que você está pensando: fala mais, o sangue escorrendo pelo chão, as palavras que ninguém escutará!

O MAIS VELHO

Você está doente, ainda não entendeu isso? Sente-se aqui do meu lado, Conte algumas de suas histórias. Você têm um passado, há algo para lembrar ?

O MAIS NOVO

Desgraçado!! *(Bate com o ferro em seu companheiro de abismo, já arremessado para o lado, sangrando. )*

O MAIS VELHO (Ferido)

Ah, o mal da lua... eu me lembro bem ... as noites olhando para o céu que não se mexia ... as estrelas passando por nós, um mundo que nunca houve, sempre mais adiante...

O MAIS NOVO

Desgraçado! *(Novamente o atinge, lançando o amigo mais para longe, mais perto da imagem do Planeta Terra . Mas agora é diferente. Ao bater,-o que fará outra vez- olha o amigo caído e hesita em se aproximar dele, como os animais ao se aproximar do fogo)*

O MAIS NOVO

(...) e viajei por tantos lugares, vi tantos rostos, ri de tantas coisas, uma junto da outra, todas em minha frente, perto de mim, aquela noite menino com a lua para mim...

O MAIS NOVO

Desgraçado!!! ( *Novamente o atinge. Volta correndo para perto da nave, abraçando-a*)

O MAIS VELHO

(...) e agora estamos aqui. Tenho certeza que estamos sós, e que não adianta pensar em voltar.

O MAIS NOVO (Surpreso,*surpreendido. Deixa a barra de aço cair*). Mas você disse aqueles viriam, que breve tudo voltaria a ser como antes. De novo para casa, poderíamos pensar em novas viagens, novos mundos, um novo pensamento cada momento, sempre mais, sempre à frente, mais que os passos, ir até à raiz da luz e beber de uma água tão fria que faz cócegas na boca( *começa a rir, fazendo os gestos imaginando que estaria em um cachoeira, jogando as águas sobre si*)

O MAIS VELHO

Você está doente, meu amigo, uma grande doença. Perto de casa, eu via você, seus jeitos estranhos, o menino do cobertor. Eu já sabia de tudo isso, sabia como tudo acabaria...

O MAIS NOVO

(*fala dando volta nos destroços, segurando-se nas barras de ferro retorcidas, os macacos em suas jaulas*). Não me lembre disso, você prometeu nunca mais contar. Por isso fugimos, estamos aqui.

O MAIS VELHO

Eles não virão. Deixe que eu conte a história do menino do cobertor. Estamos sós, ninguém vai nos escutar. Não há como nos escutar.

O MAIS NOVO

Eu te odeio, cara, por tudo o que você fez, eu te odeio. Você sempre mentiu para mim, sempre a mesma coisa, o mais velho, o que podia dormir até tarde. Você brincava com meu rosto enquanto eu dormia., os arranhões e as manchas em meu rosto no outro dia, a cara sempre espetada e suja. Eu parecia sua mulher, uma menina fraca e doente por sua causa.

O MAIS VELHO

Não chore meu irmão, ninguém vai ouvir mesmo. Lembra que eu sei como fazer o fogo pairar em minha mão, lembra ?

O MAIS NOVO



Seu desgraçado!!! Mesmo que eu não possa xingar meu próprio irmão xingar, eu te odeio!!! você sempre soube de tudo...

O MAIS VELHO (*Aproxima-se da nave. Dela pinga o resto do combustível. Põe em uma mão um pouco do combustível, risca um fósforo e acende. Brincadeira de irmãos - assustar um com o álcool na mão. Se aproxima do irmão apavorado*). Cala a boca seu moleque!!! Monte de estrume! Magricelo! O menino do cobertor! Doente, doente - o mal da lua em você! Acorde de noite, veja seu pulmão caçando o resto da respiração miúda! Quem será que vai morrer...

O MAIS NOVO

(*Tosse, tosse muito em seu pavor*) Não me queime, eu falo tudo, eu escondo o que você quiser, eu abraço, pego em teu corpo! Tira esse fogo de mim! Vai dormir, irmão, vai dormir...

O MAIS VELHO (*Apaga o fogo com a outra mão. Um tapa em sua própria mão*) Eu sempre tive nojo de você... (*Dá as costas para o irmão e caminha em frente, para a lateral esquerda do palco. O outro chora.*) Eu vim primeiro, apanhei muito. Em minhas costas aprenderam a te tratar melhor. Um dia, quem está dormindo na cama dos pais? Quem, senão o menino sempre doente, que tomou o ar da noite, por que eu tinha deixado a janela aberta, o que tinha caído do berço porque eu não cuidei direito. Agora sempre ali na cama dos pais, sob o acolchoado rosa e grosso, o calor da vida em seu corpo inteiro. O menino doente com muita vida...

O MAIS NOVO

Mas eu não sabia de nada... Era calor e só havia um quarto e todos estavam lá. Acho que esperavam algo, e eu também esperava. Debaixo das cobertas eu queria sempre a visita nova, o parente que viesse. Eu sei que alguém viria, para que as bocas se abrissem, rir ou falar, alguma coisa naquela quarto com todos nós...

O MAIS VELHO

Você não sabe de nada, meu irmão, você e sua doença. Ninguém veio, ninguém virá nos buscar. Ficamos os anos naquela casa, eu te cuidando, eu preso ao menino do cobertor. Dia e noite debaixo das cobertas, o suor mais que tudo em todos os lugares. O cheiro terrível do menino doente que não se sufocava. A respiração longa de nunca acabar. Nunca mais dormir...

O MAIS NOVO (*pega um saco dos dejetos dos destroços e sai a andar pelo cenário circunlunar. Segura uma barra de ferro*). Debaixo das cobertas, debaixo das cobertas. Andando pelas ruas debaixo das cobertas, debaixo das cobertas. Os olhos

em cada rosto, debaixo das cobertas, debaixo das cobertas. Onde ir, debaixo das cobertas, debaixo das cobertas... Nada em minha frente, debaixo das cobertas, debaixo das cobertas...

O MAIS VELHO (*ironizando, batendo palmas*) Sim, debaixo das cobertas, debaixo das cobertas, decober das baixertas, decober das baixertas, decober das baixertas, decober...(recebe um golpe de quem em torno dele girou. Cai morto, um barulho imenso em sua queda)

#### O MAIS NOVO

(Ri.) Te enganei, não é mano, te enganei direitinho, não é ? (Ri) Um dia eu sairia da cobertas, viu ?(Ri.) Olha, não tô mais doente. Eu brincava.(Ri.) Não acredita? (*Pega no morto,vai arrumando suas roupas, limpando o sangue e arrasta-o para a nave enquanto fala:*). Lembra uma vez, você dormindo, o beliche, eu embaixo, eu acordei mais cedo, esperei o dia ainda não chegar e gritei, gritei bastante alto e você caiu no chão. Engraçado você chorando de dor, o sangue em tudo, girando e girando de dor, as mãos no joelho, um pião maluco, a dor imensa... Você girando de dor prá mim... Lembra seu dinheiro escondido que eu sabia, a viagem com os amigos que não houve, a busca do dinheiro perdido agora por minha conta queimando no quintal? Lembra o combinado, você chegar tarde, eu esperar com a porta e a chave da porta. Mas onde está a chave, onde está, meu irmão, eu estou no quarto, alguém batendo na porta, um choro pequeno em segredo sabendo o que vai acontecer? Lembra eu doente, eu doente em meu coberto de lã, o suor pelo rosto, eu não deixando você dormir, eu com forminhas de gelo debaixo do cobertor, eu querendo trazer a doença prá tudo, prá o nosso quarto, você ali do meu lado, não dormir até que eu queira. Lembra eu rasgar minha pele, pedaços do corpo guardados em caixinhas de fósforo, dizer que você me batia, os meninos com medo de você, você do meu lado até quando eu queira. Lembra não ver tv até tarde, eu vendo você vendo tv até tarde, eu contar prá mamãe, você apanhar tanto que criou ódio da tv da mãe e de mim e fugiu de casa ? Era o mal da lua... E na tv passando **O planeta dos macacos** (*pára de puxar o cadáver e imita um macaco em volta de seu irmão e em volta da nave, gritando os nomes dos personagens do filme - Cornelius, Zira, D. Zaios, Ursus. Após , arrasta seu irmão para fora de cena . Momentos depois, cai o planeta Terra.*

## ACID HOUSE

(1999)<sup>1</sup>

*O primeiro homem foi teu irmão e ele te matou. O primeiro homem deixou que te matassem. Você morreu pelas mãos do primeiro homem. Não se pode esquecer que foi o primeiro homem que tirou tua vida. E agora, meu irmão? E agora? Como esquecer que teu irmão te matou? O primeiro homem foi teu irmão e ele te matou.*

### Momento Primeiro

*Música-tema em melodioso solo de saxofone do IRMÃO MAIS NOVO. Escutamos mas não vemos. Atrás de um biombo, ele se contorce em seu solo. O piano do IRMÃO MAIS VELHO faz as quebras de ritmo, como se seguisse tudo de longe. Estamos no apartamento de cobertura do IRMÃO MAIS VELHO. Hoje vamos ter uma reunião de família. Advinha quem vem para o jantar? Há muito tempo que a família não se reúne, pois já não existe mais, desde que mamãe morreu ou fugiu. Da cobertura vemos as luzes da Grande cidade. Após o duelo/diálogo musical, eles começam a conversar. O IRMÃO MAIS VELHO vai para o bar como se fosse preparar uma bebida. O IRMÃO MAIS NOVO fica alheio a tudo, tocando seu instrumento, olhando para o infinito, ensimesmado com sua música. O IRMÃO MAIS VELHO prepara a bebida olhando o mais novo, rindo, vendo como alguém pode perder sua vida no abstrato do pensamento. Problemas tolos. Agora o amor. Há tempo para amar enquanto pensamos? O IRMÃO MAIS VELHO oscila entre pensar e tocar, enquanto o IRMÃO MAIS VELHO ironiza este comportamento, na medida em que prepara os drinques.*

---

<sup>1</sup> Algumas imagens desta peça foram pensadas a partir do filme *O cozinheiro, o ladrão, sua mulher e o amante* (1989) de Peter Greenaway. Escrito para Murilo Grossi.

### IRMÃO MAIS VELHO

(Com a voz de quem tem problemas cardíacos, mas se esforça pela ira exuberante em estar vivo. A agonia controlada.) Uma bebida? Ah, me desculpe ... Esqueci que você não usa mais essas e outras mais... (Ri.) Então, por que veio aqui, por que voltou? Você não devia ter vindo. Hoje à noite o Pai vem me visitar. Fiz um jantar pra ele. O Pai não vai gostar de te ver. Faz tempo que vocês não se encontram. Ainda bem. Não estrague mais essa noite, por favor. Pelo menos faça uma coisa útil na vida: desapareça.

### IRMÃO MAIS NOVO

(A voz da busca, as idéias em sua cabeça, a perseguição de algo que não é este agora nem este momento. A brutalidade de quem não quer ouvir, pois já não é desde mundo. O cansaço de quem ficou velho antes do tempo.)

Não vou ficar para essa reuniãozinha. Estava perto. Não sei por quê, mas decidi fazer um visita.

### IRMÃO MAIS VELHO

Visita? Ora, meu irmão, a gente nunca foi disso. É um mistério a gente ter sobrevivido em meio a tanto ódio. Não entendo como você ainda está vivo. O mundo imenso em sua luta...

### IRMÃO MAIS NOVO

Mas eu vim te fazer uma visita. Tenho pensado nisso muito nos últimos dias...

### IRMÃO MAIS VELHO

Pensado em vir aqui? Sua cabeça pousou? E aquelas suas idéias, e aquela sua coragem de negar tudo?

### IRMÃO MAIS NOVO

Nada mudou, meu irmão, nada. Vir aqui não é pedir perdão. Eu precisava te encontrar. Mesmo numa noite como essa. Mesmo com esse jantar. Mesmo que ele venha.

### IRMÃO MAIS VELHO

Não fale dele como alguém sem rosto ou nome! Ele é o pai, irmão. Ele foi a vida pra esse teu corpo.

IRMÃO MAIS NOVO

Todos os dias eu ando atrás de algo, pelas ruas, entrando e saindo de lojas, por entre os objetos e as multidões. Todos os dias eu busco, olhando as pessoas, escutando o que dizem, suas vidas, que anoto e esqueço. Um homem por entre tudo isso, andando com os bolsos cheios de anotações.

IRMÃO MAIS VELHO

E sóbrio. Por que parou de beber ?

IRMÃO MAIS NOVO

Para ouvir e ver melhor. Daí eu vim parar aqui.

IRMÃO MAIS VELHO

Não era preciso nada disso. Não precisava ter vindo nem parado de beber. A família acabou faz tempo. O Éden já não é o mesmo. Beba um pouco, beba tudo que puder. (Oferece o drinque. O jovem pega a bebida, deixa perto de si mas não bebe.)

IRMÃO MAIS NOVO

Eu não sei: a gente passa a vida inteira atrás de alguma coisa que pode estar tão perto... E hoje eu sei que o que quero está bem aqui. Por isso eu vim. Você ainda é meu irmão, apesar de tudo...

IRMÃO MAIS VELHO

Então fica andando o dia inteiro, hein? (O outro concorda. Começa a beber) E isso vai dar aonde? Vai te trazer o quê? Você se parece com mamãe, que deus a tenha. Sempre com a cabeça em outras coisas, longe daqui. O Pai nos dava a casa. O Pai brigava com a mãe por causa dessa vida desesperada, vida que busca vida em tudo. Bebe, meu irmão, bebe muito: olha como as coisas podem ser diferentes.

IRMÃO MAIS NOVO

Tem uma mulher que me persegue, cara, uma negra, uma negra diaba!

IRMÃO MAIS VELHO

Sério?

IRMÃO MAIS NOVO

De verdade. Eu acordo, atravesso a rua e vou lanchar na padaria. E ela vem atrás de mim. É magra, alta, uns olhos negros em cima de mim, uma bunda linda se oferecendo.

IRMÃO MAIS VELHO

Continua...

IRMÃO MAIS NOVO

Daí eu peço um leite com toddy e um misto quente. Ela pede a mesma coisa. Eu não olho pro lado, mas sei que sua boca devora cada pedaço do que come, bem devagar, para que eu escute sua boca e sinta como o corpo pode ser tudo em uma noite, a gente dentro um do outro, seu corpo forte e magro descobrindo-se pra me engolir.

IRMÃO MAIS VELHO

E você...

IRMÃO MAIS NOVO

Essa negra diaba! Eu não sei de onde ela sai que não tem ninguém mais lá do meu lado, que eu já voltei para casa. Atravesso a rua e ela está vindo em minha direção. A negra diaba que me vê dentro de meus olhos, enormes, ela bem em frente de mim, respirando o ar que se agita dentro do meu peito.

IRMÃO MAIS VELHO

(Ri.) O Pai sempre gostou das negras. Das mulheres silenciosas em sua alegria e prazer. Nada de mulher para falar. O Pai sempre quis só a mulher e mais nada. Uma mulher e ele no meio dela. O pai sempre fez isso muito bem(Ri).

IRMÃO MAIS NOVO

(Desespero.) Será que você não entende nada, será que não me ouve?

IRMÃO MAIS VELHO

Você está com medo, meu irmão? Mas o medo é mais que isso. Isso é só o começo.

IRMÃO MAIS NOVO

Essa negra diaba não em deixa em paz! A Júlia ... eu acho que já sabe de alguma coisa...Eu sempre conto tudo prá ela. Mas agora é diferente. Eu só penso nisso, viu? Eu só penso na hora de me livrar de tudo!

IRMÃO MAIS VELHO

Não me diga que você quer contar o que aconteceu prá sua mulher? Você não entendeu como as coisas são?

IRMÃO MAIS NOVO

Mas não aconteceu nada. Mesmo assim eu preciso contar. Não é normal. Eu veja essa negra o dia inteiro. Ela só me quer como homem, eu sei. Eu inteiro dentro dela, enquanto ela ri dizendo que quer mais e eu não posso dar mais do que tenho. Não sei o nome dela, mas ela não vai ficar satisfeita. A negra diaba em tudo que eu tinha medo, o pai surgindo em minha vida outra vez, com sua vida de Pai , o Pai e

suas mulheres, todas as casas com filhos e mulheres e filhos esperando o Pai que não chega nunca. Eu preciso contar para Júlia, acabar com isso, não deixar que esse sangue vença tudo o que consegui mudar, tudo o que fiz de outro jeito. Júlia precisa saber que uma mulher ronda nossa casa e eu não posso deixar que novamente a casa perca prá rua.

IRMÃO MAIS VELHO

(Gargalhada!) Isso parece história de bruxa e João e Maria! Mas diferente. Eu não sei se você é João ou Maria. Ou a bruxa!(Gargalhada) Eu só sei que você precisa beber mais. Eu não queria que você viesse logo hoje, nesse jantar pro Pai. Mas beba muito, e fale demais! Eu sou seu irmão! Nada vai acontecer. Beba tudo o que quiser. A casa é sua. Hoje a casa é toda sua. Coma e beba todas as coisas, meu irmão! Deixe a que a noite entre inteira dentro de ti. Espere rindo a madrugada. Esqueça tudo. O pai está chegando. Vamos conversar com ele, vamos ver o que ele tem a dizer. Ele sempre soube como resolver uma situação como essa. Ele mesmo era a própria situação. *(Gargalha. Música. Duelo inebriante entre os dois, O piano em clusters, o sax em fôlego que morre, agonizando. O Mais novo deitado no sofá.)*

IRMÃO MAIS NOVO

Tudo podia ter sido diferente, a nossa família...

IRMÃO MAIS VELHO

Mas não foi.

IRMÃO MAIS NOVO

Mas a gente podia fazer uma coisa nova. O pai errou.

IRMÃO MAIS VELHO

É o que você pensa, irmão, é o que você pensa. Você pensa muito, pensa demais para meu gosto.

IRMÃO MAIS NOVO

Com Júlia as coisas têm sido diferentes. Quando vierem os filhos...

IRMÃO MAIS VELHO

É por isso que ainda tudo é diferente. Com os filhos você verá que o Pai estava certo.

IRMÃO MAIS NOVO

Por isso você não conseguiu nada! É por isso que você defende o pai.

IRMÃO MAIS VELHO

O Pai é preciso, o Pai deve ser defendido. A mãe morreu, foi embora. O Pai é o que importa.

IRMÃO MAIS NOVO

Fale, me diz: por que você não se casou com Helena ? Helena era o amor na vida de um homem.

IRMÃO MAIS VELHO

Helena o Pai não quis. O Pai não queria que eu quisesse. O Pai sempre gostou mais de você. E quando a mãe morreu e você jogou na cara dele que ele era culpado, que ele tinha quebrado o coração da mãe com tantas traições, daí ele te odiou. E eu também. Você disse o que não podia ser dito. Enquanto você viver, não há casa, o Pai não vem aqui. Essa tua vida é lembrança que o Pai errou. Você é mais forte que a morte da mãe. Por isso bebe, bebe e aproveita. Tudo vai acabar bem. Independentemente de nós, irmão, é preciso que tudo termine assim, da melhor maneira.

IRMÃO MAIS NOVO

Helena, irmão, Helena! Uma mulher na vida de um homem. Isso faz com que as coisas comecem de novo, uma vida nova pra se viver. Helena não é uma mulher morta. O pai é venceu por causa de um cadáver. Quando o coração pára, o Pai é pressa em sua rotina.

IRMÃO MAIS VELHO

Mas o Pai não quis Helena, uma das poucas mulheres que o Pai não quis, além de nossa mãe. Eu não sei por que o Pai não gostou de Helena. Mas Helena sabia de tudo, Helena sabia que eu poderia ser o Pai. E ela foi embora. O Pai podia ter ficado, mas você não deixou. A culpa é toda tua, irmão, toda a culpa! Mas hoje à noite tudo será resolvido. Um jantar nos põe frente a frente com o que queremos. A noite nos faz iguais pela queda e embaraço. Vamos comer todos juntos, como uma família novamente

*(Música-duelo que vai cessando até que uma voz extremamente feminina canta a canção que nos despede a vista para outro palco sobre nossas cabeças:*

O teu pedido me enfeitou  
entre meus seios nova flor surgiu  
e de manhã eu pude ver  
como teu corpo é azul.



A cada noite sem saber  
contava estrelas no lençol  
caindo todas lá do céu  
quando teu corpo escureceu.

Eu que pensava te amar  
com essas flores me contentei  
e de manhã me resta ver  
teu corpo azul escurecer.

Eu que pensava te amar  
a vida inteira entre lençóis  
agora vejo lá no céu  
teu corpo-estrela a se mover.

A cada noite eu quero mais  
com essas flores em minhas mãos  
ver teu corpo azul se revirar  
por entre os lençóis do céu.

### **Momento Segundo**

IRMÃO MAIS NOVO

(Como que acordando de um porre) Escuta, cara escuta. Eu não estou bem...

IRMÃO MAIS VELHO

Você nunca esteve, irmão, você nunca esteve tão bem como agora. (Vai arrumando as coisas para o jantar)

IRMÃO MAIS NOVO

Esse negócio de beber não presta. (Bebe mais.) A gente pode fazer coisas que não queria.

IRMÃO MAIS VELHO

Ora, meu irmão, deixa disso: você sabe que é mentira. A gente faz o que quer. E a bebida ajuda. (Bebe e ri. Traz os talheres e os pratos.)

IRMÃO MAIS NOVO

Quando a gente era pequeno eu acordava de madrugada pra olhar o céu. A minha estrela. Tinha uma estrela lá fora no céu pra mim.

IRMÃO MAIS VELHO

Como você sabia que era sua?

IRMÃO MAIS NOVO

Era a que mais brilhava... E eu nunca era triste. Sabia que havia uma estrela. Depois nunca mais olhei pro céu, com medo, desde que a mãe descobriu tudo.

IRMÃO MAIS VELHO

Ou desde que você inventou tudo... Você pensa que viu o que viu. Assim como essa estrela no céu de não sei onde. Garoto idiota perdido e com medo, fazendo com que tudo deixe ser o que é. O Pai vai chegar logo, e eu queria que ele desse uma lição em você. Mesmo que ele não faça isso, que ele deixe que eu bata em você.

IRMÃO MAIS NOVO

(Rindo.)

IRMÃO MAIS VELHO

O que foi? Tá rindo do quê? Tá bêbado... Isso é bom. A carne amolece quando a alma está úmida.

IRMÃO MAIS NOVO

(Rindo.)

IRMÃO MAIS VELHO

(Vai e sacode o irmão.) Acorde! Largue disso! Ainda não é a hora. Logo, com o Pai, vamos saber o que fazer.

IRMÃO MAIS NOVO

E se tudo não passasse de uma história mal contada, um resto de história anotado em um papel amassado, uma história que tirei de um livro sobre civilizações antigas perdidas. (Fica sério, ergue-se) Assim ó: “o povo dos Parragotes, enfiados em sua montanha, adorando as chuvas, cantando quando as chuvas chegam .”

IRMÃO MAIS VELHO

Me larga, seu louco!

IRMÃO MAIS NOVO

“O povo dos Parragotes (Começa a fazer seu ritual-dança) canta as chuvas novas e as que virão. O povo dos Parragotes esperando que as águas cessem e que possam cruzar o grande mar. As muitas águas sobre nós, os pés presos na lama que restou, os filhos do povo dos Parragotes caindo diante de nossos pés. As bocas gritando: ‘Salvem nossos meninos! Salvem os pequenos deuses!’. E os homens do povo dos Parragotes arrastando as mulheres, continuam a marcha, deixando a lama sufocar as gargantas dos meninos deuses. As chuvas nos trazem a dor. Por isso cantamos com as águas a memória da dor de ontem. As muitas águas nos abrem a pele, as muitas águas nos fazem sofrer...”

IRMÃO MAIS VELHO

Isso é de verdade?

IRMÃO MAIS NOVO

Por isso eu olho a estrela, a que se salvou de tudo isso, o olhar único nos céus, o céu longe dos homens, os braços dos homens não podem alcançar o céu.

IRMÃO MAIS VELHO

E o que isso tem a ver com a gente, meu irmão?

IRMÃO MAIS NOVO

Daí eu sinto algo ruim em mim quando lembro que olhava a estrela e não posso mais. Tenho medo de olhar para o céu e não ver mais a estrela. Tenho medo de ter virado um daqueles que mata os meninos, que arrasta as mulheres e deixa a lama acabar com tudo. Tenho medo de ser o Pai. Foi o pai quem matou os meninos, irmão, foi o Pai quem nos deixou morrer! Será que você não entende isso, será que um irmão não pode entender o outro?

IRMÃO MAIS VELHO

Pegue suas histórias e saia de minha casa! Pegue essa sua vida covarde e saia daqui! Por que eu começo a ver que não adianta nada essa noite. Mesmo que eu faça o que deve ser feito, não sei se vai adiantar. Você tem a loucura da mãe. Você tem o olhar de uma mulher má.

IRMÃO MAIS NOVO

“Ai, coitados dos meninos, dos filhos de Deus, encharcados de vida nenhuma, debaixo da terra que come seus olhos. Ai, os coitadinhos, os filhinhos de Deus, as almas novas sem rostos, a bruta revelação.”

IRMÃO MAIS VELHO

(Empurrando o irmão) Sai daqui, eu já disse, sai! O Pai vai chegar e você não vai estragar o jantar!

IRMÃO MAIS NOVO

(Provocativo) “Ai, coitadinho do filhinho do papai, esperando papai voltar, papai que não chega, papai tão bom fora de casa.”

IRMÃO MAIS VELHO

Vai, continua. Tudo bem (Aplauze). Vamos ver o Show de meu irmão, vamos ouvir suas doces palavras de irmão.

IRMÃO MAIS NOVO

(Narrando, como num filme). Chovia muito, as muitas águas. A gente em casa esperando a chuva passar. A mãe preocupada. Papai no carro, tinha saído cedo, num domingo. As muitas águas sobre nós. Mamãe doente, na porta olhando o mundo se acabar com tanta chuva. De repente, uma luz no meio das águas - o farol do carro, papai voltando. É bom ver papai de volta.

IRMÃO MAIS VELHO

(Bebendo e oferecendo bebida a seu irmão) Continua, fala tudo, traz de novo o que aconteceu. Você sempre lembra disso, você nunca esquece.

IRMÃO MAIS NOVO

Só pude ver os gritos de mamãe correndo na chuva prá nunca mais voltar. O pai não vinha só: trazia uma mulher em sua companhia. A escuridão alta ao seu lado. Os olhos brancos como uma estrela no céu. A nova namorada do papai. Ele bêbado beijando a noite negra.

IRMÃO MAIS VELHO

Você devia continuar nas ruas, caçando suas histórias em busca do que se perdeu. Você não entende bem as coisas. A gente quis que você entendesse. A gente tentou o melhor. Mas você seguiu o caminho da loucura. O pai vai te encontrar aqui como naquela noite.

IRMÃO MAIS NOVO

Não deixe que eu fique bêbado, irmão, não deixe! O pior pode acontecer!

IRMÃO MAIS VELHO

Eu sei.

IRMÃO MAIS NOVO

Eu posso não voltar mais daquilo que eu persigo, algo em mim como as águas dentro da noite. Eu posso virar um personagem de tudo isso e acabar minha história,

como uma civilização perdida dentro de um livro velho que ninguém lê. Eu posso acabar como uma civilização morta em gemidos.

IRMÃO MAIS VELHO

Mas, agora que você começou, tem que ir até o fim. Por que você voltou? Por que veio até aqui? A tua estrela te guiou? Os faróis dos carros te cegaram?

IRMÃO MAIS NOVO

Não: tudo isso é pouco ou nada. Eu sinto outra coisa.

IRMÃO MAIS VELHO

Você deve fazer como o Pai: correr muito, deixando tudo prá trás. Ele sempre dirigiu muito e rápido. Nunca parou em um sinal vermelho. Por que homem é assim: um carro chegando em algum lugar, o mais depressa que puder para logo ir embora dali. A velocidade mata as distâncias e recolhe os lugares. O Pai não olha estrelas - ele vence a luz.

IRMÃO MAIS NOVO

Se não fosse a negra diaba, o Pai ainda estaria em casa...

IRMÃO MAIS VELHO

Os homens não querem a casa - querem a mulher. A casa é um tempo, metade de um tempo menos um.

IRMÃO MAIS NOVO

Agora eu tenho medo, muito medo de cometer o pecado imperdoável. Você sabia que existe um pecado que nem Deus perdoa?

IRMÃO MAIS VELHO

Você leu isso nas suas civilizações perdidas...(parodiando) “Os parragotes nifingarotes voz populi amendoim. Os garracox trememfix escondemmots avisavis.” Irmão, irmão: você já não é mais um homem.

IRMÃO MAIS NOVO

Eu acho que cometi o pecado imperdoável. Não: venho pecando, pecando, sabendo disso até não sentir mais nada. É aí que vem o pecado imperdoável: quando não se sente mais, quando sempre a gente faz a mesma coisa errada até que não haja mais o erro. Tudo resumido a sua pessoa. Não há mais mundo. Daí não há perdão. Deus morreu sobre as águas do abismo. Tudo agora é passado sem volta. E eu cheguei a isso agora. Ao pecado imperdoável irmão, quando a gente não sente mais nada, uma pedra sobre nossas cabeças e eu debaixo de tudo, vendo apenas, imóvel.

IRMÃO MAIS VELHO

Eu queria que você fosse um homem como o pai. Mas pra você ser um homem vai ter que nascer de novo. Com você as coisas não podem acontecer. O pai anda depressa, corre, a velocidade em suas costas. Tudo fica atrás. Agora você vai dormir e sonhar. Eu vou te levar prá longe daqui. De volta prá aonde você veio. Eu não quero que você estrague nosso jantar.

#### IRMÃO MAIS NOVO

“Ai, coitados dos filhinhos de Deus, assassinados, assassinados.” A culpa é minha, a culpa é minha. Eu cometi o pecado imperdoável. Maior que a morte, maior que tudo é não sentir mais nada. É ser o Pai, que já não sente. O Pai com seus homens, andando com eles. A lógica dos homens, ser homem sempre em qualquer lugar.

#### IRMÃO MAIS VELHO

Cale a boca e ande: o jantar está quase pronto. Fala baixo. Logo o Pai vai estar aqui.

#### IRMÃO MAIS NOVO

Assassinados, todos eles, mortos, mortos. “Os filhinhos de Deus. As muitas águas sobre nossa cabeça.” O pai não sente mais nada, me ouviu? Quanto mais prazer, mas ele quer. Seus homens sabem bem disso. Naquela noite eu vi tudo. Eu vi o pai com sua namorada..

#### IRMÃO MAIS VELHO

A loucura da mãe em você, irmão. (Enfiando bebida em sua boca, sufocando-o, a luz fechando a cena.) Agora beba tudo isso e engula essas visões. Venha jantar comigo! (Piano e sax em luta. A luta alterna astuciosas alterações e estudos como se de longe se ferissem. De repente cresce a intensidade até a luta física de sons, como golpes. O sax vai enfraquecendo pois foi mortalmente ferido. Após alguns instantes o piano faz sua exibição de vencedor.)

### **Momento Último**

*Entrada triunfante do Pai. Percussão ensurdecadora. O Pai vem descendo uma escadaria. Chega com um cetro - um Papa vestido de cor negra, e cheio anéis dourados, um Papa vestido de piloto de fórmula um, luvas e protetores para a*

*cabeça. Ao seu lado, uma beldade ébano, alta, com o rosto encoberto, a noiva do Papa negro, um belo travesti. O Pai chega balançando seus colares e pulseiras e uma sacola de mão cheia de moedas. Lança algumas, rindo, para a platéia. O IRMÃO MAIS VELHO está fazendo exercícios físicos em uma barra. Ao centro, a mesa posta para o jantar, uma mesa grande com o jantar-cadáver coberto.*

PAI

*(Um baixinho gordo, com seu manto arrastando no chão, voz de quem sabe das coisas, de quem muito viveu e conseguiu tirar prazer de tudo e ficar livre, voz de quem ainda não saiu do último porre e arranha a garganta com o pigarro eterno. As reticências marcam esse pigarrear)*

Como o Éden mudou, meu filho, como mudou! (Sempre que falar, o filho mais velho concorda com palavras e gestos de assentimento e reverência. Ao concordar, o Pai balança a sacolinha com as moedas)

Bem, como você sabe, eu sou teu pai, você é meu filho (...) Eu não presto muito, eu não valho nada, mas eu sou teu pai, você é meu filho (...) Eu sou cheio de defeitos, todos dizem isso, mas eu sou teu pai você é meu filho (...) Você tem todo o direito do mundo de me condenar, de me odiar com todas as suas forças (...) mas eu sou teu pai, você é meu filho (...) Você tem todo o direito de querer meu mal, e até fazer, mas não pode (...) por que eu sou teu pai, você é meu filho (...) Por isso vim prá esse jantar. Nunca gostei da família, entendeu? (Ri. O Filho mais velho ri também e se exercita exibindo-se mais e melhor para seu pai que dele se aproxima e o toca, como se o ajudasse, como se o desejasse.) Nunca gostei mesmo! Sua mãe, que Deus a tenha (Ri.), era uma santa! Mas eu não conseguia suportar a casa, e a santa na casa, todos os dias a casa e a santa.(Ri.) Eu não queria aquela casa, mas as outras.(Ri.) Vem, meu filho, me mostre o que há prá comer. Eu tenho fome. Eu sempre tenho muita fome. (Desce o filho das barras e troca de lugar com ele. O Pai está das costas do filho, balançando-se. A deusa de ébano olha e bate palmas lentamente, como se chamasse alguém, como se contasse o ritmo dos exercícios.) A grande vida, meu filho, será que você me entende? (Ri.)A sua mãe não cozinhava bem, a casa tinha um cheiro insuportável de comida ruim.(Ri.) Por isso eu vim para esse jantar. A sua mãe morreu, a casa não existe mais. Será que você me entende, heim? Será que um filho entende quando seu pai ensina como é a vida? Eu sou cheio de defeitos, mas uma

coisa eu te digo : Eu sou teu pai, você é meu filho, eu sou teu pai, você é meu filho. Ouve meus conselhos. E promete, promete que nunca vai casar com uma mulher louca. Uma mulher louca te faz perder a vida, meu filho. Será que você me entende ? Por isso eu vim pra esse jantar. Será que um filho entende quando seu pai ensina como é a vida?

IRMÃO MAIS VELHO

Quem é essa mulher, Pai?

PAI

Prá quê você quer saber?

IRMÃO MAIS VELHO

Ela se parece com Júlia, a ex mulher de meu irmão.

PAI

Realmente, Júlia era uma linda mulher. Uma mulher de se querer. Uma mulher entre as pernas, os cabelos nas minhas mãos, presa a mulher entre minhas pernas.(Ri.)

IRMÃO MAIS VELHO

Mas... ela se parece mesmo é com Helena. Você não gostava de Helena, Pai?!

PAI

Ela não era mulher para você, meu filho. Era prá mim. Todas as mulheres do mundo são do Pai. E era melhor você não sofrer. Sem Helena sua vida seria suportável.

IRMÃO MAIS VELHO

Eu entendo, Pai, eu começo a entender agora. Eu sou seu filho. Eu sou cheio de defeitos, mas sou teu filho. Por isso o jantar, por isso o senhor veio esta noite. Eu entendo bem. Tenho feito progressos. Hoje não vou decepcionar o senhor. E eu não sou como o outro... O senhor vai ver. A noite vai mostrar o que se esconde no coração. Este jantar começa um novo tempo entre pai e filho.

PAI

Mas ela se parece na verdade é com sua mãe. Você sabe que sua mãe foi embora de casa. Você ficou do meu lado. Isso foi há muito tempo. Sua mãe não era uma mulher, era uma diaba de verdade. Nunca entendi como alguém podia olhar daquele jeito e continuar vivo. Não era gente, não. Os olhos em tudo, sabendo o que se passava dentro de minha cabeça. Aonde eu ia, nos infernos mais entupidos de sangue e urina, ela me encontrava e me trazia de volta pra casa. Até que tudo acabou.

IRMÃO MAIS VELHO



Realmente, Pai, o senhor agora não está mais mentindo. Ela se parece com mamãe. Tirando a cor, ela é a cara de mamãe.

PAI

E mudando o sexo também. (Riem. Começa uma sessão musical entre o piano do filho mais velho e a louca percussão do pai. Tudo acompanhado pelos improvisos vocais da deusa negra)

PAI

Como eu gosto disso, como eu gosto!

IRMÃO MAIS VELHO

Eu sempre quis ser igual ao senhor.

PAI

Como é bom todos os caminhos se encontrando, a alma longe, o coração derramando-se entre as pedras.

IRMÃO MAIS VELHO

Desde pequeno, desde pequeno eu queria ser igualzinho ao senhor.

PAI

Mas você nunca vai conseguir, meu filho, nunca, nunca mesmo.

IRMÃO MAIS VELHO

Eu não sou mais o seu menino ?...

PAI

Você nunca foi, meu filho, nunca, nem vai ser .

IRMÃO MAIS VELHO

Nem meu irmão também, nem meu irmão. (Continua a música)

PAI

Eu sempre gostei de homens, eu sempre achei os homens melhores. Era preciso ser homem, sempre foi assim. Eu sou desse tempo, meu filho, eu aprendi dessa maneira. Ser homem é melhor. Não por causa da força, mas por que ser homem faz com que a gente evite a loucura, a loucura que as mulheres têm. Um homem com a loucura das mulheres não dura muito tempo nesse mundo. Por isso é bom sempre ter várias casas, ter várias casas e nenhuma. Ficar pouco tempo em cada casa para não acabar ficando louco como as mulheres dessas casas, ficar com a voz e o corpo de mulher louca. Seu irmão não entendia isso. Ele me odeia, mas não sabe por quê. Me feriu sem saber que jogou fora a cura. Seu irmão pensava demais. Ele queria as mulheres. Agora a loucura delas deve ter tomado conta dele. Um homem deve gostar

dos homens para ser homem. Um homem deve andar com outros homens, fazer o que eles fazem. Um homem não é nada com a mulher. Um homem só pode ser o que quer com outros homens. Seu irmão não entendeu isso.

### IRMÃO MAIS VELHO

Nem vai mais. É tarde prá ele. Vamos comer, Pai, vamos. Traga sua nova mulher. Ela pode nos servir. Ela pode nos amar. A noite é tudo na vida de um homem. O homem sabe que a noite demora mais quando há fome. (Continua a música. Num biombo lá trás o sax toca . Todos vão para a mesa. Sentam. Arruma-se para comer. Um corpo está encoberto pela toalha. Um feliz jantar para todos. Apagam-se as luzes. A comida é revelada. O pai grita: “Não! Não! Meu Deus, meu Deus! Por quê ? Por quê ? Meu filho, meu filho !.., Entra música final. O conjunto reunido: piano sax e bateria. Ao fundo, vocalizes. Após este aquecimento entra a canção:)

Ontem

dois garotos saíram de mim  
apressados prá morrer  
sem nome prá se divertir.

Ontem

dois garotos voltaram aqui  
mesmos olhos sem busca  
mesmos dois olhos sem querer.

Ontem

dois garotos foram perguntar  
as coisas novas de se comprar  
as outras coisas onde encontrar.

Ontem

dois garotos eu encontrei  
dois garotos que eu mesma levei  
prá longe do cheiro ruim.

Ontem

não adianta me perguntar  
eu nem sei o que falei  
é difícil me lembrar.

Noite

a notícia já vem de cor  
a resposta vem de avião  
vou dormir mais colorido.

Noite

os mesmos vão dormir  
as meninas vão gritar  
estourar os meus ouvidos.

Noite

a bandeja te escolheu  
e estes beijos não são teus  
e o riso dessa boca.

Noite

com tão pouco é bem pior  
a saída já vem depois  
é só deixar uns trocados.

Ontem

dois garotos vieram aqui  
dois garotos de algum lugar  
dois garotos lugar nenhum.



## **Rádio Maior: As esperanças de um homem.**

### Monodialogos<sup>2</sup>

A peça possui três partes e um epílogo, todos desempenhados pelo mesmo ator. Há coincidências de eventos entre as três partes iniciais, de forma a produzir uma orientação de simultaneidade durante a sucessão de cada parte.

Com isso, reforça-se tanto o isolamento e incompletude de cada um dos solitários personagens quanto a interdependência entre tais personagens. Já no epílogo, há a surpresa, a reviravolta, a pura e terrível fantasia que nos lança para outro lugar aqui mesmo.

#### *PARTE UM*

*Noite em tudo, noite em nós. Sons de fluxo de carros, ultrapassagens, freadas, xingamentos. Sons de tiros, correria, polícia. Sons de passos em cima de nós, como se fossem sapatos de mulher. Sons de música ao lado, uma festa, sorrisos e vozes humanas deformadas. Percianas laterais entreabertas vão deixando passar um diminuto feixe de luz que se dirige para o espaço central do espetáculo. Com o desenrolar da peça, esse feixe de luz vai aumentando até tomar conta de toda a cena.*

*Quarto de um hotel bem simples. Uma cama, roupas espalhadas pelo chão, uma vassoura e uma mala aberta. Em frente da cama, há uma mesa com papéis para anotação, dois microfones, um toca-fitas e um rádio-relógio. Ao lado da mesa, pilhas de fitas gravadas.*

*Na cama um homem sentado, com o lençol na cabeça, cobrindo todo o seu corpo. Ele, de olhos bem abertos, vigia o rádio-relógio com uma lanterna. A espera pela hora exata. Por baixo do lençol, o homem está vestido, pronto para o seu trabalho: o locutor da 'Rádio Maior'. Silêncio de se escutar tudo, de calar a todos. Os sons e ruídos do mundo diminuem. Ao primeiro soar do despertador, às 4:45 da*

---

<sup>2</sup> Este texto ganhou menção honrosa no Concurso Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte 2002, na categoria Dramaturgia.

*madrugada, o homem ergue-se imediatamente cumprindo as tarefas de arrumar o espaço da Rádio Maior. Voltam os sons do mundo. Ele reage, ergue-se e fala:*

*Em ritmo apressado, urgente, o atraso visível, a dificuldade em fazer ou completar algo.*

Finalmente! Tanta coisa para fazer (Tirando o lençol e arrumando-se para o trabalho)! E eu aqui na cama! Não consegui dormir nada outra vez, nada. Preciso estar pronto prá abrir a rádio.(Volta-se para o fundo da sala) Vocês, por favor, abaixem esse som, abaixem essa festa!(Vai para mesa, e ajeita os papéis que estão ali. Vira o rádio-relógio para a platéia.) Eu não agüento mais! Como posso fazer meu trabalho? (Testa os microfones) Um, dois, três, um, dois, três, alô, alô, um, dois, três. Um pouco mais de grave, é, um pouco mais de grave.(Mudanças com sua própria voz) Muito bem, muito bem. Agora um pouco mais alto, um pouco mais. Isso. Essa é uma voz para aconselhar alguém que quer se matar? Não, não. Menos grave, menos grave. Isso. Ops, passei. Assim o cara se apaixona. (Ruídos novamente da festa. Ergue-se e leva o microfone) Pelo amor de Deus, por favor, abaixem essa droga! Abaixem essa droga!(Vira-se para a mesa). Mas o que eu estou fazendo? Preciso colocar a rádio no ar! O suicida, o suicida, meu Deus. Ele já deve ter acordado. (Volta correndo para a mesa. Vai arrumando os papéis em uma pretensa ordem, e resmunga) Deixa eu ver, deixa eu ver: ah, aqui está. Primeiro eu solto a vinheta do programa, depois a da rádio. Depois eu saúdo os nossos ouvintes. Depois pergunto como está indo a nossa noite de insônia. Depois eu... Eu não sei. É muito prá mim, é muita coisa prá fazer. (Sons de passos no teto.) Começou o pior. Essa mulher a noite inteira andando. Não é gente, não? Não tem sono? Prá lá e prá cá, me provocando. Eu tenho certeza que é comigo, tenho certeza! Me dá até dor nas costas ela pisando assim o chão. Estou cercado, estou cercado! Por todos os lados eles não me deixam em paz! Qual voz devo usar? Qual? Qual a ordem da programação? Qual a ordem? (Toca o rádio relógio. 4:53. Surpreso e assustado, ele grita) Quatro e cinquenta e três? Estou atrasado! Perdi o suicida! Perdi o suicida!(Lamenta-se em prantos, a cabeça enfiada entre os braços.) Ele vai morrer, eu sei, ele vai morrer! Ajuda, ajuda, eu preciso ajudar esse cara. (Breves instantes de desânimo. Novamente os sapatos da mulher no teto. Ele rapidamente se levanta, pega a vassoura e a ergue, batendo no teto) É você: você é culpada! Dia e noite rosnando em cima de mim! Fica quieta, uma vez na vida! Pare com isso! Por que ficar andando o tempo inteiro? O que você quer? O que você tá procurando? Pare de zanzar em minha frente! (Cutuca mais o teto. Olha para o relógio

e grita: “Meu Deus, 4: 57, quase cinco da manhã. E a rádio ainda não foi ao ar...” Sai correndo para a mesa. Procura papéis, fitas, joga tudo para os lados nessa busca. Senta-se no chão em desânimo) A vinheta, onde está a vinheta! (Toma novo fôlego e procura, entre as coisas que estão no chão, a fita da vinheta) O suicida, ele pode sintonizar de novo. Ele... ele não vai desistir. Nem que seja a última coisa, a última! A despedida! (Olha para o relógio.) 4 e 59: agora não tem jeito, vai no improviso mesmo. Eu boto qualquer coisa no gravador e solto a voz. Não vai ser por causa dessa gente que eu vou perder uma alma! (Pega umas fitas e volta para a “mesa da rádio”. Arruma o cabelo, exercita a boca, endireita a camisa, abre um sorriso. Imóvel. O rádio-relógio toca 5:00. Ele solta a fita errada, mas vai corrigindo os equívocos à medida que faz sua apresentação.”

(Voz doce e suave, como a de um visitante em sua casa) Bom fim de noite, feliz madrugada, meus companheiros de insônia! Está no ar a (Fala como uma vinheta, exagerando as sílabas, formando uma escala musical) *Rá-dio- ma-ior*. Isso mesmo, caros ouvintes, *Rá-dio-Mai-or*, a sua companheira das noites quentes e vazias, um show de vida em sua vida, anunciando uma manhã melhor prá você. E, abrindo nossa programação, temos o seu momento predileto, aquilo que você tanto esperou enquanto se revirava na cama, o inesquecível, o preferido, o desejado (Vinheta com a voz que se alonga, como se saboreasse o que diz) *Cantinho Carinhoso*. É, meus caros ouvintes: quem não quer um *Cantinho Carinhoso*, onde tudo se acaba, onde a gente é feliz prá sempre? A Rádio Maior traz prá você a felicidade. (Voz imitando o ruído suave das ondas do mar, do vento suave que dança com as ondas do mar, o mar se abrindo em suas idas e vindas, o berço leve para quem quer ser embalado, um beijo de boa noite em tua face). Ah, como é gostoso, como é bom o *Cantinho Carinhoso*. Ouça, ouça, caro ouvinte, é prá você ( Manipulação vocal do ditongo ‘ua’ formando ondas crescentes, sopradas, cada vez mais longas, uma massagem nos ouvidos de quem escuta a rádio. Ele acompanha os sons com gestos que exibem os movimentos do mar se abrindo e se expandindo, como um grande abraço que vai sendo formado. Solta a fita que tem os mesmo sons que ele acabou de produzir) Sinta o abraço amigo, o abraço apertado de quem te quer muito. O abraço de quem se foi, de alguém que nunca existiu, apenas o abraço que te envolve e te faz parar. Ouve esse abraço, caro ouvinte, que te chama, que te quer, que te conhece. Não tenha medo, meu bom amigo, não tenha medo. Respire esse abraço, exercite esse carinho. Iguale tua respiração com essa voz. Não mais dor, não mais aflição. Feche os

olhos, aumente o volume devagar: a Rádio Ma-ior está no ar (Solta uma música instrumental das orquestras de rádio dos anos 40, *Big Band*. Ele se ergue e sai dançando abraçadinho com o lençol, girando em torno da mesa da rádio. Logo depois chegam sons de reclamações dos vizinhos de lado e de cima. Eles batem nas paredes e no teto pedindo silêncio. As fortes e seguidas ameaças impulsionam a inesperada reação do nosso locutor. Ele corre para a mesa e aumenta o volume do gravador:)

Ah vocês querem guerra, não é? Guerra? (Ele aumenta o som dessa música suave. Por sua vez, os vizinhos o xingam – ‘louco’, ‘seu maluco’ – e os ruídos de pancadaria são incrementados. Pode-se ouvir coisas arremessadas contra as paredes tais como panelas, pratos, copos, garfos, uma sequência de ruídos graves a agudos que vão formando o caos. Ao mesmo tempo temos marteladas contínuas nas paredes e no teto. Tudo treme. Há um duelo sonoro entre o locutor e os vizinhos. Ao fim, ele, esgotado, dá-se por vencido e retorna para a mesa. Reinicia a transmissão )

- Apesar de tudo, continuamos com a programação da Rádio Ma-ior. Você, nesse fim de noite, eterna madrugada, principalmente o suicida, fique comigo, fique. A seguir vamos nos acalmar. Por favor , vamos nos acalmar com *Corpos Suados*, uma série de saudáveis exercícios para enfrentar a madrugada. (Toca a vinheta de *Corpos Suados*. O locutor muda a voz para um professor de ginástica acelerado, cheio de energia, que realiza ele próprio seus comandos verbais) Em pé, em pé! Peguem a vassoura, rápido! Em pé, em pé, vamos! Assim. Agora afastem um pouco as pernas, estiquem os braços e com as duas mãos segurem firme o meio da vassoura! A vassoura na horizontal! Isso. Agora se concentrem, olhem fixo para a vassoura, olhem de verdade, olhem com toda a força até estourar o branco dos olhos! Muito bem, continuem assim! Depois tentem quebrar a vassoura! Isso! Com toda a força. Vocês têm a noite inteira prá conseguir! Força! Olhos na vassoura, força nos braços! Quando doer, a gente pára. Quando sangrar, a gente acaba. Mais um minuto, mais uma hora. Continuem! Isso! Mais força, força! Quero ver todo mundo com o sangue entalado na cabeça. Erga a cabeça! Aperte os dentes! Revire a cara! Respire ao máximo! Deforme o rosto! Mais! Mais Estamos acabando: estamos acabando com o sono. Vamos quebrar essa vassoura, vamos estourar essa fraqueza. Vamos, meninas, vamos, coitadinhas! Você que queria se matar ? Quero ver quebrar essa vassoura! Nem isso pode! Tem que se matar mesmo, sua coisinha precária. Eu tô falando com você, mesmo seu merda!. Perdeu prá uma vassoura, perdeu prá uma vassoura idiota...(Soa



música de piano, bem calma, intervalo que interrompe o excesso crescente do professor de ginástica. Sobre esse fundo musical, uma voz feminina anuncia: “Por motivos técnicos a transmissão de *Corpo suados* foi cancelada. Em instantes voltaremos com nossa programação normal da Rádio Maior.” Após, o locutor retorna para seu lugar na mesa :

- 5: 15. A seguir, sem intervalos comerciais, começa a *Hora mágica*, o contato entre a rádio e seus ouvintes, momento quando conversamos com aqueles que nos sintonizam todas as noites. (Solta vinheta do programa *Hora mágica*. A vinheta é composta por reverberações de pessoas falando, passos, gargalhadas sobre fragmentos de músicas que evocam várias situações: trabalho, lazer, casa, festa, sexo. Ao fim temos as palavras ‘Hora mágica’ fechando a longa vinheta. Ele fala agora com uma voz compreensiva, como escondendo sua depressão por estar ali a essa hora mantendo uma rádio que não existe. Luta entre o tédio da situação e sua aflição em esconder o que realmente está acontecendo.)

- Como está você, minha jovem, meu rapaz? Fale comigo. Diga o que quiser, venha de onde vier. Aqui juntos somos todos iguais. Não há como fugir. Nem há razão prá isso. Quem vive ou morre deve saber. A noite é igual, a noite nos iguais sob um céu distante, o peso e o pavor enormes de um céu distante. Você pode negar tudo, você pode até se matar. Mas antes fale comigo. Diga o que quiser. Estamos todos aqui juntos, iguais. (Toca uma música orquestral lenta, que permanece como fundo constante enquanto fala). Bem, se você não quer falar, pelo menos ouça, ouça, fale nesse ouvir, deixe que eu fale em você. Minha voz vai penetrar fundo em teu corpo e vai te abri para o melhor. Deixe que me aproxime de você, que minha voz toque sua pele, que eu pelo menos fique junto de ti. Eu vou continuar falando docemente, minha presença inteira ao seu lado. Não por pena ou por necessidade. Eu sou o que você quer, a companhia preferida. Aquilo que você quis e sempre desejou: afastar a noite, mesmo sabendo que a noite chegou. Afastar a noite da sua vida, ir além mais do sono, contra o sono mesmo, até que não haja mais sono nem razão para dormir. Ficar acordado para pensar, para medir o tamanho de tudo que acontece e ver que não há como medir: é impossível saber onde isso acaba. Você quis saber o tamanho de tudo que acontece para entender, para dominar, para resolver a vida. Mais a vida é maior que isso, a vida toda escorrega das mãos. E de mãos vazias você se vê sem escolha. É preciso acabar com isso, é preciso deter o que não cessa de surgir bem diante de seus olhos, mesmo que de olhos fechados você se revire na cama. Por que continuar se

revirando na cama, expulsando aquilo que se lança contra teu rosto? O que você não fez ou disse hoje, ontem, sempre... O que você fez e falou... Ele, ela, eles todos juntos agora pairando em cima de ti. Você sabe seus nomes? Você conhece esses rostos? Você sabe por que eles estão aqui? (Música pára. Recomeça o locutor).

- Não adianta expulsá-los de tua cama, não adianta querer dormir. Eles são teus como tua roupa. Eles te pertencem como tua respiração. Você refaz as mesmas situações várias vezes, tenta em sua mente mudar o que aconteceu, tenta encontrar outras palavras. Esse não é seu sonho, porque você não está dormindo. É o devaneio para afugentar os que te pertencem. É a fumaça que arde bem em frente de teus olhos. É a estranha maneira da vida explodir dentro de ti para dizer: isso é a vida, isso é o que você tem. (Imita com a boca estampido de abertura de um refrigerante e o escorrer do refrigerante para o copo. Imita os sons de beber o refrigerante e a satisfação final- ahhhhh). Você não vai dormir enquanto lutar contra isso. Você não vai dormir enquanto não enfrentar sua noite. (Abre um barulhento saquinho de balas. Enquanto fala, vai tirando as balas do papel, muito barulho. Ao fim, vai colocando as balas na boca até parar de falar e cuspir tudo, mostrando-se engasgado.) Era isso que você queria ouvir? Era disso que você queria conversar? Eu preciso saber se você quer dizer alguma coisa, se você entendeu o que eu disse. Você quer pensar? Quer continuar pensando? Agora eu sou mais uma imagem que gira em teus olhos e você tenta expulsar. Vai fazer comigo o que faz com todos? Manter em suspenso no escuro do quarto girando em volta de ti homens e mulheres que você muda, junta, deforma. Esse é seu diálogo, é assim que você conversa. É o seu jardimzinho impenetrável, o seu criadouro, laboratório, zoológico.(Engasga. Agora vem o turbilhão de vozes e ruídos que ele faz inicialmente com a boca. Depois, a boca e as mãos, boca mãos e pés. Em seguida ele se ergue impulsionado por esse excesso sonoro e sapateia, pega a vassoura, dança, pula, bate com a vassoura no chão no teto, girando, rindo. Forma-se uma seqüência que sai de experimentos sonoros até todo o ruidoso corpo em movimento. Dos sons que ele realiza pela boca ele começa brincando com estalar da língua em toda cavidade bucal, explorando as variações de altura. Depois, sem cortes, ele varia com estalar dos lábios, sons aspirados e soprados em tempos diversos. Em seguida, já com saltos na cadeira, ele vai brincar com sons nasais, com vogais, com onomatopéias, produzindo já imagens vocais de situações de estresse - trabalho, trânsito, medo, relacionamentos interpessoais. Depois, enfim temos o corpo completo dançando em cena. Ao fim dessa seqüência, nova reprimenda dos vizinhos do teto e

do lado. Ele pára encolhido em um canto exausto. Após breves instantes sai correndo para a rádio novamente. Solta a vinheta do novo programa *Histórias da noite*, “ tudo o que você não queria saber sobre as criaturas que habitam as trevas.” Música de suspense. Locutor com voz tenebrosa, como anunciando sustos, pronunciando bem as sílabas:)

- Olhe pro escuro de seu quarto. Não há ninguém ali? Você está só? Ninguém veio te visitar hoje? (Vinheta do programa *Histórias da noite*) Era o que seu Paricido achava. Homem de muita coragem, trabalhador, viúvo e pacato, ele vivia sozinho em sua casinha de fundos. Dormia com a tv ligada, tudo em volta dele tremendo e vivo. De olhos acesos, ele não conseguia esquecer da mulher morta e dos filhos distantes. Seu Paricido achava que estava largado ali para morrer. A única criatura da casa era a tv piscando seus canais. Você conhece seu Paricido, conhece alguém como ele? Ele é seu parente? Não, não é. Seu Paricido não tinha parentes nem sono: a mulher e os filhos flutuando em cima de sua cama. Ele, olhos fixos neles, erguia de vez em quando os braços para alcançar não sei o quê.(Música de suspense. Forte ataque.) Nessa noite, quando mais uma vez erguia os braços, sentiu um golpe, um estaque que o fez pular na cama. (Som de golpe surdo, com notas graves de cordas ao fundo) Era o primeiro, o primeiro golpe, como um relógio que marcasse os últimos momentos da vida. Ele conhecia bem esse relógio. Toda criatura conhece. Olhou para si, colocou a mão no corpo e sentiu que estava tudo úmido, um líquido quente escorrendo pelas costas enquanto seu Paricido se envolvia em um cansaço enorme e frio. Era o seu sangue. Todo seu sangue estava indo embora para a cama e da cama para o chão e paredes. Ergue os olhos e as imagens da mulher e dos filhos iam sendo dissolvidas, engolidas por uma galáxia cheia de cores e luzes que aos poucos ia formando um rosto barbudo e terrível. (Segundo som de golpe agora mais continuado e com as notas graves de cordas e um agudíssimo ao fundo) Ele tenta gritar, mas sua voz morreu na garganta. Ele começa a afundar na cama, as lençóis o cobrindo, o sangue afogando o seu Paricido. As mãos se erguem para cima chamando, clamando por ajuda. Uma incrível dor em seu ombro esquerdo puxa de volta seus braços para o corpo engolido pelos lençóis cheios fedendo cadáver. Seu Paricido agora é uma pasta de gente, escoando pelo ralo que se abriu no colchão.(Terceiro golpe, o clímax sonoro.) No último instante, como uma sobrevida, seu Paricido é arremessado do ralo, como um cuspe, apenas o rosto, o grito que não houve, a ira por morrer assim, e vê, em pé, em frente dele, a mulher e os filhos comentando, discutindo, balbuciando

apavorados o programa ... (Soa vinheta) *Histórias da noite*. (Ele gargalha, gargalha muito, tanto que se joga na cama para rir e sufocar o riso com o travesseiro. Os vizinhos voltam a chamar a atenção do locutor. Ele joga as coisas de seu quarto na parede e no teto: travesseiro, colchão, sapatos, mala até ficar cansado. Engatinha até a mesa, pega o microfone traz até o canto onde estava e sentado no chão, ofegante, começa a anunciar com sua voz, a voz de quem está sozinho na noite em um quartinho de hotel vagabundo, a próxima atração da Rádio Maior :

- Noite, noite em tudo, noite apenas. Rádio mai-or! Maior do quê? Rádio minha, eu sozinho. Você não me ouve, seu suicida, você não quer ouvir. Não adianta, não adianta nada mesmo. Essa é minha última tentativa. A rádio é minha última chance. Eis o programa “Essa poderia ser sua vida” (Solta vinheta em metais como abertura de um programa de imagens sobre a vida de alguém. Ao fundo da cena vão aparecer slides e pequenos filmes. O locutor liga a lanterna em seu rosto e fala. Na medida em que fala vai enfraquecendo: ) Ouça, louco suicida, fale disso agora. Olha o que te digo. O rosto de um homem, o meu. Sabe quantas fotos eu tirei na vida? Sabe quantas pessoas viram meu rosto? Quantas olharam prá mim? E o que era eu no meio dessa gente? Sabe com quantas pessoas falei? As coisas que eu disse? Sabe se fui agradável? Fascinante? Inesquecível? Era bom estar ao meu lado? Você se lembra disso? Alguém aqui se lembra quando eu estive perto? (Movimentos no andar de cima. Slide com foto do locutor enquanto bebê) Uma criança, meu Deus, uma criança. Apenas isso. Alguém sabia que era uma criança? Por acaso sabiam como falar com ela? A presença dessa criança incomoda, ainda incomoda muito. Olhe essa criança, seu louco, olhe bem nos olhos dela. Você não dorme, você quer morrer para tirar essa criança de frente de teus olhos, girando em torno de tua cama a cada noite. Você recusou o garoto, você não o quis, você não ouviu. Agora não pode dormir. ( Um filmete da criança andando e depois correndo em seus passos inseguros em direção de algo que não se vê. Ela corre rindo. Quando perde de vista o que olha, quase cai. Mas continua em frente). Ouça ela correndo em tua direção, veja seu sorriso, um dia que se foi, um dia, seu suicida. Você quer impedir que ela corra, que ela vá em frente? É isso que você quer. Você quer que ela caia, você quer ver a queda, o som abafado da queda, as três batidas do tempo final. ( Festa no vizinho do lado) O seu tempo se acabando porque você quis, porque você quer fazer parar a criança. (Slides de com vários álbuns de fotos). E estou quase desistindo. Não é fácil. Agora que eu te achei, eu me sinto mais fraco. Toda a noite te procurando. Não tem sido uma coisa boa prá

mim. Esse quarto, essa rádio, é muito trabalho. Você foge, foge o tempo inteiro. Eu não te vejo nunca. Nunca sei onde você está. Quando estou perto, você escorrega pelas minhas mãos. Olho de novo e você já foi. Daí você e tudo o que busco fica girando bem em minha frente, eu deitado noite adentro vendo o mundo girar em volta de mim. Parece que tudo está tão perto, parece que a qualquer momento eu vou destruir essa distância que brilha no escuro do quarto. (Outro filmete da criança correndo longe, longe) Deixe a criança correr! Deixe que ela vá atrás do que quiser! Solte os braços dela! Tire as mãos de seus lábios! Ouça, por favor, ouça seus passinhos... Lá vai ela, sem dizer adeus. Já nem olha para trás... ela, criança menina inteira, uma presença toda, você não mais...(Lágrimas fundas. Passa a série de fotos da vida dessa criança, ela crescendo, ela se transformando no locutor. Cessa o som de tudo. O sol já atravessa mais forte as persianas, projetando-se contra o corpo do locutor. Após alguns instantes, ele, irado, levanta-se e passa a recolher as coisas que ficaram pelo chão e as coloca aos poucos dentro da mala.)

- Mas chega! Por que eu iria me importar com você que não me ouve, que não me vê? Eu me fechei aqui dentro por sua causa, prá te ajudar, esperando um obrigado, um alô, qualquer coisa, meu Deus, qualquer coisa. Eu fiquei aqui dentro esperando que a gente se falasse, que a gente se ouvisse. Esse é o programa final da Rádio Maior: “Não há ninguém!” (Vinheta de virada de bateria fechando uma frase musical. Som surdo, incompleto).Ouviu? Não há ninguém! (Ruídos da vida lá fora, os carros passando. Polícia. Pessoas nas ruas) Eu fiquei aqui te esperando, noites e noites acordado, olhos enfiados na escuridão. Eu me esforcei muito, dei tudo de mim. Me preparei, implorei, gritei, chorei, dancei: fiz tudo. A gente não tinha algo junto? Se você quer morrer, o problema é seu. Todo dia alguém morre. E o mundo não pára por causa disso. Por sua causa, eu mesmo estava quase morrendo. Imagine morrer num lugar desses. A Rádio acabou, a noite se foi, e eu vou me embora. Não posso ficar preso a uma promessa, à esperança de que um dia você venha, fale comigo e veja que eu estou aqui.(Escuta uma microfonia e corre arrastando a mala para a mesa da rádio) Ei, suicida, você está me ouvindo? Tá me entendendo (Nova microfonia. Ele sorri) Cara, cadê você? Onde você está? Tá me ouvindo, tá me ouvindo? (Chiado de rádio fora de ar. Ele irado chuta a mesa. Passa a recolher as fitas. De repente somam ruídos de perseguição policial. Tiros. Ele se joga no chão com a mala, sai se arrastando pela cena. Ergue-se para fugir e é baleado. Sons e correria dos outros quartos. Vozes: “Ah, meu Deus, tiros, tiros, alguém levou um tiro! Chamem a polícia, chamem a polícia!

Tem um morto, tem um morto ali, ó ! Abra a porta, abra a porta! Eu não vi nada, eu não vi nada!” Silêncio. Após, soa a vinheta da *Rádio Maior*.

## PARTE DOIS

*As percianas, as mesmas da primeira parte e o mesmo efeito visual.*

*Homem bêbado, meia idade, cabelos desalinhados, camisa aberta no peito, barba por fazer, imundo, dança com latinha de cerveja na mão. No chão, várias latinhas jogadas. O homem tem na mão um rádio que volta e meia coloca perto do ouvido. Dança ao som de músicas românticas de fofa brasileiras dos anos 1970, a discoteca sua. Ele dança cantando mal as letras das músicas. A fala trôpega, bêbada. Em frente ao público, uma ‘poltrona do papai’ rasgada, velha, e uma caixa de cerveja. Do lado da poltrona, uma mesinha com telefone. O relógio, virado para o público, marca 4:44. Quando der 4:45, ele ouve o rádio-relógio do vizinho e, perto de sua poltrona, fala:*

- O doido já acordou? O doido? (Ele aumenta o som do rádio. E canta mais alto. Até que escuta os sons abafados do vizinho reclamando do som. Ele se pergunta “Vocês?” E continua girando, com sua latinha e seu rádio. Novamente o vizinho reclama. Ele continua indiferente, dançando e cantando, tropeçando nas latas que estão pelo chão. Após alguns instantes, cansado, ele se senta, resmunga, abre mais cerveja e dorme com o rádio no ouvido, balbuciando. Quando der 4:53 ele acorda assustado e deixa cair o rádio. Meio sonolento, ele tenta pegar o rádio. Depois, procura as faixas. O rádio não sintoniza mais nenhuma faixa. Várias vezes tenta sintonizar alguma estação mas não consegue. Tudo acompanhado por seus resmungos, desleixo e latas de cerveja. Ao fim, ele deixa em uma faixa fora do ar mesmo. Acomoda-se na poltrona, ergue a cabeça, bate os dedos no encosto, como se estivesse escutando algo. Abre mais cerveja, enche uns copos, e volta concentrar-se no som ruidoso da rádio.

Quando der 5:00, ele ouve o rádio-relógio do vizinho, dá umas risadas muito seguro de si, abre outra cerveja, serve os copos que estão na mesa, e pega o telefone, disca e espera. Som da chamada telefônica. Atende uma voz feminina. Ele não fala

nada. A voz repete várias vezes “Alô, alô” até que pára. Silêncio de ambos. Sinal de desligar. Ele novamente liga e abre uma cerveja. O sinal de chamada toca várias vezes. Ele ri. Serve mais os copos. Ninguém atende. Ele coloca o rádio e o telefone perto de cada ouvido. Ri prá valer. Joga-se contra a poltrona e embala-se nela como se estivesse em uma rede. Gargalha.

O homem ouve som de música de orquestra vinda do vizinho. Vai ficando irado. Ergue-se, deixa o rádio e o telefone na mesa e volta-se para a parede. Ele esmurra, chuta a parede. Grita contra ela “Seu doido, seu maluco. Abaixa essa música, abaixa essa música. Do outro lado o vizinho aumenta o volume de suas músicas.” O homem então corre para a mesa pega o rádio e o telefone e a caixa de cerveja e traz para a parede. O homem aumenta ao máximo o som do rádio, coloca o telefone na parede, abre cerveja, espanca a parede, grita, xinga, chuta. Enquanto isso, o vizinho vai sustentando sua situação até não mais poder. Barulhos de todos os lados acarretam a derrota do vizinho. O nosso imundo vencedor, cansado, encosta-se na parede e abre outra cerveja. Pega o rádio e o aproxima do ouvido. Ainda não sintoniza nada. Pega o telefone e recomeça sua provocação ao emissor desconhecido. Levanta-se e vai colocar bebida nos copos em cima da mesa. Traz o rádio e o telefone que ainda chama, chama. Alguém atende. Ele sorri, como de uma vingança. Atende a mesma voz feminina. Como da outra vez, a voz repete “Alô? Alô?” E nada. Espera na linha. Até que vem uma voz de criança e pergunta “Pai? É o senhor, Pai?” O homem desliga. Toma mais cerveja. Procura novas faixas no rádio, um tempo para pensar sua reação. Disca o telefone de novo. Antes que alguém atenda, ele desliga e ri. E começa a falar:

- Não vai atender mais? Não quer falar comigo? Quem quer falar com um bêbado? Quem quer falar com alguém que bebe a noite inteira? (Senta-se na poltrona e olha para o público) E daí? O que eu tenho com isso? Eu bebo, meu pai bebia, meu avô sempre bebeu e as mulheres deles não diziam nada, nada. (Abre uma cerveja) Por mais que eu beba, a cerveja não acaba. Não vai faltar nunca. Não estou fazendo mal prá ninguém. Tem cerveja prá todo mundo ( Pega o rádio e procura sintonizar. Desiste e joga o rádio no chão. Pega o rádio de novo que agora está com maiores dificuldades de manter um sinal contínuo) Não vale nada essa porcaria, nem batendo funciona. (Bebe mais. Todas suas falas são entrecortadas por gestos relacionados com a bebida. A voz não é de um bêbado, mas de alguém cansado, inflexível, seguro do que faz. Ritmo mais lento, focado, que se delicia em sorver cada momento que é seu, o centro

do mundo, a ‘poltrona do papai’ no centro de tudo) Vou ouvir a rádio assim mesmo. Não é porque não tem som que vou prá cama. É melhor que aqueles programas de ajuda. Na madrugada, só os fracos precisam de ajuda. Eu não preciso de nada. É só me concentrar. Bebida é bom para se concentrar. (Muda de faixa, para sintonizar) Quem quer ajudar, quer alguma coisa. Por que alguém ajudaria alguém? Para ficar melhor... porque fez alguma coisa. É isso que eu escuto aqui nessa rádio. Escuto também a Beth me pedindo desculpa o tempo inteiro, as crianças pedindo o pai. Beth devia ter um programa de ajuda desses na rádio. Ela foi ruim comigo e com seus filhos. Beth precisa beber, beber mais e comigo. Quando a gente bebia junto, a gente era feliz. Eu sei que a gente era feliz porque eu vivia rindo e ela não reclamava. ( Enche os copos) As crianças eram felizes, porque eu vivia rindo. Beth agora não bebe mais e tudo ficou horrível. A gente parou de beber junto e tudo se acabou. Ela não quis mais a bebida e eu tive que ir embora com a bebida. (Aumenta o som da rádio) É isso que ouço aqui na rádio, me dizendo onde está a felicidade. Eu tenho a bebida. Eu estou com a felicidade. (Pega o telefone e disca).Eu vou falar isso prá Beth. Mais uma vez eu vou falar isso prá ela. Um dia ela vai me ouvir ( Chamada do telefone. Ninguém atende. Ele continua falando: )

- Beth, Beth, sua vagabunda, olha o que eu descobri: a gente vai ser feliz, vai ser feliz de verdade. Você vem prá cá agora mesmo. Pega um táxi. Traz as crianças. A gente bebe, bebe, a gente fica junto. Eu tô com uma saudade...(Começa a se balançar na poltrona do papai, coloca a mão no seu sexo.) De noite dá uma saudade, Beth... Eu já tô pronto, eu já tô numa boa: não penso em outra coisa. A bebida é bom prá isso. (Aumenta o som da rádio) Olha, coloquei música, tem cerveja, tem muita cerveja aqui ó. (Levanta-se. Serve os copos) Só falta você aqui. Tá tudo bem, tudo bem. Não vamos ficar lembrando o passado. Eu entendo, eu entendo, eu estou te ouvindo, estou te ouvindo bem. Eu sempre te ouço, Beth, sempre. Tua voz em minha cabeça. Eu não ouço outra coisa (Coloca a rádio em seu colo. Troca as estações da rádio. Balança-se mais na poltrona.) Ah, Beth, vem prá cá agora! Deixa as crianças com tua mãe. Eu preciso de você aqui, agora. Prá que essas crianças? Prá que essa demora? Eu só quero você, você toda, todinha... (Ele serve bebida nos copos. Chuta umas latas no chão. Diminui o ritmo da poltrona.) Viu como eu fico melhor com a bebida? Viu como eu fico romântico? É do que você gosta, não é? Esse é seu homem!(Olha para a platéia) Quem não gosta de homem assim tão carinhoso, tão bom, pronto prá coisa? Viu Beth, é a bebida, é a maldita bebida. Ela me concentra, me faz bem. (Abre mais



cerveja. Coloca o rádio no chão. Ergue-se com o telefone na mão. Vai falando, recolhendo as latinhas para formar um campo de futebol.) Se eu fosse trabalhar bebendo, nunca seria despedido e você não teria que trabalhar tanto. Ia ficar em casa comigo na poltrona do papai. Se eu fosse na casa da sua mãe bebendo, eu e sua família tudo seria diferente, melhor. Se nas casas de suas amigas eu bebesse mais, eu não ia ter tanto ciúme de você olhando pros outros homens, nem ia brigar com meio mundo por tua causa. As compras no supermercado eu ia junto sem reclamar, sempre rindo. Acordar prá ir à igreja de manhã – seria o máximo, eu com a bebida do lado. Você sempre me pediu prá rezar mais, prá ouvir esses programas no rádio. Você sempre fala de Deus e esse negócio de igreja. Agora eu tô pronto, tô bem, tô preparado. Prá tudo o que vier. Vem me batizar, mulher, vem: vem me levar prô céu, que eu tô gostoso, tô precisando. (Dá um grande gole na latinha, ajoelha-se, coloca a latinha em sua frente, abre os braços, olha para o céu e retorna o olhar para a latinha) Eu tô aqui, meu bem, eu tô inteiro aos teus pés. Todas as tuas orações foram respondidas agora! Eu tô bem aqui, te esperando.

(Levanta-se rindo. E vai para a poltrona. Senta-se e toma o rádio nas mãos e o coloca perto do ouvido. Começa a narrar em sussurros uma partida de futebol, fazendo os sons da torcida e do narrador. Depois de alguns instantes levanta-se e vai para o campo de latinhas que arrumou no chão. Corre sem parar como se jogasse pelos dois times. Continua narrando seu jogo. Até que se cansa e fica em um canto olhando o estádio vazio. Fala com o rádio como se fosse um telefone. Enquanto fala, vai pegando as latinhas e forma três pilhas que representam sua mulher e os dois filhos.)

- Beth, olha aqui, olha a gente junto. Não era o que você queria? Traz os meninos, traz os meninos. Eu brinco com eles também. A gente joga até tarde. Eu perdôo vocês todos. É muito difícil prá vocês? É difícil gostar de mim como eu sou? Eu entendo, eu vejo bem. (Pega uma das últimas latinhas para beber) Eu comecei a ver tudo melhor desde aquela noite, lembra? É claro que lembra...(Vai andando em redor de suas estátuas de latinha de cerveja). Ah, como eu poderia esquecer os olhos de medo... quem esquece o medo, medo de mim... Eu vi vocês com medo de mim – Por quê ? Já não bastava baixar os olhos quando eu passava? Já não bastava falar escondido pelos cantos, como se eu fosse um monstro, um doente, uma coisa ruim de se encarar. É, é bom a gente estar aqui junto. Eu trouxe vocês aqui prá isso, prá lembrar aquela noite. Eu nunca mais consegui dormir depois daquilo. Mas não durmo

por causa do medo, medo que é de vocês. Eu não durmo porque quero continuar olhando vocês bem de frente, todos os dias, todas as horas, vocês aqui em frente de mim, tudo o que aconteceu naquela noite e continua agora acontecendo. (Bebe, gargalha. Pega as latinhas que representam o filho menor e vai conversando com seu bebê) Não quer brincar com o papai, filho? Não quer se balançar com o papai na poltrona? Tá com sono, tá com medo? (Olha para a pilha maior de latinhas) Beth, são meus filhos e tu é minha mulher. Eu não tô bêbado, já disse, eu não tô bêbado! Deixa eu brincar com as crianças. Depois a gente brinca nós dois. (Volta-se para o que tem nas mãos) E, tu, garoto, tá me olhando assim por quê? Tá com medo de mim, do teu pai? Seu merda, seja homem, seja homem de verdade! Eu vou te ensinar a ser homem! (Começa a jogar a ‘criança’ para o alto) Tá melhor assim, tá gostoso? (Volta-se para a Beth) Viu, mulher, viu como ele tá um homenzinho. Você tá amolecendo as crianças, Beth, você tá estragando os garotos. Eles precisam de mim, de mim. (Volta-se para a criança-latinha) Tá gostando, tá sem medo agora? Papai não é tão ruim, não é? Viu? Agora muda essa cara, vira homem! Aprende a ser homem! (Lança para mais alto e deixa cair o ‘bebê.’ Pega uma latinha de cerveja e bebe) Tu queria que eu ficasse te embalando a vida inteira, não é, garoto? Tá doendo? Machucou? Então pára de chorar, sua peste! Pára de chorar. (Corre para a lata e a chuta. Volta para a pilha de latas da esposa e dá um tapa derrubando tudo) E tu, cala essa boca, mulher, cala essa boca! Deixa que eu ensino esses garotos! Eles precisam aprender a ser homens! A dor ajuda a lembrar isso. Uma mulher como tu não pode fazer nada senão rezar. (Chuta as latas da mulher) Cala essa boca, e me ouve: enquanto eu viver nessa casa vocês vão olhar prá mim com medo, com dor prá não esquecer de mim. Prá lembrar do que to falando. (Chuta a última estatuazinha, a do filho mais velho). Não adianta chorar, não adiantar chamar Deus e todo mundo. Essa casa é minha: eu bebo, eu bato, eu faço o que eu quiser. Parem de implorar, parem com esse choro!

(Sai chutando todas as latas, fora de controle, como em uma partida de futebol. Comemora seus gols. Depois vai se sentar cansado na poltrona. Balança-se ouvindo sons abafados das vinhetas da rádio do vizinho. Fica resmungando “Louco, louco, maluco”. Puxa uma latinha e fica tentando sintonizar o rádio. Depois, em meio a suas tentativas, ele fala )

- Mas depois da surra, Beth, depois da surra mais bem dada, o que mais me magoou, o que me fez perder a cabeça e ir embora foi o que você fez. ( Dá um grande gole e um longo suspiro.) Isso não se faz, mulher, isso não se faz. (Limpa a baba da

cara e da roupa com a manga da camisa.) Depois da surra eu descasava em minha poltrona e os meninos tratavam de engolir o choro. Você foi pro quarto e chorava, chorava como toda mulher depois que apanha. Mas seu choro era diferente: tinha palavras. Você fazia isso contra mim. Onde já se viu uma coisa dessas? Falar baixinho chamando Jesus. E o que Jesus tem a ver com isso? Você fazia isso sempre, mas tinha medo, sempre teve medo, mulher. Mas dessa vez foi diferente. Eu ouvia Beth chorando e rezando sem medo. Onde será que foi parar o medo? Eu tinha acabado de bater em todos. Tinha batido com todas as minhas forças. Estava cansado demais para reagir. E você Beth, sua vagabunda traidora, você viu que eu estava fraco e se aproveitou disso. Me fez desviar de minha direção. Me fez ouvir o que eu não queria, as palavras. Por que, Beth, por que você chamava Deus sem medo? Não confia mais em mim? Não se entrega mais pro seu homem? Eu sou o homem dessa casa! Eu fiz os filhos, eu te abro o corpo. E agora você vem me enfraquecer, juntando choro e Jesus? (Começa a bater no rádio) Heim? Responde, fala comigo, na minha cara. Deixa esses meninos morrendo aí! Me diz o porquê disso, o nazareno. Ele é melhor que eu? Ele bebe mais que eu? Ele bate mais forte? Ele fala mais alto? Ele mete mais medo? Ele é mais homem que eu, Beth? (Bebe mais de suas latinhas finais) Daí fui atrás de ti, e te encontrei ajoelhada, os olhos vendo o que não se vê. A boca tranqüila chamando seu Deus. Daí eu te joguei no chão e quis fazer amor, para calar tua boca. E teu corpo ficou frio, frio como uma noite sem ninguém, soprando forte em meus ouvidos, Beth. (Ele pára de se balançar, levanta-se, deixa cair o rádio, tropeça nas últimas latinhas em cima da mesa e sai correndo para frente da platéia falando) Então sem saber o que fazer, louco de raiva, eu sai correndo daquela casa e vim parar aqui. Eu sai correndo com os olhos e a boca abertos mais que nunca. A noite ficou clara me seguindo, me apontando por onde quer que eu fosse. As estrelas explodiam violentas contra mim e todo o céu me odiava, com o peso enorme de sua cor. Eu precisava me esconder, eu precisava. Eu tinha feito algo terrível, terrível, a voz de Beth ecoando em meus ouvidos, como uma rádio ruim que não desliga. (Senta-se no chão, abraça suas pernas, comprime-se de frio.) O céu é terrível, Beth, o céu é terrível! Eu não consigo esquecer! (Procura alguma latinha fechada em volta de si.) Eu não consigo, eu não consigo. Pensei que era o fim!

(Volta-se para a poltrona. Procura latinhas fechadas. Vai procurando, jogando no chão tudo em sua frente, chutando tudo que encontra. Após, arrasta a poltrona para frente do público. Traz o rádio na mão. Senta-se e tenta sintonizar. A falta de bebida

vai tornando perceptível um descontrole gradual até que ele se transforme em um bicho ao fim dessa fala. )

- Mas tem coisa pior. Ah, tem sim! Bem pior do que fugir do céu! Sem Beth, sem filhos, sem porcaria alguma foi que eu descobri, aqui nesse quartinho vagabundo de hotel. Pois agora era a hora, a hora do encontro. Por isso existem os bêbados. Por isso os homens bebem. É esse encontro no fundo de um quartinho vagabundo o que eles mais esperam. Ninguém espera nada dos que bebem. Mas quem bebe se prepara para essa hora, quando acordado, ao fim de uma noite de porre, uma noite em sua vida, é possível chegar até ali, mais além. Todos dormem, todos têm medo. E quem ficou para ver o final senão quem já está assim, todo entregue e mergulhado em seu porre? Quando cheguei neste quartinho de merda eu me sentei em frente da janela e chamei o Deus, chamei alto, gritei para que ele viesse e falasse comigo. Um bêbado pode isso, é só o que pode fazer: chamar Deus na madrugada sem pessoa, quando não há mais ninguém mesmo. Nesse deserto, eu chamei por Deus, olhando sem medo o fundo da noite. O céu inteiro em meu rosto, o frio de matar calando em meus ossos. (Vai abrindo os abraços). Eu abri os abraços para que Deus entrasse em mim e gritei por ele. E continuei assim como um crucificado, clamando alto na noite vazia, escura. “Onde está você, Deus? Onde você se esconde? Eu estou aqui chamando Deus, Deus, Deus. Eu sou um homem chamando Deus. Deus, me responda, me responda! Eu estou gritando por você a noite inteira! ”

( Imóvel. Ele fica assim uns instantes. Ruídos do vizinho. Voz de cansaço) E ele por acaso estava lá? Havia alguém além de mim ali? Havia outra voz a não ser a minha? E se alguém me visse assim, o ridículo de ficar gritando prô vazio? Havia alguém naquele céu fora o medo, o meu medo por não sei o quê? (Volta a balançar a poltrona) Quando a gente bebe, a gente fica mais concentrado e bebida pouca é fraqueza. (Pega o rádio e procura sintonizar) Essa foi a grande noite de minha vida, o silêncio em mim, o silêncio em tudo. (Pega umas latinhas e as chacoalha, buscando algo para beber) É, Beth, você quase me enganou. Fez isso para eu sair de casa. (Volta a tentar sintonizar.) Mas eu vou voltar. Bebo umas e outras e tô bem de novo. Daí eu vou voltar mesmo com toda a força. (Balança mais forte). E não vai adiantar chamar por Deus nem por ninguém: vai ser só eu e tu, Beth, eu e tu na cama, na frente dos meninos. (Junta as latinhas em seu colo). Se ele tivesse respondido, se ele tivesse falado comigo, se ele tivesse me calado...(Balança com menos força a poltrona. Ergue uma latinha por vez e derrama o resto do líquido delas.) Mas eu pedi, implorei, gritei

por Deus na noite fria e não veio uma só voz dos céus. Eu estava de coração aberto, toda minha alma esperando. Eu estava com sede de Deus, eu precisava me embriagar dele para continuar o resto da noite. A falta dele me fez gritar muito até ficar rouco e surdo de tanto gritar. (Pega o rádio e aumenta o volume. Sempre o mesmo ruído das faixas sem sintonia). Daí eu xinguei, tudo que tinha nome que eu conheço eu xinguei. Passei todo o tempo xingando, a boca seca, a respiração caída. (Cai da cadeira e se dirige para a platéia, se arrastando.) Como Deus não iria ouvir um homem? Um homem como eu? Por que Deus não iria me ouvir? Ele já ouviu você? Ele já ouviu alguém? A minha voz foi pouca? O meu pedido errado? Eu quero que Deus me ouça. Quero saber se estou certo ou errado. Eu quero que Deus me ouça por causa disso. Prá depois te ensinar, Beth, ensinar as crianças também. Eu tenho sede de saber o que Deus quer, eu tenho uma sede impossível. Você e as crianças conhecem bem a força de minha sede. E onde eu poderia acabar com minha sede senão em Deus?

(Levanta-se. Anda e pára em meio no meio do público. Olha para todos, olha-se rodeado de todos que o odeiam e desprezam. Seu olhar é isso: fazer com que seja odiado, que saibam o que ele é: uma voz violenta presa em si mesmo, uma voz violenta que castiga para não ouvir, que urra para ser ouvida, que oprime para se fazer irresistível. Ele ouve a respiração de todos. Ele adentra cada um que está ali. Ele penetra em cada um que se interroga a respeito daquela figura parada em pé desafiando quem quer que dele se aproxime. Somente assim ele vive. Essa é sua vida: o fôlego contra quem quer que lhe faça frente. Ele é quem investe contra nós, seja nos sonhos, seja acordados. Olhando assim tão ameaçadoramente sabemos com quem nos deparamos: o obstáculo, a porta fechada, o corpo contra o corpo, a impossibilidade de se fugir, o caçador, o inimigo. Ali parado ele olha cada um e coloca no coração de todos não somente o ódio, não apenas a sua herança, e muito menos ainda o medo, o pavor. Antes, ele se mostra, ele é uma superfície de se pegar e jogar fora, algo tão palpável que se lança no lixo, longe daqui. É o que ele coloca em cada rosto, a mesma mensagem fácil de ser compreender: algo que permanece para ser derrubado. Depois, ele retorna para a cena e começa a buscar cerveja, revolvendo latinhas, como um porco fuçando no chiqueiro. Ele lambe as mãos, as latas, o assoalho. Ele agora é um comedor de restos: )

- Sede, sede. Eu tenho sede. Eu preciso beber, eu preciso. Tem aqui, tem aqui em algum lugar. Não pode ter acabado. Sempre tem alguma coisa, sempre. Eu

comprei muita, muita latinha. Eu nunca deixo a bebida acabar. Eu tô com sede, muita sede. Eu tô me acabando de sede.

(O rádio toca a música inicial da cena, anos 1970. A música aparece entre os sinais de falta de sintonia e com oscilações de volume. Breve o vizinho bate nas paredes. Há o ruído do arremesso de um monte de coisas: traveseiro, colchão, sapatos, mala. Ele continua fuçando o chão, recolhendo latinhas em seus bolsos. Ele é uma máquina movida pelo seu desejo de buscar bebida. Está sendo levado por algo que não vemos e que ele não vai achar em lugar algum. Depois passa as mãos no chão e lambe as mãos. Também reúne imaginadas gotas formando um monte e toma cuidado para beber tudo como num copo. Continuando, Alterna estados de euforia e decepção por ter encontrado o seu preciso líquido. Delírio, surto de viciado. Alguém da platéia fala “ali, ó, ali.” E ele corre para encontrar a sua bebida. Procura embaixo da poltrona, da mesa. Pega o rádio e o torna uma jarra de bebida. Esquadrinha todo o espaço de cena atrás da bebida. Cansado, ele se senta novamente na poltrona em frente da platéia, todo imundo, a respiração ofegante, limpando a sua baba. O olhar perdido no vazio da madrugada. Um sorriso de quem já não é mais daqui. Após instantes, são ouvidos os ruídos da vida lá fora, os carros passando, pessoas nas ruas. Sirene de polícia. Ele começa diminuir seu sorriso disperso e vai fechar o fim da noite chorando. Ouve a microfonia do vizinho, o chiado de rádio fora de ar, passos, correria, ruído de perseguição policial. Tiros. A voz do vizinho que é morto por bala perdida. Ele se encolhe no sofá e chora, chora como uma criança que apanhou e foi largada na rua. Vai ouvindo as vozes que comentam o incidente no vizinho e que chamam a polícia. Vai abafando essas vozes com seu terrível choro de alguém sem pai e nem mãe. )

### *PARTE TRÊS*

Mesmo espaço. Mesmo efeito das luzes. Outra madrugada no mesmo hotelzinho. Temos o terceiro habitante desse espaço. É um pai de família em viagem. No momento, ele tenta erguer-se com dificuldades da cama para pegar suas muletas que estão em uma mesinha próxima. Na mesinha há um rádio, o mesmo de sempre. Mais ao lado, outra mesa com suas duas malas e um violão. Durante essa última parte

da peça, o esforço de se continuar a vida frente aos impedimentos físicos temporários vai sendo mostrado.

Após se levantar e pegar as muletas, ele olha para o rádio, sintoniza uma rádio que toca músicas norte-americanas dos anos 1920. Cantarola a melodia e dirige-se para a mesinha maior com a bagagem para pegar uma roupa. Tira também da mala um ferro de passar roupa. Procura uma tomada e não encontra.

Toca o despertador no vizinho de baixo. Ele se pergunta sobre as horas. Volta para a mesinha de cabeceira, pega o telefone e liga para a recepção. Demora para atender. Atendem. Ele educadamente pergunta sobre o aviso de acordar, pois precisa pegar um táxi para o aeroporto. Um táxi virá buscá-lo.

Frente às desculpas da recepção e ao ouvir surpreso que são 4:47, ele despede-se, desliga o telefone e agiliza seus complicados movimentos para se arrumar. Busca uma tomada que não encontra. Volta-se para as malas e tenta abrir a mala restante, equilibrando-se com uma só muleta. Cai sobre as malas, as quais, por sua vez, caem no chão. O violão cai sobre suas pernas. Ergue-se atrapalhado, andando para acalmar a dor. Escuta vozes do vizinho de baixo, seus gritos inteligíveis e, logo, o som do rádio-relógio e novos gritos do vizinho de baixo. Fala que está atrasado e parte para arrumar e reerguer a mala, levando tudo para a cama, as peças de roupa, a mala e por último o violão.

Ao fim desse movimento estrepitoso, ouve os ruídos do vizinho batendo no chão/teto. Levanta-se e vai para o lugar onde parece que o morador de baixo está batendo. Com dificuldade, deita no chão para ouvir o morador. Após alguns instantes, ouvimos gritos, som do rádio relógio e palavras incompreensíveis. O esforço de ficar ali naquela situação, deitado, é complementar ao esforço de tentar ouvir o que está acontecendo.

Toca o telefone. Ele se ergue cantarolando a melodia da rádio. Essa melodia vai se transformando em uma música para acalmar, para acompanhar esses seus movimentos de voltar para casa. Atende o telefone e procura esconder sua dor e agonia por estar de muletas e atrasado para pegar seu vôo.

- Alô? Oi amor, que bom que você ligou! É, eu ainda não sai daqui. Isso: não tinha teto prô vôo. Daí eu fiquei. Eu também, também tô com saudades. E as crianças? Tudo bem? Ótimo. Ótimo. Aqui também tá tudo indo bem. Por que não te liguei? Tava tarde e eu não queria de acordar. Mas como você me achou? Foi o pai, não é, foi ele... eu sabia. Eu disse prá ele não te ligar, prá evitar preocupação. Mas

você sabe como ele é... Que horas são? Cinco? Mas cinco e quanto? Ah tá. Ainda bem que você ligou. Não posso perder o horário. (Começa a arrumar as coisas em cima da cama. Ainda esconde sua dor) Daqui a pouco vai vir um táxi me pegar. É, é o mesmo que me deixou aqui no hotelzinho. Olha, foi assim: eu cheguei no aeroporto, o pai me levou lá e foi embora. Não gosta de despedidas. Daí fiquei esperando, esperando e eles sempre adiando. Então era tarde, mais de meia noite. Não queria atrapalhar ninguém. Liguei pro pai, me informei sobre um lugar pra ficar e peguei um táxi. Sei, sei, é perigoso. Mas não tinha outro jeito.(Expressão de dor) Ah! Não, não foi nada, não. Tô arrumando as malas. Tô dizendo que não é nada, amor, não se preocupe. (Levanta-se com o telefone e vai andando para passar a dor. A dor vem mais forte) Ah! Ah.! Deu câimbra, eu já tô melhorando, já tô melhorando.( O morador de baixo começa a bater no chão ) Se eu joguei bola? Não, não, só um pouquinho. Mas, amor, eu vim aqui, teve churrasco, os tios juntos: era impossível? (Ele se deita no chão para ouvir os ruídos que vêm de baixo. Fica tão assustado que bate com muleta no chão) O que é isso? Também é nada, tem alguém em baixo batendo no chão. Deve estar passando mal. Pera aí (Tira o telefone de perto do rosto e começa a bater no chão e chamar o vizinho. Até que o som debaixo diminui. Volta para o telefone.) Desculpe, desculpe. É um lugarzinho meio ruim esse. Mas era perto do aeroporto. Não, não fica assim. Logo eu tô em casa. Calma. Não vai acontecer nada. Viu? Os barulhos acabaram. Não, eu não tô todo quebrado não. Dá pra andar bem.(Vai se levantando e se dirige para a cama) Foi nos joelhos. Eu tava correndo e fui caindo, rolando como uma bola. É, os dois joelhos. Não sei se vai ter que operar de novo. O pai? Pra variar ele disse um monte de coisas pra me esculhambar e tudo ficou na mesma. Ele continua o mesmo só que diferente (ri.) É, agora fala, fala muito. (Torna a arrumar as coisas) Eu não sei de onde tirar tanto assunto, tanta lembrança. É, foi bom ter vindo. Ele precisa de mim. Eu? Tá, eu também, eu também preciso dele. Você tem razão. Pai é pai. ( Fecha uma mala. Vai arrumar a outra) Ele me ficou me contando um monte de coisas dele e do tio Ivan lá no enterro. Eles fizeram faculdade juntos. Tio Ivan era doido, amor, muito doido. E eu sempre gostei mais de tio Ivan que do pai. (Fecha a segunda mala. Vai tirando as malas da cama para colocar perto da saída da cena). O tio Ivan comprava revistas de Ets, de Ufos, de disco voador. Ele tinha tudo quanto é coisa estranha da época. Mas não lia, não abria uma. Ele colocava cada revista em um plástico, como um colecionar profissional, e deixava todas empilhadas. A gente foi lá na casa do tio Ivan e era um loucura : pilhas e pilhas de



revistas não abertas. O pai falou que tio Ivan achava tudo aquilo muito importante, por isso guardava, guardava para um dia ler. (Volta e pega o violão e vai levando para o mesmo lugar.) Daí morreu e eu tive que vir aqui e ver tudo isso, amor, tudo isso: uma casa cheia de coisas fechadas, uma casa com pilhas de coisas guardadas. O Pai sempre foi calado, tio Ivan um depósito. Agora o pai não pára de falar, não pára um minuto. Essa não é a coisa mais louca que você já ouviu? (Risadas. Ele cai após deixar o violão e fica assobiando sua melodia contra a dor) Cantando? Eu não tô cantando não. Gostou? Conhece? Eu tô cantando sim, mas é de saudades. Eu tô louco prá ir embora, voltar prá casa. São que horas? Ai, ai, ai: daqui a pouco chega o táxi. É claro que chega. Não, não vou chamar outro, amor, não vou. Eu combinei com o cara. Se ele me trouxe aqui, ele vai me buscar. O pai? Não, deixa ele. É muito trabalho. Eu sei que ele acorda cedo. É, é tão cedo que ele deve nem dormir. Tem tanta coisa prá falar agora. Parece que engoliu um rádio. (Vai se erguendo. Assobia e fala. Vai alternando fala e assobio em sua volta para a cama) Ele sempre falou sozinho. Até assustava. A gente dormindo e ele andando de um lado prô outro, falando seus pensamentos, o que tinha prá fazer no dia seguinte. Dava um medo. A gente sempre pensava que era ladrão, um rosto na noite dentro de casa, o barulho dos passos. A nossa casa era cheia de sussurros, amor, a nossa casa não tinha paz. Por que eu tô assobiando? É prá dor, amor, é prá dor passar. (Deita-se) Tá doendo muito, e eu não tô me agüentando mais. Já, já tomei remédio, tudo quanto é remédio. Eu quero voltar prá casa agora. Não precisa ficar preocupada, o táxi vai passar e tudo vai acabar bem. Não, eu não vou dormir, eu não vou dormir e perder o táxi. Ah, como dói, como dói. E logo nas pernas.

(Assobia. Deixa pender o telefone. Coloca o telefone em seu peito. Vira-se de lado, encolhe-se de dor e o fio do telefone arrebenta. Fica uns instantes gemendo. Após recobra um pouco a lucidez e olha para o telefone arrebentado. Fala “Ah não, arrebentei o fio do telefone” Brinca: “Agora tenho um telefone sem fio.” Tenta conseguir linha, chamando a telefonista. Desiste. Fica uns instantes olhando para o teto e fala:)

- Eu preciso ficar acordado prá ir embora daqui. Que horas, que horas são? O rádio, o rádio. (Esforça-se para pegar o rádio, empurrando a cama com seu corpo. A dor e o assobio novamente. Desiste. Pára e tenta novamente. A cama empurra a mesa e afasta o rádio dele. Ele se ergue e vai pegar o rádio e cai. Dor, muita dor. Novos assobios. Começa a transformar o assobio em uma música, música linda e sofrida :

Eu quero o amanhã,  
mais perto da mulher.  
E tudo vai ganhar  
a luz e sua cor.

Eu sei que tudo vai  
ganhar sua razão  
quando a manhã chegar  
trazendo a mulher.

Eu aqui tão longe  
de tudo que sonhei  
então vou me encontrar  
co'as luzes da manhã.

(Volta a soar a melodia com os lábios agora. Retoma a sua busca pelo rádio. Consegue pegá-lo e fica trocando faixas em busca da hora certa. Canta as melodias que encontra. Resmunga “Horas, horas.” Larga o rádio, e, murmurando, a melodia de sua música, arrasta-se pelo quarto, economizando o uso das pernas. Fica dando voltas como se pensasse, como se estivesse pensando:

- Se meu pai estivesse aqui, o que ele faria? Com certeza ia me chamar de burro. O que eu tenho que fazer agora. Eu preciso... Amanhã é aniversário de meu filho. Eu tenho que estar lá. Eu nem devia ter vindo prá esse enterro, prá esse encontro de família. Eu tenho já minha família. Eu tenho já minha casa. Prá que voltar? Prá que voltar? Ela me disse prá ir, disse que era importante. E eu vim. Meu amor disse que importante prá eles e prá mim. Que ninguém é sozinho nesse mundo. Que é preciso estar junto algum dia. Ah, eu lembro bem do que ela falou. Agora eu lembro. Disse também para não jogar futebol. Ela disse tudo isso. Mas como ela sabe disso tudo? Por que eu tenho um corpo tão fraco? Não posso jogar, não posso correr. Tenho que ficar parado, sempre. Um homem parado. Daí eu vim prá aqui e vi com meus olhos que eu deveria ter vindo mesmo. Eu toquei violão com eles, eu toquei prá todo mundo. Canções antigas, as mesmas de sempre. A gente estava junto. O pai pelos cantos me olhando. Eu era seu filho naquela hora. Não adiantava mais querer ser filho

de tio Ivan. Meu pai me olhava e via a música, a música chamando toda aquela gente. Em casa eu sempre tocava violão e nada. Fui tocar prôs outros mundo afora e o pai falando sozinho pela casa. Agora eu toco o violão, os outros cantam e meu pai me rodeia, um sorriso preso em seu rosto. Eu quero voltar prá casa e contar isso. Eu quero dizer prôs meus filhos o que eu fiz, a festa na morte de tio Ivan. Tio Marculino, Tio Bodê, Tio Waltinho, Tio Fafá, Tio Guilhermão, todos viúvos e sem filhos. (Pega a caixa do vilão, tira o violão e toca, enquanto vai fazendo as vozes dos tios.)

-Toca esse negócio, garoto.

-Toca uma valsa-rancho.

- Ele não conhece as músicas, ele não conhece nada.

- Também, só música de velho...

- E tu é o quê, mocinha?

- Vamos tratar de nos entender, pelo menos hoje.

- Mas o garoto vai tocar ou não?

-Toca uma valsa-rancho, eu já disse.

- É, o Ivan, o Ivanzinho doido gostava disso.

- Quem será que vai ser o próximo, quem?

- Deve ser tu que tá agourando.

- É melhor morrer que ficar contigo.

- É o que tua mulher dizia.

- Ê velharada grossa.

- Velho não, que velho é trapo.

- Mas o menino, vai tocar essa viola ou não?

- Fala prô pai dele, fala prô pai dele.

- Você quer que a gente peça prô teu pai? Quer é?

- Vamos, garoto, vamos: a gente quer um pouco de vida aqui.

(Começa a tocar a introdução de uma valsa-rancho. Pára e ri. Vai guardar o violão mas retoma e canta toda a sua valsa-rancho )

Sobra paisagem/ nesse mundo de gigantes

é tanto chão/ que eu devo ir me embora

e vou deixando/ toda a terra sem sementes

é tanto pasto, e nenhuma criação.

Adeus, adeus, campos de saudades  
Rios que secaram, céus de estação  
Adeus, adeus, campos de saudades  
Rios que secaram, céus de estação.

Da m'nha janela, só ficaram as lembranças  
Dos dias quentes que eu perdi em pensamentos  
O sol na cara já queimando os meus cabelos  
E os dias todos escorrendo noite afora.

Adeus, adeus, campos de saudades  
Rios que secaram, céus de estação  
Adeus, adeus, campos de saudades  
Rios que secaram, céus de estação.

Meus companheiros, cada um em sua janela  
Ficam olhando para os céus das madrugadas  
Estão pedindo que alguém nos céus responda  
Estão pedindo que ninguém vá se embora.

Adeus, adeus, campos de saudades  
Rios que secaram, céus de estação  
Adeus, adeus, campos de saudades  
Rios que secaram, céus de estação.

(Ri. Guarda o violão. E ao tentar se levantar imita os tios velhos)

- Que é isso, garoto, que é isso?
- De quem é essa música, de quem?
- Moleque... tá zombando de nós?
- Parece o velho Ivan, que Deus o tenha.
- O teu pai não te deu juízo não?
- Ê guri danado, fazendo essas coisas.
- Eu só sei música de rádio. Essa é de rádio?

- Só podia ser filho do Feliciano, sobrinho do Ivan.
- Vamos ver se é esperto no futebol, já que não toca nada.

( Ele se ergue e vai retornando para a cama , ensaiando uns movimentos de futebol. Joga-se com dor na cama, rindo de desespero. Fala consigo “Quero horas são, que horas são.” Começa a rir de novo. Fica sentado na cama e começa a olhar tudo em volta, as malas o violão, o relógio no chão e enfim a janela onde o dia vai amanhecendo. Vem seu desabafo:

-Eu não devia ter voltado!!! Tio Ivan já morreu e o pai tá virando tio Ivan. Esse bando de tios viúvos e sem filhos reunidos cada um em sua vida. E eu com eles. Sabe o que é um monte de homens sozinhos juntos? Um monte de homens, apenas isso, uma conta fácil de se fazer. Eu deixei minha mulher e filhos prá ser babá deles. Vim aqui para ver o quê? Uma fila prô fim? Não, eu vou sair daqui, eu moro longe. Fiquei muito tempo com esses homens. Daqui a pouco tô falando sozinho, falando muito, igual um rádio.(Pega as malas e vai levá-las para junto do violão, uma por vez. Dificuldades e cansaço em carregar. Pára e descansa a cada vez.) O Tio Ivan eu gostava. Mas no meio deles o que virou? Sabe como morreu tio Ivan? Deram uma festa na casa dele. Todos os irmãos foram. O pai foi e ficou pelos cantos vendo as pilhas de revistas. Na hora de comer, cadê tio Ivan? Tinha sumido. Procuraram por toda a chácara. A tarde se foi, a noite também. Revistaram cada buraco, cada árvore. Ao fim da madrugada, de manhãzinha mesmo ouviram uma voz miúda, fraca, fraca, tremendo de frio. Chegaram no barranco do rio e lá enfiado estava tio Ivan com um relógio na mão dizendo prôs tios que o olhavam assustados: “Que horas são? Que horas são? Que horas são? ” Foi até ao hospital assim, segurando seu relógio. Os tios falando em seus ouvidos e o pai andando de um lado para o outro também falando sem parar. Mas tio Ivan não arredava o pé: “Que horas são? Que horas são? ” É hora é de ir embora, ir de sair daqui já!

(Com tudo arrumado, vai para a janela esperando ver o taxista. Depois alguns instantes, após ver o tal taxista parado lá fora, grita em desespero:

- Ei, ei, aqui ó, aqui em cima. Ô, ô: aqui , aqui. Já vou, já vou, já tô indo. Me espere, me espere. Já tá tudo arrumado, eu já tô descendo. Espere aí, espere aí, ó. (Sai com pressa da janela em direção da porta. Em frente da porta pergunta-se pela chave. Procura na fechadura, nos bolsos, grita pela chave, olha em volta, olha para as malas, para a cama, fica um pouco desanimado e volta-se para refazer seu caminho.

- Eu entrei, deixei as malas na mesa, abri as malas, me vesti, fechei as malas, deitei, atendi o telefone, o telefone! Não dá prá chamar a recepção! Estou trancado aqui! Vou ter que ficar nessa cidade com meus tios! Não, não vou ficar!.

(Deita-se de bruços na cama, passa a mão debaixo da cama. Ergue-se tira o lençol, tira o colchão, ergue a cama joga tudo no chão, revira o quarto. Pensa nas malas e vai em direção delas. Começa a desarrumar as malas, procurando as chaves, as roupas todas espalhadas pelo chão e na cabeça dele. Ele começa a rir no meio dessa confusão. Ele vira um monte de roupas. Fica uns instantes nessa posição. Até que ouve o barulho vindo de baixo. Ele lança prá longe de si as roupas e se aproxima do chão para ouvir o morador de baixo. Sons de coisas jogadas: travesseiro, colchão, sapatos, malas.

Ele ouve tudo e começa a rir da loucura. Olha em volta de sua destruição, olha medindo tudo que aconteceu, a perda de controle. O olhar mede as coisas fora de lugar e calcula o esforço para tudo ser refeito.

Ele tira o violão da caixa e começa a tocar um mesmo acorde de introdução de uma música que não vem. Após, volta a sussurrar sua melodia de paz, de autocontrole. Pára de tocar, vai recolhendo tudo novamente nas malas e relata como se recitasse:

Tudo se fechou  
E a noite já se fez  
É hora de voltar  
De onde se saiu

Tudo é sua vez  
É hora de cumprir  
Se a noite é amanhã  
O dia não partiu.

As coisas prá vestir  
Os pés prá se andar  
Renova-se a visão  
Dos dias que se vão.

A noite é prá dormir  
Não há outra razão  
Até a madrugada  
Encolhe-se de frio

E busca nessa noite  
Da própria escuridão  
A cama mais famosa  
Para se esconder.

Tudo se fechou  
Tudo se cumpriu  
Os homens não ouviram  
A rádio, a rádio maior.

Se a noite é amanhã  
E o dia já chegou  
Acordem, acordem  
Ouçam minha voz.

( Depois de tudo ter sido recolhido, ele fecha o violão na caixa, abraça uma mala. E fica esperando.

Após alguns instantes, ele ouve ruídos da vida lá fora, os carros passando, pessoas nas ruas. Sirene de polícia. Ouve depois os sons do apartamento do morador de baixo: microfonia, chiado de rádio fora de ar, passos, correria, ruído de perseguição policial. Tiros. Grito e um corpo tomando no chão.

Coloca o ouvido no chão e fica gritando sem parar “Tá tudo bem aí? Tá tudo bem?” Há batidas em sua porta. É o taxista que chama: “Moço, o táxi, o táxi. O senhor combinou e eu vim. Vamos, vamos embora, seu avião vai partir, a gente tá na hora. Eu levo o senhor. Moço, o táxi, o táxi: lembra? ”

A luz das perclanas chega ao máximo. A manhã. E bruscamente apaga-se. Ruídos de mudanças das faixas do rádio e depois de faixas fora do ar. )

## EPÍLOGO

Cenário que funde todos os espaços anteriores: persianas, cama, mesa, rádio, pilhas de fitas, latinhas de cerveja jogadas no chão, malas, muletas e o violão.

Ao som de música orquestral que abre shows de auditório, entra um homem vestido a rigor – cartola, fraque, bengala. Depois vinheta da *Rádio maior*. Ele vai se dirigir diretamente para o público, saudando-o e pedindo palmas, como agradecimentos iniciais à sua performance. Seus movimentos são sempre ágeis quase dançados, como se estivesse a qualquer momento realizando um número musical. A ‘sedução’ tem início...

- Então vocês saíram do quarto, heim? Conseguiram vir aqui. (Apontando com a cabeça em volta dele) Tem gente que não consegue sair de casa, não é mesmo? Tem gente muito estranha, muito horrível nesse mundo. Vocês sabem o que isso? Vocês já viram alguém assim? (Olha para platéia, para cada um da platéia). Eu vejo sempre, eu sempre estou vendo alguém estranho, horrível de estranho. (Começa a se dirigir para a platéia, no meio dela, falando enquanto olha para alguém em particular. Vez por outra pára nesse alguém como se estivesse conversando com o escolhido. Daí logo se afasta e toma outro de refém ) Não dá medo quando a gente vê alguém assim? Não dá vontade de se esconder, gritar, fugir? Que ridículo, não é? Ridículo! Você não faria isso, não é? Pensa bem, se alguém que você tem medo se aproximasse você não iria sair correndo, assim como um doido pelas ruas? De jeito nenhum! O melhor não é ficar esperando até ver o que acontece? (Volta-se para outro membro da platéia) E por que você não foge, heim? Por que não vai embora? Diz , diz prá mim, o que te segura aqui? Tem alguém aqui te segurando? (Ergue a cabeça, procurando) Tem alguém aí? (Para outro) Ah, mas você deve ficar, tem que ficar... Você sempre fica. Pode ser constrangedor, pode ser a pior coisa do mundo, mas ali está você, sempre em seu lugar, o lugar todo seu, parado, imóvel, pensando, pensando muito, o tempo inteiro. (Para outro) Esse é você, não é? Esse é você, agüentando tudo, como se fosse a única pessoa do mundo, a única pessoa que foi escolhida para ficar assim.(Para outro) E o que você quer com isso? Me diz? Qual o seu plano? Por que você ficou todo esse tempo ali parado? Você esperava o quê? Você espera que ele fosse embora? Você espera que ficar livre do estranho? Era isso, o que você pensava? Era isso, não é? (Para outro) Como você pode pensar desse jeito? Como você pode acreditar nisso? Ou



você acha que depois de ter ficar tanto tempo assim em frente dele que ele iria embora sem mais nem menos? Fala, fala prá mim. Diz tudo: qual era seu plano? O que você pensava enquanto ficava parado em frente daquela criatura? (Para outro) Você queria era sentir a ameaça, não é mesmo? É isso, eu vejo em teus olhos. Por isso você nem fugiu ou gritou. Você queria ver até onde agüentava, você não queria que ele fosse embora para sentir a ameaça. Isso mesmo, um em frente do outro, esperando quem ataca primeiro, que vai prá cima, olho por olho, tudo como você sempre quis. (Para outro) Foi isso que eu vi, meu filho, assim mesmo, você parado no meio do nada, olhando para o infinito esperando não sei o quê. Daí eu tive essa idéia, daí eu pensei muito nisso. A noite inteira fiquei pensando nisso. Você sabe o que é perder uma noite inteira pensando no que viu na rua? (Para outro) Você, foi você mesmo que me fez pensar até perder o sono. “Eu, por que eu?” E por que não? Você mesmo, meu filho, você mesmo. Eu vi você ali parado de frente prá aquela multidão de gente passando na rua. Você se perdeu da mamãe? Você quer voltar para casa? Tá dodói? (Para outro) Tadinho! Vamos ter pena dele. Vamos todos juntos dizer ‘tadinho!’ (Dizem) Isso é o que você sempre quis de todos nós. E a gente vai fazer isso por você. Ameaça e carinho, tudo junto, tudo misturado. Papai e mamãe. Vovô e vovó. Tô triste, quero brincar. (Para outro) Ah, eu não agüento isso, eu não agüento gente assim. (Retorna para o palco) Vai, toma, leve o que quer, vai embora, sai. Não dá prá agüentar gente que pede, que implora, que nega, que atravessa o caminho. Vai, volta prá casa, vai prô teu quarto. Sai da rua, senão eu passo por cima. O que tá fazendo aqui, heim? O que tá fazendo aqui parado me olhando? Vai pedir perdão? Vai implorar colo? Vai chorar e sofrer? Sai de casa, meu filho, sai do quarto. Desliga o rádio e sai do quarto. (Zombando, brincando com as palavras, com o ritmo das palavra) Papai, papai/ mamãe, vovó. Papai, papai / mamãe vovó. (De frente para todos) Ah, chorões, ah criaturas das noites sem sono, bichos em gaiolas de bebês: vão embora, já viram tudo, já viram nada. Vão embora e aprendam a viver! Da próxima vez que eu encontrar algum de vocês no meio da rua olhando para mim, querendo colo...(Vira-se, dá as costas para a platéia e sai) ... ah vocês nem queiram saber, nem queiram mesmo... (Sai rindo, balançando a bengala e murmurando a melodia do terceiro personagem. Luz de dia, sons da vinheta da Rádio Maior, da vida nas ruas, dos carros, da polícia, da correria e dos tiros. )



NÃO ME ESQUEÇA DE MIM  
( 2003)

PERSONAGENS

ELE - homem de 30 anos, bem vestido, barba feita.

AMIGO- homem gordo, baixo, 30 anos, jeans, informal.

GARÇOM de restaurante fino.

CASAIS

POLICIAIS

*Restaurante sofisticado. Homem de trinta anos espera alguém chegar. Está usando um terno. Um copo de água na mesa. Ele recusa oferta de cardápios e outras solicitações do garçom. Olha outras mesas. As pessoas comendo, conversando. Outros pedindo a conta. Na maioria casais. Ele olha para o relógio algumas vezes e nada. A demora, o atraso. Não ter ninguém para falar. Ele poderia estar em outro lugar agora. Vontade de levantar e ir embora. Por que não? Por que marcou esse encontro? Por que ter de ficar ali esperando quem nunca chega? Um erro – foi tudo um erro. O copo d'água em cima da mesa. Nada mais que um copo com água cristalina e parada sobre a mesa. Enquanto ele se detém no copo, cabeça baixa, cansado, chega em ritmo alucinante o seu amigo, vestindo jeans, cabelos desalinhados, barba por fazer.*

AMIGO (Vendo o copo d'água e o desânimo do outro. Sentando-se logo como que para tapar o erro. Vai sentando e observando a pompa do lugar.)

Já pediu? Nem me esperou prá pedir? Tá vindo a conta, não é? Eu não vou pagar nada! Não consumi. Eu não vou pagar...

ELE

Calma, calma! Não pedi ainda. Por que você demorou tanto?

AMIGO

Tu não podia ter escolhido um lugar mais barato, heim? Sabe quanto eu ganho? Tu deve tá ganhando uma nota prá...

ELE

Aqui não é tão caro assim. E é só de vez em quando.

AMIGO

Ah, então tu já veio aqui outras vezes! Tá querendo se mostrar prá mim, logo pro teu amigo aqui! Eu te conheço, eu te conheço, seu fresco.

ELE (Pede pro garçom vir.)

O cardápio, por favor!

AMIGO (Vendo em volta.)

Mas só tem gente boa aqui, só gente fina. Olha aquela dona lá, de vermelho. Parece um tomate cheio de brilhante.

ELE

Fala baixo: ela pode ouvir.

AMIGO

E daí: é prá ouvir mesmo. Só se além de gorda ela for...

(Chega o Garçom com os cardápios. Daqui para frente ele sempre ficará com um bloquinho de notas esperando escrever os pedidos. Este ato é sua segurança.)

ELE

Obrigado.

AMIGO

Dois? Prá que dois livros? É biblioteca é?

GARÇOM

Um é o cardápio, o outro a carta de vinhos.

AMIGO(Para ELE.)

Mas não tô falando?!? Meu amigo virou fresco mesmo!...

ELE

Escolhe, escolhe o que quiser.

AMIGO (Fecha os dois livros.)

Escolhe tu. Eu como o que tu quiser.

ELE

Tudo bem. (Folheando.) Então deixa ver... deixa ver...(Amigo olha rindo para o Garçom que fica em pé esperando anotar os pedidos.) Esse aqui... não, não... esse outro... (Cochichando) Do que você tá rindo? (Amigo rindo sem parar, até gargalhar e

bater com a mão na mesa, enquanto Ele pergunta. Garçom sente-se desconfortável, depois ofendido com a situação. Na medida em que o Amigo vai rindo, fica apontando para o Garçom. Ninguém entende nada. As pessoas das outras mesas observam tudo reticentes, sem entender também, com sorrisos amarelados.)

GARÇOM

Vão pedir uma entrada ? (Neste momento é o auge da gargalhada do Amigo. Garçom se afasta humilhado anotando tudo. )

ELE

Por que você tá rindo como um louco? Quer que expulsem a gente daqui?(O AMIGO se recompondo.)

AMIGO

Eu não consigo parar, eu não consigo!

ELE

(Começando a rir um pouco.) O que que foi?

AMIGO

(Se recuperando mais.) O garçom... o garçom...

ELE

(Tentando acompanhar.)

Sei, sei... ele... o que que tem ele?

AMIGO

Parece contigo! Um fresco como tu! (Volta a gargalhar.)

ELE

Como é que é?

AMIGO

Fresco!!! (rindo) Uma boate gay!

ELE

Fala baixo! Olha os outros!

AMIGO(Levanta-se e fala alto.)

Isso aqui parece uma boate gay! (Gargalha e se senta gargalhando.)

ELE

Você quer ir embora?

AMIGO

Isso é um convite? (Gargalha. ELE ri também.)

ELE

Vai, vai rindo...

AMIGO

Tu e teus amiguinhos bichas!

ELE

Você não mudou nada.

AMIGO (Limpando as lágrimas de tanto rir.)

Nem tu, cara, nem tu.

ELE

Será que não consegue falar sério um minuto?

AMIGO(Se restabelecendo.)

Ah, já passei da idade disso. Faz tempo.

ELE(Tentando chamar o Garçom.)

O cara lá deve tá uma fera.

AMIGO

E desde quando tu tem medo de cara feia? Não tá pagando? Então tá no direito.

ELE

É, mas acontece...

AMIGO

Acontece é merda nenhuma! Se tu entra num lugar, tu tem dinheiro, tá com as contas em dia, tu não deve nada prá ninguém não.

ELE (Garçom chegando meio a contragosto, querendo manter sua pose.)

Sei, mas...

AMIGO

Agora, se começar a abaixar a cabeça prá um, prá outro, vai ter que abaixar a cabeça prá todo mundo. (Pegando o cardápio) Daí vai ter que agüentar tudo, calado, sem dizer nada, com a maior cara de bunda. (fazendo gesto com a cabeça para o garçom e entregando-lhe o cardápio) Me traz o 44. (Para Ele) É isso que tu quer, heim, é isso que tu quer prá tua vida?

GARÇOM

E o senhor?

ELE

O que é o 44?

AMIGO (Pega o cardápio de Ele e o dá para o Garçom.)

Tu não mudou nada. Sempre querendo as minhas coisas. (Para o Garçom.)  
Traz prá ele o que eu pedi.( Garçom olha para um e para outro, anota o pedido e sai.)

ELE

Mas o que você pediu?

AMIGO

Deixa comigo. Quando chegar tu vê.

ELE

Sem surpresas, viu? Sem surpresas!

AMIGO

Tu tá mudado, tu tá muito é muito fresco.

ELE

Por quê?

AMIGO

Olha essas roupas...quem te viu, heim...

ELE

Passado é passado.

AMIGO

Agora taí todo fresco, vestido igual gente fina.

ELE

Um dia as coisas precisam mudar.

AMIGO

Prá sustentar isso tu deve tá bem empregado...

ELE

Olha, eu resolvi te chamar aqui...

AMIGO

Me chamar? Eu vim por que quis! Quem é tu prá dizer o que eu devo fazer?

ELE

Não, você não tá entendendo...

AMIGO

Agora eu sou burro é? É só botar a bosta de um terno que virou inteligente?!

Não esquece que...

ELE

É justamente isso. É por isso que eu queria falar com você.

AMIGO

Eu te tirei de muita, cara, de muita. Sem mim tu não...

ELE

Deixa eu falar, deixa eu falar..

AMIGO

Tudo prá depois tu vir aqui me chamar prum lugar desses e ficar...

ELE (Pega na mão do Amigo.)

Me ouve, me ouve.

AMIGO (Olha para a mão de ELE e vê o anel de casado.)

Que é isso? (Puxa a mão dele.) Tu casou?

ELE

É, é também sobre isso...

AMIGO

Tu casou e não me disse nada? Não me chamou pro...

ELE (Puxando sua mão de volta.)

É sobre isso...

AMIGO

Tu é um bosta mesmo! A bosta de um fresco de merda!

ELE(Esticando-se na cadeira.)

Por isso que eu não te convidei! Por isso!

AMIGO

Ah, então a culpa é minha. Tu é um escroto e eu que...

ELE

Fala baixo! Senão a gente...

AMIGO (Se levanta como para ir embora. Fala alto. Nisso, alguns casais começam a ir embora.)

A gente o cassete! Seu bosta! Como é que tu faz isso comigo? Essa eu esperava, viu? Nunca!

ELE (Levanta e tenta fazê-lo sentar.)

Calma, cara. Vamos conversar. A gente...

AMIGO

Tira a mão de mim, seu bosta! Depois de tudo o que eu fiz por você, depois de tudo que a gente passou junto!

ELE (Se senta.)

Se quiser conversar, tudo bem. Por mim tanto faz.



AMIGO

Ô garçom, garçom: traz cerveja pro traíra aqui. E vocês, seu bando de fresco, tão olhando o quê?(Senta-se.)

ELE

O negócio é o seguinte...

AMIGO

Não tem papo, cara, não tem papo não. Vou tomar umas aqui e pronto.

ELE (Enquanto isso, o Amigo pega o copo de água e vai beber.)

Tudo bem. Você que sabe.

AMIGO ( Cuspindo pro lado o que bebeu.)

Que merda é essa? Água?

ELE

É. Eu não bebo mais. Faz tempo.

AMIGO ( Bate com o copo na mesa.)

Que merda! Agora tu se fresqueou de uma vez.

ELE

Eu parei de beber uns três anos atrás.

AMIGO

Jura? E faz o que agora? Dá a bunda? Já sei: tu casou é com um homem, seu fresco, tu casou com outro macho!

ELE

Por que você sempre...

AMIGO

Eu te conheço cara, eu tenho conheço muito bem... Se não fosse por mim, tu já tinha é virado...

ELE

Me casei bem, com uma mulher fantástica, maravilhosa!

AMIGO

E qual é o nome da vagabunda?

ELE (Chega o Garçom com as bebidas. Responde com certa raiva.)

Tu não precisa saber. Essa tu não vai conhecer.

AMIGO (Pegando a garrafa e o copo das mãos da bandeja do Garçom. A partir daqui vai fazer gestos típicos como arrotar, passar a mão na barriga, levantar a camisa e mostra a barriga, mexer nos órgãos genitais, enfiar o dedo no nariz.)

(Para o Garçom.) Me dá logo essa merda! (Para Ele.) Então é por causa da vagabunda que tu sumiu, largou todo mundo!?!

ELE

Você não mudou nada. Sempre tratando mal todo mundo, sempre...

AMIGO

Blá, blá, blá,blá,blá. Parece uma mulherzinha. Seu fresco! (Bebe e se delicia.)

Ahh, coisa boa...

ELE(Para o Garçom.)

Um suco!

AMIGO

Eu não acredito que tu não beba mais! Tu era mole prá bebida, mas largar assim tudo, de uma vez.

ELE

A gente não precisa ficar a vida inteira fazendo a mesma coisa.(Para o Garçom) De laranja.

AMIGO

Por isso que ta amarelo. Tu sempre amarelou mesmo...(Bebe mais.)

ELE

Eu não precisava mais...

AMIGO

Tu tá ouvindo o que tu ta falando?

ELE

Como assim?

AMIGO

Presta atenção: olha o jeito que tu fala.

ELE

Sim.E daí?

AMIGO

Não parece coisa de homem não, todo se arrastando, com medo, fraco.

ELE

Isso é coisa da tua cabeça!

AMIGO

É só ouvir bem, viu, é só se concentrar. E tu vai ver como tu virou uma merda. (Para o Garçom que chega com uma jarra de suco de laranja. Durante a cena, o Garçom fica enchendo o copo de Ele.) Mais uma cerveja, viu! E rápido.

ELE

Então é isso: eu te chamei aqui...

AMIGO

Viu? Não disse?

ELE

O que? O que você disse?

AMIGO

O jeito que tu tá falando...

ELE (Apontando a bebida do outro.)

E eu é que sou fraco...

AMIGO

Cara, tu falando igualzinho quando a gente tinha quinze anos.

ELE

Como é que é?

AMIGO

Tô te dizendo. Igualzinho!

ELE (Bebendo o suco.)

Sei, sei, sei.

AMIGO

Tu só bebia guaraná e tinha medo de tudo. Era um bosta.

ELE

(RINDO) Isso eu não lembrava.

AMIGO

Vivia fugindo prá não apanhar ou...

ELE

Ou o quê?.

AMIGO

Tu sabe... essas coisas de fresco...

ELE (Enquanto fala chega o Garçom, estranhando.)

Mas que merda! Tu só sabe falar em viado, puta e bebida e...

AMIGO (Pega a cerveja de novo da mão do Garçom e se serve. Garçom sai. Ironizando.)

Fala baixo! Senão as pessoas...(Bebe de um gole) Ah, essa merda tá gostosa!

ELE

Agora vai ficar aí me sacaneando o tempo inteiro?

AMIGO

Nhemnhemnhemnhemnhemnhem!

ELE (Jogando o guardanapo que está em seu colo na mesa.)

Prá mim chega. Escuta o que tenho prá te falar.

AMIGO (Zombando. Uma galinha abrindo as asas.)

Chega! Chega! Chega!

ELE

Eu te chamei aqui prá esclarecer tudo, prá gente resolver essa situação.

AMIGO (Fazendo as asinhas de galinha. Rindo.)

Prá esclarecer, (Girando as mãos.)prá esclarecer...

ELE (Chega o Garçom trazendo a entrada. Torradas e patês.)

Não dá mais prá continuar assim!

GARÇOM

Entrada, senhor?

AMIGO (Rindo. Fazendo movimentos com os braços como de sexo.)

Entrada! Entrada!(Garçom sai. Anotando tudo.)

ELE

Eu não quero mais que você apareça mais lá no meu trabalho, entendeu?

AMIGO (Rindo. Pegando as torradas e passando patê nelas.)

Tudo bem, tudo bem.

ELE

O pessoal já tá me enchendo o saco, pergunto um monte de coisa!

AMIGO (Diminuindo o riso e se concentrando em passar patê nas torradas.

Uma por uma.)

Tô sabendo, tô sabendo.

ELE

Será que você não consegue entender que tudo mudou? Que eu me casei, que eu tenho minha vida?

AMIGO (Termina de passar patê em todas as bolachinhas.)

Grande vida!

ELE (O Amigo começa a fazer montinhos, muros com as bolacinhas.)

E eu tô contente, tô feliz. E não quero de jeito nenhum que nem você nem ninguém atrapalhe nada. Nada, ouviu? Nada!

AMIGO (Vai juntando os muros em uma pilha.)

Tô entendendo, tô entendendo. (Para o Garçom.) Garçom!

ELE

Eu nunca estive tão bem, cara, nunca! Se você é meu amigo, se você é meu amigo mesmo, você devia...

AMIGO (Para o Garçom que chega com seu caderninho.)

Tu tá muito ocupado? Pode me dar uma opinião?

GARÇOM

Sobre a comida? Quer que troque a...

AMIGO

Não, seu merda!

ELE

Você não precisava...

AMIGO (Para Ele.)

Cala boca! Não tô falando contigo! (Para o Garçom.) Eu queria que tu me dissesse, com toda sinceridade... Tu pode fazer isso?

GARÇOM (olhando para os lados. O restaurante esvaziado.)

Eu não sei... eu preciso perguntar pro...

AMIGO

Tu não precisa nada! Só me responda isso.

ELE

Deixa o cara!

AMIGO

Eu já disse pra tu ficar quietinho!

GARÇOM

Não é o procedimento da casa conversar com...

AMIGO

Escuta aqui seu bosta: tu vai ficar a vida inteira abaixando a cabeça pros outros?

ELE

Sempre a mesma história!

AMIGO

O negócio é simples! Eu só quero uma opinião tua, uma opinião de homem, de macho! Tu consegues?

GARÇOM

Sobre o quê o senhor...

ELE (Para o Garçom.)

Você não precisa...

AMIGO

É o seguinte. Escuta: tu és amigo de um cara durante anos. Tu vives com ele ali ó dia e noite, noite e dia. Tá me entendendo?

GARÇOM

Perfeitamente!

ELE (Pegando umas bolachinhas.)

Vai, conta pra todo mundo essa merda de história!

AMIGO

E tudo era festa! Não tinha tempo ruim não! A qualquer hora do dia o cara podia contar contigo. Tu não fazias plano pra nada! Era só tocar o telefone e dizer pra onde ir !

GARÇOM

Prá onde ir! ãhã!

AMIGO

E se pintasse sujeira, se pintasse confusão, tu ficava ali firme, segurando o que viesse com o cara, viu, dando e levando porrada, fugindo da polícia, correndo de dono de puteiro, tudo porque o viadinho, o fresco de merda não sabia se virar sozinho. Mas tu tava lá pra isso, pra garantir que ele voltasse pra casa limpo, com os dentes na boca e o rabo numa boa.

GARÇOM (Rindo. Anotando.)

O o quê!...(Olhando para Ele.) Me desculpe...(rindo)

ELE (Falando com a boca cheia. Para o Garçom.)

Já que tu resolveu escutar, presta atenção, presta atenção que depois é minha vez!

GARÇOM

Mas...(Amigo puxa o Garçom pelo braço para que ele o ouça.)

AMIGO

Daí um dia, sem tu esperar, o fresco some, desaparece, não quer mais te ver. Então, tu preocupado vai atrás dele, procura saber o que tá acontecendo. Afinal, é o teu amigo, tantos anos juntos. Tu quer ajudar e só aí descobre tudo, tudo de uma vez só.

GARÇOM (Coçando a cabeça.)

Quem é que ...

AMIGO

Fica quieto! Ouve. E aí tu descobre que tava atrapalhando, que não serve mais pro fresco de terno e gravata e uma mulherzinha em casa. Tu sabe agora que perdeu toda a sua vida se arriscando por um merda, por um bosta de um fresco que não teve a coragem te dizer na cara que agora não precisava mais dele, que agora as coisas eram diferentes, que tudo mudou prá melhor, e o melhor era não precisar mais ter um cara como tu do lado dele.

GARÇOM (Pára de escrever.)

Sério? (Para Ele.)Você fez isso?!

ELE (Se levantando para ir embora, pegando seu casaco.)

Eu não vou ficar aqui...

AMIGO (Empurrando Ele para ficar. Fala para Ele, se aproximando.)

Me fala agora, aqui na minha cara. Eu quero tua opinião. O que que tu acha de um bosta de um fresco desses, heim? O que tu acha que esse bosta é?

GARÇOM

Bem, eu não sei se...

ELE (Empurra, afasta o Amigo.)

Eu acho que ele fez o certo, eu acho que ele fez o que devia fazer.

GARÇOM

Mas como assim? O amigo dele...

AMIGO

Amigo? Que merda de amigo é esse? O fresco nunca, nunca foi amigo dele. Um covarde, sempre a bosta de um covarde de merda. Porque, se fosse um homem, um homem de verdade...

ELE

E o que que tu sabe sobre ser um homem de verdade?

GARÇOM

Agora a coisa complicou!(Se afasta.)

AMIGO (Para o Garçom.)

Vai e volta logo com minha cerveja. Hoje eu quero ir até o fim.

ELE(para o Garçom.)

E vê se os pedidos tão prontos. Que eu já tô prá ir embora.(Garçom olha desconfiado para a mesa. Sai anotando.)

AMIGO

Tu já vai? A mulherzinha tá chamando?

ELE

Não dá prá conversar! Realmente não ...

AMIGO

Quem é ela? Eu conheço?

ELE

Não vou dizer! Não te interessa!

AMIGO

Eu devo conhecer. Por isso tu não quer me contar.

ELE

Tu não conhece. Tu não sabe de nada!

AMIGO

Deve alguma vagabunda muito boa prá tu ficar escondendo.

ELE

Tu não respeita nada, ninguém.

AMIGO

Mas olha quem tá falando!?! O maior escroto que eu conheço! Traíra! Amigo de merda! Casou e nem...

ELE (Chega o Garçom.)

Ela não quis, viu? Ela não quis que tu fosse. Tá bom agora?

AMIGO (Ira. Pega a bebida.)

Ah, seu fresco! Agora tu vai ter que me contar tudinho. Eu quero saber quem é essa vagabunda!(Pessoas da mesa estremecem. Um homem se levanta mas é contido pela mulher.)

ELE

Mas não foi só ela que não quis te convidar. Eu também quis. Eu também.

AMIGO



Como é que é?

ELE

A cerimônia, a festa – tudo foi perfeito.

AMIGO (Para o Garçon)

Viu? Não disse? O fresco aí se desfazendo de mim, bem na minha cara!

GARÇOM (alheio a tudo. Sempre anotando.)

Os pratos vão ser servidos dentro de...

ELE

Foi a melhor coisa que me aconteceu, cara. Você devia estar feliz!

AMIGO

Não tô dizendo? Sem mim tudo fica ótimo, fantástico, maravilhoso. Uma viadagem só. Depois de tudo que eu fiz, é isso o que eu ganho...

GARÇOM (Olhando desconfiado.)

É uma pena! Dois amigos...

ELE (Tentando influir nos sentimentos do outro.)

Foi a melhor noite da minha vida, cara. Você não entende? Eu... nasci de novo, cara, eu nasci de novo! E até hoje eu não esqueço, não há como esquecer tudo o que...

AMIGO

Mas do amigo sim, dá prá esquecer, passar prá trás por causa da bosta de um casamento, coisa de viado, bicha, puto, fresco de merda!!!

GARÇOM (Olhando para Ele.)

É?

ELE

Mas prá que essa revolta toda por um negócio que tu odeia? Prá que eu iria te chamar?

AMIGO (Meio confuso, tentando encontrar uma justificativa.)

Por reconhecimento... gratidão... respeito.

GARÇOM (Rindo. Anotando.)

Respeito...

ELE

Tá brincando! Quem é tu prá exigir uma coisa dessas! O cara mais escroto que eu já vi, que nunca diz nada que preste, que sempre vive reclamando, xingando, falando besteira; que é sujo, maldoso e burro, burro como uma pedra; que só faz

merda, merda o tempo inteiro. Tu acha mesmo que eu ia correr esse risco de tu me envergonhar justamente, justamente...?

GARÇOM (Balançando a jarra vazia.)

Suco? Quer mais suco?

ELE (Para o Garçom.)

E tu, seu putô: pára de ficar enchendo a merda do meu copo! Quando eu quiser mais, deixa que eu mesmo sirvo! Eu não vou embora agora, ouviu? Eu não vou sair correndo daqui sem pagar! Seu bosta! A coisa que mais odeio é esse negócio do cara ficar me enfiando garganta abaixo um troço que eu não quero engolir! Chega! Sai daqui e me traz uma outra jarra de merda!

AMIGO (Rindo.)

Esse é o cara que eu conheço! Esse sim é meu amigo! (Bate nos braços de Ele) Não adianta se vestir e andar como fresco! Casar e tudo mais! Tu é o mesmo, seu merda! Tu nunca vai deixar de ser o mesmo bosta! (Tentando servir o copo de Ele com Cerveja.)

ELE (Tirando o copo.)

Quer parar! Merda! Quantas vezes eu tenho que dizer que não bebo mais!

AMIGO

Prá que essa violência! Tu tá se escondendo do quê? O que tu quer que as pessoas não descubram?

ELE

Que que é isso? Eu não tô escondendo nada! Tu é que fica aí inventando meio mundo. Toma jeito, cara, toma jeito. Quantas vezes eu te disse...

AMIGO

Depois que sujou, tu quer pular fora feito um fresco de merda. Mas comigo não é assim, viu? Tu não vai me largar fora dessa nem querendo.

ELE

Fala baixo, merda! Fala baixo. Não adianta me ameaçar que eu não tô mais nessa.

AMIGO

Foi a vagabunda, não é? Foi ela que fez tua cabeça!?

ELE

Por que tu sempre volta prá ela? Tu nem conhece! Tu por acaso tem alguma coisa contra mulher?

AMIGO

Vai dizendo... pelo menos não era quem beijava homem na boca depois de bêbado...

ELE

Mas eu não sabia que era um traveco. Tu e os outros armaram que armaram. Pagaram pro traveco se jogar em cima de mim prá depois rolar a gozação.

AMIGO

Era teu presente, quinze anos, tua primeira mulher. E tu beijava a boneca com prazer. Parecia que ia casar com ela. Tu sempre foi assim. Com todas as putas que eu te paguei.

ELE

Isso acabou, entendeu? Acabou! Não sou mais a bosta da tua diversão: tu me dando aquilo que tu mesmo queria fazer.

AMIGO

É aí que tu se engana, seu fresco de merda, é aí que tu se engana! Eu não fui parar na porcaria daquela cadeia por ....

GARÇOM (Chega empurrando um carrinho com os pratos. Olhar observador mais atendo para a mesa.)

Prontinho. (Abre as tampas.) Bon apetit!

ELE

Peixe? Quem pediu essa merda?

AMIGO

E o meu suco? Bosta: esqueceu meu suco?

GARÇOM (Conferindo as anotações.)

44! Dois 44! Isso mesmo!

AMIGO

Que 44 o cassete! Leva essa comida de fresco prá lá! Eu quero é carne, viu?  
Carne !

GARÇOM

Mas 44 é...

ELE

Burro! Burro! Não sabe nem escolher...

AMIGO (Para o Garçom.)

Me dá o livro! Traz aqui! Merda! Me dá a bosta do livro!

GARÇOM

Aqui, senhor, ó, pode ver... 44! Peixe ao molho...

ELE

E a bosta do meu suco?!

GARÇOM (Saindo.)

Eu já vou...

AMIGO (Segurando o Garçom pelo braço.)

Não, não: (Pega a bandeja com as comidas com a mão e mostrando para o Garçom) Vai lá e troca essa merda! Entendeu? Eu não vou comer essa bosta branca e mole igual tu ! Vê se traz comida de homem! Homem!

GARÇOM

Mas eu não posso trocar!?!

ELE

Tu já trocou de sexo! Não vai te machucar trazer outra coisa! Carne! Carne, viu?

(Toca o celular de ELE. Nisso o Garçom sai sem levar os pratos.)

AMIGO (Olhando de um lado para o outro até ver que é Ele quem está com o celular tocando)

Celular? Agora tu se fresqueou de vez! (Ele pegando para atender, vendo o número. Sorri. Toca novamente) Quem que é? É ela? (Indo para tomar o telefone. ELE evita o assalto. Toca novamente) Me dá, me dá: deixa eu falar com a vagabunda!

ELE (Se afastando. Atende)

Oi, amor!

AMIGO (Ironizando.)

Amor...

ELE

Não, não... com ninguém ...

AMIGO

Ninguém o cassete! (Enfia a faca no peixe. Fica despedaçando o peixe enquanto o outro fala.)

ELE

Se eu vou demorar?...

AMIGO (Despedaçando o peixe.)

Pode ir embora! Volta prá tua mulherzinha!

ELE

Sei, sei: não vou esquecer. Tá, eu levo.

AMIGO

Prá ela tu faz tudo,não é? Prá ela tu tem tempo!

ELE

Depois eu te ligo. Eu tô resolvendo umas coisas...

AMIGO (Pega com a mão o peixe desfiado e coloca no seu prato. Vai fazendo montinhos, muros.)

O cara virou maridão! Maridão do traveco! Deve ter casado com o travecão lá da...

ELE

(Para a mulher) Espera um pouco!(Põe a mão no fone. Fala para o Amigo.)

Tu quer parar com isso? Tu sabe que eu odeio brincadeira com comida! Pare de me irritar!

AMIGO

Eu não sou tua mulher prá tu ficar falando desse jeito! Vai, volta pro travecão aí e não me enche o saco!

ELE

(Retorna prá ligação, mas fica de olho no Amigo.)

Olha, daqui a pouco eu te ligo. Tá difícil. A gente já conversa. Beijo.(Amigo faz biquinho e sons de beijo). Tchau. (Para o Amigo.) Tu podia ser mais educado, seu merda? (Puxa a bandeja do peixe.) Olha o que tu tá fazendo?

AMIGO (Puxa a bandeja de volta.)

Olha, tem uma prá cada um. Eu faço o que quiser com a minha parte.

ELE

Ainda bem que não te convidei! Imagine a vergonha que tu ia me fazer passar na recepção!

AMIGO

Vergonha é o amigo deixar o outro ir prá cadeia e esquecer dele.. visitar... (Pega com a mão um montinho da comida e põe na boca)

ELE

Seu escroto! Tu não foi preso! Tu nunca foi prá cadeia! Tinha só que se apresentar uma vez por mês no juiz!

AMIGO

Humm! Essa comida de fresco até que é boa!(Continua comendo.)

ELE

Agora vem aí me jogar na cara um monte de coisa que não eu fiz, querendo...

AMIGO (Fala com comida na boca.)

Fez sim! Fez, seu bosta! Não vem com conversinha outra vez pro meu lado!

ELE ( Se servindo.)

Conversinha? Que conversinha?

AMIGO

Na hora lá do vamo ver eu assumi tudo prá tu ficar livre. E depois...

ELE(Se serve com raiva, jogando a comida no prato.)

Mentira! Eu segurei a coisa! Eu ia assumir! Tu que quis ficar no meu lugar dizendo que eu não podia, que eu tinha futuro...

AMIGO (Olhando firme para Ele. Como quem tem as respostas para as coisas escondidas.)

Tô vendo no que deu esse futuro, fugindo assim de mim como quem...

ELE

Como quem o quê? Fala, fala logo: o que tu tá pensando...

AMIGO

Tu não me quer por perto porque acha que eu vou abrir a boca, contar tudo que aconteceu!

ELE ( Fala com a boca cheia.)

Essa não! Essa eu não aceito!

AMIGO

É isso: tu não quer que ninguém fique sabendo das coisas que tu fez, das coisas que tu deixou por aí mal feitas! Tu acha que podia escapar, mas eu to aqui prá mostrar que não.

ELE

Fala baixo, seu merda! Fala baixo

AMIGO

O que que tu quer que o traveco da tua mulher não fique sabendo, heim? Que tu foi pego? Que tu mexia com coisa pesada, é, seu bosta? (fala para as outras mesas) Mas quem aí não fez cagada, heim? Um monte delas?

ELE

Eu sabia que isso não ia dar certo, eu sabia!

AMIGO (Para um casal.)

Tu aí, seu gordo, gordo de merda: cadê tua mulher a uma hora dessas? Que que tu fazendo com essa vagabunda aí ?? (Generalizando, olhando para todos, procurando o próximo alvo) Então tu ganha dinheiro, um monte de dinheiro e pode comprar e comer o que quiser, não é!? (Entra o Garçom com o suco.) Por isso que tu tá gordo, gordo, comendo, o rabo cheia dessa merda toda, um bando de bostas comendo até fica inchado de tanto...(O restaurante se esvazia.)

ELE (Pega a jarra de suco da mão do garçom, com raiva)

Me dá logo essa porcaria!

GARÇOM

A gerência mandou dizer que não pode trocar o pedido!

AMIGO

Isso, podem ir embora, seus frescos! Levem os travecos juntos! Bando de gente cheio de maquiagem e frescura!

GARÇOM

E a gerência quer saber se já pode fechar a conta!

ELE

Mas assim, desse jeito?

AMIGO (para Ele.)

Então esse é que estabelecimento fino que tu queria...

ELE

Mas e a carne, o cara aí quer...

GARÇOM

A cozinha está fechada! Depois de hoje vai haver mudanças no serviço...

AMIGO

É bom mesmo! Foi tudo uma desgraça. Menos a bosta do peixe. (Girando a mão, desarticuladamente) As mesinhas são muito arrumadinhas, vestidinhas ... Tu se veste igual um travesti de boate...o povo que vem aqui é de baixo nível, é tudo traíra. Isso aqui por acaso é o que: um motel prá almoçar?

GARÇOM (Mais seguro.)

O senhor pagando tudo bem. É só pagar. Mas não volte. Não volte nunca mais!

ELE (Para o Garçom.)

Quero ver tu se livrar dele!

GARÇOM

Mais alguma coisa antes da conta?

AMIGO

Já que a gente tá virando amigo, vai lá e traz uma caixa de cerveja, deixe aqui gelando que nós vamos nos acertar agora. E tu vai ser o juiz, tu vai ter que resolver nosso caso. Até agora a gente não foi direto no que aconteceu.

ELE

Deixa o cara!

AMIGO (Coloca os pés na mesa.Para o Garçom.)

E já deu prá saber por causa de quem! Quando tu trazer as cervejas, a gente começa o julgamento e tu vai ficar livre. E ele aí vai pagar a conta.

ELE(Para o Amigo.)

Então é isso que tu quer? (Para o Garçom.) Então Traz mais suco! Umas três jarras! (Para o Amigo.) Vamos ver se a gente resolve tudo hoje e eu me livro de você prá sempre!

AMIGO (Para o Garçom.)

Viu?! Vai anotando: “Me livrar de você.” Entendeu: viu como eu tenho razão?! Eu só quero justiça! Justiça!

GARÇOM (Reticente.)

Eu não sei se vou poder...

ELE(Para o Garçom.)

Sai, sai, sai!

AMIGO

E tira essa roupa de fresco!(Garçom sai.)

ELE

Olha só a merda da confusão que tu arrumou!

AMIGO

Sempre, sempre eu!

ELE

Quantas vezes eu falei prá tu tomar jeito, se arrumar!

AMIGO

Fresco!

ELE

E o que que tu queria que eu fizesse? Que continuasse na mesma?



AMIGO

Antes tu era melhor. A gente junto...

ELE

Se eu pudesse voltar prá aquela noite, eu...

AMIGO

Mas não dá, não é? Não dá! (Pega no braço de ELE.) Tu tem que é ficar comigo!

ELE

Solta! Quase todas as noites eu sonho com o que aconteceu.

AMIGO

Eu não preciso disso. Eu não fui embora.

ELE

E quando eu acordo, me dá uma felicidade...(Toca o telefone)

AMIGO

Assim não dá! Me dá aqui essa merda!(Consegue pegar o telefone.) Alô...

ELE ( Desespero. Se joga contra o Amigo, contra o pescoço dele.)

Me devolve, me devolve senão eu acabo contigo!

AMIGO

Alô...alô... pode falar...(Mãos no pescoço. ELE pega o telefone e tenta atender mas já desligaram.)

ELE

(Rediscando sem sucesso.)

Tu não sabe o que é isso, ter alguém na vida...

AMIGO (Tossindo e coçando o pescoço)

Mas olha só: a vagabunda te fez mais macho!

ELE (Continua a rediscagem.)

Eu não vou perder essa chance por nada, ouviu? Por nada!

AMIGO

Mas agora não adianta. Tinha que ter sido macho naquela vez.

ELE (Com certo angústia, medo da perda.)

Tu não vai conseguir me atraparlar. É isso que tu quer! Mas não vai conseguir!

AMIGO

Na hora de ir lá comprar o bagulho, tu também tava todo macho. Mas quando chegou a polícia, só eu, só eu...

ELE

O que que tu falou prá ela, heim? O que que tu falou?

AMIGO (Se levantando. Indo na direção de Ele.)

A gente lá doido por um e tu ....

ELE

Por favor, atende! Atende!

AMIGO

Seu merda! Era tudo jogada da polícia. Prender um bando de garotão prá mostrar serviço. (Se arremessa contra o pescoço de Ele. Derruba-o no chão.) Por que que tu não jogou a coisa fora quando eu gritei?

ELE (Cai o telefone de sua mão.)

Ah, seu bosta! Eu tinha conseguido, eu tinha conseguido falar com ela!

AMIGO

Por que tu teve que ficar segurando aquela merda enquanto os caras chegavam prá prender todo mundo?

ELE

Me larga, me larga!

AMIGO

Por que seu burro? Por que?

ELE (Se arrastando atrás do telefone, com o Amigo nas suas costas. Fala sufocado.)

Me deixa, me deixa!

AMIGO

Por que? Era só ter jogado a trouxinha com o bagulho fora!

ELE (Pega o telefone. Rediscar. Ainda o sufocamento. )

Já vai, amor! Já vai.

AMIGO

Se tu tivesse jogado, eu não precisava ter assumir a merda!

ELE

Eu já to chegando, amor. Eu já to indo!

AMIGO

(Tira o telefone da mão de Ele e o joga na parede).

P        or que tu não fez o que eu te gritei?

ELE (Mãos na cabeça. Quase choro.)

O que que tu fez, seu merda? o que que tu fez?

AMIGO

Por que tu fez isso comigo???? Por quê ???

(Cansados no chão. Entra o Garçom com um carrinho trazendo cervejas e jarras de sucos. Quase esbarra nos dois. Desvia deles. Estranha tudo. Continua para a mesa deles. Olha para trás. Esbarra em uma mesa em frente. Pára. Volta para arrumar a mesa. Volta a empurrar o carrinho. Não vê mais nada. Bate em umas duas outras mesas. Bate na mesa dos dois. E fica sem fala esperando o que pode acontecer.)

ELE

A coisa que eu mais tenho medo no mundo é o tempo. Quando saio de uma reunião prá outra, ficou sempre de olho no relógio. Há uns anos atrás, sai do escritório e logo depois estava aqui neste restaurante. Minha mulher estava me esperando prá almoçar. Quando me viu, ela correu e me abraçou chorando. Perguntava porque eu tinha demorado tanto. Mas eu tinha acabado de sair do escritório nem fazia 15 minutos. Levei mais de uma hora prá chegar aqui. Não sei o que aconteceu durante esse tempo. Não sei o que fiz. Então eu me vigio, olho sempre no relógio. O que eu podia ter feito? O que eu poderia fazer?

AMIGO

Muita coisa, seu fresco de merda! Muita! Tudo menos ficar segurando a bosta da ...

ELE

Acho que é com isso que sonho toda noite. Fico procurando saber o quer eu fiz, onde estive durante esse tempo. Foi aí que eu parei de beber! Mas toda noite...

AMIGO (Vai pegar bebida.)

Tu quer o quê? Que eu fique com pena? Que eu chore?

ELE (Vai pegar um suco e se sentar na mesa.)

Hoje, no meio dessa confusão toda, eu sei o que aconteceu. Eu lembro bem.

GARÇOM (Tirando a conta do mesmo caderno de anotações.)

A continha!

ELE (Puxa da mão do Garçom)

Deixa eu ver!

AMIGO

Quando eu tava vindo prá cá e passei bem em frente de onde a gente foi pego.

ELE (Lendo a conta.)

Que é isso?(Para o Garçom. Me explica aqui!

GARÇOM

Isso? É a entrada!

AMIGO (Rindo.)

Entrada!

ELE

Eu sei por que eu apaguei! Eu sei porque eu fique segurando aquela merda!

AMIGO

E segura essa também!(Dá a conta para Ele) Eu não vou pagar nada. A bosta de um peixe e umas margarina! (Pega uma cadeira e se senta.)

GARÇOM (Para Ele.)

Então o senhor...

ELE

Me dá aqui! (Tira o talão de cheques e vai escrevendo o valor) Não é prá isso que servem os amigos? Prá segurar a dos outros?

AMIGO

Era prá ser assim. Quando eu mais precisava. Agora não tem talão de cheque que pague o que...

GARÇOM

O senhor pode fazer nominal pro estabelecimento?.

ELE (Rindo.)

Mas o bom de tudo é que hoje eu me livro disso tudo! Pronto! (Entrega o cheque para o Garçom.)

GARÇOM (Conferindo o cheque.)

Eu também! Eu também!

AMIGO

Se livra do quê, heim? Vai me matar? Vai me mandar prender de novo?

GARÇOM (Devolve o cheque para Ele.)

Faltou a data.

ELE (Escreve.)

Tu quer que eu fale mesmo? Tu quer que eu fale na frente de todo mundo?(Entrega o cheque. Garçom conferindo.)

AMIGO

Eu quero é que tu assumas o que fez! Pensou que era fácil? Que era só...

GARÇOM

A data está errada. Pode escrever atrás e assinar.

ELE (Escreve.)

É por isso que tu veio aqui? É por isso que vai atrás de mim no trabalho? O que tu quer? Quer um cheque? (Entrega para o Garçom.)

AMIGO

Olha seu merda beijador de traveco! Eu não quero a bosta do teu dinheiro! Agora se teus novos amiguinhos te pedem isso, tu que pague! De que adiantou vestir roupa cara, comer em restaurante fino prá me jogar essa na cara?! Tu acha que sou como tu? Tu acha que eu como a mesma bosta que tu come?

GARÇOM (Em agonia.)

O senhor assinou diferente atrás. Vai ter que fazer outro.

AMIGO (Pega o cheque e o rasga, com raiva.)

Me dá essa merda, seu fresco!

ELE

Prá que isso? Seu burro, burro! Foi a mesma coisa que tu fez naquela noite.

AMIGO

Tem que agir como homem, seu merda! Senão vai ter que ficar abaixando a cabeça pros outros a vida inteira. Igual esse aí.(ELE começa a fazer outro cheque.) Tu não mudou nada, nada. Larga esse cheque!

ELE (Escrevendo.)

Quantas vezes eu te disse, depois da merda que tu fez, prá tu tomar rumo, melhorar, se arrumar.

GARÇOM

Em nome do restaurante, por favor!

AMIGO (Levanta-se, pega uma cerveja, esbarra no Garçom e vai para onde está sentado Ele.)

(Para o Garçom) Sai da frente!

ELE

Se tu tivesse me ouvido, tu tava hoje bem empregado, feliz, casado. Podia até pagar a conta. (Entrega o cheque para o Garçom.) Podia pegar uma avião pro fim do

mundo e nunca mais aparecer aqui.(Amigo puxa o terno de Ele que estava na cadeira e o veste.)

AMIGO

Então tu me queria assim como tu, um fresco de merda?

ELE

Deixa meu terno aí!

GARÇOM (Para Ele.)

O ano, o senhor errou o ano!

AMIGO (Desfilando. Paródia. Efeminado.)

“Ai como eu sou sofro, meu amigo, como eu sofro. Traí o senhor, menti pro meu traveção, não consigo dormir e gosto de peixe! O que eu fiz prá merecer tudo isso! O que eu não fiz...”(Indo atrás do celular destruído.)

GARÇOM

É só datar atrás e assinar.

ELE (Para o Amigo.)

Doido! Eu faço outro cheque!(Escrevendo.)

AMIGO

“Quantas vezes eu te disse prá melhorar, prá mudar de vida. Olha como eu sou feliz agora!(Pega o telefone quebrado e liga) “Traveção! Ô meu amor! Me beija, me enche de patê! Mas não suja meu terno, viu, que é caro! Eu tenho ainda hoje que deixar muito amigo na cadeia!”

ELE (Pára de escrever!)

Ah, essa não!

GARÇOM

Continua! Só falta...

ELE

Agora tu vai escutar!

AMIGO (Voltando a se sentar. Tirando o terno. Coloca na mesa.)

Se tu me avisasse do casamento, eu podia ter te dado uma tremenda despedida de solteiro.

ELE

Prá que? Prá gente acabar na delegacia de novo?

AMIGO (Pega outra cerveja e se senta.)

Claro. Tu ia ficar segurando a bosta da droga na mão sem saber o que fazer. E daí eu ia ter que assumir tudo de novo.

GARÇOM (Querendo se livrar da situação. Para ELE.)

O cheque! Por favor! O cheque!

ELE(Para o Garçom.)

Sabe por que ele fica repetindo o tempo inteiro a mesma história?

AMIGO

Porque só tem uma história, seu fresco. A verdadeira.

GARÇOM

O cheque! É só assinar e acabou!

ELE

Calma! Tu era o juiz? Então tu vai ouvir a minha versão.

AMIGO

A versão traíra e travecuda.

GARÇOM

Ah não!

ELE

Depois disso eu pago e a gente vai embora.

AMIGO ( Com o celular)

“ É, eu mudei, eu mudei mesmo: eu não bebo mais, não deixo o melhor amigo numa roubada, nem beijo mais tudo quanto é traveco.”

ELE

A gente vivia na noite, procurando o que fazer. Era só ficar escuro que a gente não conseguia parar num canto quieto. Tinha sempre que fuçar por aí, atrás de um lugar prá gente encher a cara e fazer merda.

AMIGO

Tu gostava, cara, tu gostava daquilo.

ELE

Então tinha uma boate da moda. Todo mundo ia lá.sacanagem e droga rolava solto. A gente era duro, andava a pé, misturava vodca com água prá beber mais. A boate ficava num fim de rua todo sujo, um cheiro de peixe podre que impregnava.

GARÇOM (Sem paciência.)

Por favor, sem detalhes, sem detalhes!

AMIGO

Quem mandava lá era um traveco baixinho, gordinho. Era só dar uma mãosada nele que o cara se derretia.

ELE

Era o que tu pensava, seu merda, era o que tu pensava!

AMIGO

Tava tudo fácil. Não tinha como dar errado.

ELE

Aí o bosta aí, na hora de fazer o negócio, não queria pagar, queria dar uma de esperto e ficar com o material. Pegou o gordinho pelo pescoço, me deu a droga e disse prá eu sair correndo. Sempre fazendo merda!

AMIGO (Para o Garçom.)

Era a coisa mais fácil do mundo. E o fresco aí amarelou.

GARÇOM (Se acordando da situação presente.)

Sair sem pagar?!

ELE

Só que o traveco gordinho com cara de idiota tava armando. Prá aliviar a barra dele tinha feito um acordo com a polícia. De vez em quando, os caras, prá não sujar prá eles, eles precisavam levar alguém preso só prá mostrar serviço. E tu, seu merda, que achava que tava se dando bem, tava é já marcado pelos caras.

AMIGO

Eu disse prá ele: corre! Corre! Se o fresco aí tivesse corrido a gente tinha...

ELE

Tu me entrega a merda de um negócio que eu não sabia o que era, me enfia numa bosta que eu não queria e ainda me culpa?!

AMIGO

Sempre abaixando a cabeça pros outros! Vinha os caras te cercando e eu gritava: corre, corre seu bosta!

ELE

Ah, então tu tava me avisando? Depois de armar toda essa merda, tu tava querendo me ajudar?

AMIGO

E tu ali, parado, esperando não sei o quê! Como tu não reagia, eu gritei: Joga a merda fora! Joga!” Pelo menos, a gente não era enquadrado. E tu nada, nada.

ELE (Voltando assinar o cheque.)



Eu não fui embora. Eu não quis te deixar ali.

AMIGO

Eu também não. Eu podia ter ido.

ELE (Entrega o cheque para o Garçom.)

Não podia. O gordinho tinha te agarrado, te dado um abraço.

AMIGO

O quê? Nunca, seu fresco! Nunca!

ELE (Entrega o cheque. Garçom confere. Vai saindo.)

Mas foi! Tu tava nos braços do traveção, agarradinho!

AMIGO (Sentindo-se desmascarado. Pega outra bebida.)

Eu não! Quem casou com um foi....

ELE (Garçom pára de costas, com o cheque na mão para ouvir tudo.)

E depois nos levaram dentro de um camburão prum um cemitério, lembra?

AMIGO

Não lembro, eu não sei de nada disso. Chega!

ELE

E no cemitério mandaram a gente tirar a roupa e...

AMIGO (Bate na mesa.)

Eu já falei! Pára com essa merda! Pára

ELE

E tu xingava, gritava, provocava todo mundo como um traveco com medo de morrer!

AMIGO

Fala baixo! Olha o que os outros...

ELE

E depois que eles ameaçaram fazer um monte de coisa com a gente, a gente pelado, de quatro. Então tu começou a confessar e me acusar.

AMIGO

Tu tá mentido! Seu juiz, seu juiz não escuta isso. Ele tá mentindo!

ELE

E os caras, rindo, nos levaram prá delegacia prá fazer inquérito. Nos interrogaram a noite inteira. Tu foi tão estúpido e grosseiro, aprontou e gritou tanto que os caras me liberaram e tu foi enquadrado.

AMIGO

Mentira! Mentira! Eu livre a tua! Eu assumi tudo!

ELE

Tu me levou pruma roubada! Tu quase me matou por nada! Tu passou todos esses anos me acusando e espalhando essa merda por aí! Agora vem querer satisfação porque eu não quero mais tu perto de mim?! Eu te chamei aqui por isso: eu cansei cara, cansei de ti.

AMIGO

Tu casa e não me chama! Daqui a pouco tu vai ter filhos e nem...

ELE (Vestindo o terno.)

Eu quero que tu fique longe! Longe de mim!

AMIGO (Segura a mão do outro.)

Mas a gente é amigo! Amigo!

ELE

Larga! Sai! Desaparece!

AMIGO

Tu não pode fazer isso comigo! A gente...

AMIGO (Se levanta. Puxa sua mão.)

Tira a mão! Não me procure mais!

ELE

Amigo é amigo! Tu não pode...

AMIGO (Vestindo o terno. Se ajeitando)

Quantas vezes eu te avisei... Toma jeito! Se arruma! Olha esse cabelo! Agora não me interessa mais!

ELE

Mas a gente se conhece há tanto tempo. Não se acaba assim uma..

AMIGO

Eu mudei , entendeu. Mudei de vida! E tu tá fora dela.

ELE

Tu não pode fazer isso comigo, seu fresco, tu não pode!

AMIGO

E o que tu vai fazer? Vai me pegar pelo pescoço como fez com o traveco gordinho? (Tirando a carteira) Quer um cheque? Eu assino.

AMIGO

O quê, seu fresco de merda? O que tu acha que eu sou?

ELE

Um problema que não é mais meu!

AMIGO

Tu mudou mesmo, sem bosta. Tu mudou!

ELE (Segurando ainda o cheque.)

O que tu quer prá nunca mais falar comigo?

AMIGO

Tu mudou de um jeito que eu não esperava.

ELE

Fala. É prá isso que a gente veio aqui.

GARÇOM (Para o Amigo)

É melhor conferir o cheque. O seu amigo costuma...

AMIGO

Eu só queria que a gente continuasse amigo.

ELE

Isso não vai dar.

AMIGO

Então aceita um presente. (Tira um saquinho escuro do bolso e coloca na mão de Ele. O Amigo prende com sua a mão a mão de Ele com o saquinho dentro) Meu presente de casamento. Atrasado.

ELE (Atônito.)

O que tem nesse saquinho? Não vai me dizer que...

AMIGO

Calma! É uma coisa que tu gosta. Eu sei que tu tava precisando. Por isso eu fui atrás de ti. Toma! É teu!

ELE

Tu é louco, cara? Depois diz que é meu amigo?!

GARÇOM (Soa uma sirene de polícia bem baixinho. Bate com a mão na testa. Aos poucos o som vai aumentando.)

Por precaução eu já chamei a polícia, caso os senhores quisessem sair sem pagar.

AMIGO (Para o Garçom.)

Muito obrigado, seu traveco de merda! Se tem que pagar, tem que pagar!

ELE (Ficando fraco.)

Tu queria se vingar, é? Tu quer acabar comigo?!

AMIGO (Para o Garçom.)

Diz prá ele largar, diz! Tu vai ver como ele ficou naquela noite!

ELE

Por que tu tá fazendo isso comigo: por quê?

AMIGO

Tu precisa aprender a ser forte, senão vão acabar te...

ELE (SIRENES)

A polícia! (Senta-se. Tenta puxar mas não tem mais força.) Me larga! Larga minha mão!

AMIGO

Eles vão chegar. Vai ser tudinho igual como antes. (Para o Garçom.) Seu juiz: fica de olho em tudo!

GARÇOM

Eu estou de olho faz é tempo!

ELE ( Sons da correria e do vozerio dos policiais entrando)

Eles vão nos prender, seu burro! Burro!

AMIGO(Abraçando forte o amigo.)

Mas eu não vou te abandonar, seu fresco. Nunca! A gente vai ficar junto até o fim.

GARÇOM (Entram os policiais.)

São aqueles ali. Podem prender. Não queriam pagar, aprontaram a maior confusão.

ELE (Para o Amigo.)

Me larga, seu merda! Me larga!

AMIGO

Tu não vai fugir dessa vez não. (Os policiaes prendem os dois.O Amigo pela o celular e grita:) Pro cemitério! Vamos todos pro cemitério! (Os policiais arrastam os dois para fora de cena. O saquinho fica na mesa) Vê se não amarela, seu fresco!

ELE

Eu mudei! Eu mudei!

AMIGO

A gente tá junto nessa. A gente é amigo. Até o fim. Até o fim.

(Com o esvaziamento da cena, o Garçom arruma a mesa, recolhe as bebidas no carrinho, vai limpar a mesa com cuidado. Olha para um lado, olha para o outro, abre o saquinho, ri, põe o dedo no conteúdo do saquinho e leva para a boca. Experimenta. Ri novamente. E vai empurrando o carrinho para fora de cena.)

## UMA NOITE, UM BAR

### Quase-comédia

(2003)

### PERSONAGENS

VIAJANTE, 30 anos, com sua mala, desorientado, rápidas mudanças de ânimo.

DONO DO BAR, 30 anos, gordo, suado, barba por fazer, cansado pela renovada embriaguez.

GARÇOM, 30 anos, magro, observador, sobriedade.

PAI do Dono do Bar, 60 anos, bem gordo, usa bengala, se arrasta.

MÃE do Dono do Bar, 60 anos, bem gorda, fumante exasperada.

### CENÁRIO

*Um bar em fim de noite. As cadeiras estão em cima das mesas, o chão está sendo limpo pelo Garçom. Tudo pronto para fechar. Em uma única mesa há luz. E, nela, conversam o indesejado Viajante e o desestimulado Dono do Bar, apoiando o queixo na mão para ouvir e não querer responder. Por enquanto. Enquanto conversam, o Garçom acaba a limpeza do chão e vai ao balcão lavar copos.*

VIAJANTE (Abraçado a uma mala em seu colo, encolhido, as duas mãos segurando, agarrando o copo enquanto bebe<sup>3</sup>.)

E foi desse jeito, a viagem inteira.

DONO DO BAR

A viagem inteira, é?

---

<sup>3</sup> Foi usada a alternância entre as formas ‘você’; ‘tu’ para marcar menor; maior proximidade; veemência entre as personagens.

VIAJANTE

É, foi. E o pai dela nada, nada.

DONO DO BAR

Mas por que você não trocou de lugar?

VIAJANTE

E eu olhava pra cadeira de trás, fazia cara de quem não estava gostando e o pai da menininha nem se mexia - achava que não era com ele.

DONO DO BAR

Se fosse comigo...

VIAJANTE

Mas o que eu podia fazer? Xingar o sujeito na frente de todo mundo, na frente da própria filha?

DONO DO BAR

As vezes a gente precisa fazer alguma coisa.

VIAJANTE (Para o garçom.Coloca a mala aos seus pés.)

Ô companheiro, traz mais uma!

DONO DO BAR

Olha, como eu te disse, a gente tá fechando.

VIAJANTE

Mas eu vou embora logo, viu? Não se preocupe. Só tô de cabeça cheia. O avião, a criança chutando meu banco por horas e ninguém, ninguém...

DONO DO BAR

É, você já disse isso. Mas...

VIAJANTE

Só mais uma, eu preciso de só mais uma. Fiquei a tarde inteira me segurando prá não gritar, cuspir, fazer mal...

DONO DO BAR

A gente precisa fechar. (Apontado para o Garçom com um desleixado movimento do dedo e da mão) Ele aí mora longe. O ônibus já vai passar. Senão eu vou ter que...

VIAJANTE

E o cara lá, numa boa, sem fazer nada, deixando a filha dele arrebentar minhas costas. Ô raiva!

DONO DO BAR

(Para o Garçom) Pega mais uma pra ele! Fazer o quê!... (Para o Viajante).Mas é a última!

VIAJANTE

Pois eu agradeço sua compreensão. Uma cervejinha só e pronto. Quer um gole?

DONO DO BAR

Obrigado, eu não quero beber mais hoje.

VIAJANTE

Não quer beber mais? Como assim?

DONO DO BAR

É tarde. Você que aproveite sua cervejinha e pronto. Só isso.

VIAJANTE(para o Garçom)

Ô companheiro, traz um copo aqui prô patrão!

DONO DO BAR(Coçando a barba, olhando para o copo do Viajante)

Não, obrigado. Já disse que não bebo.

VIAJANTE

Ah, mas beber sozinho faz até mal. Depois de tudo que passei eu mereço, eu preciso que o alguém me acompanhe! Um outro copo, garçom!

DONO DO BAR

Se fosse outro dia, outra hora eu aceitava. Eu..

VIAJANTE

E por que não agora? Eu nunca mais vou voltar aqui. Eu tô de passagem.

DONO DO BAR

Sei, sei. O problema é que...

VIAJANTE (Se levanta e fala para todos)

Não tem problema nenhum! Eu não me importo de beber com você, com o garçom, com quem estiver aqui.

DONO DO BAR(Gesticulando para o Viajante se sentar, como puxando seu braço para que ele se sente)

Não tem ninguém mais aqui além de nós três. A porta está fechada, hoje é domingo, já passa da meia noite e vizinhança é perigosa.

VIAJANTE(Gesticulando também, falando com as mãos. Tropeça na mala)



Pois eu me sinto muito melhor aqui com vocês que lá no banco do avião. Me faça esse favor! Beba sem cerimônia!

DONO DO BAR

Já que insiste...(Olha para o Garçom que traz um outro copo e fica em pé parado, observando tudo)

VIAJANTE (Servindo o Dono do Bar)

Você...você... é meu convidado, meu convidado de honra!

DONO DO BAR(Tomando tudo de um gole só)

Agradeço. Ahhh, essa tá bem gelada!

VIAJANTE

Uma beleza! Prá cabeça quente e boca seca é o melhor remédio! (Para o garçom) Pega um copo tu também! (Garçom vira-se e sai sem dizer uma palavra) O que deu nele? O que eu fiz?

DONO DO BAR

Nada, nada. É um bom moço, de confiança. Ahhh, que é essa tá boa mesmo.(pega a cerveja para se servir mais)

VIAJANTE (Estranhando, meio constrangido com a reação do Dono do bar. Senta-se)

Desse jeito a gente vai entornar um engradado, heim!?!.

DONO DO BAR(Colocando a garrafa forte na mesa)

Mas não era foi prá beber que você me chamou?

VIAJANTE

Era, mas você disse que essa era a última e ...

DONO DO BAR

Tá reclamando por quê? Tá pensando no prejuízo?

VIAJANTE

Não, de jeito nenhum. É que você disse que o bar tava fechando e que o garçom morava longe e...

DONO DO BAR

Não precisa repetir o que eu disse. Não queria beber? Então não reclama!

VIAJANTE

È que, como o senhor disse que tava com pressa e tudo mais, eu pensava que eu ia beber bem devagar, assim curtindo cada gole. Então chega e bebida e ...

DONO DO BAR(Meio agressivo, rindo, se servindo de mais cerveja, sob o olhar atento do Viajante)

Então ia me enrolar a noite inteira com essa cerveja, não é?

VIAJANTE (Pega a mala e a abraça)

Não, que que é isso! Eu ia ficar até quando desse.

DONO DO BAR.

(Para o garçom) Traz mais uma como essa aqui prô nosso amigo!

VIAJANTE(Ergue a garrafa)

Mas já acabou tudo?

DONO DO BAR

É que eu bebo rápido. Não gosto do gosto da cerveja. Gosto é do gelo na garganta, na cabeça.

VIAJANTE ( Tentando colocar algum líquido em seu copo, quase que espremendo do vasilhame)

Sei, sei.

DONO DO BAR

Sabe que tem gente que gosta é da cerveja quente, queimando feito fogo?

VIAJANTE

Não, nunca ouvi falar. (Entra o Garçom com outra cerveja. Serve o patrão apenas e deixa a garrafa na mesa. Durante todo o processo, olha firmemente para o Viajante. Enquanto o Garçom está saindo, o Viajante lhe pergunta , sem que haja resposta:) Que horas são, companheiro?

DONO DO BAR

Isso era coisa do meu padrinho, um homem horrível, ligado mais ao dinheiro que à própria vida. Ah, que delícia.

VIAJANTE(Querendo um pouco de cerveja. Puxa a garrafa para perto de si. Coloca a mala no chão.)

Pera, pera aí!

DONO DO BAR

Esse meu padrinho economizava até palito de dente. Vivia com a casa trancada prá não entrar sol nos móveis. Coitada da mulher dele. (Vai pegar mais cerveja. O Viajante interrompe.)

VIAJANTE

Deixa que eu sirvo, deixa!

DONO DO BAR

Um dia ela me chamou prá jantar lá com eles. Quando cheguei, o velho tava tomando cerveja. Eu vi a garrafa na mão dele. Ficamos ali na mesa um tempo jantando e ele nada de me oferecer. Até que a madrinha, vendo a situação, falou para o velho e ele, muito a contragosto, pegou uma outra garrafa, já aberta, velha, e encheu meu copo com um líquido quente e podre.

VIAJANTE

Não, ele não fez isso!

DONO

Fez. E eu bebi tudo, aquela lama escorrendo em minha garganta.

VIAJANTE

Mas por que você bebeu?

DONO DO BAR

Enquanto eu bebia, o velho ia dizendo que cerveja quente é melhor, pois dá prá sentir o gosto da cerveja, tudo o que a cerveja pode fazer por você.

VIAJANTE

Não, não,não: isso não aconteceu!

DONO DO BAR

Depois do jantar, ele foi me deixar em casa. Era meu aniversário. E no caminho falei pro velho parar em um bar. Lá, pedi uma cerveja bem gelada, a mais gelada que tivesse. O velho disse que não tinha dinheiro, que não ia beber nada.

VIAJANTE

Além de tudo, ele...

DONO DO BAR

Então eu olhei com toda raiva prá cara dele e gritei: bebe, seu bosta, bebe essa merda, que eu que tô pagando! Agora vamos ver se a tua cerveja quente é melhor que a minha!

VIAJANTE (Rindo meio assustado)

Não, não acredito. Você não falou isso pô teu padrinho!

DONO DO BAR

E eu tinha 12 anos! A gente não sabe o que uma criança é capaz de fazer.

VIAJANTE

Doze anos?!!! Mas era muito novo prá beber!!!

DONO DO BAR

Foi meu primeiro porre. E o último do velho.

VIAJANTE (como se vendo um crime)

Sério? Mas o velho... você

DONO DO BAR

Foi assim que aconteceu, porra! Se eu tô contando, foi assim!

VIAJANTE(Puxa novamente a mala par seu colo)

Tudo bem, tudo bem. Eu só queria saber...

DONO DO BAR

(Pegando a cerveja) Não tem mais nada pra saber. Foi como eu disse. Se fosse diferente, eu contava.

VIAJANTE(movimentando-se na cadeira para sair)

Acho melhor eu ir indo. Quanto eu tô devendo?

DONO DO BAR

Mas já. Agora que a gente estava se entendendo!(Chega o Garçom com outra garrafa)

VIAJANTE

Quem pediu essa? Essa eu não pago!

DONO DO BAR

Tá esquentando a toa, rapazinho. Vai bebendo que eu já volto: vou dar uma mijada. (Levanta-se e vai para o banheiro)

VIAJANTE

(Serve-se e bebe. Começa a olhar em volta de si, a porta fechada, as cadeiras em cima das mesas, a escuridão. Até que se assusta com o garçom atrás dele)

VIAJANTE(Usa a mala como escudo)

Que susto! Você aí parado!

GARÇOM

Eu perdi meu ônibus!

VIAJANTE

(Mão na cabeça, como lembrando) É mesmo: o ônibus. Desculpe, mas eu não achava que...

GARÇOM (Erguendo a mão com copo do Dono do Bar, como se pedisse cerveja)

Minha mulher está grávida, minha filha doente.

VIAJANTE (Servindo o Garçom)

Que bom que é nessa ordem, não é? (Vendo o silêncio e o olhar do Garçon e o copo cheio dele, o Viajante se desculpa) Me desculpe, me desculpe de verdade!

GARÇOM

Então você veio. Justamente hoje.

VIAJANTE

Me desculpe, cara, mas eu precisava relaxar! Não podia voltar para casa!

GARÇOM

Eu tenho cinco filhos, cinco.

VIAJANTE

O vôo chegou atrasado, peguei um táxi e esse foi o primeiro bar que eu vi. Não tinha como saber...

GARÇOM (Deixa o copo na mesa, afastando-se.)

As coisas vão ruim. Ninguém mais vem aqui. Ainda não recebi o da semana. Não sei se vou continuar.

VIAJANTE(Ergue-se mostrando os bolsos)

Olha, eu tô sem dinheiro. Eu sou trabalhador como você. Eu também tenho minhas dívidas.

GARÇOM (Vai em direção do Viajante. Este recua passo a passo.O Garçon pega o copo do Viajante e vai o enchendo. Viajante assustado.)

Tem hora na vida que a gente não sabe o que fazer. Tudo sempre foi difícil, parece até maldição.

VIAJANTE ( Coloca a mala no chão. E se senta. )

Mas um dia as coisas melhoram. Tem que ter fé, acreditar. Um dia, viu, um dia quem sabe as coisas se resolvem.

GARÇOM (Vai colocar o copo do Viajante na mesa)

Não me resta mais nada. Essa semana eu cheguei no fim mesmo. Eu preciso fazer alguma coisa.(Bate com o copo na mesa) Agora.

(Batem na porta fechada do bar. Um grupo de jovens gritando por cerveja, querendo entrar. O Viajante ergue-se e vai correndo apavorado para perto da porta. Fala para o Garçon).

VIAJANTE

Viu, você disse que ninguém vinha? Olha quanta gente! Hoje é seu dia de sorte! Tudo vai melhorar...

GARÇOM (Pegando a garrafa vazia e indo na direção do Viajante)

Não adianta mais, não adianta! Não me resta mais nada...

VIAJANTE(Abraça a mala.)

Traz mais cerveja, cerveja! O pessoal tá aí fora! Muita gente! Vocês vão vender muito, muito!

(Entra o Dono do Bar arrumando as calças. Olha para o Garçom.)

DONO DO BAR

Que merda é essa! O que tá fazendo com essa garrafa vazia? Vai lá dentro e traz mais outra!(Andando em direção do Viajante.)E tu, já tava indo embora sem pagar? Ficou ofendido com alguma coisa?

VIAJANTE

Não, é que...

DONO DO BAR(Passa esbarrando no viajante e vai para a porta.)

Mas que gritaria é essa! Tá fechado, tá fechado! Vão embora seus merdas, vão embora!

VIAJANTE (Vai para a porta segurando a mala e fica na frente do Dono do Bar, impedindo-lhe a passagem)

Não, não: deixa o pessoal entrar, deixa!

DONO DO BAR

Por que eu deixaria esses maconheiros entrar aqui, heim? Vão embora, seus merdas, vão embora: tá fechado, tá fechado!

VIAJANTE

Deixa eles, deixa. Vocês tão precisando, vocês tão precisando!

DONO DO BAR

Precisando o que? (Vira-se para o garçom que traz uma cerveja) O que você falou, heim?(Vira-se para o Viajante) O que ele te disse?

VIAJANTE

Nada, nada! Deixe os maconheiros entrar! Eu pago, eu pago! (Esmurra na porta. Cai a mala. Escorrega na porta. Senta-se quase chorando. Enquanto isso, o Dono do Bar vai em direção do Garçom, aos gritos e pega a cerveja da mão dele e se serve. Os dois ficam olhando o viajante delirando. Os sons do pessoal lá de fora vão diminuindo) O bar tá aberto,tão servindo! Não vão embora! Eu pago, eu pago tudo! Voltem, por favor! Voltem! ( Cansado e desanimado, o viajante encolhe-se dentro de si, largando os braços e a cabeça. Após um pouco, ouve o Dono do Bar rindo, na mesa e o Garçom em pé, segurando o riso. Com raiva, o Viajante se ergue, pega a mala e se

dirige para eles. Quando chega junto à mesa, o Garçom volta a ocupar sua disposição taciturna primeira e o Dono do bar fala. Enquanto isso, o Viajante se senta, pés juntos, mala no colo, olhar de raiva e tenta se servir da cerveja que já acabou:)

DONO DO BAR

Mas que porre, heim rapazinho?! Como a cerveja subiu rápido! (Para o garçom.) Pega outra prá nós! ( Sai o Garçom)

VIAJANTE

Por que você não deixou o pessoal entrar? Isso aqui não é um bar?

DONO DO BAR

A vizinhança, rapaz, a vizinhança. Eu já te disse. Por que eu tenho que repetir sempre!(Pegando o copo do Viajante) Você não vai mais beber, você tem que acordar agora e ir embora!

VIAJANTE

Embora? Como assim! Depois desse susto! Não, eu quero ouvir mais, me divertir. E o seu padrinho, aquele bosta!

DONO DO BAR (Levanta-se irado e chuta uma cadeira. A mala do Viajante cai de suas mãos. Chega o Garçom com a cerveja )

O que? Quem é você prá falar assim dele?

VIAJANTE (Pega seu copo de volta)

Um cara que faz isso com alguém é um bosta, um bosta! Coloca mais cerveja aqui.

DONO DO BAR(Servindo-se e bebendo.)

Dessa você não vai beber.(Para o Garçom) Vai lá e traz a especial pra ele.

VIAJANTE

Agora as coisas estão melhorando! Serve logo meu copo!

DONO DO BAR(Servindo-se mais e bebendo. Ri. O viajante ri em resposta. Depois riem juntos)

VIAJANTE

Cara, você precisa melhorar o atendimento. É por isso que ninguém vem mais aqui.

DONO DO BAR (Serve-se e bebe. Acaba a cerveja. Ele coloca a garrafa na mesa.)

Parece que você entende bem disso.

VIAJANTE (Tenta beber algum resto da garrafa vazia.)

Passei a vida inteira engolindo tudo caladinho, suportando as maiores humilhações em silêncio, sem reagir. Posso ser o melhor dono de bar do mundo.

DONO DO BAR (Chega o Garçom com a uma garrafa mais escura e bojuda, sem rótulo, algo caseiro. O Dono do Bar pega a garrafa e a coloca forte na mesa) Agora você vai beber de verdade, rapazinho!

VIAJANTE

A menina de merda do avião e a bosta do pai dela foram mais um caso em minha longa e interminável história de fracassos e vergonha.

DONO DO BAR

Eu trouxe prá você uma especial, bem quentinha, quase mofando. Meu padrinho ia adorar.

VIAJANTE(Pega a garrafa e sente seu calor. Empurra com o pé a mala que vai parar longe)

As pessoas sempre fizeram o que quiseram comigo. Eu não me importo. Cansei de me importar. E o copo?

DONO DO BAR (Garçom oferece copo novo. Dono do bar serve o copo do Viajante) Depois daquela noite, eu tinha tanto ódio que precisava fazer alguma coisa com o velho. Eu precisava.

VIAJANTE (Bebendo e sentindo o horroroso líquido escorrendo em sua garganta)

Ah, que porcaria. Chego a ficar horas esperando alguém me servir nas lojas e a atendente fala com um, fala com outro e eu ali, em pé, em uma fila imaginária, aguardando minha vez, uma vontade de quebrar tudo, de chutar o rosto daquela mulher que ri, eu sei, que se diverte com isso. E eu, ouvindo a confusão dentro de minha cabeça, eu brigando com ela, respondendo a tudo que ela diz, chamando o chefe, os fregueses, a família dela, o shopping inteiro para, na frente de todos, dizer como ela não presta, como ela não vale nada, que é uma vadia, uma vagabunda, uma desgraçada de merda, que me deixa por horas e horas ali sem me dar a mínima atenção que eu deveria receber, mesmo se eu não estivesse comprando nada, um simples bom dia, um ‘como vai’, tudo o que ela deveria dizer e não disse. E eu falo isso aos berros na frente de todos, na minha cabeça, e ela se diverte arrumando armários e gavetas, dobrando camisas e calças bem em minha frente. (Para o Dono do Bar) Maravilha! Mais!(O Dono do bar serve e fala para o Garçom)

DONO DO BAR



Vai lá e traz logo a caixa toda. (Para o viajante.) Sabe o que eu fiz então? Eu comecei a desejar com todas as minhas forças que o velho morresse, que o velho ficasse doente, uma praga terrível tomando conta dele. Que ele ficasse podre igual à bebida que ele me serviu, e que tudo dentro dele estragasse e virasse lixo, a merda de um suco escuro e grosso e sujo, uma pasta escorrendo seu próprio nojo. (Chega o Garçom com a caixa de bebida especial. O dono do bar pega uma garrafa, abre e derrama um líquido escuro e pastoso no copo do Viajante. O Viajante bebe e sua boca fica suja. O líquido escorre por sua boca. Com dificuldade ele fala, quase vomitando.)

#### VIAJANTE

O porteiro do prédio onde moro, ele nunca abre a porta quando eu chego, mas abre minhas cartas, todas, e não me avisa nada. E passa a detetização e todas baratas e moscas e formigas do prédio inteiro vão parar no meu apartamento. Já o pessoal ‘do comida por quilo’ me recebe rindo, porque toda vez, toda roubam no peso quando eu me sirvo, todos os dias na hora do almoço. Chegam até a fazer platéia para ver quando eu olho o valor na balança e não entendo o que aconteceu. E de noite, no quarto, não consigo dormir pois a desgraça desse meu dia e dos insetos voando sobre mim e da menina no avião e do pai dela, tudo, tudo isso gira em volta de mim e eu fico discutindo, respondendo, tentando voltar atrás e mudar as coisas, e passo horas na cama com o rosto no escuro, brigando com todo mundo até me acabar.

#### DONO DO BAR

Então veio o câncer, rapazinho, um câncer medonho, que começou nas partes baixas dele. Entre as pernas do padrinho, era tudo uma ferida só, um vermelhão se espalhando e devorando as coisas em volta. Logo as feridas explodiram e escorria um cheiro horroroso em forma de pasta escura e grossa, justamente como a praga que eu desejei tanto. E então eu fui lá na casa deles outra vez beber cerveja com ele, fui lá ver tudo, rapazinho. E eu saboreava, a cada gole, na frente do velho, toda aquela merda.(Enche mais o copo do Viajante que com dificuldade sorve o líquido espesso).Bebe,rapazinho, bebe, que é preciso beber muito prá essa merda de sede não tomar conta de você.

#### VIAJANTE

(Rindo.) Ah, eu sou um bosta! A merda de um bosta de merda!(Ergue-se meio tonto, com o copo. Emenda seu desequilíbrio com uma quase dança. Vai para a mala e a chuta. Continua bebendo e sujando sua boca e roupa com a baba escura. Gira e

anda na direção do Garçom) Estou aqui na merda desse bar, bebendo a merda dessa gosma podre e me sentindo o homem mais feliz do mundo!

DONO DO BAR

E vai ter que pagar a conta! Ah isso vai! Vai ter mesmo! Quando eu levei o velho lá no bar da cerveja gelada, eu tive de pagar a conta. Você precisava ver a cara dele quando eu paguei.

VIAJANTE

De novo! Me serve aqui mais dessa merda!

DONO DO BAR (Passa a garrafa para o garçom servir o Viajante) E o velho com a mesma cara de merda todo podre e eu bebendo na frente dele. Sabe o que ele me perguntou? Sabe o que ele teve a coragem de me perguntar?

VIAJANTE (Voltando para a sua cadeira com o copo cheio, derramando no chão. Chuta a mala imaginária)

Não, rapazinho, não sei o que ele perguntou.

DONO DO BAR(Rindo. Imitando o padrinho.)

“Quem vai pagar essa cerveja, seu maconheiro! Quem é que vai pagar essa merda!?”(Rindo) Maconheiro! Merda!

VIAJANTE(Ergue o copo para o garçom, com desdém, meio cansado de tudo.)

Mais! Mais!(O Viajante tira o copo antes e o líquido espesso é derramado. O Garçom firma o copo do Viajante e acaba de servir.)

DONO DO BAR

Todo mundo era maconheiro prô padrinho. Todo mundo que não fosse como ele era uma merda. Passei a vida tentando agradar o velho e nada. Aos gritos me mandava fazer isso e aquilo e depois aos gritos falava que eu tinha feito tudo errado, que eu era um bosta, que parecia coisa de maconheiro. Bosta de velho cheio de doença acabando com minha vida! Quer ver como eu não tô mentindo?

VIAJANTE

Olha, prá falar a verdade, eu queria...

DONO DO BAR

Pera aí, pera aí. Eu já volto. Vou pegar os álbuns. Você vai entender tudo, vai me dar razão. (Sai sem atender aos apelos do Viajante para que ele fique.)

VIAJANTE (Resmungando)

Merda de bosta de coisa nenhuma! Merda de viagem, merda de buraco esse em que eu me meti! (Para o Garçom.) Cansei dessa merda podre aqui! Não tem mais cerveja gelada? Me traz cerveja gelada!(O Garçom traz mais da bebida velha.)

GARÇOM

A gente cresceu junto, se criou junto aqui na rua. Quem visse a gente, achava que era de mesmo pai, mesma mãe. Tudo tão perto! Minha vida poderia ter sido diferente se eu tivesse nascido uma, duas casas abaixo. Agora eu trabalho aqui prá ele, e tenho uma família e preciso voltar para casa.

VIAJANTE

E sua mulher está grávida, doente, e teu filho vai morrer!

GARÇOM (Afastando-se da mesa e indo pegar a mala do Viajante.)

Todos os dias o barulho dos aviões no céu e eu nunca saí daqui. Não tem como fugir, se esconder desse som. E às vezes eu penso como seria bom uma coisa dessa cair bem em cima da minha cabeça.

VIAJANTE (Levanta-se e vai na direção do Garçom. Tira a mala dele.)

Minha mala, largue minha mala, seu maconheiro doido de merda!(Volta para mesa.)

GARÇOM

Eu nunca saí do bairro. Deve ser uma coisa boa ir prá outro lugar. Se eu tivesse nascido uma ou duas casas abaixo, quem sabe!

VIAJANTE (Abraçado à mala.)

Me serve mais dessa merda! Antes que fique eu doente e não saia mais daqui!

GARÇOM (Servindo até derramar.)

Por isso eu imagino como deve ser uma coisa dessas voando,vindo com tudo em tua cabeça. Não deve sobrar nada. (Entra rindo e falando o Dono do Bar com vários álbuns de fotos de família.)

DONO DO BAR

Agora você vai entender tudo, rapazinho! Agora você vai entender tudo!

VIAJANTE (Apontando para o garçom.)

Minha mala, ele queria pegar minha mala!(O Dono do Bar joga com raiva os álbuns na mesa.)

DONO DO BAR

Quem derramou isso aqui! Está uma bosta! (Para o Garçom) Vê se limpa isso! Não pode ficar uma sujeirinha!

VIAJANTE (Batendo as mãos na mesa.)

Eu quero cerveja gelada, gelada! Como antes!

DONO DO BAR (Virando-se com ira para o Viajante, derramando no copo e na cabeça do Viajante o líquido espesso.)

Escute, rapazinho de merda, você já não arrumou muita confusão por hoje? Já não incomodou o bastante todo mundo? A pobre da garotinha do avião vai ter pesadelos com teu rosto. Agora ouve o que tenho prá te contar. Olha essas fotos, vê a bosta dessa gente e me fala, me diz: eu não estou certo em odiar todos eles?

VIAJANTE

Mas ele tava pegando minha mala, ele tava me roubando. Eu vi tudo. Desde que eu entrei aqui ele fica me perseguindo, me assustando, falando comigo. Eu não vou mais ficar...

DONO DO BAR (Perplexo.)

Ele...ele...falou com você !!?

VIAJANTE (Levanta-se abraçando sua mala. )

Falou e pegou minha mala. Eu quero ir embora agora!(Tirando a carteira, contando dinheiro) Quanto foi? Quanto eu tô devendo?

DONO DO BAR

Não deve nada. Deixe a gente aqui...

GARÇOM (Limpendo o chão.)

Mas ele consumiu, ele precisa pagar.

VIAJANTE

Prá mim tanto faz. Tive um dia cheio hoje. E não vejo a hora de...

DONO DO BAR (Meio desesperado, cochicho forte para o Garçom.)

Não era prá falar com ele, viu? Por que você fez isso?

VIAJANTE (Pegando uns álbuns e folheando.)

Por que não? A mulher dele vai morrer e os filhos...

DONO DO BAR

O que você contou? O que você disse?

VIAJANTE (Indo se sentar, folheando os álbuns.)

Nada de interessante. Eu sempre fico ouvindo o que as pessoas falam. Nada de interessante mesmo.

DONO DO BAR

E agora? Se eles descobrem que...

GARÇOM (Recolhendo as garrafas na caixa.)

Ninguém vai descobrir nada! Faz o cara pagar e tudo fica bem.

VIAJANTE

Eu pago, eu pago. Não tem problema.

GARÇOM (Para o Dono do Bar.)

Você precisa administrar melhor esse negócio. Essa semana eu tô precisando.

DONO DO BAR (Senta-se e começa a beber.)

Eu sei, eu sei. Tá parecendo o velho. Eu não tenho fábrica de dinheiro não.

VIAJANTE

Esse aqui é o teu padrinho de merda?

DONO DO BAR

É, é ele. Mas não precisa falar desse jeito. Parece maconheiro.

GARÇOM

Recebe esse dinheiro logo que os caras já vieram te cobrar hoje.

DONO DO BAR

Vieram é? Mas eu disse prá eles que só no fim do mês.

GARÇOM

Mas o fim de mês já passou. Eu tô te avisando faz tempo. Não brinca com eles.

DONO DO BAR

Sei, sei.

GARÇOM

Depois tu coloca a gente em outra roubada e quem é que vai livrar a tua dessa vez?

VIAJANTE

E essa senhora quem é? A merda da madrinha?

DONO DO BAR

Tu não se aquieta não? Me dá a bosta desses álbuns!

VIAJANTE (Lutando para ficar com os álbuns.) Deixa eu ver, deixa eu ver! Eu tô pagando, eu tô pagando!

DONO DO BAR (Puxando os Álbuns. Cabo de Guerra)

Me dá logo essas merdas!

GARÇOM (Indo apartar.)

Deixa o cara ver!

VIAJANTE(Olhando bem no rosto do Dono do Bar.)

Se não deixar, eu não pago, viu? Eu não pago merda nenhuma!

DONO DO BAR (Larga o cabo de guerra. Levanta-se servindo próprio copo. Para o Garçom) O que você falou pra ele, heim? O que você contou?

VIAJANTE

Olha aqui: dois garotos! São vocês, não são? (Procurando com os olhos por quem possa lhe explicar as fotos) Fala, fala.

GARÇOM

É a gente depois de um campeonato. Ganhamos todas as partidas, de goleada. (Apontando para o Dono do Bar) Ele foi o artilheiro.

VIAJANTE (Para o Dono do Bar.)

Craque, heim?

DONO DO BAR (Bebendo e reclamando prô vazio, imaginando o futuro.)

Daqui a pouco eles chegam e vai ser aquela merda.

GARÇOM

Foi assim que ele conseguiu tudo, tudo. Todo mundo gostava daquele moleque jogando uma bola e fazendo gol.

VIAJANTE

Então ele era bom mesmo!?(Para o Dono do Bar) Já que tá na mão, me serve aqui também! (Contra a sua vontade o Dono do Bar vem e serve o Viajante.) Mais, mais, enche o copo! (O Viajante bebe.) Essa tá quente feito vômito!. Não tem outra não? (O Dono do Bar enche o copo do Viajante até derramar. O Garçom acompanha tudo e desabafa, como se já se tivesse testemunhado a cena:)

GARÇOM

Olha as fotos, cuidado com as fotos!

DONO DO BAR

Agora vou ter de limpar essa merda!(Se abaixa para limpar o chão.)

VIAJANTE (Folheando os álbuns.)

Mas como tem foto de futebol! O velho e a velha de merda não perdiam uma partida.

GARÇOM

Todo mundo aqui do bairro ia no campinho ver esse aí jogar. Todos achavam que ele ia parar em time grande, ser famoso.

VIAJANTE

Quanta foto! Chega! E tudo sobre a mesma coisa! Encheu! (Para o Dono do Bar) Oi, meu copo! Não esquece meu copo!

GARÇOM (Pegando os álbuns. O Dono do Bar serve o copo do viajante.)

Eles deram tudo para ele, tudo que ele pedia eles davam. Se eu tivesse jogado bem bola, assim, desse jeito, hoje as coisas poderiam ser diferentes comigo.

DONO DO BAR (O Viajante se levanta andando até a mala, preparando-a como uma goleira.)

É, mas não aconteceu nada disso, não é? Não mesmo!

VIAJANTE (Para o Dono do Bar. Fica com o copo na mão balançando-se como um goleiro)

Duvido que tu já foi bom em alguma coisa. Chuta uma bola aqui. Vê se acerta, seu merda!

DONO DO BAR ( Andando de um lado para o outro sem saber o que fazer)

Esse cara tá me irritando. Você tá vendo, esse cara tá me irritando!

GARÇOM

Vai lá, atende o cliente. Você tá precisando do dinheiro.

DONO DO BAR

Isso eu sei, eu tô devendo os caras, eu tô devendo muito.

VIAJANTE

Se não chutar logo essa merda, eu não pago nada, viu? Eu não pago nada!

GARÇOM (Ironia.)

Faz como antigamente, quando tu era bom e não precisava de ninguém. Vai, mostra prô cara, mostra!

DONO DO BAR

Mas se me pegam, merda, se me pegam?! O que vai ser de mim?

VIAJANTE(Provocando o Dono do Bar.)

Eu sabia que tu não era de nada! Sabia que era um bosta igual a merda do teu padrinho! Traz mais bebida, seu merda! Traz mais bebida, rapazinho!

DONO DO BAR (Irritando-se.)

O que?

GARÇOM

Chuta logo, chuta como antes, como tu sabia fazer!

DONO DO BAR (Empurra o Garçom e vai para os álbuns. Pega um monte de fotos e faz uma bola. O Garçom tenta impedir mas é novamente empurrado pelo Dono

do Bar. O Dono do Bar coloca a arranjada e tosca bola no chão. Dá uns passos para trás. Prepara-se e corre para chutar.)

Antes do que, heim? Fala! Agora!

GARÇOM

Quando eles chegarem, você tá perdido.

VIAJANTE(Vibrante, bebendo mais)

Isso, rapazinho. Mostra que é bom, que serve prá alguma coisa.

GARÇOM

As fotos, eram a última coisa que você não tinha destruído.

DONO DO BAR (Segurando uma garrafa e bebendo, trotando no lugar.)

Pois eu vou te mostrar, velho de merda, monte de feridas. Eu vou te mostrar que ainda consigo, que eu ainda sou o melhor.(Corre para chutar.)

VIAJANTE

Chuta essa merda, seu bosta!

(Sob o olhar atento de todos, o Dono do Bar vem com toda a força e chuta como se estivesse em um estádio lotado. O Garçom se ergue como que comemorando um gol. O Viajante pula como se fosse um goleiro salvando um pênalti em decisão de campeonato. Nisso, quando o pé do Dono do Bar atinge o maço de fotos amassadas, o bolo de papel explode e para todas as direções as fotos são lançadas. Vendo seu fracasso, em câmara lenta, o Dono do Bar cai de joelhos no chão colocando as mãos no rosto, como se tivesse perdido o tal pênalti de final de campeonato, a sua única e última oportunidade de mudar a vida. Nisso, deixa cair a garrafa que estava em sua mão. Ela cai e se arrebenta no chão, arremessando cacos e o grosso líquido de seu conteúdo. Ao mesmo tempo, também neste tempo interrompido e lento, o Garçom balança a cabeça de um lado para o outro, mostrando seu desalento, e o Viajante-goleiro cai no chão, como se tivesse feito uma grande defesa, levanta-se, joga uma imaginária bola contra o imaginado gramado, e fica brandido provocantemente seu braço contra o Dono do Bar. Enquanto o Viajante avança para zombar do Dono do Bar, este começa a perceber a realidade de sua situação, ao olhar as fotos espalhadas pelo chão. Ele as recolhe. O Viajante, ainda imaginando-se no estádio, vai e abre outra garrafa e bebe no gargalo, sentado na caixa de bebidas, segurando a mala no colo.)

VIAJANTE



Aquela merda da menina do avião! Aquele bosta do pai dela! A tarde inteira, uma vergonha, uma vergonha! E ninguém fez nada, nada!

GARÇOM( Para o Dono do Bar, mostrando os cacos de vidro e as fotos amassadas. Depois vai sentar junto à mesa.)

Eu passei minha vida arrumando o que fez. Agora não dá mais. Você vai ter de enfrentar tudo sozinho.

DONO DO BAR( Desesperado. Sentado no chão, cabeça entre os joelhos.)

O que eu vou fazer, cara? Eu só faço merda. Bem que o padrinho sempre dizia.

VIAJANTE

Sabe o que ter alguém a vida inteira em suas costas, quebrando suas costelas, pisando sua cabeça e você não fazer nada, nada?

GARÇOM ( Empilhando os álbuns.)

O rapazinho de ouro! O grande jogador! Todos em volta dele, adorando o rapazinho! Agora tudo acabou! Prepare-se! Eu não sei quem vai chegar primeiro: teus pais ou o pessoal cobrando a erva.

VIAJANTE (Como que acordando do porre. Joga a garrafa no chão. Corre em direção do Dono do Bar como que para dar um chute. Garçom vem para apartar)

Erva!? Tu, tu é o maconheiro? Maconheiro!

DONO DO BAR

Os caras vão chegar e vão mandar bala em tudo.

VIAJANTE

E eu entrei na bosta desse bar e tô no meio dessa merda. Por que tu não me falou disso, rapazinho?

GARÇOM( Segurando o Viajante.)

Calma, calma. Ninguém quer nada contigo. Vai embora.

VIAJANTE(Afastando-se para a sua mala)

Merda de bar! Eu podia ter morrido, viu? A coisa podia ter ficado pior!

DONO DO BAR (Rindo)

Seu bosta!! Quem viria atrás de uma bosta como tu que não serve prá nada, nada!? Um merda que tem medo até da bosta de uma menininha de merda, um bosta que vive se escondendo e fugindo de tudo.

VIAJANTE

Pera aí, pera aí! Pelo menos não sou eu que não sabe chutar uma bola.

GARÇOM (Para o Viajante.)

Pague a conta e vá embora: você não precisa mais se envolver em nada!

VIAJANTE(Começa a abrir outra garrafa. Abraça sua mala. Para o Garçom.)

E tu? Tu é o pior!

GARÇOM

Eu?

VIAJANTE(Começa o cerco. Viajante e o Dono do Bar vão se aproximando e encurralando o Garçom.)

Não vem não: não vai saindo da jogada.

DONO DO BAR(Para o Garçom.)

Eu sabia! O que você disse prá ele, heim? O que você falou de mim?

GARÇOM

Eu não disse nada, nada. Vamos arrumar isso aqui. Daqui a pouco chega...

VIAJANTE

Daqui a pouco bosta nenhuma, rapazinho! O que você tá escondendo, heim?

Fala, fala seu bosta! Sempre querendo ajudar, sempre querendo arrumar as coisas...

DONO DO BAR(Pega uma garrafa.)

Isso, isso. Eu sempre desconfiava...

GARÇOM ( Livrando-se do cerco para ir pegar os álbuns. Para o Dono do Bar)

Eu não seguro mais a tua, ouviu! Chega! O que tiver que acontecer que aconteça. Sempre dando ouvido prá esses caras!

DONO DO BAR

Quando eu comecei a sair com a rapaziada, ele ficava me enchendo, parecia o padrinho. Aquilo que irritava. Não podia fazer o que queria.

VIAJANTE

Daí encheu o rabo de maconha! Tudo por causa dele. Tudo!(Joga a mala na direção da mesa. Derruba os álbuns que estavam na mão do Garçom.)

GARÇOM(Para o viajante.)

Tá maluco? Conta encerrada. (Para o Dono do Bar.) Cobra dele, cara.

DONO DO BAR( Pega outra garrafa para o Viajante.)

Deixa meu camarada em paz, seu merda. (Parodiando e zombando) “Pô, larga esses cara! Larga essa vida! Larga essa merda! Tu ainda vai se dar mal!”

VIAJANTE(Ironizando)

“Vai se dar mal” ... Olha só quem fala! Vinte filhos, uma mulher morta e trabalha na bosta de um bar de merda!

DONO DO BAR

(Para o Viajante) Isso! Bebe, bebe o que quiser e não vai pagar nada! Amigo meu não paga nada!

GARÇOM (Indignado.)

Então é por tua conta, viu, por tua conta! (Sai, para dentro do bar.)

VIAJANTE (Indo atrás do Garçom.)

Já vai tarde! Vai, mande lembranças pros barrigudinhos cheios de remela!

DONO DO BAR (Indo para a mesa, rindo.)

Remela!

VIAJANTE ( Indo para a mesa também.)

E para a doentinha, pobrezinha, sem ninguém!

DONO DO BAR (Rindo.)

Sem ninguém! Pega uma pra nós!

VIAJANTE (Indo se sentar. Ainda falando alto para o Garçom que saiu.)

Maconheiro! Maconheiro!

DONO DO BAR ( Impedindo o Viajante de se sentar perto dele.)

Não, aqui não. Arma outra mesa prá lá e me traz mais bebida!

VIAJANTE

Mas, mas....

DONO DO BAR

Tu não entendo, não? Será que eu sempre preciso repetir, repetir? Tu é burro ou preguiçoso, heim rapazinho? Fala, vomita essa merda!

VIAJANTE

Mas, mas...

DONO DO BAR (Empurra com o pé o Viajante para a caixa de bebidas. O Viajante quase cai, tropeçando. Vai pegar a bebida e sua mala. Depois volta)

Pega essa merda logo, seu bosta! Meu padrinho sempre fazia isso comigo. Falava com os pés. Quando ele queria alguma coisa, lá vinha um pontapé. (Rindo) Acho que foi por isso fui jogar bola, prá aprender a chutar também, ou correr das patadas, ou levar chute o tempo inteiro. E lá ficava ele esparramado na cadeira gritando e chutando tudo, tudo pelo copo sempre cheio, a bebida escorrendo dentro dele, a merda da vida aqui fora.

VIAJANTE

Mais alguma coisa?

DONO DO BAR

Tu sabe o que é gritarem o tempo todo em teu ouvido pedindo cerveja? Sabe o que é levar coice, pisão, esporro, xingamento toda hora? “Pega a cerveja prá mim, seu bosta! Nulidade! pega cerveza prá mim!” No que você acha que eu poderia me tornar senão nisso que eu ouvia o tempo inteiro - um bosta, uma nulidade?

VIAJANTE

Posso ir agora? Tá tarde. Eu quero ir pra casa. Eu trago a caixa aqui prá ficar mais fácil...

DONO DO BAR

E quando eu pedi uma, uma cervejinha, uma só, a primeira, no dia do meu aniversário, um rapaz de quinze anos suplicando a bosta de...

VIAJANTE

Quinze? Mas não eram doze?

DONO DO BAR

Quinze, doze, vinte? Qual a diferença? Isso não muda nada!

VIAJANTE

Ah muda! Muda e muito! Imagine uma criança...

DONO DO BAR

Mas eu já sofria antes, bem antes...

VIAJANTE

Não, não! Mentir a idade é coisa que...

DONO DO BAR

A mulher do padrinho vivia dizendo que me colocaram na porta deles em caixa de sapato, que fui jogado fora, que nem minha mãe me quis.

VIAJANTE

Isso é outra história. Se disse doze, tem que ser doze. E não quinze.

DONO DO BAR

Então quando ele pegou aquela doença, o câncer se espalhando...

VIAJANTE

Nãnnãnnão! Pera ai! Você não sabe contar história. De novo essa merda das feridas! Parece maconheiro. Assim não há quem agüente. Eu não fiquei a tarde inteira em um avião, com uma menininha chutando...

DONO DO BAR

E tu, toda vez nessa, a bosta de um avião que devia cair contigo e com a criança e o pai dela e todo mundo que ficou ouvindo a merda dessa história de um bosta que não faz nada, que leva tudo nas costas e não reage, e não grita, e não chuta ou espeneia e xinga e explode com tudo, tu com toda essa bosta de merda de porra nenhuma. (Grita e puxa a mala do Viajante. ) AHHHH!

VIAJANTE(Lutando pela mala.)

E tu, seu maconheiro de merda, gordo, sentado aí reclamando da bosta de um velho que não faz mal nem pruma menina, nem prô pai dela,tu aí chorando a merda de uma vida que se acabou, bebendo a bosta de uma bebida de merda!

DONO DO BAR

Ahhh, é assim? Pelo menos eu não fico reclamando por isso, por aquilo, o bosta do porteiro, a merda da vendedora no shopping...

VIAJANTE

Ah, não reclama não?! Tá tudo muito bem contigo!? Os caras da droga vindo até te pegar e tá tudo ótimo, resolvido!! Seu gordo inútil! Nulidade!

DONO DO BAR

Como é que é!?!?(Solta a mala. O Viajante cai em cima da caixa de garrafas todo sem jeito, risível e sai espalhando tudo. A mala se abre e está vazia. O Dono do Bar se admira de tudo. Eles se entreolham. O Dono do Bar vai na direção do Viajante. Quando estão próximos, como em uma luta, os dois começam a sorrir. Pegam uma garrafa cada um e bebem no gargalo, rindo, sentados no lixo de tudo. Fazem brindes com as garrafas. Riem e se cumprimentam. Batem nas costas um do outro. Bebem. Apontam um para o outro. Se abraçam. Até que o Dono do Bar fala: )

DONO DO BAR

Você é meu amigo! Meu melhor amigo!

VIAJANTE

Sério?! Mas a gente...

DONO DO BAR

Tô falando, escuta: tu é meu melhor amigo!

VIAJANTE

Eu não...

DONO DO BAR

Essa merda estourando toda em volta de mim e você aqui comigo! Meu amigo  
(Abraça forte o Viajante.)

VIAJANTE (Já começando a cansar de tanta camaradagem.)

Chega, chega!!!...

DONO DO BAR

O que que tu quer, que eu mando o outro fazer!

VIAJANTE

Nada. Não precisa...

DONO DO BAR

Vai, fala: o que tu quiser eu trago aqui.

VIAJANTE(Um pouco mais alegre.)

O que eu quiser?!

DONO DO BAR

Qualquer coisa. Pede. Afinal a gente é amigo. Amigo é prá isso mesmo.

VIAJANTE

Eu não sei, já é tarde.

DONO DO BAR (Gritando para onde o Garçom saiu.) A mesa, vem atender a  
mesa!

VIAJANTE

Ele já deve ter ido embora.

DONO DO BAR

Então tu faz o que eu pedir!

VIAJANTE

Como é que é?

DONO DO BAR

É isso mesmo. Amigo é amigo.

VIAJANTE(Procurando com os olhos o Garçom)

A mesa, ô. Garçom, garçom! Mas será que ele foi embora de verdade?

DONO DO BAR(Pegando nas mãos do Viajante.)

Eu quero um beijo!

VIAJANTE(Surpreso, querendo soltar as suas mãos.)

Sai de mim, seu maconheiro gordo bichona!(Consegue soltar as mãos. Vai  
pegar sua mala)

DONO DO BAR

Você entendeu mal. Não é na boca não.

VIAJANTE(Vira-se, como se fosse sua última palavra, ajeitando a roupa e o cabelo.)

Nem se fosse no pé!

DONO DO BAR(Vindo na direção do Viajante.)

Tá se arrumando por que? Vai fugir, com essa mala vazia?

VIAJANTE

Sai de perto! Ela é minha! Sai que não tem beijo não!

DONO DO BAR(Dando as costas e indo pegar uma garrafa.)

Vai embora, mulhezinha, vai prô shopping comprar batom!

VIAJANTE

Eu gosto é de mulher, viu? Mulher!

DONO DO BAR(Procurando alguma garrafa cheia.)

Rapazinho, tu bebe, heim?

VIAJANTE (Se aproximando, dedo em riste.)

Nunca fui tão humilhado em minha vida como aqui, viu? Fazendo se parecer meu amigo prá depois...

DONO DO BAR

Por acaso tu nunca beijou na vida?

VIAJANTE

Homem, não, de jeito nenhum!

DONO DO BAR (Encontrando e abrindo uma garrafa.)

E teu pai? Ele não conta não?

VIAJANTE

Mas aí não vale! Tu tá querendo é outra coisa...

DONO DO BAR

Eu nunca tive pai, nem mãe nem coisa nenhuma. Nasci órfão e vivi por mim mesmo. Nunca um abraço, um...

VIAJANTE

E agora quer beijo, é? Vai querer nananenê também!?

DONO DO BAR

Eu pensava que você era meu amigo, amigo de verdade.

VIAJANTE(Ira e emoção.)

Seu gordo, trinta anos na cara, a cara cheia de bebida, mole, mole como a merda dessa bebida.(Pega a garrafa da boca do Dono do Bar e bebe.)

DONO DO BAR(Pega uma última garrafa. Aponta para onde o Garçom saiu.)

Ele ali que é feliz.Eu vi os filhos dele nascendo, um a um, um monte. Eles abraçam o pai. Todo dia tem alguém em volta dele.

VIAJANTE(Senta-se ao lado do Dono do Bar.)

Eu não sei quem é pior, sabe? Eu não sei qual é a pior história!

DONO DO BAR(Quase a chorar, ergue os braços para o Viajante.)

A gente não vale nada, amigão, a gente não presta!

VIAJANTE (Chorando, abraça o companheiro e larga a mala.)

Eu sou um porre, cara, um porre. Nem eu me agüento!

DONO DO BAR

Eu gasto todo o dinheiro desse bar na boca de fumo! Todo o dinheiro!

VIAJANTE

Ninguém consegue ficar mais de três minutos conversando comigo! É demais para qualquer um!

DONO DO BAR

Eu matava aula, eu matava os treinos! Eu não queria porra nenhuma com nada!

VIAJANTE(Pega as mãos do companheiro, mãos nas mãos.)

Eu só viajo prá ver gente, amigão, prá não ficar em casa sozinho, prá ter alguém no banco do lado. Eu faço isso toda semana, toda semana!

DONO DO BAR

Os velhos não sabem mais o que fazer comigo. O pessoal do crime tá vindo me pegar.

VIAJANTE (Olhar fixo um para o outro.)

Eu não faço nada que preste, não consigo fazer nada, nada!

DONO DO BAR

E eu só faço coisa errada, tudo errado!

VIAJANTE( Se abraçam.)

Meu amigo! Meu amigo!

DONO DO BAR

Amigão! Amigão! ( O Viajante beija no rosto do Dono do Bar. Ao beijar, sente a barba do amigo e faz expressão de não ter gostado da experiência e limpa a



boca com a mão. O Dono do Bar surpreso depois repete a mesma operação. Em seguida, ficam alternado beijos e abraços amigáveis, repetindo ‘ Meu amigo, meu amigo’. Uma tortura. Então entra o Garçom segurando uma malinha.

GARÇOM

Toda a noite a mesma coisa. (Separam-se envergonhados os companheiros bêbados)

DONO DO BAR

Até que enfim, não é?! Vem, servir a gente!

VIAJANTE (Como numa revelação. Pega a sua mala.)

Toda noite? (Olha para o Dono do Bar e arruma seus cabelos, sua roupa como se fosse uma donzela em flagrante).Então você...

GARÇOM

É só os velhos irem dormir ou viajar que ele entope esse lugar com seus amiguinhos. E fica noite inteira se lastimando, e falando mal do pai, da mãe, da vida que não deu certo. De tudo.

DONO DO BAR

Olha, vai devagar, se segura. Eu tenho minhas razões...

VIAJANTE (Pega as fotos no chão.Depois começa a procura mais bebida.)

Pai? Mãe? Mas você não disse que...

GARÇOM (Para o Dono do Bar. Senta-se e coloca sua mala na mesa.)

Já perdi muito tempo em minha vida. Tenho família prá criar. Você nunca, um dia sequer me chamou prá beber. E eu passei aqui meus dias limpando a merda que tu fazia. O que eu queria era simples, viu? O que eu esperava é tão pouco. O que eu pedi, eu queria de graça.

DONO DO BAR

Então vai, vai filósofo! Ninguém precisa de você mesmo. Tem meu amigo aqui.

VIAJANTE (Cólicas. Se massageando todo.)

Acabou a bebida! Acabou a bebida!

DONO DO BAR

Meu amigo aqui vai ficar comigo quando os caras chegarem, quando os bostas dos velhos vierem me dar esporro.

VIAJANTE(Para o Garçom.)

Bebida - vê se tem mais bebida lá dentro. Eu não quero perder nada disso, tudo grátis e ...

DONO DO BAR(Estranhando. Para o Viajante.)

Ô rapazinho, vai assinando o cheque que daqui a pouco sai a conta.

VIAJANTE

Quando eu vim prá aqui, eu só queria uma cerveja. Eu só tenho dinheiro prá uma cerveja.(Para o Garçom) O banheiro é ali, não é? (Sai correndo para o banheiro. O Garçom começa a gargalhar. O Dono do Bar pega a mala do Viajante e procura, em vão, dinheiro. Depois, irado, ele começa a chutar o que vê pela frente. Vai para a mesa, pega os álbuns, rasga-os e os chuta, chuta, como se estivesse em uma partida de futebol. Na medida em que vai passando a raiva, o Dono do Bar se sente mais livre para narrar os lances de seu jogo que imagina estar fazendo, driblando garrafas e cacos de garrafas até os vários chutes finais dos restos do álbum. Tudo é acompanhado pelas risadas e depois animada torcida do Garçom. Após fazer seus gols e pular no ar comemorando com o punho fechado, gritando ‘ gol’ , ‘golaço’, o Dono do Bar dirige-se para a mesa onde está o Garçom e fala quase sem fôlego: )

DONO DO BAR

Viu? Viu como eu ainda jogo bem? Não adiantou nada essa tua praga, tua e do merda de meu pai e da minha mãe! Eu sou melhor que vocês todos!

GARÇOM (Levantando-se e batendo palmas.)

Agora tu acabou com tudo ! Demorou tanto prá conseguir isso! Quando eles chegarem ....

DONO DO BAR (Senta-se na mesa)

Não tô mais nem aí, viu? Tu, dizendo que era meu amigo, me espionando, me dizendo ‘não faça isso, não faça aquilo’, iguazinho a eles!

GARÇOM (Acocora-se e ergue pedaços dos álbuns rasgados.)

Você sempre fez o que quis. Toda hora uma coisa diferente. Nunca foi até o fim em nada. Mas agora você conseguiu acabar com tudo. Quando eles chegarem...

DONO DO BAR

E tu, que sempre fez tudo direitinho, casou, teve família, bom pai, bom homem – o que tu conseguiu com isso? Em que isso te ajudou? Vive aí esmolando atenção, agourando, chamando desgraça feito uma velha louca e doente.

GARÇOM (Irrita-se, pega sua mala e joga no Dono do Bar que cai no chão, arrastando consigo a mesa e as cadeiras.) Mas quem é tu prá falar alguma coisa de mim?

DONO DO BAR

Vai, bate no maconheiro, pisa na bosta do gordo de merda! Faz como eles!

GARÇOM

Tu não me provoca, viu? Tu não me provoca?

DONO DO BAR (Sangue escorrendo do nariz.)

Pois é, eu bebi, fumei, cheirei toda essa bosta. E daí? É isso que tu queria? Que eu falasse, que dissesse tudo, que chorasse e pedisse perdão?

GARÇOM

Quantas vezes eu te ...

DONO DO BAR

Um monte de vezes! E tu não viu que não adiantava, que eu não tava mais escutando nada?

GARÇOM

Mas você...

DONO DO BAR

Eu? Eu porra nenhuma! Desde quando tu ou o velho doente ou aquela mulher pensaram em mim? Quando?

GARÇOM (Pegando sua mala. Anda, para ir embora.)

Toda noite a mesma coisa. É fácil sair dessa. Toda noite é fácil acusar, esquecer de tudo que foi feito, tudo.

DONO DO BAR

Mas vocês fizeram tudo direitinho! É só olhar prá mim! Olha, olha para essa merda de gordo vagabundo, maconheiro! Não é o que vocês falam por aí, prá todo mundo? Vai, vai embora prá tua vidinha de merda!

GARÇOM

E o que tu sabe sobre mim? Não sabe nem onde eu moro?

DONO DO BAR (Gaguejando, procurando esconder seu incômodo)

Eu... eu sei! Claro que sei! Eu te deixo em casa todas as noites.

GARÇOM (Senta-se na mala.)

Deixa nada! Cada vez que me leva, me deixa em um lugar diferente. Diz pra eu tomar cuidado com a vizinhança e, bêbado, me deixa no primeiro lugar que vem na cabeça. E meus filhos - sabe o nome deles?

DONO DO BAR

De quem?

GARÇOM (Baixa a cabeça, apóia os braços nos joelhos, balança a mão e com os dedos fica espalhando os cacos e os restos dos áluns.)

De meus filhos! Diz pelo menos o nome de um deles!

DONO DO BAR

Agora, assim, sem pensar?

GARÇOM

Um nome só!

DONO DO BAR (Levantando-se, tentando se levantar.)

Deixa ver...essa é difícil...

GARÇOM

E o da minha mulher? Você lembra dela?

DONO DO BAR

Eu não! Mulher de amigo meu ....

GARÇOM ( Ergue a cabeça e o olha bem fundo nos olhos do Dono do Bar.)

E o meu: esse você tem que saber!

DONO DO BAR (Baixando o olhar, limpando o sangue no nariz.)

Mas você tem nome é? Eu sempre achei que...

GARÇOM (Dirigindo-se para o Dono do Bar.)

Meu nome, cara, meu nome! Será que você não sabe nem meu nome?

DONO DO BAR (Perdido, sem saber o que fazer com os braços e com a cabeça, tentando encontrar alguma resposta.)

Você trabalha aqui todo dia... Você tá sempre por aí e eu nem...

GARÇOM (Pega o Dono do Bar pelo colarinho e o sacode.)

Fala, cara! Pelo amor de Deus, fala meu nome! Não me diz que tu não sabe meu nome!?!

DONO DO BAR

Não sei, não sei de nada! Não me bate! Não me bate!

GARÇOM

Quantas vezes eu te tirei das brigas! Quantas vezes eu salvei tua pele! Quantas vezes eu menti por ti! Quantas vezes eu assumi o que tu fez! E agora, depois de tudo isso, tu não consegue nem falar...(Solta o Dono do Bar) Tu não sabe nada de mim, tu não me conhece! O que que tu quer da vida, heim?

DONO DO BAR(pega as mãos do Garçom)

Eu quero que tu fique, que não vá embora! Tu é meu amigo!

GARÇOM

Teu amigo? Mas você nem sabe...

DONO DO BAR

Que que isso tem a ver? (Abraça o Garçom.) Não me deixe, meu amigo, não me deixe! Meus pais, os caras da pesada! Me ajuda, me ajuda!(Dando beijos no rosto do Garçom que tenta sair do abraço, mas não consegue.Nisso entra o Viajante.)

VIAJANTE

Seu gordo de merda! É só eu sair que você me trai com outra!

GARÇOM (Conseguindo se livrar do abraço.)

Fica aí com teu amiguinho sem dinheiro!

VIAJANTE (Esfregando o baixo ventre)

Ah, como eu tô mais leve. Acho que retenho líquido. Acho que sempre retive líquidos. (Encenando o que fez no vaso) Tava com a barriga cheia, cheia há séculos. Daí fui soltando, soltando... (Fechando os olhos de prazer.) Como foi bom! Mas não saiu tudo de uma vez não!(Mexendo-se num vai e vem) Tinha hora que vinha grosso, forte, muito forte, fervendo, uma beleza, queimado tudo lá dentro. Depois o negócio parava, parava e escorria um risquinho de nada de xixi. E a pressão atrás, esperando prá arrebentar com tudo, prô jorro vir de novo, enorme, grosso, poderoso. Mas depois, tudo parava outra vez, e um risquinho de nada...

DONO DO BAR

Pára, pára! Não sabe nem contar uma história! Pará com essa merda!

VIAJANTE (Abre os braços, como se fosse levantar vôo, como se fosse um avião.)

Então grosso, fino, grosso, fino, tudo foi saindo de mim!(Começa a voar em volta do Dono do Bar e do Garçom que vão saindo de cena) E parecia que eu estava livre, livre, voando, como um avião, no céu, sozinho, sem ninguém para segurar e roubar minhas cartas, rir da minha cara, chutar meu banco a tarde inteirinha... Ah,

aquela menininha de merda, e a bosta do pai dela não sabem de nada, não sabe o que bom, como é bom voar, voar...

DONO DO BAR

Depois eu é que sou a bosta do maconheiro de merda! (Para o Garçom.) Vamos, eu te levo em casa!

VIAJANTE (Meio que despertando do delírio.)

Como é que é?

GARÇOM

Não precisa! Eu chego mais rápido sem você!

VIAJANTE (Ficando apavorado. Vai para a direção dos que saem.)

Mas...mas quem vai ficar cuidado do bar?

DONO DO BAR (Ameaçador.)

Você! Espera aí! Agüenta firme! Eu já volto! E se eu voltar, e você tiver ido embora...(Saem de cena.)

VIAJANTE (Passos para trás. Começa a falar para os que saíram, como se os desafiasse. No entanto, ao pisar nas coisas quebradas e destruídas, o Viajante vai temendo pelo que pode acontecer com ele. Daí debate consigo mesmo nessa angústia.)

Mas eu não posso ficar, viu? Eu não sou mais o mesmo cara de antes, que agüenta tudo calado, perceberam? Eu nunca mais vou deixar ninguém fazer o que quiser comigo! Nunca! Todos esses anos, todos os dias sempre alguém me humilhando, me destruindo... Ouviram? Aonde que eu fosse, de onde que eu saísse... a mesma, a mesmíssima situação, sempre o vexame e a desgraça, xingando todos, dentro de mim, sem dizer uma palavra, as coisas girando em minha cabeça. (No centro do espaço.) Agora estou aqui, outra vez, falando sozinho, a boca seca, as mãos suando, no eco fundo do vazio. E não posso falar nada, nada! (Começa a bater em si.) ... dizer o quanto odeio tudo isso, o quanto tudo isso acaba comigo... (Cansa-se e se senta no chão.) Se eu pudesse, se uma vez só eu pudesse não levar prá casa a bosta de tudo isso... (Tenta se erguer mas cai.) uma vez só que seja eu pudesse me levantar e olhar bem nos teus olhos (Para a platéia. Vai se levantando e andando na direção da platéia)... e gritar forte, grosso, como a bosta de um jorro de mijo em tua cara: “Por que? Por que você está fazendo isso comigo? Quem te deu o direito de fazer isso, seu merda!?!? Acha que é divertido, (Faz os gestos que narra.)que é maravilhoso alguém ficar assim te cutucando, te enfiando um ferro nas costas, ãh? Te entortando todo,

rasgando tua carne? Então você acha que pode fazer isso, que pode fazer o que quiser? Que eu vou ficar quietinho, calminho, sem me mexer enquanto você acaba comigo? É isso que você quer, não é? É isso que você quer que aconteça ?! (Voltando para a cena, sem dar as costas para a platéia) Pois então vai ser assim, seu bosta! Vai ser desse jeito mesmo que tu quer! (Rindo) Vai, pisa, pisa nas minhas costas, chuta a minha cabeça! Tu não sabe fazer outra coisa, tu só sabe me arrebentar! Então acaba comigo, acaba! Bate com toda a força, bate! Eu quero ver até onde tu agüenta, até onde tu consegue bater!...(No centro da cena. Chora e se joga no chão, braços abertos - o 'avião' aterrisou. Após alguns instantes, ouve nos bastidores vozes e passos. Ergue-se apavorado e pega sua mala e se esconde debaixo dela sussurrando. Enquanto grita, entra o Dono do Bar bufando de raiva, segurando uma mala em cada mão.)

VIAJANTE

Eu não sei de nada, eu não sei de nada! Não me matem, não me matem! O maconheiro fugiu! Diz que não ia pagar nada! Não me matem, não me matem!

DONO DO BAR(Coloca as duas malas no chão e tirando a mala de cima do Viajante.)

Cadê o tal 'novo homem' que estava aqui! Seu merda!

VIAJANTE

Não me beije seu gordo chorão! Trouxe mais bebida?

DONO DO BAR(Enfia a mala de volta na cabeça no Viajante.)

Ahhh! Dei de frente com meus pais lá no fim da rua!(Viajante joga longe a mala que está sobre ele e ajeita a roupa, os cabelos.) Tavam vindo a pé do aeroporto. Me esqueci de buscar...

VIAJANTE

Seu bosta! (Novos sons de passos e vozes) Agora são os bandidos! Agora a gente não escapa!(Corre para debaixo da caixa das bebidas. Entram o Garçom e os pais do Dono do Bar. O Pai vem na frente, com dificuldade para andar por causa de seu excesso de peso e de uma perna inútil. Daí a bengala. A Mãe, tão gorda quanto, chega fumando muito.sempre que falar, vale-se do cigarro. Cada um tem uma mala. O Pai está vestido de bermudas e camisa cheia de flores, como um turista norte-americano. Traz anéis nos dedos, relógio caro e colares – tudo de ouro. Vem com boné na cabeça, óculos escuros, uma câmara de fotografia e calça chuteiras de futebol e meia social. A Mãe usa um imenso chapéu de palha com conchas, maiô florido e canga estampada, óculos escuros, muitas pulseiras de plástico, brincos de argola,

maquilagem exagerada. O Garçom entra trazendo uma mala em cada mão. O Pai e Mãe entram discutindo, movimentos de velhos. Ao ver a bagunça, o pai fala:)

PAI

Que bosta de merda é essa?(Chuta uma cadeira que está no chão. Vai abrindo caminho, até o Dono do Bar, chutando o que está em sua frente.)

MÃE ( Alheia a tudo, examinando suas unhas, como se estivesse presa a um roteiro obrigatório de ações, reações e falas.)

E precisa xingar? Vai adiantar alguma coisa?

PAI

Olha o que o teu filhinho fez!

MÃE

Agora vai por a culpa em mim, como sempre?

VIAJANTE (Saindo de dentro da caixa)

O padrinho canceroso!

PAI (Surpreso)

Ainda trazendo maconheiro aqui dentro?!

MÃE (Pegando os álbuns.)

Alguém pode me dizer o que está acontecendo?!

DONO DO BAR

Mãe, pai eu...

PAI

Vem cá pedir a benção!

MÃE (Forçando demonstrar muita raiva e desgosto.)

Depois a gente conversa! (O Dono do Bar beija a mão do Pai e, contra sua vontade, beija também o rosto dele.)

VIAJANTE

Nunca vi! Vai gostar de beijar homem assim...( O Pai senta-se em uma cadeira. A mulher fica em pé ao lado dele. Com a bengala, o Pai remexe no lixo nas garrafas especiais, na caixa.)

PAI (Para o Dono do Bar.)

Minha caixa de vinho! Safra especial! Você teve a coragem de mexer nelas!

MÃE (Saindo de sua postura artificial e distante.)

E daí? Há anos você ficava guardando isso sem usar!

PAI (Fala usando a bengala, com a bengala pegando as coisas das quais fala.)



Tá defendendo ele? O rapazinho aí destrói o bar, acaba com a bebida, arrebenta os álbuns, entope o lugar com maconheiro e eu é que estou errado!?!

VIAJANTE

E também tá devendo os traficantes!. Os caras tão vindo cobrar.

MÃE (Se abanando com um leque.)

Deixa de recriminar o garoto! Tu bem sabe que ele nunca teve uma chance!

VIAJANTE

É, veio numa caixa de sapato e tal.

PAI

Quem é esse teu amigo? Andou falando o que para ele?

GARÇOM

As mesmas histórias. As mesmas.

PAI (Se erguendo. Para o Dono do Bar.)

É um bosta! Uma nulidade! Sempre foi um bosta!

DONO DO BAR

Obrigado, pai, isso me faz tão bem!

PAI

Depois de tudo, o rapazinho fica ainda ironizando, heim? Querendo escapar...

MÃE (Tira o chapéus, saindo de sua pose, como que saindo da encenação de seu desdém)

Não começa. Vamos dormir. Que eu tô cansada, cansada de tudo isso.

PAI (Para a Mãe, olhar firme, preocupado em não desmontar a farsa. Segura a mão dela.)

Eu te disse, eu disse que tinha que puxar firme o rapazinho, senão ele amolecia. Viu no que deu, viu?

VIAJANTE

É um bosta! E beija homem!

PAI

Então o que você contou pro teu amiguinho maconheiro?

MÃE (Querendo sair. Impedida pelo Pai)

É tarde, deixa disso. Amanhã a gente conversa.

PAI

Não, vai ser agora! (Para o Garçom.) Vai lá e esquentar o que tiver prá comer. Eu tô com fome. Depois de andar a pé do aeroporto até aqui, com essas malas, porque a bosta do rapazinho esqueceu de buscar os pais, acho que eu mereço alguma coisa.

MÃE (Voltando ao seu tom falso e declamatório)

Não adiantou nada pegar avião e ir se consultar. Nunca ouve o que eu falo.

PAI

Mas é difícil ouvir alguém todo dia dizendo a mesma coisa, todo dia repetindo o que eu já sei. Não resolve nada.

DONO DO BAR (Consigo mesmo)

É o que sempre eu digo!

VIAJANTE

Eu sei como é isso.

PAI (Para a Mãe.)

Se o que você fala servisse prá alguma coisa, o rapazinho aí não tinha virado nisso, um bosta de merda que não sabe cuidar nem de um bar, maconheiro gastador que não serve prá nada, nulidade, inútil de um mal educado, vagabundo que só sabe beber e se endividar. Nunca fez nada na vida, nunca conseguiu fazer algo que preste. E você quer que eu faça o que agora? Que não coma, que não encha a barriga, que não me empanturre - que é a única coisa boa que me resta, ouviu? (Para o Garçom) Vai lá dentro e esquentar qualquer coisa pra mim! (Garçom sai.)

DONO DO BAR

Fala, fala mais, na frente dos outros, me humilhando assim!

MÃE (Pega os álbuns mecanicamente e os mostra)

Os álbuns: por que você fez isso?

DONO DO BAR

Eu não agüento mais, mãe, eu não agüento mais!

PAI

Não agüenta mais o quê? Tem de tudo, não te falta nada. E ainda reclama!

MÃE (Para o Dono do Bar)

Você não podia ter feito isso. As fotos não, isso nunca!

DONO DO BAR

Tudo é culpa de vocês, tudo! Eu não queria ter feito nada disso, nada.

VIAJANTE

Eu vou me embora. (Tira dinheiro do bolso) Toma o da cerveja! Chega!...

PAI (Com a bengala puxando uma cadeira. Para o Viajante)

Você vai ficar. Sente aí. (Pega o dinheiro e confere. A Mãe pega o dinheiro da mão do Pai e coloca entre os seios.) Vai ouvir tudo e concordar comigo.

VIAJANTE

Mas entrei aqui só para beber uma e...

MÃE (Senta-se em uma cadeira, com álbuns, tentando consertá-los, organizá-los, conferindo as fotos. Volta para seu modo de falar cansado, farsesco.)

Mais uma noite daquelas. E depois sou eu quem faço sempre as mesmas coisas.

PAI (Para o Dono do Bar)

Pegue uma mesa e arrume aqui pra nós! Vamos jantar, todos juntos, como antes! (Enquanto o Dono do Bar prepara o local, começa a conversação.)

PAI (Para o Viajante)

Então bebeu do meu vinho, heim?

VIAJANTE

Pensei que fosse outra coisa, assim coisa de morto, câncer!

PAI ( Rindo. fala para a Mãe)

Ouviu essa? O rapazinho deve ter contado da cerveja quente.

MÃE (Entretida com as fotos. Querendo que tudo acabe logo.)

Sei, sei.

PAI

E o que mais? Fala!

VIAJANTE

E teve o lance do futebol, sabe?

PAI

Futebol?

MÃE (Voltando a ser a falsa mãe, a retórica do cuidado, da preocupação.)

É, futebol. Quantas vezes eu te disse que ele jogava bola ?!

PAI

Mas como é que um gordo maconheiro desses pode correr atrás de uma bola?

VIAJANTE(Rindo.)

Gordo maconheiro!!! (Riem ele e o velho)

MÃE ( Falso suspiro, falsa saudade. Frase feita.)

Pena que o que passou não volte!

DONO DO BAR

Eu jogava bem, jogava. O senhor que nunca foi me ver jogar.

PAI

Tinha que trabalhar, pagar tuas contas.

VIAJANTE

Não tem mais cerveja não?

PAI

Aqui a gente não usa bebida alcólica nas refeições!

DONO DO BAR

Se um dia, um dia só o senhor tivesse ido lá no campinho o senhor ia ver como eu jogava bem, como o pessoal gostava de mim.

PAI

Eu não vou em boca de fumo. Tenho que dar o exemplo. Por que você acha que eles não vêm aqui te pegar? É porque me respeitam, me conhecem, sabem que aqui tem gente séria, trabalhadora. (Para o Dono do Bar) Pegue aquela mala ali prá mim. (Dono do Bar se levanta e vai pegar a mala). Essa não: a outra, seu bosta!

MÃE (Para o Viajante. Sobre as fotos.)

Você acha que essa aqui vem antes ou depois dessa?

VIAJANTE (Estranhando e ficando feliz com a possibilidade de diálogo e participação.)

Não sei. Acho que...

PAI (Puxa com a bengala o Viajante. )

Como eu ia dizendo... (O Dono do Bar chega com a mala. Viajante prepara-se para ouvir.) Depois eu falo. (Larga o Viajante. Para o Dono do Bar que vem com uma mala.). Sente aí. Ouve, nulidade! Mesmo com tudo, a gente trouxe um presente prá ti, seu mal agradecido de merda!(O Dono do Bar abre a mala e pega uma caixa de sapato. Abre a caixa e tira um par de chuteiras.)

DONO DO BAR (Examinando o presente.)

Prá que isso?

PAI

Agora não tem desculpa prá não ir correndo buscar a gente no aeroporto.

DONO DO BAR(Com as chuteiras na mão.)

Eu não vou buscar ninguém! Prá que esse monte de chuteiras?

VIAJANTE(Para a Mãe. Buscando puxar conversa.)

Eu vim de avião também.

MÃE (Como se tivesse sido interrompida em sua encenação. Dando uma descompostura.)

Não me atrapalhe: não vê que estou ocupada?

PAI

Se não quiser esse, têm outros modelos.(O Dono do Bar tira da mala outras caixas com pares de chuteira todos iguais.) Me dá aqui, nulidade! (O Pai toma o pé esquerdo de um par que está na mão do Dono do Bar.) Eu só vou te dar o outro pé quando você chegar lá no aeroporto prá nos pegar.

DONO DO BAR

Eu não vou ficar andando por aí com um pé só de chuteira?. É muita humilhação.

VIAJANTE (Insistindo com a Mãe)

Por acaso, durante a viagem não tinha uma menininha atrás de vocês chutando o banco com força e o pai dela...

MÃE (Para o Dono do Bar. Falsa tentativa maternal.)

Aceite o presente de teu pai! A gente fez o maior esforço!

PAI (Para a Mãe.)

Eu te disse, eu te disse: o rapazinho aí não ia gostar. Ele não aceita nada do que a gente faz, todo nosso sacrifício!

DONO DO BAR

Agora eu não preciso disso. O que eu vou fazer com essas merdas?

VIAJANTE (Para o Pai e a Mãe. Falando para todos e para ninguém.)

Outro dia, no Shopping, eu fiquei horas, horas esperando ser atendido. A mocinha lá...

PAI (Tentando enfiar a chuteira no pé do Dono do Bar.)

Por acaso tá grande no teu pé? Não é nova? O que mais tu quer? Sabe quanto eu paguei por elas, rapazinho? Sabe quanto?

MÃE (Examinando suas unhas.)

Aceita , meu filho, aceita: nunca se sabe quando ele vai te dar alguma coisa outra vez.

DONO DO BAR

Não, não, de jeito nenhum! Eu não quero, eu não quero!

PAI

Tá vendo? Não foi como eu falei? E você insistindo, insistindo prá eu comprar. (Chuta as caixa com chuteiras.) E o que eu vou fazer com essas bostas agora?

DONO DO BAR

Quando eu era menino, todo mundo aqui sabe, eu precisava delas, precisava o tempo inteiro.

MÃE (Perdendo a calma)

Mas não tem diferença. Nada mudou. A gente só quer o teu bem, teu pai e eu.

PAI

A gente fez tudo por você, tudo, até compramos as bostas dessas merdas de chuteiras. Não é o que tu queria? Não é o que tu sempre quis?

MÃE (Tentando esconder sua vontade de não participar da situação.)

Olha o sacrifício que a gente faz - teu pai doente, o dinheiro contado. Calça logo essas chuteiras!

VIAJANTE

Eu queria tanto que a mocinha, a menininha, o porteiro, o shopping inteiro todos eles ficassem doentes, de câncer, câncer!

DONO DO BAR

Vocês não vêem nada, nada! Nem com tudo destruído, vocês continuam vendo nada, nada!

MÃE (Seguindo um roteiro emocionalmente exagerado, um dramalhão afetado.)

Olha essas fotos, você aqui feliz, feliz. O que você quer que a gente faça mais? Me fala!! Me fala!!

PAI

E eu carregando essas malas, cheias de coisas prá você, um monte de chuteiras prá você nunca mais reclamar de nada. Todo esse peso nas costas e o que eu ganho, heim? O que eu ganho com isso?

DONO DO BAR (Levanta-se e vai abrir as outras malas. Vai abrindo e em cada uma monte de caixas de sapato com chuteiras dentro.)

As malas? Todas as malas? Vocês ... vocês... por que vocês estão fazendo isso comigo? (Entra o Garçom com uma panela de sopa e pratos e talheres.)

PAI (Pega o prato, a concha e começa a se servir. Viajante pega um prato e fica esperando sua vez. A conversa segue com o Pai servindo todo mundo, menos o Viajante.)

Até que enfim, heim! Tô com uma fome!

MÃE (Estende o prato para ser servida. Fala com sua voz de fastio.)

Me diz quando você não tem fome?!.

PAI

Ô rapazinho, vem aqui! Já servi teu prato!

MÃE (A falsa maternidade.)

Depois sou eu quem acostuma mal o garoto!

PAI (Para o Garçom.)

Quer também? Pega um prato. (Chega o Filho e se senta para comer. Todos comem a sopa. O Pai faz sons insuportáveis ao sugar sua comida e balança os pés.)

VIAJANTE

Essa sopa parece muito boa!! A essa hora da noite uma sopa dessas é a melhor...

MÃE ( Para o Pai. Sem o fastio.)

Vê se come direito! Parece um porco...

PAI

Eu tô comendo, não passeando no shopping!(Para o garçom). Essa tá ótima! Caldo grosso, forte! Do jeito que eu gosto.

VIAJANTE (Estendendo o prato para o pai que monopoliza a concha de servir.)

Será que o senhor podia...

PAI (Colocando mais em seu próprio prato. Falando com o Garçom.)

Olha, eu estive pensando.

MÃE (Sorriso discreto.)

Na verdade, eu dei a idéia.

PAI

Agora vai cobrar o crédito da idéia também? Já não basta...

MÃE (Sem paciência.)

Fala logo prá ele.

PAI

Bem, a gente pensou, pensou e decidiu que está na hora de fazer umas mudanças aqui.

VIAJANTE (Ainda com o prato estendido, o braço tremendo.)

Eu vou comer ou não?

DONO DO BAR (Para o Viajante. Chuta o Viajante por baixo da mesa)

Seu bosta! Chato! Insuportável! Por que você ainda não foi embora?

MÃE (Para o Dono do Bar. Com afetação.)

Tudo para o seu bem, meu filho, tudo para o seu bem!

VIAJANTE (Batendo as mãos talheres na mesa.)

Eu tô com fome, seu bosta de maconheiro gordo de merda! Eu tô com fome!

PAI (Para o Dono do Bar.)

Então a gente decidiu isso: tu vai trocar de lugar com ele (Apontando para o Garçom.)

DONO DO BAR (Surpreso deixa cair a colher no prato. )

Como é que é? (Viajante começa a rir e pega o prato do Dono do Bar que já não tem comida. Alegria e decepção. Mesmos sons que o Pai faz ao sugar a sopa.)

MÃE (Quase rindo.)

É só por uns tempos, um ou dois anos quem sabe.

PAI

Afinal de contas vocês cresceram juntos, estão juntos nas fotos, até um dos filhos dele tem o teu nome. E você está muito gordo, um bosta de um gordo de merda: precisa se exercitar, fazer esforço.

MÃE (Dificuldade em segurar a gargalhada.)

Se tudo der certo e for bom pra você a gente nem destroca, continua tudo como ficou.

PAI (Preocupado em continuar com a séria trama. Apontando um e outro referente de sua fala.)

E eu faço uma economia com o fim dessa vagabundagem: você vai ganhar o pouco que eu pago prá ele, e ele continua recebendo o mesmo salário.

DONO DO BAR (Levantando-se sem saber o que fazer, olhando em volta para todos)

Mas... mas...

MÃE (Para o Garçom, e servindo seu prato. O Viajante estende o prato vazio com maior desespero.)



Tem algum problema você fazer esse favor prá gente?

GARÇOM (Recolhendo o prato e começando a comer, escondendo o riso)

Nenhum problema, minha senhora. Vocês sempre foram bons prá mim. Dá até pra arranjar um quartinho lá na vila pro filho de vocês. Assim ele vai se acostumando às mudanças.

PAI (Estende o prato e é servido pela Mãe, para horror do Viajante que se matiriza, gemendo baixinho ‘Não! Não! Não!’)

Excelente idéia. E eu economizo mais ainda. Pois ele vai sair de casa e ter que pagar o aluguel.

GARÇOM

Têm umas amigas da minha mulher, gente boa, viúvas, o tráfico levou os maridos. Elas querem também conhecer alguém. Elas querem também mudar de vida.

DONO DO BAR (Nervoso, amassando uma chuteira na mão.)

Vocês tão brincando, não é? Podem parar, podem para com a conversa!

GARÇOM

E elas têm filhos, muitos filhos. Pelo menos uns cinco.

MÃE (Fingindo satisfação e alegria.)

Pronto! Tudo resolvido! De uma hora para outra, meu filho, você arranja trabalho, mulher e família!

PAI (Para o Dono do bar, que começa a amontoar as chuteiras.)

E toda essa sua vida inútil, gorda e maconheira vai se acabar de uma vez por todas, num segundo.

GARÇOM (Sendo servido mais. O Viajante coloca as mãos na cabeça e cai com o rosto na mesa. Depois, com uma mão, fica erguendo e balançando o prato vazio. Garçom fala para o Dono do Bar.)

E com a gente na mesma situação, vizinhos, nossas mulheres e nossos filhos juntos, eu vou poder te ajudar mais em tudo. Você vai entender melhor algumas coisas que não quis entender durante todos esses anos e finalmente vai me ouvir, com todo cuidado, com toda atenção.

MÃE (Para o Dono do Bar. Voltando o cansaço. As frases decoradas.)

E eu vou tirar muitas fotos, vou fazer muitos álbuns. E a gente vai se sentar aos domingos aqui para tomar sopa, essa sopa grossa, forte e quente e folhear os novos álbuns.

PAI (Sorvendo a sopa)

Sopa quente, bem quente, queimando e rasgando tudo por dentro. A melhor coisa do mundo! (Para o Dono do Bar.) Vem cá, seu bosta, e engole essa merda!

GARÇOM (Serve um prato.)

Deixa que eu levo prá ele, pela última vez.

PAI (Pega esse prato servido e coloca a sopa no seu prato.)

Não, deixa que ele se sirva. O rapazinho precisa aprender.

DONO DO BAR

Vocês tão pensando que vou engolir essa porcaria, heim?

MÃE (Já sem paciência. Querendo que tudo se acabe logo.)

Vem, prá mesa, garoto. Vem logo prá mesa!

DONO DO BAR (Para o Viajante.)

Não foi como eu disse? Lembra da história do aniversário?

VIAJANTE (Levanta-se meio desequilibrado. Vai atrás de sua mala.)

Eu tô de passagem! De saída! Tem um aeroporto por aqui?

GARÇOM (Para o Dono do Bar)

Me leva em casa. Tô louco para contar logo as novidades. Aproveita e leva o teu amigo embora.

MÃE (Docilidade forçada.)

A gente só quer teu bem. Vem prá mesa e come do que a gente tá te oferecendo.

VIAJANTE (Vasculhando no monte de malas do lugar.)

Minha mala, cadê minha mala?!?

PAI

Se não quiser comer, melhor! (Começa a beber a sopa na Panela. A sopa escorrega por seu pescoço e roupa. Ele arrota e limpa com a mão a boca. Para o Dono do Bar.) Vai lá e volta logo. Amanhã cedo tu começa a trabalhar.

VIAJANTE ( Vira-se e grita para todos)

Engole essa bosta de merda, seu velho porco, beijador de homem, maconheiro cheio de câncer! (Sai correndo, rindo.)

MÃE (Retornando para os álbuns. Clichês e cansaço.)

Mas que mal educado! Quem será a mãe desse garoto?

GARÇOM

Ele vai voltar. Deixou a mala. Vamos indo? (Vão saindo o Garçom e o Dono do Bar. O Dono do Bar sai como se tivesse bolas de ferro amarradas em suas pernas.

Ele carrega a mala do Garçom. Ao fim, dá uma última olhada para o bar, para a platéia, misto de raiva e fracasso. Sai resmungando ‘Não, de novo não. Isso não’. Lá dos bastidores grita: ‘Nããããããooo!’

PAI (Vira-se abruptamente para a Mãe)

Da próxima vez você podia se esforçar mais!

MÃE (Tirando o chapéu e as pulseiras e o quase sorriso do rosto. Lança com os pés seus sapatos.) Fiz é muito, mais do que queria! Me passa a merda dessa sopa!

PAI (Muita preocupação em ser apanhado em flagrante.)

Calma, eles estão por perto!

MÃE

Olha aqui: foi você que inventou essa bosta! Tô fora! Me dá logo a panela que eu tô cum fome! (Pega a panela e bebe a sopa que escorre na roupa dela) Ahh, que coisa boa! Quente, grosso! Não tava mais agüentando!

PAI (Suplicando.)

Será que você não pode por uns momentos fazer o que eu te peço?

MÃE (Colocando a panela com força na mesa. Limpando a boca com a mão.)

Cansei, ouviu?! Não agüento mais esse negócio de me fazer de mulherzinha do homem mau!

PAI (Esforçando para convencê-la.)

Mas a gente precisa demonstrar autoridade senão ele não respeita mais ninguém, não tem limite.

MÃE (Rindo irônica.)

Respeito? E desde quando tu impõe respeito? Acabou a sopa! Vai lá e faz mais! Respeito!!!!... E o rapazinho já tem uns trinta anos!

PAI (Levanta-se e com agilidade, sem mais precisar da bengala e de seus movimentos lentos, vai recolhendo feliz a panela, pratos e os talheres)

E não é mesmo? Viu como ele tá melhorando? Uma hora dessas e ele se entrega, aceita? Aceita tudo!

MÃE (Lança os álbuns longe.)

Ainda bem que só tivemos um filho!.

PAI (Indo para o balcão)

Foi você que quis só um. Por mim, a gente...

MÃE (Coloca uma perna na mesa)

Ah, a culpa agora é minha, é? Quem é que tem a coisa fraca, mole, heim?

PAI (Volta-se para ela, desesperado.)

Fala baixo, mulher! Fala baixo!

MÃE

Eu falo como eu quiser, seu bosta! Bosta! (Ri do som da palavra ‘bosta’. Ele se senta perto dela e ri também. Brincam de se tocar, como preparatórias para o sexo. Bebem mais da sopa na panela. Imitam reações do Dono do Bar. Parodiam a si mesmos, suas roupas, suas posturas de Pai e Mãe.)

PAI (Conciliador.)

Prá que esse escândalo? A gente tá quase conseguindo. Tudo tá saindo como a gente sempre quis.

MÃE (Fraqueza, querendo desistir de tudo.)

Mas tá demorando tanto! São anos! Quando a gente vai se ver livre disso ?.

PAI (Pega as mãos dela. Com carinho.)

Leva muito tempo, meu amor, muito tempo prá gente se acostumar e ficar satisfeito.

MÃE ( Dando enormes mostras de cansaço.)

Muito, muito tempo! Tempo demais!

PAI

Escute: eu preciso de você agora mais do que nunca, ouviu?

MÃE

Quanto tempo, seu bosta? Quanto tempo ainda?!

PAI

Preste atenção: olha até aonde a gente chegou! A gente não pode desistir agora. Não dá mais prá voltar prá trás, tá me entendendo?!

MÃE (Com certa raiva, abrindo os braços.)

Ahh, mas é que tem horas que eu queria largar tudo, tudo e sumir.

PAI

Eu sei, eu sei. Eu também às vezes quero desistir.

MÃE (Com um sorriso.)

Mas se é assim, por que então a gente não deixa essa merda toda e vai embora, prá sempre? (Chuta o ar algumas vezes.)

PAI (Abraça a Mãe, beija em seu rosto, acaricia seus cabelos.)

Não, meu amor. A gente não pode fazer isso. A gente deve continuar.

MÃE

Mas por que? Por que?

PAI (Abraçados. Luz fechando no casal)

Tem coisa que a gente faz mas não entende. E ainda tem muita coisa prá fazer aqui. Um dia a gente vai entender, meu amor, um dia. E então nós vamos ser muito felizes, muito felizes!

MÃE

Tomara! Tomara! (Ecuridão. Sons de aviões sobrevoando a cidade. Após aplausos, todos voltam carregando uma mala cada um. )

**As coisas que não se mostram**  
**(2003)**

**PERSONAGENS**

*Pai*

*Dona Vilma, Mãe*

*Eva, Avó*

*Filha*

*Kinho, Filho*

*Clara*

*Carlos, ex-marido da filha*

*Filho de Clara*

**1- Abertura**

*Jovem entra andando com pressa, irado, pisando firme o chão, resmungando. Carrega duas malas. Após instantes, o jovem pára e fala para fora de cena, atrás dele:*

*- Você vem ou não? O pai tá esperando.*

*Chega se aproximando dele uma mulher grávida. Ela segura um bebê no colo e traz no ombro uma sacola. A mulher grávida responde:*

*- Tô indo, Kinho, tô indo.*

*Ele joga as malas no chão e fala*

*- Não sei onde tava com a cabeça! De novo!!? De novo!!?*

*Ultrapassando-o, ela responde:*

*- Ah, Kinho: você tá nervoso é por causa do seu pai. Vamos, a gente tá atrasado mesmo.*

*Ao ver a mulher passar à sua frente, ele volta a andar resmungando, querendo ultrapassá-la. Saem de cena juntos se empurrando.*

## 2- O churrasco

*Família reunida preparando um churrasco. Pai, mãe, avó em cena. O pai coloca a carne no espeto, com gosto, rindo, olhando provocantemente para as duas mulheres. Música.*

*Em casa de pobre cabe mais um, mais um  
Em casa de rico não cabe nenhum, nenhum*

*De onde vem essa gente  
que morre e nasce aqui  
é tanta gente no mundo  
é tanta gente infeliz*

*Em casa de pobre não cabe nenhum, nenhum  
Em casa de rico cabe mais um, mais um*

*E agora quem faz as contas  
Se a coisa nada mudou?  
Agora me traz essa gente  
e mostra o que sobrou.*

*(final recitado, diminuindo a voz na medida em que o diálogo inicia)*  
*Em casa de pobre  
em casa de rico  
em casa de pobre  
em casa de rico...*

PAI

(Irônico par a Avó) Vai uma lingüicinha, minha sogra predileta?

AVÓ

(Resmungando e rejeitando a oferta, ofendida)...

MÃE

Deixa minha família em paz, seu monstro!

PAI

Êh, não se pode ser gentil nessa casa!

MULHER

Ser gentil não é da tua natureza! Mãe, prá dentro, anda, volta pro quarto!

PAI

Mas deixe a velha pegar um solzinho!

*Entra a Filha trazendo a maionese*

FILHA

(Para o pai, jogando o pote na mesa) Tá ai a maionese! Mais alguma coisa?

MÃE

Vamos ver se presta, se você presta prá alguma coisa!

FILHA

Ih, mãe, nem no Domingo.

PAI

Prá fazer filho ela presta. Prá dar despesa ela é boa.

FILHA

Estamos bem afiados hoje.

PAI

Quase tudo pronto e cadê aquele imprestável...

MÃE

Por que você fala dele assim? Ó que isso pega.

FILHA

Já vai defendendo o filhinho querido!

PAI

Cadê esse imprestável! Irresponsável! As bebidas: o churrasco está quase pronto e ele não chegou com as bebidas!

MÃE

Alguma coisa deve ter acontecido.(Para a filha) Diferente de certas pessoas, tem explicação prá isso.

FILHA

Ele pode tudo. Agora quando engravidou a mulher dele....

MÃE

Isso mesmo, a mulher dele, e não qualquer uma. Ele assumiu tudo. E você....



VELHA

A maionese está boa, muito boa.

MÃE

Falta sal, falta tempero nessa coisa.

PAI

Que família eu fui arranjar!

*Mesma música. Depois todos estão conversando e rindo. Chega o rapaz, com a mulher grávida e as malas.*

PAI

(Dando um tapa na cabeça do filho) Tu bebeu, é? Tá maluco? Não faz nada direito! Estamos comendo essa carne a seco!

FILHO

Desculpa, pai. É que...

PAI

Não tem desculpa, seu bosta, nunca teve! Sempre fez tudo errado.

FILHO

É que a Clara...

PAI

(Indo para a mulher do filho, todo cheio de gentilezas) Clara, meu amor! A gente não sabia que você vinha. Como você está bem, boa mesmo.

MULHER

E o meu neto? Nossa, como cresceu! Você tinha que trazer meu neto mais vezes, minha filha. Você nem precisa vir, é só mandar ele prá cá.

PAI

Já comeu, Clara, tá com fome? Esse irresponsável não te trata bem. Ah se fosse comigo...

FILHA

Êh, pai, menos, menos...

FILHO

Eu e a Clara, a gente...

MÃE

Vem comer, filho, você tá tão fraquinho. Não tão te cuidando direito. Eu guardei umas carninhas boas prá você. Tua irmã queria comer tudo. Sabe como ela é

egoísta, má.(Para a filha) Vai, diz prá ele o que você disse, que não ia deixar nada na mesa.

FILHA

Você pediu prá eu limpar a mesa.

MÃE

Sai daqui, sua mentirosa, sai! Vai pro teu quarto! Leva a tua vó!

FILHO

Chega, por favor, chega! Eu não vim pro churrasco, eu não vim prá comer!

PAI

Que é isso? Abaixa essa voz na minha casa, inutilidade! Quando tiver um trabalho que...

MÃE

Deixe ele falar, deixe meu filho falar!

FILHO

(Para a irmã e a vó) Fiquem vocês duas! Eu trouxe a Clara e as malas da Clara porque ela tá grávida!

PAI

(Dando uns cascudos no Filho) Ah não, seu moleque burro! De novo! Não sabe onde enfia essa coisa!

MÃE

A culpa é dela! Ela quer é te segurar, meu filho.

FILHA

Quando eu engravidei não teve desculpa...

PAI

Tudo bem! Ela tá grávida. Mas quem é o pai, heim? Quem é a merda do pai? A mãe a gente sempre sabe. E você sabe quem é o pai, moleque, sabe?

CLARA

Que vergonha, que vergonha!

FILHO

(Para Clara) Eu te falei, eu te falei tudo: é difícil conversar com essa gente .

PAI

Com essa gente?! Mas agora o moleque tá esperto, veio preparado. Sai por aí sem rumo, faz o que quer e traz a porcaria de um problema prá eu resolver. E a gente

é que é difícil... Moleque burro, desde criança só fez besteira. A culpa é tua, mulher, sempre segurando o moleque em tuas saias.

MÃE

É que faltou homem nessa casa prá ele se comportar como homem. Enquanto tu tava com (Olha para Clara) essas mulheres da rua, teu filho se criava sozinho comigo.

FILHO

Chega! Agora não tem mais jeito! Os pais da Clara não querem mais dela. A gente não tem mais prá onde ir. A gente só tem vocês.

VELHA

(Saindo amparada) Ele tem razão. Continuem o churrasco. Agora a festa tem um motivo. Eu cuidei de você, minha filha, quando aconteceu a mesma coisa, quando (Olhando para o pai) ele te largou com as crianças lá em casa. Agora é a tua vez de cuidar dela, da mulher.

PAI

Quem largou quem, velha doida? Quem foi que te trouxe prá essa casa? Nem tua filha te queria? Quem paga as contas? Quem faz o churrasco e tudo mais? E agora mais essa! (Tapa no moleque) Eu devia era ter largado vocês todos mesmo. Pronto, esse é o nosso Domingo, o nosso dia em família. E essa família não pára de crescer. (Saem todos menos o Pai que fica comendo o resto da comida dos outros.)

*Retoma-se a canção da cena*

### **3- No quarto da avó**

*A Filha chorando no colo da velha.*

VELHA

Deixa disso, menina, deixa. Você é nova. Não sofra tanto. O pior vem depois.

FILHA

A senhora não entende, vó, não entende: viu como me tratam? Quem sou eu nessa casa? Nada, nada, vó. E ainda trabalho prá eles. O pior é a mãe. Eu sempre fiz tudo prá ela, tudo prá agradar, tudo que ela me pedia. Eu estava sempre ali, perto, de boca fechada. Quantas vezes vi ela chorando, se escondendo. A mãe vivia pelos cantos da casa esperando pelo pai. Ela colocava música ruim bem alto e cantava, cantava até se cansar, até ficar estirada no chão com os olhos mortos olhando prá

cima, o vazio das paredes sobre ela. E eu ali, vó, vendo e ouvindo tudo, a tristeza dela em toda a casa, em mim, no ar que a gente respirava. Achei que ela era má comigo por causa disso, por causa dessa tristeza que tomou conta de nossa casa. Achei que a mãe devolvia em mim, com toda força, essa sua vida sozinha. Se eu chegasse na sala, no meio do delírio dela, apanhava feito bicho. Ela queria ficar só, sem ninguém, com as músicas de abandono. E eu era uma invasão, uma pausa naquilo. Por isso ela batia em mim, forte, até eu me acostumar. A senhora acha que eu posso amar alguém assim, vó, a senhora acha que eu posso?

VELHA

Mas é a sua mãe, minha filha, é a sua mãe. A gente não entende nada, nada mesmo. Só depois.

FILHA

Daí quando engravidei veio o pior. Eu não estava grávida só de meu filho. Durante todos os dias até o nascimento da criança ela me mostrava o quanto se sentia traída por mim, o quanto tudo aquilo era insuportável para ela. Não deixava o Carlos vir aqui em casa. Todo dia repetia que eu tinha feito uma coisa errada, algo só para humilhá-la, que eu tinha engravidado sem amor, que eu tinha feito isso querendo ferir minha mãe. Era assim: qualquer coisa que eu fizesse era contra ela. A única maneira de eu não causar mal maior era ficar fechada, sem vida aqui dentro. Daí perdi a criança, joguei fora de mim a criança para fazer entrar a tristeza de minha mãe, todos os dias, a tristeza dela em mim.

VELHA

(Colocando cobertas sobre a Filha) Essa é sua mãe, minha filha, ela todinha aí. Vou te contar uma história para você dormir e esquecer. Feche os olhos e durma. Não ligue prá mim. Estou acostumada. Era uma vez um homem terrível, o seu avô. Seu avô, que a morte o tenha, era um homem miserável que já houve na terra. Mas todas as mulheres amavam aquele homem. Principalmente sua mãe. Quando seu avô morreu, ela não pode agüentar o vazio que ele deixou. A ausência do marido não era pior que a falta do pai. Ela não chorava e cantava tanto pelo esposo. Seus olhos buscavam o avô, minha filha, ele mesmo.

FILHA

(Secando as lágrimas) Como assim, vó? O que a senhora sabe?

VELHA

Volte a dormir. Apenas ouça. A gente passa a vida inteira do lado de alguém e não sabe de nada, não quer saber. Você chora agora, mas um dia as lágrimas acabam. Quando se é jovem tudo é grande, forte e preciso como uma faca. Mas a faca perde seu fio e sem o corte a faca rasga, despedaça a carne já cansada. Quando a carne é jovem e doce, a faca se afia nela, e corta macio. Você chora e deixa a faca cortar. É o que se espera de uma faca, que ela corte fundo. Você se acostuma e se prepara pra isso. Mas passa o tempo e não há mais o que cortar. Você ainda espera o corte, as carnes abertas, os olhos buscando e nada acontece. Somente horas, dias, noites, anos chegam e ficam, e você vai apodrecendo, um cheiro ruim que empesta a casa.

FILHA

A senhora mudou de história, vó, a senhora quer me fazer esquecer meu ódio? O que isso tem a ver com minha mãe? O que isso tem a ver comigo, vó?

VELHA

Eu cuidei de seu avô até ele morrer. Era uma doença ruim, que devorava o corpo devagarinho, com gosto. E todos vinham ver o homem que não saia da cama, o contador de histórias tão feliz. Por que uma doença tão horrível pegou em alguém assim tão bom? Era o que pensavam, era o que sua mãe pensava. Mas antes dele se acabar, pediu que todos saíssem do quarto e me chamou com doçura: "Eva, Eva querida. Eu preciso te contar uma coisa. Me perdoa, Eva, me perdoa." Daí ele contou tudo, minha filha, tudo mesmo. E pediu perdão várias e várias vezes mais e eu não respondi.

FILHA

O que ele disse, vó, o que ele disse?

VELHA

Ele morreu com isso. Ele deixou isso pra mim. Nenhuma mulher deveria saber o que os homens fazem. Depois dessa confissão, a doença o consumiu rápido. A pele dele escureceu tanto que os ossos e os dentes brilhavam. Seu avô se tornou transparente com a morte. Morreu sorrindo, o desgraçado. E eu fiquei com tudo o que ele me disse.

FILHA

Mas o que ele falou pra senhora, vó, que família é essa?

VELHA

Nem doente, minha filha, nem na doença ele sossegava. O que me destrói, o que me fechou pra sempre foi pensar nisso e ver o bicho, a coisa que se espalha, a

doença na cama durante tanto tempo. E eu ali cuidado dessa doença, deixando viver essa desgraça. A minha vida inteira fiquei cuidando dele, ajudando seu avô a empestar o mundo. Ele meu deu os nomes, as datas, as vezes todas. E eu sei de tudo agora, sei do que eu não queria prá mim. Olha, minha filha, me escuta de verdade: os homens têm isso, a desgraçada de uma doença. São bichos, cães passeando em nossa vida. Ele me contou tudo e morreu. E não tem dia nem noite que não ouça e veja o cão farejando, sorrindo, em todas as coisas. É melhor não ver a doença, a faca, o fio da faca em teus olhos.

FILHA

Vó, o que é isso? O que isso tem a ver com minha mãe? Fale, vó conte tudo. Me ajuda, vó, eu não tenho mais ninguém, só a senhora.

VÓ

É uma pena, minha filha, é uma pena só contar comigo.

#### **4- Rápido embate na sala de estar da casa**

*Mãe conversa com filho. A grávida com o filho ao fundo distraída, alheia.*

MÃE

Tem certeza que é isso que você quer, meu filho, trazer essa mulher aqui, morar com ela?

FILHO

É mãe, eu acho que é o certo. O pai...

MÃE

Não perguntei isso, nem falei de seu pai. Quero saber se é isso o que você quer.

FILHO

Eu acho que...

MÃE

Você precisa ter certeza, estar certo disso. Não quero ver meu filho estragando sua vida. Já basta sua irmã. Que ódio!

FILHO

Mas ela...

MÃE

Olhe meu filho, eu sou mulher, eu sei das coisas. Duas vezes, grávida duas vezes. Quando uma mulher quer, consegue até o que não quer.

FILHO

Mas fui eu quem...

MÃE

Deixa disso, pare de se culpar. Você conhece ela, você conhece essa mulher mesmo?

FILHO

A Clara?

MÃE

É, ela mesma. Esse jeitinho de burra, de tolinha tudo é máscara, tudo é prá te enganar, meu filho. É isso que prende os homens: roupinhas, rostinhos, risadinhas. E o que tem debaixo disso, heim? O que tem? Sempre a mesma coisa, é tudo igual. Elas vendem o que você quer comprar como algo difícil de se conseguir, raro, mas que está bem ali com elas e já é teu. Prá que continuar esse negócio ? Vai, já pegou o que queria; vai, some, sai dela.

FILHO

Mãe, me ouve: a Clara está aqui, não tem onde morar. É só por uns tempos, depois a gente se arruma.

MÃE

Foi assim com seu pai, foi do mesmo jeito e olha como eu sou feliz!

## **5- NO CONSULTÓRIO DENTÁRIO DO PAI.**

*Pai atende cliente, o ex-marido da Filha . A filha é assistente. Cliente sentado na cadeira imóvel respondendo com gestos e ruídos. Enquanto trabalha o pai não pára de falar.*

PAI

Então continua doendo? Já fizemos esse dente umas três vezes! É esse aqui, não é? (Para filha) Coloca esse negócio direito! Não sabe fazer nada , nem colocar o sugador!(Toca o telefone) Vai, levanta, atende. Se for tua mãe diz que eu vou demorar!(Para o cliente) Não sei o que você viu nela! Acho que foi pena, muita pena. Tá doendo? Sempre dói, é prá doer mesmo. Assim você cuida mais desses dentes, cuida melhor da sua vida.

FILHA

É o seu filhinho do coração! Ele quer saber se pode usar o cheque que o senhor ....

PAI

(Para o cliente) Viu? Eu não te disse? Eu trabalho feito um condenado prá sustentar essa gente. Só lembram de mim nessas horas. (Para a Filha) Diz prá ele se virar, dar a bunda, trabalhar!(Rindo) Dar a bunda... nem prá isso presta! É capaz de ...

FILHA

Pai: o que eu digo prá ele?

PAI

Diz prá fazer o que tu sempre fez: deposita o cheque do papai. Vamos, deposita o dinheiro do velho. (Para o cliente). Não tem mais jeito: é canal. Tá me olhando assim por que? É a bosta de um canal. Quer que eu repita quantas vezes? Por isso pegou minha filha. Vocês dois se entendem. É canal, é canal: vou ter que escancarar a sua boca. Hoje eu fecho o dente e minha mulher termina o serviço depois.

FILHA

Teu filho continua na linha.

PAI

Vem aqui, imprestável. Você não resolve nada. Fica aqui segurando o sugador. Me dá esse telefone.(No telefone) Que que é, heim? Eu tô trabalhando. Ah, a Clara precisa de uns remédios ? (Olha para o cliente, piscando, passando a mão em si) A mulher dele precisa de uns remédios... (Volta para o telefone) E o que que tu quer que eu faça? Quer que cague dinheiro? Se vira que o filho é teu.(Desliga o telefone. Para a filha) Sai, sai daí, deixa que eu termino essa coisa. Olha isso? Quanta saliva! Nem prá segurar um sugador serve! Sai, sai, sai daqui. Traz o resto do material prá fechar o dente.

FILHA

E se o problema for sério? E se a Clara...

PAI

Sai, eu já disse. Vai lá na sala de tua mãe e pega o resto das coisas! (Ela sai. Enquanto o Pai trabalha, o cliente geme, os olhos esbugalhados). Ainda bem que a criança morreu. Vocês não estavam preparados para fazer uma família. Você sabe o que é a bosta de uma família, Carlos? Acho que não, acho de verdade. E com uma mulher dessas. Olha, prá dar um jeito na família você tem que ser duro, colocar tudo



em seu lugar, bater as portas, fechar as janelas, mostrar quem manda em casa. Como um cão. Todos precisam ouvir isso prá saber prá onde ir e o que fazer. Um cão feroz. É isso o que eu faço, Carlos, com todo prazer. Quando eu chego em casa vou logo gritando e fazendo barulho. Cada uma vai pro seu lugar e a casa fica arrumada. Você é um cão, Carlinhos? Acho que não.(Para fora de cena)Traz logo a bosta desse material, sua inútil!

#### **6-Sala de estar da casa.**

*A Mãe ao chão, no tapete, entre almofadas, toma seu uísque, girando as pedrinhas de gelo, olhando para o infinito. Os lábios balbuciam a canção que segue. Quando da repetição da canção, entra a Clara, a mulher grávida. Clara fica observando com curiosidade a Mãe. De início, estranha ver aquela mulher ao chão. Depois começa a admirá-la, vendo-a cantar. Em seguida a estranha, percebendo que a mãe perde-se em seu delírio. E finalmente, assusta-se ao saber que a mãe sabe que alguém a observa...*

Quero ver cada osso de teu corpo  
em molduras que eu já quebrei  
cada rosto sem retrato  
esquecendo o que passei  
mas pedacinhos só então ficaram  
e recontar eu já não sei.

Eu te odeio completamente  
por tuas partes que bem sei  
foram minhas por uns segundos  
e de outros que não contei  
mas pedacinhos só então ficaram  
e lembrar eu já nem sei.

Meu amor, nosso amor dividido  
esse espelho eu não quebrei  
fomos tantos em miúdos  
um corpo inteiro que provei

mas pedacinhos só então ficaram  
e recortar eu já não sei.

MÃE

Tá me olhando o que, sua mulherzinha? Perdeu alguma coisa aqui? Ta se divertindo com a louca da casa?

CLARA

Desculpa, dona Vera, é que eu...

MÃE

Não tem desculpa nenhuma! Mal se muda prá cá e já fica bisbilhotando por aí. Tá procurando o que? Já não arranhou seu homem?

CLARA

Dona Vera, não é nada disso. Eu...

MÃE

Ah, então eu é que não entendo bem as coisas? Você acha que eu sou burra, é ? Que eu não te conheço toda, Clara?

CLARA

Não, eu não disse isso. A senhora...

MÃE

A senhora o que, heim Clara? A senhora o que? Diz, diz aqui na minha cara. Fale o que sempre você quis dizer. Não tem mais ninguém além de nós. Estamos sós, duas mulheres apenas. Você pode me contar tudo, você deve dizer tudo prá mim.

CLARA

Eu não tenho nada a dizer. Eu estava apenas...

MÃE

(Arremedando) Clara não tem nada prá dizer, Clara só quer se esconder! Deixa de ser dissimulada, minha filha! Deixa disso! Comigo não, não mesmo! Até quando você vai negar que engravidou de propósito? Uma vez tudo bem. Mas grávida de novo? O que você ganha com isso? O que se ganha com filhos? É uma mulher quem te fala, Clara, uma mulher experiente. Mulher conhece mulher. Só uma mulher conhece outra. E você quer que eu acredite que tudo foi por acaso e que agora você mora aqui e passeia pela casa e vai ficar fazendo isso o resto de sua vida?

CLARA

O menino está com pouco de Febre. Eu também. Pedi ao Kinho, seu filho, que comprasse remédio. Desci para ver se ele chegou. Não posso ficar trancada no quarto o tempo inteiro.

MÃE

Nossa, que segurança! Você treinou as falas? Você decorou qual filme? Olha, Clara, preste bem atenção: uma mulher grávida logo nessa casa é mais que uma noite que terminou mal. Ponha isso em sua cabeça: nessa família, um filho é tudo o que não se quer.

CLARA

(Saindo) Dona Vera, eu vou me esforçar para entender. Não me resta mais nada além disso.

*Novamente a canção da cena. A Mãe observa a saída de Clara.*

**7-Consultório dentário. Tentativa de diálogo entre o pai e o ex-marido da filha, após o tratamento dentário.**

*O pai limpa-se após o tratamento. Tem sangue em sua roupa. O ex-marido da filha contorce-se aliviado, sentindo vivo após tanto sofrimento.*

PAI

Não foi tão ruim assim, não foi?

CARLOS

É que não foi com o senhor!

PAI

Mas é só um dente, rapaz, um dente.

CARLOS

O mesmo dente, há anos o mesmo. As vezes acho que...

PAI

Que é de propósito? Que não faço o serviço certo?

CARLOS

E o que senhor quer que eu pense?

PAI

Prá quem casou com minha filha, até que você esboça alguma esperteza. Quanto, heim rapaz, há quanto tempo você está com a garota?

CARLOS

(Levanta-se da cadeira) Com sua filha, doutor, com sua filha? Diga "minha filha."

PAI

Há quanto tempo você agüenta a emprestavelzinha, a inútil?

CARLOS

(Tirando a carteira para pagar a consulta) Quanto foi, diz, quanto foi a tortura?

PAI

Já vai fugir? É o que elas fazem sempre. Você tem andado muito com elas. Vire um cão! Cadê o cão, homem!

CARLOS

Me diz logo quanto foi essa bosta de tratamento. Eu não sei porque volto aqui. Sempre o mesmo dente doendo. O senhor não presta nem no seu serviço.

PAI

Isso! Muito bem! Igualzinho à minha família. A velha louca, o filho burro, a filha inútil, a mulher cansada. Junte-se a nós, junte-se.

CARLOS

E o senhor? Qual é seu papel nessa família?

PAI

E você não sabe? Sabe por que eu me mato de trabalhar?

CARLOS

Pra chegar Domingo e fazer a bosta de um churrasco e provocar todo mundo.

CARLOS

Por que não se separa então? Por que não vai embora ?

PAI

E você já viu homem se separar? Já viu homem sem mulher?

CARLOS

Tome o cheque. É o suficiente.

PAI

(Olha o valor. Coloca no bolso. Tira as luvas devagar. Carlos vai se vestindo para se retirar) O Homem pode, meu rapaz, pode o que quiser. Era o que meu sogro dizia. Eh velho falador! A mulherada sempre em volta dele, precisando dele. E o velho sempre andando de casa em casa na rua. Elas esperando o velho voltar. Ele tinha muitas casas prá visitar. A falta dele fazia com que elas o amassem, reunidas na

sala, com músicas e silêncio. O velho cão sabia de tudo isso. O velho me contou como fazer as coisas certas.

CARLOS

(Antes de sair) Você é o louco da casa. Faz o que faz e joga a culpa em um morto

PAI

O velho me dizia:" Olhe bem, me ouve: vê como elas gostam de mim. É isso que eu gosto delas, esse sofrimento, essa necessidade. (Move as mãos como se equilibrasse algo nelas, prestes a cair. Faz boquinha de mulher pedindo beijo).Uma vidinha de nada aqui em minhas mãos."

CARLOS

(Saindo) Se voltar a doer, não venho mais aqui.

PAI

(Ainda em seus gestos) "Uma vidinha, uma vidinha de nada"

#### **8- Corredor da casa. Clara entra correndo e dá de frente com a avó.**

AVÓ

O que é isso, menina: tá fugindo de que?

CLARA

A dona Vera, a dona Vera: ela me odeia, vizinha.

AVÓ

O que você estava fazendo lá embaixo? Volte pro seu quarto, minha filha: agora não é uma boa hora prá passear.

CLARA

Eu só fui pegar água, ver se o Kinho chegou. E vi a dona Vera quase que levitando enquanto cantava. O que tem nessa casa?

AVÓ

Nada, Clara, nada. Ela apenas conversava com o pai.

CLARA

Mas ele já morreu faz tempo!

AVÓ

(Segura a Clara) Não para nós, Clara, não mesmo. Nessa casa cabe tanta coisa. Você até veio morar com a gente. Seu novo filho também virá.(rindo) A casa cheia de bebês: era tudo meu marido não queria. Ele odiava crianças, ele odiava.

CLARA

(Escapando dos braços da avó) Me deixe em paz, me deixe em paz.(Correndo, chamando o marido) Kinho! Kinho!

### **9- No consultório**

PAI

(Ao telefone, no chão. Computador ligado com fotos de mulheres nuas. Classificados de sexo ao chão) Sei, sei, e o que você faz, heim, o que você faz bem? Ah, isso?. Mas eu quero outra coisa, eu tô caçando algo mais forte. Você faz algo mais forte que isso? Você consegue? Não, não: tá brincando comigo? Só isso? Ô menina, ô inutilzinha: não entendeu o que eu disse. Eu perguntei se você é capaz de mais, mais que isso, viu? Até agora é tudo igual, é tudo a mesma coisa. Já vi que não vamos fazer negócio. Eu tô perdendo meu tempo. Ih desligou, a vagabunda desligou em minha cara!(Bate com o telefone no aparelho). Se não agüenta então sai do jogo! (Volta pro jornal, procurando com necessidade) Nenhuma, nenhuma dessas consegue. É tudo carne fraca. Daqui pouco tenho que voltar prá casa, daqui há pouco preciso estar forte, muito forte como um cão. E hoje não tem nada aqui que me ajude.

### **10- No quarto de Clara. Ela arrumando as coisas para ir embora Entra a filha.**

FILHA

Clara, você pode arrumar isso depois. Você tem uma vida prá guardar essas coisas.

CLARA

Eu não estou guardando nada, vi? Nada! Eu não quero ficar com nada daqui.

FILHA

Sei, sei. Você se encontrou com a mãe, não foi?

CLARA

Nada do que você disser vai me segurar aqui.

FILHA (Senta-se junto da cama e dobra as roupas espalhadas, ajudando a Clara a fazer sua mala) Eu acho que ia ter um filho lindo, lindo como vai ser o seu. As crianças não sabem de nada. Elas correm lindas pela casa. Sabe por que eu não fui embora ainda ? Sabe por que eu não deixei essa casa?

CLARA

(Pára de fazer a mala) Não, não sei. Agora não entendo como alguém vive aqui.

FILHA

Por causa das crianças, Clara, das crianças. Essa é uma casa para as crianças. Que bom que você veio. Nós precisamos encher essa casa de crianças.

CLARA

Mas prá que? Para eles virarem coisas como sua mãe, sua avó, seu pai?

FILHA

Que coisas, Clara, que coisas?

CLARA

Pensa que não sei como seu pai me olha? Como alguém pode viver com uma velha vagando pelos cantos da casa? E a dona Vilma, meu Deus, e a dona Vilma? Você e o Kinho perderam algo, algo de verdade, há tanto tempo que nem sabem mais onde está. (Volta a arrumar a mala) Um dia aqui prá mim foi o suficiente. Eu sei que o que se perdeu é prá sempre, amiga. Vocês nunca mais vão encontrar.

FILHA

(Pára de ajudar) Faça o que quiser, Clara. Não tem jeito: você já está falando igual a minha avó.

### **11- No consultório. O Pai de cuecas rindo entre bebidas e jornais**

FILHO

Pai, o que é isso? O que tá acontecendo aqui?

PAI

Ah, o garoto burro chegou! Trouxe as bebidas, trouxe as bebidas? Não tem churrasco sem bebidas.

FILHO

Pai, a Clara não está bem. Eu preciso comprar remédios prá ela.

PAI

Pois então compre. O que eu tenho a ver com isso? A mulher não é minha! Mas se você não se importa a gente....

FILHO

(Sacode o pai bêbado) Que porcaria é essa, pai? O telefone tá ocupado faz horas. (Pega o jornal) e o senhor ligando prá prostitutas? O que o senhor tá fazendo, o que o senhor tá fazendo?

PAI

(Empurra o filho) É um garoto burro mesmo. Não sabe o que eu tô fazendo, heim? Não isso o que você fez com Clara? Não foi isso que eu fiz prá você nascer e vir prá bosta desse mundo? Eu tô é fazendo filho por aí, como você, garoto burro. Como tua irmã. Todo mundo fazendo filho nessa vida!

FILHO

(Recolhendo os jornais, a bebida) As coisas não são assim, pai, do jeito que o senhor pensa.

PAI

Ah, então me ensina, garoto burro, me ensina. Me mostra como são as coisas. Você vai, pega uma mulher, e ..(Gestos e sons sexuais). Daí de novo. Até esfolar meu saco. Depois vem e pede dinheiro prá gravidazinha. E seu pai é que é o burro! Olha, vê se me entende: eu não quero crianças naquela casa. Você pode levar mulher, puta, vagabunda o lixo que for, que é tudo a mesma coisa. Mas eu não quero crianças em volta de mim, prendendo as minhas pernas, aquelas mãozinhas me pegando. Chego em casa, bato, grito e vou pisar em tudo que encontrar se arrastando pelo chão. Eu tô te avisando, garoto, eu tô te avisando. Eu quero aquela casa vazia de crianças.

FILHO

(Ajudando o pai a se levantar. Pega do bolso o cheque dado pelo Carlos) Isso serve. Depois te dou o troco. A gente tá te esperando em casa.

PAI

(Se acabando em seu porre, sentado na cadeira) Podem esperar. Eu tô indo, eu tô indo.

## 12- NA SALA.

AVÓ

Ele já veio, minha filha?

MÃE

Quem já veio? A senhora perguntando por quem?

AVÓ

(Senta-se)Você sabe , minha filha, você sabe.



MÃE

Tá ficando tarde. A senhora precisa dormir.

AVÓ

Sabe quanto tempo a carne fica dentro da gente digerindo?

MÃE

O churrasco! Eu falei prá senhora não comer tanto.

AVÓ

As vezes uma semana! A carne precisa apodrecer prá ser digerida. Uma semana, minha filha!

MÃE

E agora? A senhora quer remédio prá isso também?

AVÓ

Sabe o que é isso? Ficar a semana inteira com essa carne podre fedendo? Você já pensou nisso, minha filha, já pensou nisso?

MÃE

(Zombando)Fedendo!!!...

AVÓ

O que ? O que você disse?

MÃE

Fedendo!!! A senhora tá sentindo esse cheiro?

AVÓ

O que é isso, minha filha? O que é isso?

MÃE

Gente velha tem cheiro diferente. O nariz fica perto da boca.

AVÓ

Ah, minha filha, não se fala isso prá uma mãe.

MÃE

Eu sou mãe também e a senhora vive me infernizando. Eu sai de casa e a senhora veio atrás. O pai morreu e se livrou da senhora. Mas eu não, te dei casa e comida. Me casei com a senhora.

AVÓ

É isso que você me dá, depois de todos esses anos, minha filha. Já não basta o que teu pai fez.

MÃE

E o que ele fez? O que ele fez mãe, diz prá mim, diz na minha cara esse monte de coisas que a senhora repete, se lamentando o tempo inteiro.

AVÓ

Você gostava tanto dele que não via o que ele fazia comigo.

MÃE

Eu não gostava do meu pai. Eu amava, mãe, amava. Como eu poderia amar a senhora, sempre reclamando da vida, sempre pedindo remédio?

AVÓ

E o que você queria que eu fizesse? Uma mulher sozinha, seu pai na rua o tempo inteiro. Eu ali com as crianças, esperando ele chegar. E nada.

MÃE

Mas por que voltaria prá aquela casa? Imagine chegar e dar de frente com a senhora já falando, falando, pedindo satisfações:" Onde você foi? Com quem você estava?" Mal ia entrando em casa e tudo ficava pior. A senhora lembra disso? Quem pode esquecer uma voz que chama o tempo inteiro...

AVÓ

Então você quer conversar, não é minha filha? Você quer uma daquelas nossas conversas. A carne podre dentro de mim não me deixa dormir. A gente vai falar então. Falar tudo o que uma mãe e uma filha podem falar. Seu marido vai demorar mesmo, como sempre, como o meu. A gente tem muito tempo.

MÃE

É, Mãe, vamos colocar a mesma conversa em dia. A senhora precisa lembrar de tudo de novo: a casa não pára de crescer. A gente precisa arrumar a casa prá mostrar pros outros.

### **13- NO CONSULTÓRIO**

CARLOS

(Sacudindo o pai, desmaiado de bêbado)O cheque, eu quero meu cheque de volta, seu bêbado. O dente continua doendo muito. Eu quero meu cheque, tá me entendendo?

FILHO

(Entra e empurra o Carlos) Que que tu tá fazendo? Não vê que ele apagou?

CARLOS

Seu pai pegou meu dinheiro e não fez nada. Há anos que não faz nada que preste.

FILHO

(Rindo. Arrumando o pai) E eu é que sou o garoto burro!

CARLOS

Tá rindo de que? Tá rindo de mim?

FILHO

Dos dois. Meu pai é imprestável e tu é um garoto burro. Tome o troco do cheque que eu vim devolver.

CARLOS

O troco? Eu quero é o cheque todo!

FILHO

Não tem mais volta. Carlos, parece que não conhece essa família.

CARLOS

Sabe por que eu me ainda consulto com teu pai?

FILHO

Sei, todo mundo sabe. Mas minha irmã já foi prá em casa. A Clara é quem tá passando mal. Daí eu vim aqui e vejo que isso tudo se acabou. Não dá mais prá morar com eles. Eu tinha medo antes. Mas quem tem medo de um bêbado? Até tu pode dar um jeito nele.

CARLOS

(Vão puxando o pai para uma cadeira) Há anos ele fica assim depois do churrasco. Quando tua irmã ficou grávida eu vim aqui falar com ele. Estava tão bêbado e pesado como agora.

FILHO

Um bêbado pesa mais que um morto.

CARLOS

E sabe o que ele me disse? "Por que tu quer ficar com ela? Tu não precisa ficar com ninguém. Eu mesmo se pudesse tinha um monte de casa com mulheres me esperando. Tu trabalha prá que? Prá isso, prá alguém ficar te esperando em casa. Só porque dormiu com ela e vai ter um filho isso não significa que precisa morar com ela. Ouve o que eu te digo, rapaz: deixa disso. Ela não é diferente de outra que tu faz a mesma coisa. Se não fosse ela, seria qualquer uma outra. Com os homens é tudo diferente. E foi o pai de minha mulher quem me disse isso. Imagine, eu pedindo prá

me casar com ela e ele dizendo essas coisas. Tu pode imaginar o que passou pela minha casa enquanto ouvia aquele velho ousado e bocudo?" E daí teu pai disparou a falar um monte de coisas sobre casos, amantes, posições. Ô cara porco!

FILHO

(Rindo. Já acomodaram o pai na cadeira. Pegam umas bebidas no frigobar.) É o que eu ouço desde criança. Sabe o que é crescer ouvindo esses conselhos, histórias. Era só o pai beber que lá vinham as 'lições sobre a vida', sobre as mulheres. A vantagem é que quando o pai bebia a gente podia pedir qualquer coisa de presente. A bebida amolece a carne e ossos dele.

CARLOS

(Rindo)E o cérebro.

FILHO

(Pega as mãos do pai, como se ele fosse um boneco. Fala e imita o pai) Mas antes ele vinha: "Vem aqui, meu filho, vem aqui. Eu sou teu pai. Você já pegou mulher, heim, já pegou? Eu não quero um filho frouxo, burro, um moleque burro de verdade. Cuidado com as mulheres, cuidado com elas. Eu vou te ensinar tudo, vou te ensinar a tratar as mulheres como mulheres."

CARLOS

(Indo também brincar o bêbado)Foi igual comigo. Tão original o seu pai! Dentista ruim, pai horrível, homem repetitivo: "uma mulher é o que ela sofre, o que falta nela. As mulheres precisam do que não tem. você vai fazer elas sentirem isso, a falta, o vazio sem cor que as envolve por inteiro. Daí elas vão te amar, como amavam o velho, o meu sogro. Quando ele chegava todas sorriam e lhe preparavam coisas. Ele dormia com todas. A sua cama sempre estava cheirosa. Havia nele cabelos de todas as cores e tamanhos. Todas deixavam seu melhor com ele. bom para elas era ficar em volta do velho sorridente, cercado de mulheres, apalpando ora uma ora outra, todas felizes. "

FILHO

"O bom é ter mulheres, sentir elas bem ali, em tuas pernas. O calor que elas trazem e que você tira delas. O beijo que morde e arranca as carnes, o corpo ferido pra entrar o mundo. Dê tudo, tudo de uma vez, forte. Faça o suor misturar-se com o gozo. E não fale nada, nada mesmo. Ouça elas gemendo, querendo mais e mais na escuridão do quarto. Não deixe que elas vejam seu rosto nessa hora. Segure o gozo até doer, até tuas pernas arriarem. E engula o grito, o urro: não se mostre, seja forte, seja homem.

Fique duro como um cadáver. Não deixe que teu corpo se abra, garoto burro, não deixe. Não seja uma mulher. Tenha medo e pavor de ser como elas na cama. "

CARLOS

(Deixando a brincadeira) Belo amante deve ser teu pai!

FILHO

Deve dar saudades de um lugar longe, o mais distante que se possa ficar dele.

CARLOS

Meu dente ainda dói.

FILHO

A Clara: vamos lá comigo ver a Clara.

CARLOS

É tarde. É tarde prá mim.

FILHO

Vamos antes que o pai acorde.

#### **14 Sala de estar**

*A avó procurando o marido morto. A mãe ouvindo canções ruins. Entram a Filha e Clara com as malas e o garoto.*

FILHA

Mãe, o que é isso?

MÃE

Arranjou uma amiguinha agora, é?

FILHA

A Clara tá indo embora. A senhora conseguiu, mãe: assustou todo mundo.

MÃE

Por acaso sou eu quem fica voando pela casa como uma bruxa?

FILHA

O pior é ficar reverenciando alguém que morreu.

MÃE

Quem faz isso?

CLARA

A senhora, dona Vera, voando pela casa esperando pelo velho morto.

MÃE

(Gargalha) E quem te disse isso? A minha mãe? A minha mãe?

FILHA

A gente pensava que era por causa do pai. Ele nunca tá em casa. Só aparece no maldito churrasco. Mas isso não tem desculpa, mãe, isso não dá prá agüentar.

CLARA

Eu pensava que a senhora era infeliz por causa de seu marido. Agora por causa de um morto isso é doença.

MÃE

Calem a boca, mulheres, calem a boca! Eu não posso ouvir música sozinha? Tem que ser por alguém? Há anos eu me vejo assim, só comigo. É uma coisa com que me acostumei. Aprendi com minha mãe aí.

AVÓ

Desde que meu marido morreu, ela começou a se fechar. Acreditem: ela traz dentro de si um homem morto.

MÃE

Ora, mãe, será que vamos ter que contar a história da mulher difícil de ser amada, a mulher ressentida, que trocou sua vida pelos olhares baixos, o silêncio nos cantos, o sono rápido, as roupas feias, a boca sem lavar, os cabelos duros e longos escorrendo sobre o rosto? Quem foi que se mostrou como alguém que não se quer, repugnante, uma sopa fria de ontem?

AVÓ

(Com desespero para a Filha e a Clara) Eu o procurava, minhas filhas, eu o procurava tanto. Eu era jovem correndo sem parar. Meus pés na terra, o vento em minha roupa, mostrando minhas pernas. O sol em meu corpo acendia cada manhã. Um homem apenas, minhas filhas, só faltava um homem.

CLARA

(Consolando a avó) Vó, a senhora não precisa dizer...

AVÓ

(Em direção de Clara) Daí ele me levou prá casa e me fez feliz. Sua mãe nasceu e deixei de correr ao sol. A casa era pequena, escura e fria. Ele ficava pouco tempo lá. Quando vinha, era noite e eu tinha ódio. O dia inteiro me enchia de uma vontade de fazer mal. Eu queria que a criança chorasse muito, que ele ouvisse o choro dela o tempo inteiro. Não o meu. Ele nunca me veria exposta, sangrando. Nunca mais. Eu fechei meu corpo, me cobri de áspero cabelo, de roupas e mais roupas: me vesti de

uma pele longe do sol. Agora eu deixei de ser uma mulher para ser uma faca. Eu inteira queria ferí-lo, pouco a pouco, sempre.

MÃE

Eu era a criança chorando naquela casa, o bebê grávido de dor. Me doía tudo sem haver doença. Quando alguém tocava em mim parece que algo se partia. Ninguém podia me pegar no colo e beijar. Eu poderia morrer assim. Pela janela eu via as pessoas juntas sem dor e cantava, cantava para que elas não ouvisse meu corpo esfaqueado.

CLARA

(Senta-se) Ah, eu não estou bem. Eu não devia ter vindo prá cá.

AVÓ

É a carne do churrasco. A carne fica dentro da gente apodrecendo uma semana.

FILHA

Quer água?

CLARA

O Kinho, cadê o Kinho?

### 15- Pelas ruas

*O pai anda cambaleando de cuecas, a camisa aberta, uma garrafa de uísque na cintura.*

PAI

Uma mulher, uma mulher de verdade! Alguém me mostre uma mulher!!! Não a velha doida cheiro ruim, escarrando suspiros pela casa. Nem uma esposa bêbada, cantando sem parar. Eu quero uma mulher fêmea, disponível, uma coitadinha prá mim. O velho sabia das coisas. Ele me disse: "Tu vai casar mesmo com minha filha, cão ? Tu tá bem? Não tá doente não? O que tu viu nela? Olha essas carnes? Não dá nem prum bife! Eu te mostro umas mulheres, eu te levo onde elas moram. Lá é minha casa, rapaz" Ei, velho morto, me leva prá essa casa, me leva embora! Me tira daqui! (Senta-se no chão) Onde eu moro é casa de mulheres. Agora tem mais uma gostosinha. Gostosa mesmo! Êh garoto burro, burro, burro! Gostosa! (Rindo. Puxa a garrafa de uísque e canta, como se estivesse inventando a música naquele momento)

O velho me falou

a vida é assim  
quem foi que te escolheu  
roubou teu coração.

E nunca mais voltou  
prá ver o que ficou

As nuvens são azuis  
os céus fruta-cor  
pareço um animal  
coçando o nariz

O velho é assim  
roubou teu coração

E quem já não se foi  
partiu desse lugar  
e eu quero me perder  
comer o que sobrou.

As nuvens têm nariz  
Que o animal coçou  
as nuvens têm nariz  
que o animal coçou.

(grita) Animal!

## **16- NA RUA EM OUTRO LUGAR**

FILHO

Meu pai bebeu muito.

CARLOS

Será que tua irmã ainda gosta de mim?

FILHO



Acho que um de nós precisa voltar lá.

CARLOS

Tua mãe não deixou a gente ficar junto. Tua mãe não queria que o bebê nascesse.

FILHO

Ela não queria nem que eu nascesse. Mas quem pode ir contra uma criança?

CARLOS

Eu vou tirar a tua irmã de lá. A Clara entra e tua irmã sai.

FILHO

Carlos, era melhor você ir morar lá com a gente.

CARLOS

E a tua irmã engravidar.(Riem)

FILHO

E daí a Clara dar a luz a uma mulher

CARLOS

E tua irmã também.

FILHO

Mais duas mulheres naquela casa.

CARLOS

Por isso é que teu pai bebe.

FILHO

Agora ele vai ter que beber mais, muito mais. Até vomitar tudo o que tem dentro dele, todo o churrasco podre dentro dele. Beber, beber, a boca aberta espumando, afogada na falta de ar. O pai vai ter que engolir tudo, tudo, tudo, todos esses anos.

## **17 Na rua**

PAI(Cantarolando como numa marcha de carnaval. Batuque nas pernas.)

Não gosto de mulher, não gosto de homem

não gosto da mulher , não gosto da velha.

(fala)Vai uma linguicinha aí, comadre.

Vai uma carinha bem quentinha, minha querida.

(Volta o carnaval) Eu tô fazendo um churrasco  
já tenho o fogo e o espeto  
só falta a carninha  
prá começar a festa.

(Fala, continua o batuque.) "Vamos, mulher vamos pro quarto!  
(Imitando) Prá que? Você não tem sossego, Homem?"

(Carnaval. Mais animado. Batendo com um pedaço de pau na garrafa.)  
Todo mundo engravidou  
todo mundo comeu  
agora não tem mais carninha  
pro coitado do papai.

(fala)

-Vamos, meu amor, vamos logo. Antes que sua mãe chegue.

- Agora é meu amor, é? Mudou de nome? Não é mais vaca? Gaveta? Coisa em pé?

(Carnaval. Ele em pé dançando)

O velho me dizia  
vai com outra, vai melhor  
e eu que era tão burro  
pensei que era brincadeira.  
E eu que era tão burro  
piorei a vida inteira.

(Fala)

- Vamos ter um filho? Dois? Agora que eu não como mais carne!

- Então vai mastigando os dentes, vai mordendo os lábios. Eu não queria isso menos do que tu. Agora arranja outra coisa prá fazer.

(Carnaval)

De dentes eu entendo  
a família vai muito bem

e quando chega o Domingo  
 todo mundo come bem.  
 E quando chega o Domingo  
 Clara traz mais neném.

- Hoje pode, amorzinho, hoje pode? Olha aqui, tá duro!

- Ah é? Então senta em cima e goza; amozinho é prá bicho, é prá tuas amiguinhas.

(Carnaval O uísque terminou. Levantando-se para casa, cambaleando)  
 Uísque, uísque quem roubou meu uísque  
 Uísque, uísque venha já aqui.

Eu volto para casa  
 de cueca balançando  
 a garrafa vazia  
 e o resto de seus beijos.  
 A garrafa vazia  
 e o danado do desejo.

### **18- No quarto de Clara**

(Tirando as coisas da mala de Clara)

FILHA

A avó falou que a senhora era triste por causa do ...

MÃE

Já viu que não é assim! Prá que continuar com isso. Passado é passado. A gente gostava de seu avô porque ele era feliz, porque ele estava vivo. A mãe é que não podia com a felicidade dele. Achava que ele ria dele, que estava alegre porque a enganava, tinha outra casa.

FILHA

E o vô não tinha, não andava com outras mulheres?

MÃE

Olha, eu vou te falar uma coisa. Eu nunca te disse nada. Eu não fui uma boa mãe. Enquanto você crescia, eu me afundava em meus pensamentos, tentando

entender a vida. Até hoje eu me sento naquela sala e procuro alguma coisa que não é meu pai ou seu pai, ou o pai de quem quer que seja. Eu procuro é esquecer uma idéia que tive quando era nova. Quando fui me casar, vi seu avô conversando com meu futuro marido. Era bonito ver os dois ali, amigos, tudo dando certo. Daí me aproximei e ouvi tudo, minha filha, tudo.

FILHA

Você me chamou de...

MÃE

Como cães eles dividiam meu corpo como sobras de um churrasco, o que restou de mim depois do que eu ouvi. Eu não era mais nada senão as sobras do que eles diziam.

FILHA

Mas isso foi há tanto tempo. Olha, a Clara trouxe até roupinhas de bebê.

MÃE

(Puxando a cabeça da filha para si) Ouve e vê: eles falavam de mim como se eu fosse carne, filha, carne. Daí eu me virei e comecei a me apalpar. O vestido de noiva desapareceu. Eu fui caindo, caindo de uma altura enorme até o chão. Não sentia mais as pernas e a escuridão tomou conta de meus olhos. A minha pele derretia ao mínimo toque de minhas mãos. Meus dedos iam entrando pelas carnes e órgãos que se espatifavam no tapete, caindo.

FILHA

Me deixa, me deixa!

MÃE

Até que no fundo sem fundo dessa escuridão eu vi cães passeando na coleira e um homem os segurando. Eles latiam em sua risada de cães. E o homem, o rosto desse homem eu nunca vi, nunca mesmo. Ele sorria com os cães, repuxando as coleiras.

FILHA

(Saindo dos braços da mãe e puxando-a) Mãe, acorda, sai dessa coisa que te devora.

MÃE

(Absorta) Os animais, filha, os animais. Nós somos bichinhos, filha, bichinhos. No fundo de tudo, nós não passamos de uns pobres bichos. Eu não quero que Clara tenha mais bichinhos. Eu quero que o mundo pare. Tudo vai acontecer de

novo se Clara der a luz. Toda mulher faz repetir isso. Prá isso as crianças no mundo, a coleira em seus pescoços. Os cães não vêem seus donos. E eu, filha, eu vi o homem, o rosto dele como agora eu vejo você. (Pegando as roupinhas de bebê.). Vamos acabar com os bichinhos. Somos bichos, filha, bichos: os pobres e miseráveis de uns bichos. (A filha abraça a Mãe que procura deter o choro.)

### 19- Na sala

*Entram o Filho e Carlos. Clara está deitada no sofá. A Avó com a mão na cabeça dela. O menino ao longe olha tudo assustado.*

FILHO

Clara, o que houve com a Clara?

AVÓ

Ela está dormindo. Hoje não foi um dia fácil.

CARLOS

(Com a mão no rosto no lado do dente que dói) Há anos que não é fácil prá ninguém. Nada dá certo.

AVÓ

Mas não é preciso dar certo. Nunca dá certo mesmo.

FILHO

Prá senhora, vó, prá minha mãe. Comigo é diferente.

CARLOS

Prá mim nada deu certo.

FILHO

Também, vai logo consultar com meu pai!

CARLOS

Mas o imprestável não é você?

FILHO

Sabe o que é desde criança ouvir "você não faz nada direito!" "êh garoto burro, burro!" "não presta nem prá se limpar! ??!!"

CARLOS

Desde criança?

AVÓ

As crianças nunca foram bem-vindas aqui.

CARLOS

Eu sei bem disso.

AVÓ

Nunca se prestou muita atenção nas crianças. Até que me chamaram, o pai me chamou

FILHO

Mas isso foi depois do vô morrer. Eu já tinha uns 15 anos.

AVÓ

Ele te chamou em um canto...

FILHO

E começou a me dar conselhos, como o pai, os mesmos. Não entendia nada.

CARLOS

Ainda bem. Se eu seguisse o que teu pai me fala, eu teria morrido igual ao seu avó.

AVÓ

E quem disse que ele está morto?

CLARA

(Acordando) Kinho, você chegou?

FILHO

(Dando o remédio) Tome vai passar. Foi seu primeiro dia nessa casa.

CLARA

Já melhorei. Eu tava indo embora.

FILHO

Sem mim?

CLARA

Eu precisava, Kinho. Sua mãe me disse coisas horríveis

CARLOS

Prá mim ela disse coisas piores. Ninguém aqui esconde nada. As coisas se mostram o tempo inteiro. Não há como se segurar em nada.

AVÓ

As coisas que não se mostram, essas não são as mais importantes. Me escutem: eu sou velha, já tive casa, homem e filhos. Todos já me viram. Não trago novidade alguma. Não tenho o que esconder. Me esvaziei de tudo prá estar aqui. Eu sou como a mobília da casa, vendo as pessoas em seu lugar.

CLARA

Vozinha, vozinha. Eu vou ter um filho, um lindo filho.

FILHO

Eu vou mostrar meu filho prá todo mundo, eu vou mostrar essa criança.

CARLOS

Aonde ela está ? Vó, onde ela está?(Saindo)

CLARA

A gente vai trazer esse bebê prá aqui, vizinha, a senhora vai ter um filho novo.

AVÓ

Eu estou velha demais para uma criança, minha filha, velha demais.

*Entra o pai*

PAI

(Cantando. Carnaval)

Eu vou mostrar minha linguicinha  
a sogra e nora vão gostar  
já que a mulher não gosta  
alguém vai ter que provar.

Eu vou mostrar minha linguicinha  
o filho e o genro vão gostar  
já que a mulher não prova  
vão ter que se virar.

FILHO

O senhor tá louco? Tava na rua de cueca e bêbado?

PAI

O que foi, garoto burro, nunca viu homem não? Pega aqui, ó, vou te mostrar como se vira homem.

FILHO

(Afastando o pai) Vó, traz a mãe: o menino dela aqui se molhou nas calças.

PAI

(Carnaval)

Chama a minha mãezinha  
ela é dura de agüentar  
em vez de agüentar uma dura

sou eu quem devo amolecer.

FILHO

Pai, o senhor tá louco? Apodreceu em pé?

AVÓ

(Saindo) Foi o churrasco. A carne, dentro da gente...

CLARA

Kinho, vamos subir. Me ajude. Vamos pro quarto.

PAI

(Carnaval)

Se quiser eu mostro o quarto

se quiser eu mostro tudo

mostro até minha cueca

e meu peito cabeludo.

Mostro até minha cueca

e meu peito cabeludo

(O pai batucando nas coisas enquanto Clara e o Filho saem. Cansa-se e fica cantarolando uma melodia. Entra a Mãe. Ela canta uma doce canção de ninar e vai se aproximando dele. Após saem juntos. O menino de Clara, que havia ficado calado durante todo o espetáculo, observa a saída do último casal e se senta em frente de todos nós e nos olha firme, até a luz se apagar.)

Vi

no fundo azul

de um abandono

o teu olhar

pedindo o meu

Vi

que em teu olhar

já reluzia

um outro olhar

um outro alguém.



E agora resta enfim  
saber se vamos continuar  
o outro alguém  
em nosso alguém  
reverberar.

Sei  
do fundo azul  
que já brilhou  
ao derredor.

Sei  
juntos fomos  
a sorrir  
além de nós.

Enquanto brilha a noite  
e estamos juntos outra vez  
o outro alguém  
em nosso alguém  
vamos calar.

Vem  
ao fundo azul  
da cor do mar.

Vem  
comigo vem

Vem.

## **CACHORRO MORTO**

O rabo cheio de moscas

(2004)

### *Personagens*

PAI, Homem de 60 anos, resmungão, autoritário e mulherengo.

MÃE, Mulher de 55 anos, gorda, irritadiça e subserviente.

FILHA MAIS VELHA, mulher de 35 anos, alta, gorda, solteira, dentes amarelos, infantilizada e com tendências homossexuais.

FILHA MAIS NOVA, mulher de 30 anos, magra, liberal, irônica.

NOVO NAMORADO DA FILHA MAIS NOVA, homem de 25 anos, ressentido, walkman nos ouvido, bebe sem parar.

DONA CONSTÂNCIA, a vizinha. Mulher 55 anos, magra, bem arrumada, uma certa superioridade.

FILHA DA VIZINHA, Jovem de 18 anos, magra, muitos *piercings*, mascando chicletes, obsessão e estranha sinceridade.

### *Espaço*

Duas casas vizinhas contínuas, incrivelmente semelhantes, separadas por uma cerca. São exibidas apenas as salas de cada casa e um quarto.

*Sala da casa primeira. Início de tarde. O PAI está de bruços em grande cama-maca de rodinhas, nu, uma toalha o encobrindo. Ele segura e usa três controles de tv na mão. A MÃE prepara um banho de ervas. A FILHA MAIS VELHA*

*sentada mais ao extremo em uma cadeira incrivelmente alta, mãos nas pernas, pernas balançando, olhar baixo, envergonhada.*

PAI

Presta atenção no que tua mãe tá fazendo! Vê se aprende alguma coisa na tua vida, ouviu ?!!.

FILHA MAIS VELHA

Tô prestando, pai! Tô prestando...

MÃE

Mas será o impossível! Deixe a garota em paz!

PAI

Garota! Olha o tamanho dela. Com essa idade, ela devia é...

MÃE

Devia o quê? O que que tu quer...

PAI

Não casou, não tem filho, não arranja trabalho fixo. Eu só tô querendo o bem dela...

MÃE

É, mas todo dia ficar dizendo isso, a garota acaba...

PAI

Viu? De novo! Pare de chamar essa coisa enorme aí de menininha! Parece até praga!

MÃE

Mas é que...

FILHA

Deixa mãe, deixa: eu tô acostumada.

PAI

Essa tua criança daqui a pouco se aposenta nessa cadeira. Não faz nada, não sai de casa, vive aí de olho em tudo.

MÃE

Pelo menos não me arranja trabalho. Hoje em dia tá cada vez mais perigoso lá fora. Não vê os jornais? É bala perdida, é seqüestro. Pelo menos a garota...

PAI

Mas quem que iria seqüestrar esse troço? Tu tá é valorizando demais a gorda!  
Não serve nem prá limpar vaso! Nem prá fazer filho!

MÃE

Que maldade! Mas que malda...

FILHA MAIS VELHA

Deixa mãe! Eu já disse! Isso não dá em nada. Eu tô bem, eu tô bem assim.

MÃE

É por isso que ninguém vem mais aqui em casa. Também, com um velho estúpido desses, que não respeita a própria filha, quem iria...

PAI

A história não é desse jeito que tu tá contando...

MÃE

O que tu tá querendo dizer com...

PAI

Quer que eu fale? Precisa eu falar?

FILHA MAIS VELHA

Mãe, não provoca: é o que ele quer. Eu te..

PAI (para a filha. Joga um dos controles nelas)

Cala boca, monte de estrume! Não se mete!

MÃE

Ninguém, ninguém aparece. Nem um telefone. Tanta gente no mundo e ninguém nem para dar um alô.

PAI

Agora a culpa é minha? Até disso a culpa é minha? Depois que essa merda de doença me pegou, tudo que acontece de ruim...

MÃE

Não tô falando disso.

PAI

Tá sim. Vive me jogando na cara, vive me olhando com olhos de raiva... como se eu tivesse pego essa doença de propósito prá te incomodar , prá acabar com teu sossego.

MÃE

Nunca pensei nisso. Se bem que tu vive perturbando todo mundo aqui. Mas...

FILHA

Mãe, não responde. Não entra no jogo dele.

PAI

Ah, viu? Não foi o que eu disse. Eu sabia. Eu sabia. Tu acredita mesmo que eu fiquei doente de propósito! Ô mulher burra! Burra! Quem é que pega câncer por querer?!

MÃE

Eu não disse nada disso. Eu...

PAI

Mas pensou, não é? Pensou. Agora eu tô aqui nessa cama, esperando a morte, sofrendo, cheio de dor, cercado por duas idiotas me torturando, tudo porque eu quis, porque eu tava afim?!!!

FILHA

Mãe, a senhora...

MÃE

Quantas vezes eu te disse: vai, faz o exame. Tá passando da hora. Olha teus tios, teus irmãos... todo mundo fazendo.

FILHA

Começou. Todo dia a mesma ...

PAI

Tu fala isso é porque não é no teu rabo! No de vocês!

MÃE

Até o grosso do tio Aparício, até ele...

PAI

Não quero saber. No meu não! No meu ninguém põe a mão... o dedo. Posso até morrer. Mas não perco a vergonha.

MÃE

E tu acha que esses banhos de ervas vão servir prá alguma coisa?

PAI

Não sei. Pelo menos aliviam.

MÃE

Então tu prefere enfiar tudo quanto é verdura aí mas não aceita...

PAI

Vai, termina essa merda que tá doendo, tá doendo...

MÃE

E depois sou que sou burra...

FILHA

(Ri.)

PAI

E tu: do que é que tu tá rindo, sua gorda imprestável! Me respeita!(Joga outro controle de TV nela) Vai arranjar um homem prá rir dele.

MÃE

É por isso que ninguém vem aqui. Não é por causa dessa doença.

PAI

É bom mesmo fique só a gente aqui em casa. Assim vocês me cuidam melhor. Vocês vão ter que me agüentar enquanto eu viver. E eu vou ter uma morte lenta, muito lenta...

MÃE

Tudo porque não ...

FILHA

Chega mãe, chega: não adianta. Deixa...

PAI (Com dores)

Ah, ah: traz essa bacia prá cá! Tá doendo, ai que tá doendo muito.

FILHA (Sai da cadeira)

Mãe, me dá...

PAI (Afasta a filha com mão)

Sai daqui. Volta pra tua cadeira. Deixa tua mãe fazer.

MÃE

Tá quente, tá muito quente ainda.

PAI

Joga essa merda logo! (Com uma concha, a MÃE joga a água e as plantas do banho de ervas no traseiro do Pai. Este solta um grito alucinante. Filha e Mãe reagem com nojo. Pai pede mais. Até que, após algumas conchas, o Pai desfalece pela dor.)

MÃE

Desgraçado! Estúpido! (Vai para consolar a filha, abraçando-a)

FILHA

Ele não faz por mal, mãe.

MÃE

Tá defendendo? Ele sempre foi assim. Agora piorou.

FILHA

Eu não lembro. Eu não lembro de nada de ruim.

MÃE

Minha criança!(beija) Eu queria ser assim. Ainda bem que você não foi embora como tua irmã. Que bom que você ficou comigo.

FILHA

Eu não vou deixar a senhora, mãe. Eu nunca vou deixar.

MÃE

Aquela ingrata! Vagabunda! Puxou o teu pai em tudo! Nem um telefonema! Nada!

FILHA

Não fica com raiva dela não, mãe. Ela trabalha. Trabalha muito.

MÃE

Sei... sei no que ela trabalha tanto... Só faz é arranjar homem. Se ela namorasse menos, teria tempo prá...

FILHA

Mas ela é linda, não é, mãe?! Tão linda, linda. Toda linda.

MÃE (Segura a cabeça da filha e a olha nos olhos)

Que é isso, minha filha? O que tu tá pensando?

FILHA

Nada, mãe. Nada. Eu não posso achar...

MÃE

Não. Nunca. Se você conhecesse tua irmã, não iria dizer uma coisa dessas. Depois de tudo que ela fez, todo o sofrimento que ela causou... Não: ela não é linda. Ela não é isso que você...

FILHA

Pois então não me conte. Eu não quero saber. Eu quero que ela continue linda, linda.

MÃE (Pega nas mãos da filha)

Promete uma coisa prá tua mãe?

FILHA

O quê?

MÃE

Não discuta. Apenas prometa: prometa que nunca vai achar ninguém, nada assim lindo, bonito demais.

FILHA

Por que, mãe? Por quê?

MÃE

Faz o que eu tô pedindo. Por favor. Por mim.

FILHA

Mas como eu...

MÃE

Tu se acostuma. A gente se acostuma com tudo nessa vida. Faz o que eu pedi.

FILHA

Mas... mas...

MÃE

Me promete isso, minha filha. É pro teu bem. Promete nunca mais achar...

(PAI volta a dar sinais de vida, esfregando-se na cama, como se estivesse excitado e falando coisas incompreensíveis. FILHA larga as mãos e vai ter com o PAI. PAI ainda em seu delírio pega a cintura da FILHA e a traz para si. A FILHA ri e se deixa ser arrastada. O PAI dá um abraço, esfrega a cabeça no peito dela e quando descobre quem está em seus braços, repele-a com força.)

PAI

Mas o que é isso? Brincando com teu pai doente, seu bicho de merda?! Tire essas mãos gordas de cima de mim! Tire agora!!!

FILHA

Não, pai. Eu...

PAI

Não se pode nem ter sossego...

MÃE

Foi tu quem...

PAI(para a Filha)

Vai pro teu canto! Vai! Não quero que você fique nem um passo perto de mim.(A FILHA volta para sua cadeira gigante. Tocam a campainha.)

MÃE

A campainha: mas quem será que...

FILHA



É ela, mãe. A gente a recém tava falando dela!!!

PAI

Não quero saber quem é. A porta, vai abrir a porta!

MÃE (Pega na cama para tirá-lo da sala)

De jeito nenhum. Tu assim escancarado no meio da sala. O que é que vão pensar?!!

PAI

Não me tire daqui! Eu tô mandando. Não me...(Toca a campainha de novo)

FILHA

É ela, é ela. Atende mãe, atende.

MÃE

Mas teu pai...

PAI

Eu não vou sair da sala. Tô cansado de vocês. Eu quero é ver gente! Gente!

FILHA

Por favor, mãe! Por favor!

MÃE (Indo atender meio a contragosto, arrumando os cabelos e a roupa.)

Que vergonha! Olha teu pai aí todo...

PAI

É visita. Vieram me ver. É gente que não tem nojo de mim!

FILHA

Vai, mãe, vai!

MÃE (Com a mão no trinco. Toca a campainha pela terceira vez. Abrindo e reclamando)

Ôa , isso não é buzina... (surpresa) Dona Constância!!!

PAI

Quem?

MÃE

Mas... mas... (impedindo a entrada)

FILHA (Desapontada)

Dona Constância?!...

PAI

A vizinha! Deixa a vizinha, deixa, deixa.

DONA CONSTÂNCIA (Olhando com curiosidade o lugar)

Eu não quero incomodar. Eu só vim...

MÃE

O que a senhora quer? Perdeu alguma coisa...

PAI

Mas há quanto tempo... Entre, por favor, entre Dona Constância.

DONA CONSTÂNCIA

Eu tô com pressa. Eu só...

PAI (Para a mulher)

Mas largue de ser mal educada, mulher. Vai lá dentro e prepara alguma coisa prá nossa visita. (Surge a cabeça da Filha da Dona Constância por trás de sua mãe. )

MÃE (Se afastando da porta assustada.)

Agora é um batalhão!

FILHA DA VIZINHA (Mascando chicletes, sem emoção. Voyeur. A FILHA se ilumina com a visão da FILHA DA VIZINHA.)

O cara tá morrendo, é ? Tá morrendo mesmo?

DONA CONSTÂNCIA

Pare com isso, minha filha. Mais respeito na casa dos outros.

PAI(para a Mãe)

Vai, anda sua imprestável! Traz alguma coisa prá elas!

MÃE (Saindo resmungando. Para o Pai)

Vê se se comporta.

DONA CONSTÂNCIA

Não quero dar trabalho. É que veio esse telegrama prá vocês. Erraram o endereço. Acho que é...

MÃE (Voltando)

Acha o quê? A senhora abriu? Continua gostando das coisas dos outros?...(Indo pegar)

DONA CONSTÂNCIA

Não é isso. É que pelo remetente deve ser...

MÃE

É dela!Daquela vagabunda! Não sabe nem nosso endereço!

PAI

Me dá, me dá. Deixa eu ler. (MÃE joga o telegrama para a cama do Pai. Este procura abrir avidamente o envelope.)

FILHA

Você é filha da Dona Constância, é?

FILHA DA VIZINHA (Olhando para cima e para baixo. Puxando os cabelos.

Ãhm, ãhm!

PAI (para a Mãe. Divide-se entre ler o telegrama e olhar para as visitas.)

Vai, vai: traz alguma coisa pras nossas amigas.

MÃE(Sai resmungando)

Não posso ter um minuto de paz nessa casa. Já não bastava.... agora...

PAI (Lendo o telegrama.)

É de quase um mês atrás...(abrindo o telegrama e olhando com desejo Dona Constância) Mas Dona Constância como a senhora está linda, linda. A senhora iluminou o meu dia.

DONA CONSTÂNCIA( incisiva)

Não adianta mostrar os dentes, abanar o rabo! Vamos, filha. Dá próxima vez eu coloco a correspondência debaixo da porta. Filha!

PAI (Se movimentando, tanto para ficar na direção da vizinha, quanto se esfregando na cama)

Já vai? Calma. Espere o lanchinho. Faz tanto tempo que a senhora não vem aqui. Desde que seu marido morreu... Continha viúva, não é?

DONA CONSTÂNCIA

Não é de sua conta. Filha!

FILHA DA VIZINHA(para a Filha)

Você fica o dia inteiro aí nesse banco? Não sai nunca?

FILHA

Eu gosto de ficar aqui. A mãe diz que lá fora é perigoso.

FILHA DA VIZINHA(exagerando com ironia)

É perigoso mesmo! Muuuito perigoso!!!!(A FILHA ri envergonhada.)

PAI

O seu marido era um homem de sorte. Um grande...

DONA CONSTÂNCIA

Idiota? Não é isso que você queria dizer?

PAI

Eu? Nunca! De jeito nenhum!

DONA CONSTÂNCIA

Sei, sei...

PAI

Eu? Imagina!

DONA CONSTÂNCIA

O seu melhor amigo! Como você pôde ...

FILHA DA VIZINHA

Tu é gorda! Muito gorda!

FILHA

Eu tô fazendo dieta! Já perdi dois quilos!

FILHA DA VIZINHA

Em quantos meses?!

FILHA (Rindo envergonhada, mãos tapando os dentes amarelos)

Você é muito engraçada...

FILHA DA VIZINHA

Por que tu tapa a boca quando ri? Tá com medo de cair os dentes?

FILHA

Não, é que eu não vou muito ao dentista. Eu tenho medo...

FILHA DA VIZINHA

Tá tudo podre, não é? Podre!(coloca o dedo na boca da Filha) Dói?

FILHA

O pai disse que não é prá gastar com isso, que depois conserta tudo de uma vez.

FILHA DA VIZINHA

Com dentadura? Tu vai colocar dentadura?

FILHA

A gente não pode gastar muito. A doença do pai, a gente...

FILHA DA VIZINHA

Então tu vai ficar banguela e gorda, mais gorda, sentada aí prá sempre até explodir?!

FILHA(rindo)

É, é isso: eu vou ficar!

FILHA

Legal! Legal!

DONA CONSTÂNCIA

Todos esses anos, você se fazendo de amigo... como você pode? Como você pôde?

PAI

Eu não fiz nada! Foi ele quem quis fazer aquilo! Disso eu não tenho culpa!

DONA CONSTÂNCIA

Como não? Se você não tivesse enchido a cabeça dele com tanta mentira ele não teria...

PAI

O cara era fraco! Fraco! Não tenho culpa se ele não agüentou a verdade!

DONA CONSTÂNCIA

Verdade ! Que verdade!? A que você inventou e espalhou pelo bairro?

PAI

Depois de todo esse tempo é que tu vem falar comigo é? Agora que eu tô aqui na cama, morrendo é que vem me acusar?

DONA CONSTÂNCIA

Pois que você morra, seu velho ignorante. Morra! Por tudo que você fez, essa doença é muito pouco, muito pouco mesmo.

PAI

O cara tem que ficar firme, forte nas coisas que acredita. Senão, ninguém confia nele. Teu marido era fraco demais. Onde já se viu se matar por causa de fofoca, de boato! Isso é coisa de mulher! Homem que é homem...

DONA CONSTÂNCIA

E desde quando você sabe o que é ser um homem prá falar...

PAI

O tio Aparício, ele era igual ao teu marido. Eu adorava o tio Aparício. Eu confiava nele. Depois fiquei sabendo de umas coisas dele, outras ele mesmo fez. Homem que é homem não muda assim não, não troca de time. Tem que ...

DONA CONSTÂNCIA

Filha, vamos embora. Vamos. A gente não devia ter coloca os pés aqui de novo.

FILHA DA VIZINHA

Teu pai tá morrendo, não é? Me disseram que é câncer. Ele sofre?

FILHA

Ele não tá morrendo não. Ele é forte. Até nem deixa ninguém em paz. É só um mal jeito nas costas.

FILHA DA VIZINHA

É câncer, sua burra, é câncer na próstata. O cara tá todo podre, podre mesmo. Igual teus dentes, garota.

FILHA

É mentira. É tudo mentira. Ele até bate em mim. Alguém com câncer não ia poder..

FILHA DA VIZINHA

Dizem que ele ficou assim de tanto andar com muita puta e viado. Dizem que o saco dele inchou tanto que ficou do tamanho de uma melancia. Tu já viu o tamanho do saco dele?

FILHA

Não, nunca. De jeito nenhum. Eu...

FILHA DA VIZINHA

Mas tu fica aí o dia inteiro, a noite inteira?... Tu deve ter visto alguma coisa. Fala, fala: diz o que tu viu.

FILHA

Eu não vi nada. Eu não posso dizer. Eu não vi nada.

DONA CONSTÂNCIA(para o Pai)

Eu espero que você morra, viu? Morra! E que sofra muito até lá. Filha!

PAI

Pois eu espero que a senhora continue assim maravilhosa, linda, linda e que não esqueça o que a gente fez, o que eu fiz pela senhora.

DONA CONSTÂNCIA

Seu desgraçado, se eu tivesse condições eu tinha me mudado daqui, eu tinha mandado acabar contigo.

PAI

Dinheiro, não é dona Constância? Sempre o mesmo problema. Eu posso ajudar a senhora. De novo. Se senhora quiser, eu...

DONA CONSTÂNCIA (Saindo)

Vamos, minha filha: não agüento mais ficar aqui nem mais um minuto.

FILHA DA VIZINHA(pra Filha)

Se você quiser, eu volto.

FILHA

Volta, volta. Você é tão linda, linda.

FILHA DA VIZINHA

Daí tu me conta tudo. Eu quero saber. Eu sei que você sabe.

FILHA

Se você voltar, eu conto, conto o que você quiser.

FILHA DAVIZINHA (saindo)

Então me espere. A gente vai se ver de novo.

FILHA

Você é linda, linda.

PAI (para a Filha)

Fecha a merda dessa porta, estrume! Gente ordinária! Vindo aqui prá espiar!

(para a Filha) Não quero que tu fale mais com essas vagabundas do lado, entendeu?

FILHA

Mas pai. Eu...

PAI

Cala a boca e vai pro teu canto. Não discuta. Respeita o teu pai. Fica quieta aí e me obedeça. (Entra a mãe com uma bandeja com torradas e suco. Tudo simples)

MÃE

Mas já foram? (senta-se) Que bom! (para o Pai) O que você fez com elas?

PAI (volta a mexer com os controles. Mãe começa a comer)

Nada, nada! Só disse a verdade. Me passa a torrada.

MÃE

Espera. Não tá na hora ainda.

PAI

Hora de quê? Desde de quando...

MÃE

Tua dieta! Tu tem hora prá tudo! Tem seguir as recomendações...

PAI (Estende a mão e pega umas torradas)

Que obedecer médico coisa nenhuma! Vivi muito bem até aqui sem ajuda deles. Agora tô numa merda, cercado da merda que vocês são!

MÃE (joga a cesta com pães no Pai)

Vai, seu estúpido: faz o que quer. Enche o rabo de comida!

PAI

Pelo menos eu sei do meu rabo! Continua intacto, virgem. Agora o teu...

MÃE

Homem ordinário, na frente da criança...

PAI

Já falei prá parar de tratar essa coisa como se ela fosse um...

MÃE

E tu quer o quê, que trate ela como a outra? Viu no que deu? A ingrata, desgraçada nem sabe mais nosso endereço, nem lembra de nós.

PAI

Ela se enganou. Tava muito ocupada. Trabalha demais. Vive demais.

MÃE

Nem prá telefonar. Fala com a gente por telegrama. E tu ainda defendendo ela.

PAI

Ela ajuda a gente. Essa doença levou todo o dinheiro.

MÃE

Mas não precisava. Se tu tivesse feito o plano de saúde como eu disse, e se tivesse feito os exames...

PAI

Vai continuar repetindo a mesma coisa o tempo inteiro? Tu quer o quê: me torturar, me fazer morrer mais rápido?

MÃE

Olha essa menina aí, precisando tratar os dentes, arrumar o corpo. E eu, olha no que eu tô virando. Tudo por causa de um homem de merda que não...

PAI

O que tu queria que eu fizesse? Que torrasse dinheiro à toa? Esses planos de saúde não servem prá nada. Meu tio Aparício que...

MÃE

Mas como é que tu fica lembrando de um velho estúpido, ignorante que nunca foi num hospital a não ser prá fazer o exame que tu devia ter feito e não fez...

PAI

Por isso eu não perdôo o velho. A vida inteira resistindo e no último momento... Ele me traiu, traiu. Um homem tem que ter palavra. Nunca precisou de médico. Daí foi só dar ouvido pro povo, se apavorar e ir correndo ter o rabo rasgado. Mas eu não. Eu não: aqui ninguém bota a mão.



FILHA

Deixa, mãe, não briga! Foi do mesmo jeito com o Shopping.

MÃE

Não se mete, minha menina. Não se mete.

PAI

Bem lembrado. Isso é coisa de homem. O shopping sendo construído e todo mundo já querendo ir lá. Assim que inaugurou era fila, fila que não acabava mais.

FILHA

Eu queria tanto ter ido...

MÃE

Teu pai não gosta de novidade. É do contra, sempre do contra.

PAI

Alguém tem que dizer não, ficar firme.

FILHA

Então o pai disse que ninguém da casa iria no shopping. Todo mundo foi. Menos a gente. Até hoje. Até hoje.

PAI

Eu fiz isso pro teu bem de vocês. A gente precisa ter opinião, atitude. Senão vira bicho, maria-vai-com-as-outras. E depois de decidir, tem que continuar firme até o fim.

MÃE

Agora não dá prá ir mesmo lá. Tá tudo tão perigoso, violento. Tanto roubo, seqüestro...

FILHA

Mas nas propagandas o Shopping é tão bonito, mãe, tão lindo, tão lindo...

MÃE

Eu já disse prá você não...

PAI

É tudo mentira! Mentira! Eu sei! Eu...

MÃE

Tu o quê.. não vai me dizer... não vai me dizer que tu foi no shopping e não me disse nada?

PAI (Se atrapalhando)

De jeito nenhum. Eu sou homem de palavra. Eu...

FILHA

Pai, o senhor foi no shopping e não levou a gente?

PAI

Mas o quê é isso? Me respeitem! Só porque eu tô doente isso não quer dizer que...

FILHA

Eu não acredito, pai. Esses anos todos, eu querendo ir... O senhor foi ...

MÃE(Recolhendo os pães)

Mais uma mentira! Mais uma! Igual quando eu perguntei do exame! Se ele tinha feito. Agora tá nessa, nos arrastando junto.

PAI

Eu não fui nessa merda! Acreditem! Me contaram. Eu passei na frente. E eu não tenho que explicar nada prá ninguém. Se eu quisesse, eu teria ido, e vocês não tem nada com isso.

FILHA(quase chorando)

O shopping, pai, o shopping! Eu sempre quis ir no shopping. A minha vida inteira, pai. A minha vida....

MÃE (Indo consolar a Filha)

Não chore, minha criança, não chore. Coma um pouco de pão, coma o quanto você quiser. Não vale a pena chorar por homem desses.

PAI

Sai de perto dela! Deixa ela sofrer! Ela tem que aprender sozinha, ela tem que ser forte. Tu tá educando mal esse estrume.

FILHA

Por quê, mãe? Por que ele fez isso?! Eu queria tanto, eu queria tanto. Lá tudo é tão lindo, tão lindo.

MÃE (sacode a filha )

Não fale desse jeito (Abraça a filha forte)Você me prometeu, lembra?! Nada dessas coisas! Esquece! Foi melhor, minha menina, foi melhor assim. A sua irmã fugia escondido prá ir no shopping. A vagabunda sempre mentiu e enganou. Daí se perdeu.

PAI

Ela conseguiu um emprego lá. Trabalha até hoje no shopping, coisa que vocês nunca...

MÃE

Eu não trabalho, eu nunca trabalhei porque o meu marido não queria, achava que não era direito.

PAI

E fez bem. Olha o exemplo da Dona Constância. Trabalhava fora e fazia outras coisas fora também...

MÃE

Isso era tu quem dizia. Que tinha visto ela lá perto do shopping...

FILHA

O senhor viu a vizinha é porque vivia lá...

PAI

Eu já disse: eu passava por lá, na frente. Eu não entrava. Eu vi a Dona Constância conversando com os homens e tudo mais. Que coisa! Foi só eu ficar doente prá ninguém me respeitar mais aqui. Antes era diferente.

MÃE

Tu contava essa história da Dona Constância prá tudo. Parecia até o homem dela. Dona Constância é isso, Dona Constância é aquilo. Tudo que era exemplo vinha com o nome dessa mulher.

PAI

Mas ela vivia aqui. Era tua amiga. O que que tu queria que eu...

MÃE

E tu amigo do marido dela. E mesmo assim falava horrores dela, dele, pelas costas. Até que o homem soube e...

PAI

Não vai me dizer agora que eu tenho culpa também do cara ter se matado?

FILHA

Ele se matou?!!! Credo!!! Eu não sabia que o...

MÃE

Calma, minha criança, já passou. Não tenha...

PAI

O cara se matou porque era fraco, covarde. Homem que é homem não faz uma coisa dessas. E logo por causa de mulher...Se eu levasse em consideração tudo que me contam a respeito de vocês, eu já teria é...

MÃE

O que que eles falam da gente, hein? O que tu falava da gente prá eles? Agora taí nessa cama. Vai ver é castigo prá tu nunca mais ficar fazendo...

PAI

O quê? Vê se eu sou homem de ficar fuxicando feito mulher. Eu tenho mais o que fazer. Eu sempre trabalhei. Diferente de algumas pessoas...

FILHA(se fechando em seu delírio)

Ele se matou. Por isso que a Dona Constância odeia...

MÃE (Indo abraçar a filha)

Viu o que tu fez? Impressionou a garota. Agora ela tá traumatizada.

PAI

Traumatizar isso aí? Tu tá brincando! Eu queria é mesmo fazer isso, fazer com que ela acorde prá vida, que saia das tuas asas.

FILHA

Um homem morto, um suicídio, bem aqui do lado...

MÃE

Filha, largue de pensar nessas bobagens.

PAI (volta a mexer com os controles de tv)

Uma inútil. Melhor, duas. Alimento duas inúteis.

FILHA

Será que ele sofreu muito? Como foi, mãe? Como foi que ele se matou?

MÃE

Esquece, minha criança, esquece: é coisa do passado.

PAI

Vocês não servem é prá nada, nada mesmo.

FILHA

A filha deles, coitada. Como masca chiclete. O tempo inteiro.

MÃE

Você está aqui, protegida, comigo. Lá fora...

PAI

Comem, comem, comem prá nada. Monte de estrume.

FILHA

E usa aqueles arames, aqueles parafusos na cara. Eu tenho pena dela, mãe, eu tenho muita pena.

MÃE(abraça bem forte, embalando)

Minha criança, minha única criança.

PAI

Pelo menos tenho uma outra filha que...

MÃE

Que nunca vem te visitar. E que te pagou uma tv a cabo que não funciona.

PAI

Funciona. Tu é que mexeu nesses controles e estragou tudo.

MÃE

Ela te deu um troço estragado e tu ainda fica babando por ela. Velho burro!

PAI

Ela tá vindo. Disse no telegrama que tá chegando.

MÃE(levanta-se e joga a filha pro lado)

O quê?

FILHA

Ai, mãe!

MÃE

O que que ela disse? Me dá o telegrama!

PAI(entrega o telegrama)

Tá tudo aí. A nossa filha que trabalha tá vindo nos ver. Daí ela conserta esse controle que você arrebentou.

MÃE(lendo)

Eu não acredito! Como é que ela tem coragem de aparecer aqui! Depois de tudo...

PAI

Depois de tudo o quê? Só porque da outra vez ela trouxe o noivo dela e tu fez o maior escândalo?

MÃE

Noivo? Ela nem sabia o nome dele direito. E escândalo eles fizeram a noite inteira lá no quarto dela. Isso aqui não é motel, tá me entendendo? Isso aqui não casa de...

PAI

De sexo?

FILHA

Pai?!!!

PAI

De sexo isso não é há muito tempo. Mas ela é de maior, trabalha, sabe o que faz.

MÃE

Tu fica protegendo essa vagabunda e não presta atenção na gente, em mim, na tua filha, no que a gente faz por ti.

PAI

Ela vai chegar. Tá chegando. E eu não quero confusão. Eu tô doente, tô morrendo. Respeitem pelo menos isso.

FILHA

O pai tá morrendo mãe? Eu não sabia disso. Como é que ele tá morrendo se ele tá em casa? A gente tem que levar o pai pro hospital, mãe. Agora!!! A gente...

MÃE

Minha filha, minha filha: eu já te expliquei mil vezes: o teu pai tem uns bichinhos dentro da barriga dele...

PAI

Bichinhos.... Que merda de bichinhos é essa! Eu tenho é câncer, mulher! Câncer! E é no saco! No rabo! Nas bolas! É...

MÃE

E o pessoal do hospital achou melhor ele ficar em casa, com a gente, prá ver se ajuda na..

PAI

A morrer logo! Com vocês em volta de mim me enchendo o saco, essa merda já se acaba. Por que tu não fala as coisas como elas são?

FILHA

Então é verdade o que a filha da vizinha disse?

MÃE

O que ela disse?

FILHA

Eu pensava que se o pai tava doente, ele um dia ia ficar bom. Doença é isso, não é mãe? Um dia termina. Passa.

PAI

Ô bicho burro! Isso é que dá não sair de casa. Ficou gorda de burra. Pelo menos se a tv a cabo...

MÃE

É, minha filha. É assim mesmo. Mas tem umas doenças que não têm cura, que a cura é a morte.

FILHA

Então o pai vai morrer, igual ao pai da filha da vizinha, igual ao tio Aparício?

PAI

Igual não, que sou é homem! Eu não me entrego. Morro, mas morro ali ó, em pé, falando alto e incomodando todo mundo .

MÃE

Era só ter feito o exame. Depois a gente é que é burro...

PAI

Quantas vezes eu tenho que repetir que no meu...

MÃE

Agora a gente virou escravo desse estúpido, mais escravo do que já era. A gente não pode fazer mais nada. Não pode sair, viajar, comprar coisas novas. Todo o dinheiro vai prá essa doença que engole tudo.

PAI

Tá reclamando do quê? Nunca quis sair, dizia que não era prá gastar com isso, com cinema, com um jantarzinho, com uma coisa diferente. Sempre recolhida, sempre pensando nas coisas que tinha que fazer.

MÃE

E isso encaixava com o que tu queria. Pois tu economizava prá gastar com tuas putas, com tuas vagabundas.

FILHA

Mãe? O que é isso? Aqui dentro de casa!!!?

MÃE

É, até aqui, na nossa cama.

PAI

Vamos mudar de conversa.

MÃE

Com gente da vizinhança...

PAI

Eu tô falando....

MÃE

Com gente de casa...

PAI (Larga os controles de tv)

Que merda! Mas que merda é essa! Eu já disse prá parar com essa merda! Cala a boca! Cala a boca! Pára com isso! Quer traumatizar o bujãozinho aí? Vamos parar com essa merda toda que eu não agüento mais essa conversa o dia inteiro!(FILHA coloca as mãos nos ouvidos, esforço para não escutar mais nada) Todo dia me acusando, todo dia jogando na minha cara o que eu fiz. O que tu ganha com isso, hein? O que tu quer com essa falação toda? Adianta? Vai melhorar alguma coisa? Vai ajudar no quê? Porque eu não sei mais, eu não sei prá que tu serve, prá que essa merda toda presta. Porque todo dia, toda hora a mesma encheção de saco. E de saco cheio eu já tô faz é tempo.

MÃE

Quando tu tava bom e não ligava prá gente, vivia fora, fazendo o que queria. Agora que tu tá aqui preso nessa cama tu tem que ouvir, tu tem que agüentar tudo. Tu não é homem,não? Tu não é forte? Pois então não reclama.

FILHA

Pára, mãe! Por favor! Por favor

MÃE

Fiquei todos esses anos calada, sozinha, me enchendo com tuas sem-vergonhices, pegando as doenças que tu trazia da rua. Não sei como não fiquei doente também.

PAI

Agora vai soltar tudo de uma vez? Eu não tenho culpa de nada. tu agüentou porque quis. Ninguém te obrigou a nada.

FILHA(se levantando ainda com as mãos nos ouvidos)

Eu não quero mais ouvir! Eu não quero!

MÃE

Não vem com essa não! Eu sei de tudo. Eu sempre sei de tudo. Da cadela da vizinha à cadela da tua filha.

PAI

Isso é inveja. Inveja!.

MÃE

Vai: apodrece logo e morre! Mas minha filhinha tu não vai destruir. Pode ter...

PAI



Tu é que tá destruindo essa inútil aí.

FILHA

Eu vou embora! Eu vou sair daqui!

MÃE (Advertindo)

Volte aqui, minha menina. Volte.

PAI

Pode deixar. Ela não passa do portão. É sempre a mesma coisa.

FILHA(saindo)

Me deixem em paz! Me deixem em paz!

MÃE

Filha! filha!

PAI

Menos uma prá me atormentar!

MÃE

Viu o que tu fez? A garota...

PAI

Não me enche o saco!

MÃE

Como se tu tivesse algum!...

PAI

Sai, vai preparar alguma coisa. A nossa filha que trabalha tá chegando.

MÃE

Ela por acaso vem consertar essas porcarias que não servem prá nada?

PAI

É tv a cabo, sua ignorante. E é tudo de qualidade. Tu que deve ter mexido e estragado. De propósito!. Vai, anda, se mexe: vai preparar algo que preste. E nada de pão velho e suco morno.

MÃE(saindo)

Cachorro! Cachorro!

PAI

Se fosse com o tio Aparício... o tio Aparício já tinha dado uma bordoadas nessa mulher. Ah, isso ele tinha! Antes de enfraquecer, o Tio Aparício, ah Tio Aparício... (apaga-se a luz.)

## 2

*Sala da casa da Dona Constância. Igual à primeira sala da casa 1. Com a diferença que tudo é bem mais cuidado, limpo e organizado. Dona Constância está sentada fumando, olhando para o infinito. Após alguns instantes, começa mexer nos seus longos cabelos, arrumando-os, cheirando-os, notando que precisa ir ao cabeleireiro para aparar as pontas. Chega um mosquito. Ela tenta matar com um matador de moscas. Não consegue. Mergulhada nesse cuidado de si, assusta-se em seguida com a presença de sua filha que a observava. Enquanto conversam, Dona Constância tenta matar em vão mais mosquitos.*

DONA CONSTÂNCIA

Filha!!! O que você tá fazendo aí...

FILHA DA VIZINHA (sempre com seu jeito de alheia a tudo)

A gente tem visita. (puxa a Filha Mais Velha que entra de cabeça baixa e o olhar de curiosidade prá nova casa). Olha quem...

DONA CONSTÂNCIA (levanta-se de susto em um salto)

Que que é isso? O que essa...

FILHA MAIS VELHA

Como aqui é parecido com lá em casa!

FILHA DA VIZINHA

Claro! Vocês roubaram tudo. Não é, mãe?

DONA CONSTÂNCIA (Indo na direção delas)

Leve ela! Sai! Eu não quero ninguém daquela gente aqui!

FILHA MAIS VELHA(rindo)

Mas é diferente, é tudo mais bonito, é tudo tão lindo!

FILHA DA VIZINHA (se interpondo entre a Mãe e a nova amiga)

Ela vai ficar. Ela é minha amiga.

DONA CONSTÂNCIA (paralisada)

Depois de tudo, você tem coragem...

FILHA DA VIZINHA

É o que vocês dizem. Não sei de nada. Eu gosto dela. E ela vai ficar.

FILHA MAIS VELHA (Dona Constância vai acender um cigarro)

É verdade que seu marido se matou aqui dentro?

DONA CONSTÂNCIA (acende o cigarro e se senta no sofá)

Viu: não tô dizendo? Eles não prestam! É tudo uma cachorrada só!

FILHA DA VIZINHA

A gente vai lá pro quarto!

DONA CONSTÂNCIA

Sei, sei...

FILHA DA VIZINHA

E vê se não vem atrás atrapalhar.

DONA CONSTÂNCIA

Eu vou é lá na mãe dela. Isso tem que acabar. De uma vez por todas.

FILHA MAIS VELHA

Meu pai vai morrer também. Agora a gente vai ficar mais igual que antes.

FILHA DA VIZINHA (Puxando a amiga)

Vamos. Quero te mostrar uma coisa. (saem)

DONA CONSTÂNCIA (Andando de um lado pro outro até se sentar)

Eu tô de olho, viu? Eu tô de olho.

**Quarto. A FILHA MAIS VELHA sentada na cama, balançando os pés, envergonhada. Em frente dela, sentada em uma cadeira está a FILHA DA VIZINHA olhando fixamente para ela e com uma lanterna projeta no rosto da amiga. Sessão de tortura e confissão.**

FILHA MAIS VELHA (rindo)

Essa luz... não dá prá parar?

FILHA DA VIZINHA

(fazendo gesto de pedido de silêncio)

FILHA MAIS VELHA

Que brincadeira é essa? A gente tá brincando, não é?

FILHA DA VIZINHA

(novamente mesmo gesto. Concentrada em tentar ouviu alguma coisa)

FILHA MAIS VELHA

Por que você...

FILHA DA VIZINHA

(sussurrando) Cala a boca! Fica quieta! Quero ver se vem alguém!

FILHA MAIS VELHA

Mas você me chamou aqui prá...

FILHA DA VIZINHA

(novamente gesto de silêncio. Tentando se concentrar para ouvir)

FILHA MAIS VELHA

Quanto tempo a gente vai ficar...

FILHA DA VIZINHA

Mas será que você não consegue..

FILHA MAIS VELHA (Se levantando)

Vou embora. Pensei que...(a filha da vizinha se joga sobre a amiga. Imobiliza-

a.)

FILHA DA VIZINHA

Não vai não. Fica aí. Fica aí.

FILHA MAIS VELHA

(Lutando) me deixa em paz. Parece meu pai. Eu vou gritar, hein, eu vou gritar.

FILHA DA VIZINHA

Fica quieta! Fica quieta!

FILHA MAIS VELHA (Começa a chorar)

Tá me machucando. Pára!. Pára!

FILHA DA VIZINHA

Tu que tá me machucando, sua gorda.

FILHA MAIS VELHA (joga a filha da vizinha para fora da cama. Chora esperneando, como se tivesse alguém ainda lhe imobilizando)

Eu não agüento mais, eu não agüento mais! Até aqui. Todo mundo me fazendo mal. Bem que a mãe me disse. Não sai de casa. É perigoso. É perigoso. A mãe tinha razão. A mãe...(procurando a outra) Cadê você? Não me deixa aqui. Não me deixa!

FILHA DA VIZINHA (Levantando-se como se tivesse se recuperando de um tombo muito grande. Mão na cabeça, mão nas costas)

Tu tem quantos anos?

FILHA MAIS VELHA

Eu te machuquei? (abraçando a amiga)Desculpa. Desculpa.

FILHA DA VIZINHA

Chega, chega! Tu tem quantos quilos?

FILHA MAIS VELHA

Eu não fiz por mal. Me desculpa.

FILHA DA VIZINHA (sentando-se na cadeira, com dificuldade)

Tu é muito forte, forte demais prá uma mulher. Tu podia matar uma pessoa com um tapa.

FILHA MAIS VELHA(rindo)

Eu? Não, eu não...

FILHA DA VIZINHA

O que que tu faz? Tu malha? Tu trabalha em quê?

FILHA MAIS VELHA

Eu não trabalho. Eu não faço nada. Eu fico em casa cuidando do pai.

FILHA DA VIZINHA

Mas quem faz isso não é tua mãe?

FILHA MAIS VELHA

Eu ajudo. Eu fico sentada ali no meu banco, prá quando precisarem de mim.

FILHA DA VIZINHA

O dia inteiro? Tu não sai? Não vai nas festas? Não fica com ninguém?

FILHA MAIS VELHA

Quem? Eu?(envergonhada)

FILHA DA VIZINHA

Tu é virgem, é? Tu nunca...

FILHA MAIS VELHA

Vamos mudar de conversa.

FILHA DA VIZINHA

Ah, tu é igualzinha a teu pai.

FILHA MAIS VELHA

Como assim?

Teu pai é broxa. Capado. Não tem pinto não.

FILHA DA VIZINHA

Quem disse? Como tu sabe?

FILHA MAIS VELHA

Todo mundo da rua sabe. Teu pai é mulherzinha e não transa. Entendeu?

FILHA MAIS VELHA

É mentira! (Se levanta, como para ir embora)É tudo mentira o que vocês falam. Bem que a mãe disse. Não sei porque eu vim aqui.

FILHA DA VIZINHA

É mentira, é? Então prova. Prova. Daí eu te mostro uma coisa.

FILHA MAIS VELHA

Mostra o quê? O que tu tem prá me mostrar?

FILHA DA VIZINHA (Indo na direção da amiga)

Eu sei por que tu veio aqui atrás de mim. Eu sei o que tu quer.

FILHA MAIS VELHA

Não chega perto. Eu posso te machucar. De novo.

FILHA DA VIZINHA

Tu veio aqui porque tu quer...

FILHA MAIS VELHA (mãos nos ouvidos)

Não fala! Não fala! Não quero ouvir!

FILHA DA VIZINHA

Mas antes tu tem que me provar que teu pai tem pinto. Eu quero uma prova.

Tu vai ter que me dar isso. Daí eu mostro o que tu tá querendo ver.

FILHA MAIS VELHA

Mas... mas como eu...

FILHA DA VIZINHA

Isso não é problema meu. Tu é grande, tu é forte. Tu consegue.

FILHA MAIS VELHA

Eu... eu não sei... eu...

FILHA DA VIZINHA

Não me interessa. Tu quer continuar vindo aqui? Então faz o que eu te pedi.

Se não, a gente nunca mais vai se falar. Tá me entendendo? Tá me entendendo?

FILHA MAIS VELHA

Mas por que tu...

FILHA DA VIZINHA

Agora sai do meu quarto. E só volta quando conseguir.

FILHA MAIS VELHA

Eu...

FILHA DA VIZINHA (empurrando)

Sai, sai sua gorda. Não me volte aqui sem aquilo. (saem do quarto)

*3 Sala da primeira casa. Entra a FILHA MAIS VELHA pisando com raiva o chão e vai sentar com os braços cruzados no seu banquinho.*

PAI (gritando para a mãe que está fora de cena preparando o lanche)

Pode parar de chorar! A enorme da tua filhinha de merda chegou. (para a filha) Dessa vez tu demorou. Foi aonde? E se acontecesse alguma coisa comigo? Fala. Fala, estrume. Por que essa cara de bunda? O que que tu fez, hein? O que que tu fez de errado? Falou com alguém? Viu alguma coisa? Fala, fala sua gorda de merda! Respeita o teu pai! Respeita um velho doente!

MÃE (Entrando correndo. Para abraçar a filha)

Minha filhinha! Minha criança! Por que você demorou tanto ? Eu já estava...

FILHA MAIS VELHA

Pára, mãe! Me deixa!

MÃE (Puxando o rosto da filha para si)

Me deixa! O que é isso? Quem te ensinou a...

PAI (irônico)

O estrume aí tá se rebelando! Só me faltava essa!

MÃE (segurando com firmeza o queixo da filha)

Fala, minha criança: você tava aonde? Com quem...

FILHA MAIS VELHA

Me larga! Tá me machucando!

MÃE (Um tapa na cabeça da filha)

Não fala assim comigo.

FILHA MAIS VELHA

Ai, mãe!

MÃE (Outro tapa)

Já não chega o teu pai!

PAI

Começou! Sobrou prá mim

MÃE (puxa a cabeça da filha em sua direção.)

Olha prá mim!

FILHA (tentando escapar)

Não quero!

MÃE (Segura firme. Dá um outro tapa)

Olha prá mim, eu tô falando! Com que tu tava? O que aconteceu?

PAI (com dores mais fortes)

Deixa esse estrume. Ai minhas bolas! Ai, como isso dói...

FILHA

Não aconteceu nada! Nada!

MÃE

Não mente prá mim. Já não basta teu pai ? Tudo o que ele fez ?. Eu sei que tu tá mentindo. Agora me fala, me conta tudo. Aonde...

PAI

Parem com isso! Traz o chá! Traz aquela merda! Que tá doendo, tá doendo!(TOCA A CAMPAINHA)

FILHA MAIS VELHA

Eu só fui ali...

MÃE

Ali aonde? Aonde você foi? Não vai me dizer que tu foi atrás...

PAI

A porta! Alguém abre a porta! Me ajudem! A porta! (TOCA A CAMPAINHA NOVAMENTE)

FILHA MAIS VELHA

Eu precisava, mãe. Ela é linda, linda e eu...

MÃE (puxando os cabelos da filha, sacudindo sua cabeça)

Depois de tudo o que eu te recomendei, por que é que tu foi se meter com aquela gente? Por que? Por que?

PAI

Ai, me ajudem. O chá! Tá doendo. Tá doendo. A porta. Abram a merda da porta!(toca a campainha)

FILHA MAIS VELHA (chorando)

Desculpe mãe, me desculpe. Eu não queria, eu não queria..

MÃE

É uma desgraça! É tudo uma desgraça! (Levanta-se para abrir a porta) Só me faltava... ( Entra a FILHA MAIS NOVA, vestida de uma festa de ontem, abraçada a uma caixa de isopor com latinhas de cerveja. Junto com ela, vem seu namora NAMORADO, fumando e rindo de tudo, com uma latinha de cerveja na mão e uma mochila nas costas e escutando música)

FILHA MAIS NOVA

Ninguém vem abrir a porta!



PAI (diminuindo os efeitos da doença)

Minha filha! Minha filha! Que bom que você chegou!

MÃE

Quem é esse? É seu novo homem?

PAI

Deixa a mulher em paz! Ele trabalha! Ela tem direito! Vai e traz um lanche prá eles. Devem estar cansados.

MÃE (para o Pai)

Cansada tô eu disso?!(sai)

FILHA MAIS NOVA

Cadê a gorda?!?

NAMORADO

Por que o velho tá de costas? Ele tá esperando o quê?

PAI

Velho não. Velho é trapo. E se quiser fumar, fume lá fora.

FILHA MAIS NOVA

A mãe continua irritada. O senhor...

PAI

Eu nada! Essa mulher um dia me mata. Mas chega perto. Que bom que você veio. Iluminou meu dia.

FILHA MAIS NOVA

Sem essa pai, que eu te conheço.(Entrando a mãe com um bandeja com torradas e suco) Não pode ver...

MÃE

Uma vagabunda, uma vagabunda que fica todo assanhado.

NAMORADO

Mas o velho não tá com aquela doença que...

PAI

Se tu sabe, porque tá perguntando. (para Filha) Não tinha um cara menos burro prá...

FILHA MAIS NOVA(experimentando o que a mãe trouxe)

Pão velho! E suco morno! Ô mãe, é assim...

MÃE

Culpa de teu pai! Essa doença tá levando todo o nosso dinheiro.

FILHA MAIS NOVA

E o dinheiro que eu mando, vocês não usam?

PAI

Tu a mãe não quer. Diz que é....

NAMORADO

Tão negando dinheiro? Passa prá mim?

PAI (pro Namorado)

E tu trabalha em quê? Tu faz alguma coisa na vida?

NAMORADO

Eu tô como o senhor: tô avaliando propostas...

MÃE

A gente não precisa do teu dinheiro. O que tu mandou tá tudo guardado prá quando tu precisar.

PAI (prá mãe)

Deve ser por isso que a tv a cabo não funciona. Tu deve ter...

FILHA MAIS NOVA(PEGA OS CONTROLES)

Deixa eu ver. Tá errado, tá errado. Não é assim. Tem que ligar tudo nesse e usar...

MÃE

Velho burro! Depois sou eu quem...

NAMORADO

Põe no canal de esportes. Vai passar o campeonato.

FILHA MAIS NOVA

Futebol não. Chega!

PAI

Deixa no futebol. Deixa no que o garoto tá falando.(O Namorado pega os controles e fica sintonizando até achar o canal de esportes)

MÃE

Agora eu não vou ter mais descanso nessa casa.(para a filha) Que idéia foi essa de dar essa porcaria pó teu pai...

FILHA MAIS NOVA

Prá ajudar, prá tirar das costas da senhora.

MÃE

Ajudar... tu sai de casa, me deixa sozinha com esse cachorro e depois vem dar uma de boazinha!

NAMORADO

Pronto. Aqui ó, velho! Agora a gente tem alguma coisa prá se divertir.

PAI(tapinhas das costas do namorado)

Boa, garoto!Boa! É assim que se faz.

MÃE

Mal conhece o rapaz e já fica se abrindo igual para-queda!

PAI (Sentindo que o cara tem músculos)

Tu já fez esporte? Tu já jogou bola?

NAMORADO ( para a filha mais nova)

Qual é a do teu pai?

FILHA MAIS NOVA

Ele gostou de ti. Aproveita.

PAI

Tu não é o filho dos...

NAMORADO

Não, não: eu não sou daqui. Eu...

MÃE

Olha que é. Tu é parecido com...

NAMORADO (para a Filha)

Acabou a visita? Vamos embora! Esse negócio tá ficando...

PAI

Calma! E o jogo?

FILHA MAIS NOVA

É, tu não queria ver o jogo?

MÃE

Come mais torrada. Mais cedo ou mais tarde a gente vai descobrir...

NAMORADO (levantando)

Acho melhor ir indo...

PAI

É por que eu tô doente, é? É por isso, não é? É isso! Mas não precisa se incomodar. Eu tô morrendo, morrendo.

MÃE

Tomara! Tomara!

FILHA MAIS NOVA

Não fala assim, pai. Vai assustar...

MÃE

Se tivesse feito o exame... se tivesse feito o que os médicos...

PAI

Lá vem ela. Toda hora me jogando na cara. (para o Namorado) Nunca deixe uma mulher te dominar, garoto. Nunca...

FILHA MAIS NOVA

Tava demorando...

PAI

É preciso ser forte, homem. Tu tem músculo, mas tu sabe o que é suportar...

MÃE

Eu é que sei! Eu é que sei o que é isso.

NAMORADO(para a Filha)

É sempre assim?

PAI

Tu não sabe é nada!Não trabalha, não sai de casa, estragou a tv a cabo.

MÃE

Eu? Eu nem...

PAI

Teve que o garoto aí arrumar. Uma coisa tão fácil era só...

FILHA MAIS NOVA

Fui eu, pai, fui eu que arrumou tudo.

PAI

É. Mas ele deve ter te explicado.

NAMORADO

Gol! Olha lá gol! Tamo perdendo o jogo.

PAI(outros tapinhas nas costas do Namorado)

Isso mesmo! A gente perdendo tempo aqui falando com elas... que jovem bom, forte. (para filha) Você acertou dessa vez. (para o namorado) Eu tenho certeza que tu já jogou bola. Tu tem todo o...

MÃE

Claro. Ele é filho da Lurdes, aquele que tu ia lá no campinho ver jogar, todos os dias.

PAI

Filho da Lurdes? O Dino? Mas é tu, rapaz. (abraçando o Namorado) Por que não disse logo?!!!

NAMORADO

Não sou não. Não sou o filho da Lurdes.

FILHA MAIS NOVA

Mas tu disse que não era daqui. Eu pensei que...

MÃE

Teu pai saia da loja mais cedo por causa do futebol dos meninos. Não perdia um jogo. Passava a tarde inteira lá assistindo.

NAMORADO

Tô te falando: eu não tenho nada a ver com isso.

FILHA MAIS NOVA(PARA O PAI)

Por isso que nunca ficava em casa.

PAI

Mas garoto: tu sumiu. Disseram que tu foi parar num time lá da capital. A gente até fez despedida e tudo. Mas eu acompanhava tudo pela tv e nada, nenhuma notícia tua. Agora tu...

MÃE

Tua mãe quase morreu depois que tu sumiu. Tu voltou quando?

NAMORADO (Se erguendo)

Querer parar? Vocês tão me confundindo com outra pessoa. Eu não...

PAI

Mas agora tu tá aqui de novo. Eu sei que é tu. Eu tava lá te vendo. Tu jogava um bolão. Eu e o tio Aparício. Se o tio Aparício tivesse vivo, ele ia confirmar.

FILHA MAIS NOVA

Tio Aparício...

MÃE

Deixa o garoto. Se ele não quer mais falar do passado, isso é coisa dele.

PAI

Como se tu fosse assim... é só ter visita que ela vira uma madame.

MÃE

Eu sei ser educada.

PAI

É, trazendo pão velho, seco e água suja.

MÃE

Velho aqui é tu! Velho e inútil.

FILHA MAIS NOVA

Deixem disso!

PAI

Agora eu sou o inútil! Antes quando eu trabalhava não era assim.

MÃE

Trabalho? Que trabalho? Tu passou a vida inteira empregado na bosta de uma papelaria de merda e agora quer...

FILHA MAIS NOVA (para o Namorado)

Não te disse que o negócio era feio!

NAMORADO

Essa gente não muda!

PAI

Bosta é? Agora tu reclama, agora que eu tô doente eu não sirvo prá nada. Mas quando eu tava bom eu te pegava de jeito ali no...

FILHA MAIS NOVA

Querem parar!

MÃE

Pegava nada! Me colocava de quatro igual uma cadela e metia fundo rapidinho e já gozava.

NAMORADO(rindo)

Cadela!

MÃE

Não dava tempo nem de respirar três vezes que tu já tava todo ofegante, acabado. Velho morto!

MÃE

O que que é isso?

PAI

Mulher ignorante! Olha como fala!

MÃE

A vida inteira me colocando de quatro prá logo depois babar nas minhas costas! Cachorro! Cachorro!

PAI (Passando mal)

Que injustiça! Que injustiça!

NAMORADO

Nem precisam de tv!

FILHA MAIS NOVA (Para Namorado)

Tu tá se divertindo, é?

MÃE (preparando o chá)

Nunca respeitou nada nem ninguém. Sempre tratando a gente igual bicho. Tudo porque era o homem da casa. Tudo porque, segundo o bosta do tio Aparício, mulher é ...

PAI

Cala boca, mulher! Cala boca!

NAMORADO

A bosta do Aparício! A bosta do velho de merda!

FILHA MAIS NOVA

Tu tá se divertindo, é? Tu conhece...

MÃE

A gente em casa, fazendo as coisas, e a cachorrada toda lá no campinho, gritando, xingando, feliz da vida. A gente esperando você chegar, e nada. nada.

PAI

O chá! O chá! Traz logo! Tá doendo! Tá doendo!

FILHA MAIS NOVA

Chá? Chá prá quê? Tá doendo aonde?

MÃE

Pare de berrar! Tô levando, tô levando!

NAMORADO

Não me diga que vai ...

FILHA MAIS NOVA

O que que é isso mãe?

PAI

Vai! Vai ! Despeja logo essa merda!(A Mãe despeja a água fervendo. Pai se esvai em dor e prazer, entre seus gemidos, até desmaiar)

FILHA MAIS NOVA (Indo ver a condição do pai)

Morreu? A senhora matou o pai?!?!..

MÃE (se afastando. Pega as coisas e sai de cena.)

Coisa ruim não morre assim tão fácil.

NAMORADO (abrindo uma latinha de cerveja)

Na bunda! O velho leva água quente no rabo. Isso não é chá. É sopa. É sopa de rabo queimado.

FILHA MAIS NOVA

Não vejo nada engraçado.

NAMORADO

Prá que essa cara! Tu me mesmo vive falando mal deles, que eles...

FILHA MAIS NOVA

Eu posso. Tu não. Apesar de tudo, eles são...

NAMORADO

Agora eu é que sou o errado. Um cara desses que...

FILHA MAIS NOVA

O que que tu sabe? Fala, filho da Lurdes!

NAMORADO

Não sei como eles me reconheceram.

FILHA MAIS NOVA

Acho que tu só quis ficar comigo prá se aproximar..

NAMORADO

Tá louca? Tu sabe bem o que teu pai e os outros fizeram...

FILHA MAIS NOVA

Odeio vir aqui. Não sei porque eu tenho que...

NAMORADO

Veio porque quis. Tu tava doida prá vir. Tu...

FILHA MAIS NOVA

Tá, tá: vai ficar me jogando na cara isso agora é?

NAMORADO

Sopa de rabo de cachorro queimado! O cara tá maluco, se ele acha que...

FILHA MAIS NOVA



Passou a vida toda atrás de bunda e agora de dez em dez minutos água fervendo atrás!

NAMORADO

Tem agüentar firme, forte. Tem que ser homem. Igual ao tio Aparício.

FILHA MAIS NOVA

Que história essa do tio Aparício? Nunca fiquei sabendo. Só me lembro que ele gostava de pegar na gente. Era um nojo.

NAMORADO (IMITANDO O TIO APARÍCIO)

Como você cresceu, minha filha! Como você tá linda!

FILHA MAIS NOVA

Velho nojento!

NAMORADO

Igual a teu pai! A gente fazia gol e lá vinha ele abraçar a gente!

FILHA MAIS NOVA

Aqui em casa não era diferente. E não precisava fazer gol.

NAMORADO

Agora ta aí, o rabo prá cima. Eu podia me vingar, eu podia fazer qualquer coisa com ele que ele nem ia perceber.

FILHA MAIS NOVA

Deixa meu pai quieto. Ele tá doente.

NAMORADO

Tu ainda defende um bicho desses. Depois de tudo que...

FILHA MAIS NOVA

Sai de perto dele. Sai.

NAMORADO

Ele deve tá fazendo a mesma coisa com tua irmã.

FILHA MAIS NOVA

Ele não faz nada. Olha o cara aí. Ele...

NAMORADO

Isso é fingimento. Tá só esperando a hora. Eu não acredito em nada disso. Fica nesse morre não morre prá quê?

FILHA MAIS NOVA

Tu pode pensar o que tu quiser. Mas respeita meu pai. Respeita.

NAMORADO

Até a gorda. Ele não perdoa ninguém. Até a doida da tua irmã. E tu deixando.

FILHA MAIS NOVA

Eu não deixo nada. Eu não tenho nada a ver.

NAMORADO

Tu saiu de casa. Tu sabia de tudo. Tu fugiu.

FILHA MAIS NOVA

É, filho da Lurdes, tua história não é muito diferente.

NAMORADO

A gente pode acabar com tudo isso agora.

FILHA MAIS NOVA

Foi prá isso que tu voltou, não foi? Voltou prá ...

NAMORADO

Eu fiquei sabendo da morte do Tio Aparício. Eu tinha que voltar. Eu precisava acabar com isso.

FILHA MAIS NOVA

Sai de perto do meu pai!

NAMORADO

Depois de tudo que ele fez tu fica aí...

FILHA MAIS NOVA

Sai, sai daqui! Tu não é melhor que ele!

NAMORADO

Como tu diz isso! Eu nunca faria...

FILHA MAIS NOVA

Sai daqui agora! E não me aparece mais!

NAMORADO

Vou fumar ali fora enquanto tu esfria.

FILHA MAIS NOVA

E pare de me olhar assim. Ele é meu pai, entendeu? Ele é meu pai!

**Casa da vizinha. Sala. Dona Constância com perseverança tentando matar mosquitos. Felicidade em alguns acertos.**

DONA CONSTÂNCIA

Nunca mais eu quero ver aquela garota aqui, ouviu?

FILHA DA VIZINHA

Sabia que ela tem mais de trinta? Ela podia ser quase minha mãe.

DONA CONSTÂNCIA

É uma aberração. Não quero mais que você converse com aquela gente.

FILHA DA VIZINHA

Ela é gorda, muita gorda. Deve ter mais de cem quilos.

DONA CONSTÂNCIA

Você tá me ouvindo, minha filha? Você tá...

FILHA DA VIZINHA

E ela nunca teve ninguém. Ninguém. Nunca. Mais de cem quilos e trinta anos prá nada.

DONA CONSTÂNCIA

Você tá muito envolvida com isso. É melhor...

FILHA DA VIZINHA

Deve ser nojento abraçar uma gorda dessas. Parece que vai explodir e te sujar toda de sangue e gordura.

DONA CONSTÂNCIA

Pronto: agora não pára mais.

FILHA DA VIZINHA

Eu queria ser gorda, bem gorda, igual a ela, prá saber como é que é.

DONA CONSTÂNCIA

Como é que é ?

FILHA DA VIZINHA

O nojo, mãe. Todo mundo te olhando de um jeito estranho, sem poder desviar o olhar, querendo não querendo te ver, como que se sentido atraído pelo nojo. O nojo em tudo, escorrendo pelos dedos, dentro de olhos, entrando nos ouvidos.

DONA CONSTÂNCIA

E isso é bom? Uma coisa dessas é bonita?

FILHA DA VIZINHA

É linda, minha mãe. Lindo demais. Uma maravilha. A senhora ia gostar também.(pega o matador de moscas da mãe)

DONA CONSTÂNCIA

O que é isso, minha filha? De onde você tirou uma idéia dessas? Me devolve.

FILHA DA VIZINHA (apontando o matador para a mãe)

Do jeito como a senhora fica olhando os vizinhos, do jeito que a senhora fala deles.(passa o matador no rosto da mãe e depois no seu próprio rosto) É o nojo, minha mãe. É o desejo nojento fazendo seu trabalho.

DONA CONSTÂNCIA

O que é isso?! Tire esse negócio de mim.

FILHA DA VIZINHA

A senhora gosta, mãe, a senhora não esquece.

DONA CONSTÂNCIA (tomando de volta o matador de moscas.)

Desde que teu pai morreu que tu vem com essa. Fala, anda, olha, se veste como uma maluca. Se tá revoltada, se tá sofrendo, isso passa, isso vai passar. Agora não me enfia dentro disso. Já chega tudo que aconteceu. Foi só trazer aquela gente prá cá que tu já tá ficando igual a eles.

FILHA DA VIZINHA (Saindo)

É o nojo, mãe, a coisa podre se espalhando. Dá prá ver até as moscas.

DONA CONSTÂNCIA

Chega! Eu não quero mais que você...

FILHA DA VIZINHA

Eu faço o que eu quiser!

*Entre as casas. A filha mais velha chorando. Aproxima-se o Namorado da irmã fumando e com uma caixa de isopor com latinhas de cerveja. Ela, surpresa, abaixa os olhos e se apóia no muro que cai. Ele ri e ajuda a colocar as coisas no lugar.*

FILHA MAIS VELHA (rindo envergonhada)

Obrigado. Muito obrigado. Eu sou meio...

NAMORADO

Não foi nada. Foi só...(vendo que ela chora) Mas o que que foi? O que que...

FILHA MAIS VELHA

Nada, não foi nada . É que ninguém vem aqui... e eu quase não saio...

NAMORADO

Tá com medo de destruir todas as cercas?

FILHA MAIS VELHA

Não, é que é perigoso. A mãe diz que...

NAMORADO

E o que tu fica fazendo o dia inteiro? Tu bebe? Toma. (oferece uma latinha para ela)

FILHA MAIS VELHA (Segurando a latinha nas mãos)

Não! Não! Eu nunca... (rindo mais ) Ai, mas como é gelado. Esse negócio é muito ...

NAMORADO

E como é que tu pensava que fosse? Quente igual ao chá do teu pai?

FILHA MAIS VELHA

Tu conheceu meu pai? Tava lá dentro?

NAMORADO

Eu vim com tua irmã.

FILHA MAIS VELHA

Minha irmã? Minha irmã tá aí? (Arrumando os cabelos) Eu tenho que entrar, moço. Eu tenho que entrar!

NAMORADO (recebendo a latinha de volta)

Calma! Não vai beber o que eu te dei?

FILHA MAIS VELHA

Eu não posso! Eu não sei nem abrir!

NAMORADO

Eu abro prá você. (abre. A filha mais velha tem um susto e ri) viu? é divertido. Não é nada ruim não. Agora bebe um gole. Vai. Um só.

FILHA MAIS VELHA (encostando sua boca na latinha e afastando depois da sensação térmica)

Mas tá gelado. Tá muito gelado

NAMORADO

No início é assim. O bom é que tá gelado mesmo. Depois você sente o amargor.

FILHA MAIS VELHA

Além de frio é amargo é?

NAMORADO

O que que tu queria? Tu nunca bebeu antes?

FILHA MAIS VELHA

Mas a primeira vez... isso tinha que ser melhor.

NAMORADO

É sempre assim com tudo mundo. Depois acostuma.

FILHA MAIS VELHA

É o que sempre dizem lá em casa. Mas demora...(Bebendo)

NAMORADO

Gostou? Quer mais?

FILHA MAIS VELHA

É muito frio e amargo mesmo.

NAMORADO

Mais um gole. Pode beber. Eu tenho mais.

FILHA MAIS VELHA(novo gole)

Argh! Onde que compra? No shopping?

NAMORADO

(rindo) É, lá também tem.

FILHA MAIS VELHA

Arrgh! Brrrr! Como isso é ruim. Não sei se vou conseguir me acostumar.

NAMORADO

Olha como eu faço (bebe uma latinha de uma vez só, para espanto dela. Ao fim amassa a lata e joga no chão. Como um macho vencedor para uma platéia imaginária.)

FILHA MAIS VELHA (Assombrada)

Mas... mas... como é que você...

NAMORADO

É fácil. Quer tentar?

FILHA MAIS VELHA

Mas eu a recém comecei a...

NAMORADO

Não se preocupe. Eu to aqui.

FILHA MAIS VELHA (Mais a vontade)

Então me dá uma aqui!

NAMORADO (entrega a nova latinha)

Essa tá bem gelada!

FILHA MAIS VELHA

Foi só sair de casa que eu arranjei uma amiga, um amigo e vou tomar meu primeiro porre.

NAMORADO

Então seu dia foi cheio hoje.

FILHA MAIS VELHA

Tudo de uma vez, não é?

NAMORADO

Isso. Sem parar.

FILHA MAIS VELHA

Então lá vai. (com dificuldade e sem ritmo ela vai bebendo e sofrendo até chegar ao fim quase fôlego. Depois, tenta amassar a lata mas só consegue com as duas mãos. Joga a lata no chão e quase é atingida pelo seu repicar. Coloca-se em situação atrapalhada de macho vencedor. Os olhos meio perdidos. Bêbada. Abre os braços. Grita ‘Consegui!’ e cai. O Namorado rindo e sem saber o que fazer se lança sobre ela para tentar reanimá-la. Entra a Filha da vizinha.

FILHA DA VIZINHA

O que que tu tá fazendo com ela?

NAMORADO

De onde tu veio?

FILHA DA VIZINHA

Sai de cima dela. Eu vi tudo. Eu vou contar...

NAMORADO

O que que tu viu?

FILHA DA VIZINHA

Que nojo! Tu tava em cima da gorda tirando as calças...

NAMORADO (Se levanta e vai para cima da Filha da Vizinha)

Tá maluca, é? Inventando besteira?

FILHA DA VIZINHA

Eu vi. Tu tava querendo pegar a gorda.

NAMORADO (Segurando com força o braço da Filha da Vizinha)

Cala boca! Fala baixo. Tu acha mesmo que eu...

FILHA DA VIZINHA

Larga meu braço. Quer o quê? Quer fazer comigo o mesmo que...

NAMORADO (solta o braço dela)

Que que é isso! Ela bebeu muito desmaiou e eu ...

FILHA DA VIZINHA

Ela não bebe. Ela não sai. Ela não faz nada. Tu é que tava fazendo...

NAMORADO (tentando reanimar a Filha mais velha)

Agora o que a gente faz? Se abrirem a porta e me pegarem...

FILHA DA VIZINHA (senta-se no isopor, pega uma latinha, abre e vai bebendo)

Fica longe dela! Ela é minha amiga! Tu não vai escapar dessa!

NAMORANDO

Quero só ver se ela está respirando. Se o negócio não foi pior.

FILHA DA VIZINHA

Se afasta, eu já disse. Senão eu grito. Eu vi tudo. Que nojo, que nojo. Como é que tu consegue...

NAMORADO

Consegue o quê? O que que tu tá...

FILHA DA VIZINHA

Uma gorda dessas! Uma gorda podre e nojenta como essa!

NAMORADO

Mas... mas ela não é tua amiga!

FILHA DA VIZINHA

Viu ela aí no chão desmaiada e não se conteve. Não pode ver um rabo que tem que entrar lá arrasando. Que nojo, que nojo!

NAMORADO

Péra lá! Tu tá querendo dizer que...

FILHA DA VIZINHA

Ou deve ter embebedado a gordinha bobinha prá se dar bem. Tu tem tara por gorda, é? Tu gosta de fazer isso com gente caída no chão, desmaiada, morta? Tu gosta de transar com gente podre, é?

NAMORADO

Larga minhas latinhas, sua maluca! Nunca ouvi tanta besteira. Se tu soubesse o que aconteceu comigo tu não ia ficar fazendo...

FILHA DA VIZINHA

Só porque te pegaram por trás agora tu quer descontar?



NAMORADO (Pega seu isopor e empurra a Filha da Vizinha)

Sai! Não me enche o saco!

FILHA DA VIZINHA

Daí viu a estúpida da gorda e quis se vingar nela. Encheu o rabo dela de cerveja, derrubou a gorda no chão, viu as pernas gordas dela debaixo desse monte de roupas e quis chegar junto, chegar bem dentro da enorme da gorda nojenta.

NAMORADO (indo ver se a Filha mais velha respira)

Ela tá bem. Tá respirando.

FILHA DA VIZINHA

Se quiser se ver livre dessa, vai ter que fazer o que eu pedir.

NAMORADO

O que que tu quer?

FILHA DA VIZINHA

Eu quero que tu levante a saia da gorda. Eu quero ver a gorda inteira, toda ela.

NAMORADO

Tá maluca. Se me pegam fazendo isso eu...

FILHA DA VIZINHA

É melhor fazer o que eu pedi. É tua palavra contra a minha.

NAMORADO

De jeito nenhum eu vou...

FILHA DA VIZINHA

Tu vai fazer. Tu queria fazer isso antes. Agora tu vai fazer porque tá com medo.

NAMORADO

Medo de quê?

FILHA DA VIZINHA

De gostar. Tu quer saber se tu gosta mesmo disso ou não, de ver a gorda, de pegar nela, de sentir nojo da gorda e querer mais, o tempo inteiro.

NAMORADO (tomando mais latinha)

O que tinha nessa cerveja? Uma desmaia, outra...

FILHA DA VIZINHA

Aproveita. Vai lá: levanta as roupas e pega na gorda. É nojento, é terrível. Mas tu não consegue negar que é isso que tu quer. Tu quer pegar a gorda e ir com tudo prá dentro dela.

NAMORADO (indo pegar a Filha mais velha para levar para dentro da casa)

Eu vou é te pegar uma hora e te dar umas porradas (com dificuldade, procura erguer a Filha mais velha para colocar em suas costas)

FILHA DA VIZINHA

Imagine aquele monte de carne branca balançando e tu suado atrás dela mandando ver. Não é o tu sempre quis?

NAMORADO (conseguindo colocar a Filha mais velha em suas costas. Saindo com ela)

Mas como pesa! Como pesa!

FILHA DA VIZINHA

Eu vi tudo. Eu sei o que tu quer. É tudo tão nojento. É tudo tão podre. Mas eu sei que tu quer isso.

*Sala da casa. Pai se reestabelecendo. Tv ligada em jogo de futebol. Filha sentada em frente dele.*

PAI

Você está aí, minha filha?

FILHA MAIS NOVA

Não vem não, pai. Eu te conheço.

PAI (se esfregando na cama)

Vem aqui, mais perto, mais perto.

FILHA MAIS NOVA

Eu não sou mais sua criança, pai. Eu cresci.

PAI

E ficou um mulher linda, muito linda mesmo.

FILHA MAIS NOVA

Mesmo doente, essa sua sem-vergonhice não passa.

PAI

Isso é coisa que uma filha diga...

FILHA MAIS NOVA

Há muito tempo eu deixei de ser sua filha.

PAI

Não fale assim, isso me machuca, dói.

FILHA MAIS NOVA

Não sei como a mãe agüenta.

PAI

Ela vive mostrando os dentes prá mim, com raiva. Como eu poderia suportar alguém que...

FILHA MAIS NOVA

Agora tu tá aí na cama sem poder fazer nada. Uma cama prá nada.

PAI

É muita coisa ruim que você tem contra mim, minha filha. Será que você vai poder me perdoar algum dia?

FILHA MAIS NOVA

Não. Mesmo que eu quisesse.

PAI

Eu... eu não cheguei a fazer nada... nada...

FILHA MAIS NOVA

Com os outros tudo bem. Mas comigo pai!!! Comigo!?!

PAI

Eu... não foi por querer...eu...

FILHA MAIS NOVA

Ainda bem que fui embora. Quando eu vi o senhor com a vizinha...

PAI

Mas eu não fiz nada... eu...

FILHA MAIS NOVA

Eu vi, pai. Eu vi. Podia ser criança. Mas eu vi. Eu vi tudo.

PAI

E contou prá tua mãe. Isso foi o pior. (começa a trocar de canal)

FILHA MAIS NOVA

Logo com a mulher do teu melhor amigo. A gente era...

PAI

Melhor amigo! Ele era um bosta, fraco. Um homem de merda. Não merecia ter uma mulher, uma mulher daquelas.

FILHA MAIS NOVA

Eu não agüentava mais vocês brigando o dia inteiro. Então fui.

PAI

Tu fui embora porque sabia que tinha feito algo errado.

FILHA MAIS NOVA

Eu? O que que eu fiz...

PAI

Tu acabou com um lar, minha filha. Com a merda de um lar.

FILHA MAIS NOVA

Mas... mas isso é um absurdo.

PAI

Por pior que fosse, era um lar. E vai continuar sendo até eu morrer.

FILHA MAIS NOVA

Eu não admito que o senhor...

PAI

Cala a boca. Eu sou teu pai. Me respeita. Fiz o que devia ter feito. Fiz tudo por causa do lar, por causa de vocês. Uma casa precisa de um homem. Vocês nunca iam entender isso.

FILHA MAIS NOVA

Já vi que...

PAI

Não discuta. Me obedece. Não cheguei a essa hora da vida prá levar lição de moral de quem nunca se deu ao respeito. As coisas são assim. Tu que não se acostumou. (Entra o namorado carregando a Filha mais Velha)

NAMORADO

Licença, licença onde é que eu...

FILHA MAIS NOVA

Mas... mas o que que aconteceu? Mãe! Mãe! (indo ajudar o Namorado)

PAI

Prá que chamar tua mãe ?

NAMORADO

Tá pesado! Me ajudem!

PAI

Larga em qualquer lugar!

FILHA MAIS NOVA

Mas que cheiro de cerveja! (Filha Mais Velha acordando) O que que tu fez com ela?

FILHA MAIS VELHA(rindo bêbada)

Sacanagem! A mãe vai me matar!

MÃE

Minha filha! O que vocês fizeram com minha criança!

FILHA MAIS VELHA

A gorda bebeu, mãe! A gorda tá bêbada!

NAMORADO

Vamos colocar ela na cama com o teu pai.

PAI

De jeito nenhum! Esse estrume não. Sai! Sai!

FILHA MAIS VELHA

Sacanagem! Tá tudo muito lindo, lindo.

MÃE (afastando o pai)

Dá espaço, seu velho porco,nojento.

PAI

Não me empurra. Não me empurra. Eu tô pelado. Eu tô pelado.(conseguem colocar a filha mais velha na cama

MÃE

Tu não serve prá nada mais. Tá tudo morto.

FILHA MAIS NOVA(Empurrando o namorado)

Que história é essa de dar bebida prá ela?

NAMORADO

Ela quis. Ela precisa relaxar.

MÃE(Cuidando da filha)

Essa vagabunda traz os machos aqui prá casa e eu é que tenho que...

FILHA MAIS VELHA

Sacanagem! Eu tô do lado do velho morto!

PAI (volta para controle tv a cabo)

Agora ninguém me respeita. Nem esse monte de banha...

FILHA MAIS NOVA (Batendo no namorado)

Viu o que tu fez? E agora? Como eu fico?

MÃE

Como sempre. Como uma irresponsável sem juízo que pôs tudo a perder.  
Como sempre.(FILHA MAIS NOVA vem na direção da irmã)

FILHA MAIS VELHA

É Futebol é? Deixa aí! Eu quero ver. Eu quero ver.

FILHA MAIS NOVA

Tá precisando de alguma coisa? Quer que ...

MÃE

Ela não tá precisando de nada. Tu pode ir embora. E leva teu amante

FILHA MAIS VELHA

Como é bonito o futebol. Como é lindo. Eu sempre quis jogar. (dá uma cotovelada leve no pai)O pai que não deixava.

PAI

Ai! Tá vendo, mulher! Tá vendo o que ela tá fazendo comigo. Eu tô doente, eu tô doente.

MÃE

Futebol é não coisa prá mulher direita, minha filha. (olhando para filha mais nova) Tem muita mulher perdida por aí. (para filha mais velha, abraçando-a) Teu lugar é aqui em casa comigo.

NAMORADO (abre uma latinha de cerveja)

É, é melhor.Lá no campinho acontecia muita coisa ruim...

FILHA MAIS NOVA

Tá maluco? Abriu outra latinha?

FILHA MAIS VELHA

Eu sempre quis jogar futebol, mãe. O pai adorava futebol. Eu queria ir lá no campinho. Eu queria que ele me visse jogar bola.

PAI

Tu já é a bola, o campinho todo. Não precisa de mais ninguém prá jogar.

FILHA MAIS VELHA

Um dia eu tava chutando bola aqui em casa e ele viu e me bateu e disse prá eu nunca, nunca mais jogar futebol.

MÃE

Ele fez isso pro teu bem, minha filha. Pelo menos uma vez na vida ele...

FILHA MAIS VELHA

Mas eu gosto de jogar futebol. Eu acho tão bonito, tão bonito. Lá no shopping eles devem jogar futebol o tempo inteiro.

PAI

Mas como é burra! Estrume! Onde já se viu! Ninguém joga futebol no shopping!

MÃE

Como tu sabe? Tu nunca foi lá!!!

FILHA MAIS NOVA

Quem disse?

PAI

Não precisa ir lá prá saber uma coisa dessas. E tu, tu fica quietinha! Chega por hoje.

MÃE

Deixa ela falar. Ela sempre te entregou mesmo.

FILHA MAIS NOVA

E o que que tem de mais?!

PAI

Cala a boca! Cala a boca!

FILHA MAIS NOVA

Depois que eu sai de casa, eu fui trabalha lá no shopping. E o pai vinha todo dia atrás de mim.

MÃE (dá uns tapas no Pai)

Cachorro! Velho nojento! mentiroso

PAI

O que que é isso? É mentira, é mentira!.

FILHA MAIS VELHA (cotoveladas e choro)

Por que, pai? Por que o senhor fez isso?

PAI

Ai, ai. Vocês querem me matar? É isso? Vocês querem me matar, é?

NAMORADO

Ê família de merda. Mas tem cerveja aqui prá todo mundo.

FILHA MAIS NOVA

Ninguém sabia que ele ...

FILHA MAIS VELHA

Nunca, nunca. Todos esses anos a gente aqui. Lá fora era muito perigoso.

MÃE

Mas passava no jornal, no noticiário que...

FILHA MAIS VELHA

Não joguei bola, não fui no shopping. (para os pais) O que vocês fizeram comigo?

MÃE

Pare com isso. Chega. Tu não perdeu nada. Olha tua irmã.

FILHA MAIS NOVA

Por que a senhora me odeia tanto?

PAI(empurrando a Filha mais velha)

Sai, vai embora. Faz como a outra. Sai da minha cama.

MÃE

Tu sempre fez isso, seu cachorro.

FILHA MAIS VELHA (Sai e vai na direção do Namorado)

Quero mais cerveja. Gelada e amarga. Tô me acostumando.

PAI

Não trabalhei a vida inteira prá ser tratado assim na velhice.

MÃE

Tu já é velho faz é tempo. Me deixando aqui largada prá passear na rua.

NAMORADO (Vendo a avidez da filha mais velha)

Calma! Não vai acabar! A gente pode depois ir no shopping comprar mais.

FILHA MAIS VELHA

No shopping? Será que eu posso?

FILHA MAIS NOVA (tomando a latinha da irmã)

Por que tu tá fazendo isso? O que tu quer?( a Filha mais velha pega de volta e bebe de uma vez só)

MÃE (Quase desmaiando. Senta na maca)

Ah, o que que é isso....

PAI

Era só o que me faltava. Agora vou ter que comprar é engradado de cerveja.

FILHA MAIS NOVA (para namorado)

Me dá as outras latinhas! Agora!

NAMORADO



Deixa. Ela já tem ....

FILHA MAIS VELHA

Sacanagem! Como tava gelada.(arrepiaando-se, sacudindo a cabeça, mostrando o braço e depois a perna) Olha aqui, ó. E aqui também.

PAI

Esconde esse monte de banha.

MÃE

Tanto cuidado, tanto sacrifício prá ela não virar uma vagabunda e...

NAMORADO(para a filha mais nova)

Tu tem que sacudir essa casa. Tu tem que...

FILHA MAIS NOVA

Não se mete. A família é minha. Tu não tem nada a ver.

MÃE (começa a tremer)

Ai que não agüento, eu tô passando mal.

FILHA MAIS VELHA

A mãe bebeu gente . Tá tremendo também. Igualzinha a mim... Sacanagem!!!

PAI

Agora quem é que vai preparar meu chá?! Meus banhos?!!

FILHA MAIS NOVA (Indo ajudar a mãe)

A senhora tá bem?

MÃE

Saia daqui. Não preciso da tua ajuda.

FILHA MAIS NOVA

Para o namorado vai lá e traz a outra cama.(O namorado sai) Vou ligar para o médico.

MÃE (desmaiando)

Sai. Eu não preciso de nada, de ninguém.

FILHA MAIS VELHA

Sacanagem! Que porre hein, mãe! Que porre!

PAI (com certa malícia)

A vizinha é enfermeira. Chama a vizinha.

FILHA MAIS NOVA

Ela nunca viria aqui.

FILHA MAIS VELHA

A filha dela é linda, linda. Eu gosto dela. Ela é minha amiga. Chama, chama a vizinha. Eu vou com a filha dela pro shopping. A gente vai andar juntas, beber. Mas antes eu tenho que fazer o que ela me pediu.

PAI (Namorado entrando com a cama-maca)

Chama a vizinha. Ela pode preparar meus banhos também. Cansei de tua mãe.

NAMORADO

O senhor não é bobo não. (colocando com a ajuda da filha mais nova a mãe na cama-maca )

FILHA MAIS NOVA

Nunca foi.

NAMORADO

Eu que o diga.

*Cerca. Filha da vizinha cavoucando a terra. Entra dona Constância.*

DONA CONSTÂNCIA

O que é isso, minha filha? E no terreno deles!?

FILHA DA VIZINHA

Se eu achar alguma coisa, é meu.

DONA CONSTÂNCIA (De cócoras para conversar e limpar a filha. Sempre o cuidado para não se sujar.)

Tá se sujando toda. Olha só isso.

FILHA DA VIZINHA

Pode deixar. Eu não me importo.

DONA CONSTÂNCIA (pega nas mãos)

Larga essa terra. Olha essas unhas!!!

FILHA DA VIZINHA (Soltando o braço)

Me larga. O que a senhora tem contra a terra?

DONA CONSTÂNCIA

Eu? Que pergunta é essa. Eu só...

FILHA DA VIZINHA (Pegando as mãos da mãe)

Então pega, aqui. Isso. Se suja.

DONA CONSTÂNCIA (tirando suas mãos)

Mas que coisa, minha filha! Eu fiz as unhas ontem.

FILHA DA VIZINHA (puxa os pés da mãe. A mãe cai. A filha suja os pés da mãe.)

Então os dedos dos pés. Sente a terra, mãe sente a terra. A senhora vai gostar.

DONA CONSTÂNCIA

Que que é isso, minha filha!!!. Que que é isso?!!!

FILHA DA VIZINHA (pegando terra, passando de uma mão para outra, como fazendo uma massa)

Não é gostoso? É meio frio, leve. Gruda. Parece que nunca vai sair.

DONA CONSTÂNCIA (tentando ser compreensiva)

É seu pai, não é? Você quer falar, me dizer algo...

FILHA DA VIZINHA (passa as mãos sujas de terra no rosto)

É uma coisa viva. Dá prá sentir que tá viva quanto te arranha o rosto.

DONA CONSTÂNCIA

Você ainda não aceitou a morte dele. Mas você precisa saber que...

FILHA DA VIZINHA (Pega mais terra e passa nos braços)

A senhora precisa se vestir de terra, mãe. De terra.

DONA CONSTÂNCIA

Teu pai não era um bom homem, minha filha. A morte dele foi...

FILHA DA VIZINHA (Pega mais terra e passa nos braços da mãe)

Passa na senhora também. Passa!

DONA CONSTÂNCIA (afastando os braços. Se levantando)

O que que é isso? Tá ficando louca?

FILHA DA VIZINHA

Não vai me dizer que a senhora tem nojo, nojo de terra?

DONA CONSTÂNCIA (Se afastando da filha)

Você não tá bem. Eu vou ter que te internar de novo.

FILHA DA VIZINHA (Jogando terra na mãe.)

Do que a senhora tem nojo, mãe? O que a senhora fez?

DONA CONSTÂNCIA

Pára! Pára com isso!

FILHA DA VIZINHA

Por que a senhora tem tanto nojo da terra ?

DONA CONSTÂNCIA

Eu já disse. Pára de me jogar terra, se não eu te interno.

FILHA DA VIZINHA (Pára de jogar terra. Volta a cavoucar o chão.)

Vai apelar? A senhora não agüenta? Tem medo que eu encontre alguma coisa aqui?

DONA CONSTÂNCIA

E o que você poderia encontrar? Não tem mais nada. Acabou. Nada.

FILHA DA VIZINHA (jogando terra para cima)

Então vamos ver. Vou revirar tudo. Não vou deixar a senhora em paz enquanto não descobrir.

DONA CONSTÂNCIA (fica de cócoras, mas afastada)

Não precisa ir tanto fundo, minha filha.

FILHA DA VIZINHA

Eu tenho nojo da senhora. Nojo. Nojo. (Coloca terra na boca e a mastiga com ódio.)

DONA CONSTÂNCIA

E eu tenho pena. Pena de tudo. Pena de verdade. (Entram o namorado e a filha mais nova.

FILHA MAIS NOVA

A senhora pode nos ajudar?

**Dentro da casa. O pai vendo tv. A mãe na cama ao lado. Algumas vezes dá uns sobressaltos e suspiros. Olhos grudados no infinito. A filha mais velha no seu canto tentando ver tv.**

FILHA MAIS VELHA

Foi gol, pai? Foi gol?

PAI

Cala boca, estrume. Tu não entende nada de futebol.

FILHA MAIS VELHA

Se o senhor me explicasse, eu...

PAI

Perda de tempo. E futebol é esporte prá homem.

FILHA MAIS VELHA

Mas eu...(entram Dona Constância, a Filha mais nova e o Namorado)

PAI

Dona Constância! De novo! Que dia cheio hoje! Veio me visitar

DONA CONSTÂNCIA

Fique no seu canto. Vim ver a sua mulher.

FILHA MAIS VELHA

Eu tô bêbada, Dona Constância. Será que eu tô doente também?

PAI

Cala boca, inútil. Não vê que a Dona Constância...

FILHA MAIS NOVA

Não precisa essa falsa educação, pai. Todo mundo aqui conhece o senhor.

NAMORADO (abre uma latinha)

Todo mundo mesmo.

DONA CONSTÂNCIA (Vai ver a Mãe. E a examina.)

Se não fossem meus juramentos de profissão, eu...

PAI

Gosto de mulher assim, de palavra. Religiosa.

FILHA MAIS VELHA

Eu gosto é da sua filha, Dona Constância. Ela é linda. Linda. A gente vai no shopping ver futebol. E beber muita cerveja. Sacanagem!

FILHA MAIS NOVA

Viu o que tu fez?

NAMORADO (Abrindo outra latinha)

Só dei prá ela o que ela queria.

DONA CONSTÂNCIA

Não é nada sério. É só a pressão.

PAI

Isso de não fazer nada o dia inteiro, não trabalhar fora acaba assim: gorda e doente.(Para a filha mais velha) Essa outra tá do mesmo jeito.

FILHA MAIS VELHA(levanta do banco. Vai para a Dona Constância examinar)

Doente? Eu tô doente?

FILHA MAIS NOVA

Calma. Ninguém disse que você...

FILHA MAIS VELHA(se abraça na Dona Constância)

Dona Constância, Dona Constância eu não posso morrer. Eu ainda não fiz tanta coisa. Eu nunca saí dessa casa. O pai sim. Enganou a gente. Ele foi no shopping. Me ajuda. Me ajuda por favor.

DONA CONSTÂNCIA

Que fedor! Calma! Calma eu já te atendo.

NAMORADO

Vai ter que fazer plantão.

FILHA MAIS NOVA

É, tem gente prá tudo nesse mundo.

PAI(mexendo-se com malícia na cama)

Se é assim, não esqueça de mim, Dona Constância. Tá no hora de meu banho.

DONA CONSTÂNCIA

Nem numa hora dessas você...

FILHA MAIS VELHA

Eu vou morrer? Eu vou ficar igual seu marido? Igual ao pai?

DONA CONSTÂNCIA (Examinando)

Tirando esse suor de bebida e esse mau hálito, você não tem nada.

PAI

E a gordura? E a burrice? E a estupidez?

NAMORADO

Tem coisa pior que isso. O senhor sabe muito bem.

PAI

Pior é fugir. Largar tudo. Filho da Lurdes! Agora é um bêbado, fumante. Maconheiro.

DONA CONSTÂNCIA

Tu é o filho da Lurdes

NAMORADO

Não. Não sou.

PAI

É sim. Tem vergonha. Foi embora prá capital e não agüentou. Fraco. Não foi homem prá suportar a pressão. Igual ao tio Aparício. Agora taí bebendo e fumando.

NAMORADO(pega mais uma latinha. abre. Bebe.)

Velho nojento de merda! Eu não fui embora prá jogar em time não. Eu fui é prá fugir do campinho. O senhor sabe muito bem porquê!

FILHA MAIS NOVA

Todo mundo tem segredo aqui em casa.

DONA CONSTÂNCIA

E tudo com esse velho.

FILHA MAIS VELHA

Ele mentiu prá nós. Ele...

PAI

Cala boca, estrume. Tu não sabe de nada.

DONA CONSTÂNCIA (Para a filha mais nova)

Dê isso prá sua mãe de hora em hora. Amanhã leve ela pra consultar. (saindo)

FILHA MAIS NOVA

Obrigado. Não sei como agradecer...

DONA CONSTÂNCIA

Só não me chame mais. Nunca mais, ouviu ?

PAI

Viu, sua inútil. Espantou a vizinha. Não vá ainda, Dona Constância. O meu banho, a senhora precisa...

NAMORADO(vai para cima do Pai)

O campinho, seu velho de merda! O campinho.(enforcando o Pai) Lembra!

FILHA MAIS NOVA(se lança sobre o namorado, tentando tirá-lo de cima do pai)

O que que é isso? Larga do meu pai! Larga dele!

DONA CONSTÂNCIA

Se fosse fácil assim, eu já...(entra a FILHA DA VIZINHA)

FILHA MAIS VELHA

Você voltou. Eu te amo!

FILHA DA VIZINHA

Então faz o que eu te pedi.

DONA CONSTÂNCIA (virando a filha para si)

O que vocês tão tramando?

FILHA MAIS VELHA

Como você tá suja. Mas continua linda.

FILHA DA VIZINHA (para a mãe)

Me larga.(para a amiga) Vai lá. Agora.(a filha mais velha vai na direção da briga)

PAI

Filho da Lurdes! Moleque chorão! Moleque de merda! Vê se vira homem!

NAMORADO

Eu vou te mostrar quem é homem...(A mãe começa a acordar e olhar tudo sem saber o que está acontecendo)

FILHA MAIS NOVA

Prá que isso? Prá que isso? Parem! Parem! (Chega a Filha mais velha e puxa o lençol do Pai. Todos se surpreendem espantados e sem conseguir falar ou agir. Todos olham para as partes baixas do Pai. O tempo pára. Somente a Filha da vizinha age. Ela sorri pela primeira vez comemorando. Gargalha, bate em suas pernas, aponta para o pai. Depois todos começam a rir e fazer o mesmo que ela fez, até que o pai vai se encolhendo, tentando se esconder dessa situação ridícula. Ao fim, depois de toda a humilhação, a mãe se ergue e dá uma surra na Filha mais velha na frente de todos. São xingamentos, tapas, beliscões, puxões de cabelo e admoestações para ela nunca mais fazer isso, que ela estava virando uma vagabunda igual a irmã, igual a vizinha, que ela era uma perdida, bêbada, que tinha desgraçado a família, que tinha traído a confiança de sua mãe. Por quê? Por quê? Por quê?)

*Casa da vizinha. Quarto. Filha mais velha com a mão na cabeça, por causa do tanto que apanhou. Ela está com arranhões no rosto e inchaço nos olhos e galos na cabeça.*

FILHA DA VIZINHA

Eu pensava que tu não ia dar conta.

FILHA MAIS VELHA

Tá doendo. Nunca apanhei tanto.

FILHA DA VIZINHA

Tu conseguiu a prova. E na frente de todo mundo.

FILHA MAIS VELHA

Eu não quero mais voltar lá. Eu não quero.

FILHA DA VIZINHA

Tu merecer que eu dê o que tu quer.



FILHA MAIS VELHA

Posso ficar aqui contigo por uns tempos?

FILHA DA VIZINHA

Tu é louca, é? Tu não cabe aqui. Tu é muito gorda.

FILHA MAIS VELHA

Mas você disse que...

FILHA DA VIZINHA

Não, eu não disse nada. Sua burra! Gorda e burra!

FILHA MAIS VELHA

Eu fiz o que você pediu!

FILHA DA VIZINHA

Fez porquê quis. Eu não tenho nada a ver com isso!

FILHA MAIS VIZINHA

Você me enganou. Igual ao meu pai.

FILHA DA VIZINHA

Não te enganei não.(tira uma caixa de metal que estava debaixo da cama)

FILHA MAIS VELHA(meio desapontada e pouco surpresa)

O que é isso?

FILHA DA VIZINHA

É o teu prêmio.

FILHA MAIS VELHA

Mas quem disse que eu queria isso aí!

FILHA DA VIZINHA

Tu vai gostar. Eu tenho certeza.

FILHA MAIS VELHA

Como você sabe? Não me quer aqui. Não se preocupa comigo.

FILHA DA VIZINHA

Mas de onde tu tirou essa idéia de que eu...

FILHA MAIS VELHA

A gente é amiga. Você mesma falou que...

FILHA DA VIZINHA

Mas como é que eu podia ser amiga de alguém que...

FILHA MAIS VELHA

É por que eu sou gorda e feia é?

FILHA DA VIZINHA

Tu não sabe da história? Tu não sabe de nada?

FILHA MAIS VELHA

Vocês que não sabem de nada. Eu não era assim.

FILHA DA VIZINHA

Duvido.

FILHA MAIS VELHA

Eu vi o pai brincando com minha irmã, uns abraços, uns beijos...

FILHA DA VIZINHA

E daí?

FILHA MAIS VELHA

Então ela fugiu de casa. E o pai veio com as mesmas brincadeiras pro meu lado.

FILHA DA VIZINHA

O canceroso de pinto mole?

FILHA MAIS VELHA

Prá me livrar dele, engodava, comia igual a uma desesperada. Eu nem tinha fome, mas comia, comia sem parar. Eu apanhava prá não comer mais, eu apanhava por comer escondido, por esconder comida debaixo da cama, por esquecer comida apodrecendo debaixo da cama, por comer comida podre esquecida. Eu dormia debaixo da cama comendo, comendo, até não ter mais lugar pro colchão, até não precisar mais da cama, até não precisar mais me esconder porque ninguém mais queria aquela coisa enorme e cheia de dentes.

FILHA DA VIZINHA

Que prejuízo!

FILHA MAIS VELHA

Mas escapei! Consegui escapar dele. E nem precisei fugir de casa! Mas não pararam de bater em mim. Eu já fico no canto ali esperando quando vou apanhar. Mas quando você foi lá em casa hoje eu achei que tudo tinha se acabado, que ia poder me livrar das torradinhas velhas, do suco morno, dos bofetões.

FILHA DA VIZINHA

(Abre a caixa de metal) Então pega!

FILHA MAIS VELHA (reticente vai colocando a mão dentro da caixa)

Mas... o que...

FILHA DA VIZINHA (Fecha a caixa com a mão da amiga dentro)

Pega logo! Não fica com medo!

FILHA MAIS VELHA

Ai! Tá doendo! Pára! Pára!

FILHA DA VIZINHA

É essa mão gordinha! Quem mandou se entupir de comida feito bicho!

FILHA MAIS VELHA

Solta! Solta! Eu já peguei! Eu já peguei!

FILHA DA VIZINHA

Olha o teu prêmio!

FILHA MAIS VELHA (tirando um osso. Fica sem entender.)

Um osso? O que eu quero com um osso...

FILHA DA VIZINHA

O que tu queria? Um pinto? É um osso. Pinto não tem osso. E é um osso de cachorro!

FILHA MAIS VELHA (Larga o osso na cama, com nojo.)

Que nojo! Que nojo!(Tentando limpar as mãos na coberta da cama) Por que você...

FILHA DA VIZINHA

O nosso cachorro apareceu morto. A pauladas. Eu espalhei os pedaços dele por aí. Logo depois meu pai morreu.

FILHA MAIS VELHA

Eu pensei que o osso era do teu pai.

FILHA DA VIZINHA

Não é estranho meu pai morrer logo depois do cachorro?

FILHA MAIS VELHA

Vai ele se matou em solidariedade.

FILHA DA VIZINHA (ameaçando a amiga com o osso)

Cala boca, sua gorda! Me pai não se matou não. É mentira. Se tu não sabe da história, então não fala besteira.

FILHA MAIS VELHA

E o que você quer com esse osso?

FILHA DA VIZINHA

Não é assim que a gente atrai cachorro? Por acaso não te encontravam pelo cheio da comida podre? Pois eu tô chegando perto. Muito perto.

FILHA MAIS VELHA

Já te ajudei hoje e apanhei feito bicho. Você me enganou. Você não é mais linda. Eu pensei que...

FILHA DA VIZINHA (Pula em cima da amiga com o osso para enfiar na garganta dela)

Tu vai fazer o que eu quiser. Pensa que eu não sei o teu pai fazia contigo? Pensa que eu não sei que tu também tá metida nisso? Tu viu tudo. Tu tava sempre lá. Tu vai me contar. Senão eu te furo toda.

FILHA MAIS VELHA

Eu não sei de nada! Eu não sei de nada!

FILHA DA VIZINHA

Fala, fala: tá tudo dentro de ti. Aí cabe muita coisa. Muita mesmo. (Entra a Dona Constância e vê tudo horrorizada)

DONA CONSTÂNCIA

Minha filha, o que é isso? O que você...

FILHA MAIS VELHA

Me ajude! Por favor! Me ajude!

FILHA DA VIZINHA (Dona Constância tirando a filha de cima da amiga)

Não se mete mãe. Já chega o que a senhora fez!

DONA CONSTÂNCIA

Eu vou ter que te internar mesmo, minha filha! De novo! De novo!

FILHA DA VIZINHA

Tudo por tua causa, sua gorda! Fala! Fala o que tu sabe! Fala!

FILHA MAIS VELHA (chorando)

Eu não sei de nada ! Eu não fiz nada! Eu ...

DONA CONSTÂNCIA

Tudo bem! Vá prá sua casa agora.

FILHA MAIS VELHA

Eu não posso, Dona Constância, eu não posso mais voltar lá. (Dona Constância fica segurando a filha que grita e esperneia enquanto a Filha mais Velha chora apavorada com a possibilidade de voltar para casa.

**Junto à cerca que divide a duas casas.**

NAMORADO(bebendo)

E pensar que foi disso que eu fugi, de um bosta pinto mole que...

FILHA MAIS NOVA

Tu adora falar mal dele. Parece minha mãe. Não é ‘filho da Lurdes’...

NAMORADO(Rindo, lembrando a cena)

Teu pai pelado, tentando se esconder, foi a coisa mais...

FILHA MAIS VELHA

Foi tu, não foi? Foi tu que fez minha irmã...

NAMORADO

Eu?

FILHA MAIS VELHA

É, dando bebida prá ela, enchendo a cabeça dela de coisas...

NAMORADO

Quem fazia assim não era eu. Era teu pai.

FILHA MAIS VELHA

Tu sabe tudo. Tu é especialista nele.

NAMORADO(dando uma latinha para ela)

Tu conhece bem, tu também sentiu na carne.

FILHA MAIS NOVA

Nem por isso eu quis me vingar.

NAMORADO

Mas eu não fiz nada. ainda.

FILHA MAIS NOVA

Eu sabia. O que tu quer com a gente?

NAMORADO

Eu voltei, cara, eu voltei prá encarar meu medo.

FILHA MAIS NOVA

E prá instalar a tv a cabo.

NAMORADO

Desde que fui embora, não parei de pensar no que aconteceu.

FILHA MAIS NOVA

Eu não. Eu tinha mais o que fazer.

NAMORADO

Mentira. Tu, tua mãe e tua irmã. Todas em volta dele.

FILHA MAIS NOVA

Mas ele é meu pai. O que tu quer eu...

NAMORADO

Ele tá bem aqui, quase na minha mãe. Eu podia...

FILHA MAIS NOVA

É podia, mas tu não...

NAMORADO

E vendo teu pai assim, o que tua irmã fez, eu só consigo rir, rir.(rindo)

FILHA MAIS NOVA

Eu não acho graça. Bem feito que ela apanhou.

NAMORADO

Como que um mostro desse, depois de tudo que ele fez tu, eu, todo mundo, a gente só consegue rir...

FILHA MAIS NOVA

Me dá mais uma. Já vi que esse dia vai ser longo.

*Casa primeira. Duas camas.*

PAI

Tu tinha que ficar doente? Tu tinha que espancar o estrume? E agora: o meu chá? Quem é que vai...

MÃE

Morra, seu velho de merda! Me deixe em paz!

PAI

Como é que é?

MÃE

É isso mesmo que você ouviu! Estou cansada de você! Cansada de tudo o que você fez, do que você me fez fazer!

PAI

Eu? E o que eu te obriguei a fazer que tu não queria?

MÃE(joga o travesseiro no Pai)

Velho podre! A vida inteira...

PAI

O meu chá! Ah, como essa bosta dói. Se tu soubesse...

MÃE

Nunca respeitou ninguém! Agora quer...

PAI

Levanta! Faz alguma coisa! Vê se presta prá...

MÃE

Não tá vendo que eu to doente? Velho egoísta, egoísta!

PAI

Tá doente nada. tu é forte. Tá é com preguiça. Vai lá e me chama...

MÃE

Preguiça!(joga outro travesseiro) eu não tenho é tranquilidade, tu o tempo todo latindo nos meus ouvidos. Se pelo menos tivesse ido ao médico...

PAI

De novo essa história! Eu fiquei doente é por tua causa!

MÃE

Por minha causa!

PAI

É. por tua. Sempre me negando, sempre me servindo só pão seco...

MÃE

E o que tu que queria? Com um homem como tu, como eu podia...

PAI

Tu não gostava, eu tinha que buscar fora. Eu sou homem, eu preciso.

MÃE

Eu não gostava?

PAI

Nunca gostou. Sempre dava desculpa. E eu ali com aquela vontade toda. Eu tinha que descarregar. Senão ficava louco com aquilo dentro de mim.

MÃE

Chega! Não fale mais nada.

PAI(pega os controles)

Vou pedir prá o filho da Lurdes instalar canal pornô. Tem que ter canal pornô aqui em casa.

MÃE

E prá quê?

PAI

Eu sou homem. Já que tu não me quer, em dou um jeito. Eu sempre dou um jeito.

MÃE

Eu sei o teu jeito...

PAI

O canal pornô vai resolver. Se a gente tivesse um canal pornô, eu não tava doente. A gente devia ter tido um canal pornô logo depois do casamento.

MÃE

Eu não acredito...

PAI

Daí ia ser aquela festa. Daí tu ia poder continuar me negando, recusando o que eu preciso.

MÃE

Tu tá ficando louco. Essa doença...

PAI

Eu to doente é por falta daquilo. Tu sabe bem que eu não agüento.

MÃE

Velho nojento. Cachorro. Cachorro.

PAI(empurrando sua cama para perto da dela)

Então vem prá cá, vem com o papai.

MÃE(ela tenta afastar a cama com o pé)

Sai! Sai!

PAI

Deixa eu sentir pelo menos um calorzinho...

MÃE

Depois do que tu fez com vizinha! Sai! Sai!

PAI

Eu não fiz nada. Isso foi há muito tempo. Eu te quero é agora.

MÃE



Pois continua com tuas putas, com tuas doenças que tu nunca mais vai me tocar.

PAI ( se joga na cama da Mãe)

Lembra quando a gente era novo. A gente fazia sempre.

MÃE

Sai daqui. Eu to avisando. Eu vou te machucar.

PAI

Depois tu não queria. Mas aí era melhor. Tu resistia, gritava, me xingava, mas eu chegava lá. (pega no sexo dela)

MÃE

Foi tu quem pediu(chuta bem nos órgãos sexuais dele. Ele sente o impacto, grita e vai caindo no chão se remexendo.)

PAI

Ah, sua cadela. Nem prá isso serve. Era só um agrado. Eu mereço, por tudo que eu fiz, você me deve isso.

MÃE

Sempre procurando na rua, sempre ganindo atrás das outras.

PAI

Ai! Ai!

MÃE

Se eu estivesse morta aqui na cama mesmo assim tu ia abusar de mim.

PAI

Ai! Ai! Tu já tá morta faz é tempo.

MÃE

Tu é que morreu prá mim depois de tudo.

### **Quarto. Casa da vizinha**

FILHA MAIS VELHA

Eu não quero mais voltar prá casa. A senhora...

DONA CONSTÂNCIA( fumando, examinando a caixa com ossos)

Por isso essa casa tá cheia de moscas. Esses ossos, de onde você tirou?

FILHA DA VIZINHA (pega o osso e o transforma em piteira para cigarro.)

A senhora não reconhece mãe? (Pega um cigarro, coloca na piteira e acende e fuma.)

DONA CONSTÂNCIA

Desde quando você fuma! Apague o cigarro. Agora.

FILHA MAIS VELHA

Se vocês me deixar ficar, eu...

FILHA DA VIZINHA

É do cachorro, mãe. É do cachorro. lembra?

DONA CONSTÂNCIA

Que cachorro. Apague esse cigarro. Eu to mandando.

FILHA MAIS VELHA

Eu fico num cantinho sem fazer nada. ninguém vai perceber que eu...

FILHA DA VIZINHA

O cachorro, mãe! A senhora já esqueceu do cachorro?

DONA CONSTÂNCIA ( arranca o cigarro da filha)

Cachorro, que cachorro?

FILHA MAIS VELHA

Eu prometo que como pouco, quase nada. Pão e água.

FILHA DA VIZINHA

O cachorro que morreu. O pai...

FILHA MAIS VELHA

Teu pai era um cachorro?

DONA CONSTÂNCIA(para a Filha mais velha)

Por que você tá ainda aqui. Eu já não disse...

FILHA DA VIZINHA(Rindo)

O cachorro do meu pai...

FILHA MAIS VELHA(rindo)

Meu pai também...

DONA CONSTÂNCIA(Matando mosquitos primeiro com as mãos, depois com o matador de moscas)

Essa casa tá infestada. Jogue os ossos fora.

FILHA DA VIZINHA(Abraça a caixa de ossos com força)

Não. Os ossos ficam. (puxa pelo braço a amiga) e ela também.

DONA CONSTÂNCIA

Por que você faz isso, minha filha? quer me provocar... quer voltar pro hospital?

FILHA MAIS VELHA(Preocupada. Vira para si a amiga.)

Você tá doente? Você vai morrer.

FILHA (afastando os braços da amiga)

Tire as mãos de mim, sua gorda. (A empurra. A amiga cai na cama com a caixa de ossos que se abre sobre ela. Fala para a mãe.) Não adianta me ameaçar. Eu sei de tudo. E a gorda viu. Ela sabe também.

DONA CONSTÂNCIA

E o que vocês sabem? O que vocês duas...

FILHA DA VIZINHA

Os ossos mãe, os ossos.

FILHA MAIS VELHA

Os ossos... são do morto? Você me jogou osso dos morto?!!(esperneando)  
tirem isso daqui! Socorro! Eu não quero morrer! Tirem esses ossos daqui. Que nojo.  
Que nojo.

FILHA DA VIZINHA

Cala boca, estrume! Não são do meu pai não!

FILHA MAIS VELHA

Tira! Tira!

FILHA DA VIZINHA

São do cachorro que a gente tinha.

DONA CONSTÂNCIA

Do cachorro? Do que morreu antes do teu pai?

FILHA DA VIZINHA

Esse mesmo! ele deve ter visto tudo! Daí mataram o bicho. A pauladas.

DONA CONSTÂNCIA

E por que você desenterrou isso?

FILHA MAIS VELHA

As unhas sujas: Você tá com as unhas sujas.

FILHA DA VIZINHA

Não adiantou matar, não adiantou esconder, mãe. Eu to descobrindo tudo.

DONA CONSTÂNCIA

E o que você tá descobrindo?

FILHA DA VIZINHA( empunhando o osso, como forma de acusar)

Que você matou o pai. Que você matou o cachorro que viu. e que você...

FILHA MAIS VELHA

E vocês querem me matar também. Querem matar o pai, a mãe e a tv a cabo. E o shopping inteiro. Eu tô perdida. Prá onde eu vim fugir...

DONA CONSTÂNCIA (rindo)

Minha filha! (vai abraçar a filha)

FILHA DA VIZINHA(Brandindo o osso como se fosse uma faca)

Sai! Afasta! Eu sei de tudo. Ela viu também.

DONA CONSTÂNCIA(pára e senta-se na cama)

Minha filha! você realmente não sabe nada do que aconteceu.

FILHA MAIS VELHA(abraçando um travesseiro. Se afastando até chegar no canto da cama)

Eu sei! eu sei! Eu conto! Eu vi tudo! Eu sempre tava vendo tudo! Não me matem! Não me matem

FILHA DA VIZINHA

Viu? Eu não disse! A gorda viu também! Ela também sabe!

DONA CONSTÂNCIA (Acende um cigarro)

Até agora eu te poupei dessa sujeira toda. Mas to vendo que não adianta. Acho que nós precisamos conversar de verdade. Você precisa saber quem realmente era o seu pai. Seu pai era um cachorro! Um cachorro!

FILHA MAIS VELHA

O cachorro? (Tenta recolher os ossos espalhados) Coitado! Coitado! O que fizeram com ele? O que fizeram?

*Na cerca. Sentados no chão. Bebendo. Cavoucam a terra, plantam folhas, arrancam grama.*

FILHA MAIS NOVA

O que você disser não vai mudar nada. eu que tenho mais motivos, eu não...

NAMORADO

Tu sabe mesmo quem era teu pai?

FILHA MAIS NOVA

E tu sabe o que ele fazia comigo?

NAMORADO

Sabe o campinho de futebol ? O que tu acha que acontecia lá?

FILHA MAIS NOVA

Não sei. Era coisa de homem. A gente nem...

NAMORADO

Coisa de homem, é? é o que tu...

FILHA MAIS NOVA

Sei lá. O pai e os outros, o tio Aparício, todas as tardes ia no campinho...

NAMORADO

Prá quê? Prá vez a gente jogar bola?

FILHA MAIS NOVA

É, deve ser.

NAMORADO

Era o que eu pensava. Era o que todo mundo pensava.

FILHA MAIS NOVA

Não tô entendendo.

NAMORADO

O futebol termina lá pelas 5. o seu Aparício interrompia e dizia que era hora de instrução, que a gente tinha que aprender outras coisas além do jogo.

FILHA MAIS NOVA

Eles levavam vocês prá onde?

NAMORADO

A gente era novo. Não sabia de nada. daí eles se aproveitavam. Faziam o que queriam.

FILHA MAIS NOVA

Todos vocês?

NAMORADO

Era prá gente virar homem. Do jeito deles.

FILHA MAIS NOVA

Mas... mas o que eles...

NAMORADO

E ameaçavam. A gente não tinha com quem contar. Se a gente contasse eles diziam que iam fazer alguma coisa com nossas mães.

FILHA MAIS NOVA

E tu era o filho da Lurdes.

NAMORADO

Comigo era pior. Não conheci meu pai. Era só eu e minha mãe. E eles me jogavam isso na cara, prá me humilhar: que minha mãe era uma vagabunda, que tinha dormido com todo mundo, que qualquer um era meu pai.

FILHA MAIS NOVA

Sério. Eles fizeram isso?

NAMORADO

Isso foi me revoltando. O pior não era o que mandavam a gente fazer – tirar a roupa, mostrar o pinto, pegar no pinto do outro, passar a mão na bunda um dos outros

—

FILHA MAIS NOVA

Isso não é o pior? Mas prá que fazer isso? Prá que...

NAMORADO

Pior eram os testes. Todo dia tinha teste prá ser homem. e quem não passava...

FILHA MAIS NOVA

Teste? Que teste?

NAMORADO

Uma vez o tio Aparício, o pior de todos, tá nos conduzindo pelo mato e viu uma vaca.

FILHA MAIS NOVA

Tio Aparício era um horror, vivia me pegando, aquele velho...

NAMORADO

Então ele se apoiou num barranco, segurou nas ancas do animal e ...

FILHA MAIS NOVA

Sei, sei. não precisa falar. Que horror!

NAMORADO

Depois obrigou todo mundo a fazer a mesma coisa.

FILHA MAIS NOVA

Que nojo! Como é que...

NAMORADO

Era o teste. Os meninos fazendo aquilo e eles gritando: “Isso é prá vocês aprenderem a ser homem, seus bostas! Se vocês não fizerem isso, alguém vai fazer isso com vocês.”

FILHA MAIS NOVA

E tu? O que tu fez?

NAMORADO

Eu tinha agüentado tudo até ali. eu era um garoto, um garoto. Eu não precisava fazer nada daquilo. Eu não precisa daquilo prá ser homem.

FILHA MAIS NOVA

E daí? Fala! Fala.

NAMORADO

Era uma vaca, cara. Uma vaca. Como é que eles queriam que eu...

FILHA MAIS NOVA

Não vai me dizer que tu...

NAMORADO

Eu não podia fazer aquilo com uma vaca.

FILHA MAIS NOVA

E o que tu fez então?

NAMORADO

Eu saí correndo. Daí teu pai e os outros me pegaram e me trouxeram de volta. O seu Aparício gritava cheio de ódio. Dizia que ia mostrar como é que se fazia. Quando tava de novo em cima do bicho, a vaca soltou toda a merda, todo o estrume que tinha dentro dela.

FILHA MAIS NOVA(rindo)

Sério?

NAMORADO

O seu Aparício virou uma merda só. Todo mundo ria, sem parar. Menos o teu pai. Ele me pegou e enfiou meu rosto no estrume. Pensei que ia morrer sufocado de tanto que ele me batia e enfia naquela bosta. Daí ele abaixou as minhas calças e jogava aquela merda em mim. Me arrastou pelo mato até a gente chegar num jumento morto, podre, cheio de moscas, quase só a carcaça. Daí me pegou pelo pescoço e disse. “Agora mete, mete tudo. Tá pensando o quê? Tu não é melhor que ninguém, seu bosta. Enfia nessa merda aí e vira homem. vai, faz o que eu to mandando. É pro teu bem. tu vai me agradecer um dia.”

FILHA MAIS NOVA

Que horror! Que horror!

NAMORADO

Eu era uma criança, cara, uma criança.

FILHA MAIS NOVA(Começa a abraçar o Namorado)

Não me conta mais nada.

NAMORADO

Eu ali, seguro pelo braço, teu pai e os outros rindo, os ossos, as moscas, o seu Aparício gritando sem parar, me pegando, me forçando.

FILHA MAIS NOVA

Por que eles fizeram isso? Por quê?

NAMORADO

“ Eu não quero ver tu virar mulherzinha, ouviu? Isso é prá'o teu bem. Agora mete, enfia no rabo desse bicho! Senão a gente vai enfiar é no teu!”

FILHA MAIS NOVA

Chega! Eu não quero ouvir mais nada.

NAMORADO (olhando firme para ela)

Então eu mordi com toda a força o braço do seu Aparício e saí correndo sem olhar para trás, até chegar longe, longe demais prá voltar. Eu ainda sentia o gosto da carne dele na minha boca. Em tudo que eu comia eu sentia esse gosto. Por isso eu voltei.

FILHA MAIS NOVA

Tio Aparício morreu. O vizinho se suicidou. O que você quer?

NAMORADO

Morder, cara. Eu tô aqui doido prá morder.

FILHA MAIS NOVA

Meu pai tá com câncer. Tá morrendo. Não adianta mais...

NAMORADO

Eu voltei com a boca espumando, cara. eu preciso morder mais uma vez a carne.

FILHA MAIS NOVA(Se afastando)

Prá mim tudo isso passou. Eu não quero mais...(Entra a mãe andando com dificuldade, como se tivesse visto o demônio, como se tivesse sido estuprada. Entra com a roupa mostrando parte do corpo, os cabelos arrepiados, as mãos abertas pedindo socorro.)

MÃE

Me ajudem! Me ajudem!



FILHA MAIS NOVA

Mãe? O que...

MÃE

Aquele homem... aquele bicho... ele...

NAMORADO(indo ajudar a Mãe que está desmaiando)

A senhora...

MÃE

Não agüento, não agüento mais.

FILHA MAIS NOVA

Calma, mãe, calma.

NAMORADO

A vizinha, vamos levar lá. Ela é enfermeira.

MÃE

Não me deixem com aquele homem! Não me deixem!

FILHA MAIS NOVA

Não vou deixar, mãe. Não vou mesmo!

NAMORADO

Ela tá desmaiando. (Mãe desmaia) rápido. Prá casa da vizinha!

### **Casa da vizinha. Quarto.**

DONA CONSTÂNCIA (fumando)

Eu me casei muito nova. Eu não devia ter me casado. Eu não devia ter feito um monte de coisas, minha filha.

FILHA MAIS VELHA(em uma canto, em uma cadeira)

A mãe fala que a senhora é uma vagabunda, que tinha muitos amantes.

FILHA DA VIZINHA (Sentada na cama, com a caixa de ossos no colo, balançando as pernas, segurando seu ódio.)

Matou meu pai. Matou sim.

DONA CONSTÂNCIA

Teu pai se matou por causa da doença, da raiva. O cachorro, esse aí que tu segura os ossos, ele mordeu teu pai. Teu pai não acreditava que o próprio cachorro tinha feito isso. Então ele pegou o cachorro e matou a pauladas. Mas não foi no médico depois. Não queria ir. Não era coisa de homem. Morreu xingando o cachorro. Idiota.

FILHA DA VIZINHA

Mas... mas foi só isso?

DONA CONSTÂNCIA

Foi.

FILHA MAIS VELHA

Eu vi a senhora ir lá em casa. Eu vi meu pai com a senhora. Eu vi meu pai com todo mundo.

DONA CONSTÂNCIA

Eu ia lá sempre. Tua mãe e eu, a gente tinha amizade. E o teu pai era muito amigo do meu marido.

FILHA MAIS VELHA

Mas quando a senhora aparecia, a mãe não tava. Nem o teu marido que morreu. Eu sim. Eu ali no meu canto.

FILHA DA VIZINHA

Então foi o pai que matou o cachorro? Matou o bicho que era dele?

FILHA MAIS VELHA

Eu vi. Eu vi tudo. A senhora e meu pai...

DONA CONSTÂNCIA (livrando-se com as mãos das moscas no ar)

Essas moscas! Jogue os ossos fora (Para a sua filha)! Anda! Daqui a pouco não tem mais lugar prá gente aqui.

FILHA MAIS NOVA(Da sala)

Dona constância! Dona Constância! É uma emergência!

DONA CONSTÂNCIA

O que tá acontecendo?

FILHA MAIS NOVA

Minha mãe! Vem ajudar!

FILHA MAIS VELHA

A mãe, aqui?!!! (saindo)

DONA CONSTÂNCIA

Tô indo. Tô indo.(Sai)

FILHA DA VIZINHA (Jogando a caixa de ossos no chão)

Por que ele fez isso? Por quê?

*Casa. O PAI deitado agora não de bruços. Resmungando.*

PAI

Meu chá! Meu chá! Não tem ninguém nessa casa?! O que elas pensam que eu sou? Trabalhei a vida inteira. Me matei no serviço prá chegar nessa condição, prá não ter uma ajuda, uma só. Inúteis. Estrume. Não servem prá nada, nada. Depois de tudo o que eu fiz... querem é que eu morra, morra.(Se levanta. Vai preparar o seu chá, se arrastando, com dificuldades.) como um cachorro abandonado cheio de sarna, podre. É isso que elas querem de mim. Me odeiam. Me odeiam. Viveram a vida inteiras nas minhas custas e é isso o que eu levo. Agora nem o canal pornô, nem isso eu posso ter. já não tenho nada, não me resta mais nada. Uma alegria que seja. Mas eu vou ter meu canal pornô, ah eu vou. Pelo menos isso. A mulherada que presta ali na minha frente. Eu na cama com tudo aquilo. Desgraçadas! Inúteis! Estrume! Eu quero o meu canal pornô!(Entra o Namorado bebendo, trazendo seu isopor com mais cervejas.) Mas era de você que eu tava falando agora. Você chegou bem ....

NAMORADO

Eu não sei como um bosta como o senhor tem a coragem se dizer essa merda toda prá mim. O senhor sabe muito bem que eu sou.

PAI(preparando o seu chá)

O que é? vai me bater? Vai me matar?

NAMORADO

Eu devia é...

PAI

Tu não devia é nada. Um fraco como tu. Um bosta.

NAMORADO

Eu? mas...

PAI

Filho da Lurdes... se a gente não tivesse feito o que fez, tu tinha virado é mulherzinha de todo mundo, meu jovem. Um moleque sem pai, largado por aí. O que tu acha que ia acontecer contigo?

NAMORADO

Nada. nada pior do que...

PAI

tu era sozinho, sem ninguém por ti. No campinho podia fazer gol, jogar bem. mas só isso é muito pouco. E depois do jogo? Um dia tu ia tá voltando prá casa, de

noite, e então o que tu ia fazer? Um moleque sem pai, sem ninguém. Quem iria te ajudar?

NAMORADO

Então vocês tavam me ajudando.

PAI

A pior coisa que pode acontecer pro homem é ele ser tratado como uma mulher. Isso o cara não esquece. Fica louco. Pode até se matar. A gente tava te ensinando isso, a tu ser homem, não ser mulher. Tu precisava disso. Tu não tinha pai prá te ensinar.

NAMORADO

Mas o que vocês faziam com a gente? por que vocês...

PAI

É assim que se aprende a ser homem, sentido como é ruim ser mulher, como é um nojo um homem em cima de tu, como tudo isso não presta. Já viu cachorro novo, já viu como eles fazem?

NAMORADO

Não sei o que isso tem...

PAI

Um monta no outro, no mais fraco, e faz como se fosse homem e mulher. Dois cachorros, um deles é mulherzinha. É assim que se aprende. É assim que nunca se esquece.

NAMORADO

O senhor não sabe o que...

PAI

Tu tava aprendendo, tu tava virando homem. daí tu fugiu, mordeu a mão que te cuidava. O tio Aparício nunca mais foi o mesmo. Ficou doente e deixou enfiarem no rabo dele. Tu deve ter passado prá ele esse medo de mulherzinha, essa doença. Tu não tinha completado o treinamento. Tu não tinha metido, metido fundo. Filho da Lurdes...

NAMORADO

Não, eu não completei o treinamento. Mais eu aprendi alguma coisa.

PAI

É, então me mostra. (Indo para a cama, frágil, com dores, arrastando os pés.)Começa ajeitando o canal pornô. Começa me trazendo esse chá.

NAMORADO (Deixa a caixa de latinhas do chão. Vai tirando o cinto da calça.)

Eu voltei prá acabar minha lição. Eu voltei prá morder.

PAI(se arrumando na cama)

Ótimo. Um homem nessa casa. Não agüento esse bando de inútil em volta de mim. Traz o chá. Anda, seu estrume. Que eu não agüento mais.(Deita-se)

NAMORADO (pega a chaleira e vai, sem as calças, massageando seu órgão, para a cama do Pai.)

Agora é no homem é a homem. Tu não me escapa!

PAI

Vai, faz o que tu tem de fazer. E logo. Eu não tenho a vida inteira.(NAMORADO joga a água quente no Pai. Este grita de dor. Namorado pula nu sobre o Pai.)

**Casa da vizinha. Sala. Todas em volta da Mãe, deitada, dormindo. Filha da vizinha usando o matador de moscas.**

FILHA MAIS VELHA

Ela me bateu, me bateu muito.

FILHA MAIS NOVA

Ela me batia também. Mais do que você pensa.

DONA CONSTÂNCIA

A mãe de vocês não gostava de mulheres. Tinha ódio cada vez que sabia que ia nascer uma menina.

FILHA MAIS VELHA

Nunca me deixou sair prá lugar nenhum.

FILHA MAIS NOVA

Eu fui onde eu queria. Principalmente longe dela.

DONA CONSTÂNCIA

Foi difícil ser amiga dela. Mais difícil foi perder a amizade.

FILHA MAIS VELHA

Será que ela vai morrer? Será que...

FILHA MAIS NOVA

A gente não devia chamar um médico?

DONA CONSTÂNCIA

Calma. Eu sou enfermeira. São os nervos. Isso já vai passar.

FILHA MAIS VELHA

Foi o meu que você receitou pro teu marido.

FILHA MAIS NOVA

O que isso tem a ver? O cara não se matou?

FILHA DA VIZINHA

Mas antes ele ficou doente. E ninguém cuidou dele.

DONA CONSTÂNCIA

Foi ele que não quis. Não pude fazer nada.

FILHA MAIS NOVA

Como assim? A senhora fez juramentos de enfermeira. Devia...

DONA CONSTÂNCIA

Ele também fez seus juramentos...

FILHA MAIS VELHA

A mãe vai morrer! Vai morrer! Eu tenho certeza disso!

FILHA DA VIZINHA

O pai gostava daquele cachorro. Não ia matar o bicho a não ser que algo terrível tivesse acontecido.

FILHA MAIS NOVA

A senhora por acaso não...

DONA CONSTÂNCIA

Eu não fiz nada. Não ergui um dedo.

FILHA DA VIZINHA

Fala, mãe. Fala: o que que a senhora fez pro pai ter espancado o bicho até a morte!

MÃE(acordando)

Não acredito!

FILHA MAIS VELHA

Mãe! Mas a senhora...

MÃE

Não acredito que me trouxeram aqui!

FILHA MAIS NOVA

A gente não tinha prá onde ir. E ela é cuida de doentes e...

MÃE (prá filha mais nova)

Ela é uma vagabunda. Igual a ti.

FILHA DA VIZINHA

Ela matou meu pai. Matou sim!

MÃE

Teu pai não valia nada, mocinha. E quando descobriu tudo foi um fraco.

DONA CONSTÂNCIA ( Se afastando)

Acho melhor você ir devagar. Pró quem quase teve um ataque, você...

MÃE

Bobagem ! Já que trouxeram prá cá, já que não tenho saída, a gente pode colocar a conversa em dia. Não tem nada pras visitas? Um suco? Umas torradinhas?

DONA CONSTÂNCIA

Você precisa se acalmar.

FILHA MAIS VELHA

Eu pensei que a senhora ia morrer.

MÃE

E o que tu tá fazendo aqui? Volta prá casa! Volta agora. Tá ficando igual a tua irmã.

FILHA MAIS NOVA

Já que tá melhor, vou embora.

MÃE

Vai, isso, volta pro teu shopping. Deixa a gente aqui com aquele cachorro.

FILHA DA VIZINHA

A senhora sabe de tudo. A gorda aí viu mais não quer falar.

DONA CONSTÂNCIA

Não tem o que falar. Não tem mistério nenhum. Eu já disse.

MÃE

É o que eu já disse: tua mãe é uma vagabunda. Desde solteira se oferecia prá qualquer um, não tinha respeito. Até homem de família. E depois que casou não mudou muita coisa.

FILHA MAIS NOVA

A senhora fala assim de todo mundo.

FILHA MAIS VELHA

Eu nunca tive ninguém. Eu nunca...

FILHA DA VIZINHA

Deixa tua mãe falar, sua gorda. Deixa.

MÃE

Eu achava que era uma fraqueza, uma doença. Mas quando passou da cerca, quando chegou na minha casa essa sem vergonhice aí eu vi que ela sempre buscou isso, que sempre fez questão de se arrumar e se vestir como uma vagabunda.

DONA CONSTÂNCIA

Teu marido que veio atrás de mim, atrás da mulher do melhor amigo dele.

MÃE

Ele não ia fazer nada se tu não tivesse aberto a porta primeiro.

FILHA MAIS NOVA

Toda vez é a mesma história. Não sei porque volto aqui. (saindo)

FILHA DA VIZINHA

Fica! Não vai embora! Agora vem a melhor parte!

FILHA MAIS VELHA

Me leva no shopping, me leva contigo.

MÃE

Tu não vai não. É perigoso. Tu vai ficar comigo. Eu não vou deixar tu se perder. Comigo tu aprende, comigo tu tá segura.

FILHA DA VIZINHA

Fica, gorda, fica: depois eu faço o que tu quiser.

FILHA MAIS VELHA (vendo a irmã já fora de cena)

Me leva, me leva.

MÃE

Mal agradecida. Igualzinho a teu pai.

*Casa. o pai desmaiado. O namorado envolto chorando em lençóis no chão.  
Entra a filha.*

FILHA MAIS NOVA

Mas... mas.. o que....

NAMORADO

Eu não consegui, cara. Não consegui.



FILHA MAIS NOVA(Indo ver o Pai)

Mas... mas... o que que tu...

NAMORADO

Filho da Lurdes, eu....

FILHA MAIS NOVA

Ele tá morto? Tu matou...

NAMORADO

Eu não fiz nada, nada.

FILHA MAIS NOVA(olhando para o namorado, para as roupas dele no chão)

Essas roupas..Por que você tá só nesse lençol?

NAMORADO

Eu tentei, eu queria...

FILHA MAIS NOVA

Se vingar? Tu queria se vingar fazendo a mesma coisa...

NAMORADO

Minha boca, o gosto da carne. Minha boca, eu tava com esse gosto...

FILHA MAIS NOVA

Seu estúpido, estúpido. Igualzinho a ele. Tu acha que eu não passei pela mesma coisa que tu passou?

NAMORADO

Mas é diferente.

FILHA MAIS NOVA

Ah, porque tu é homem é diferente? Só porque eu não tenho o que tu tem no meio das pernas a coisa é pior contigo? Só porque tu é homem a coisa é pior?

NAMORADO

Teu pai...

FILHA MAIS NOVA

Se eu tivesse nascido homem, se eu fosse um menino e me pegassem lá no campinho ao invés de no meu próprio quarto de noite, quando todo mundo dormia, tu acha mesmo que ia sofrer mais? Que ia ser uma desgraça maior?

NAMORADO (Com as mãos, tentando ilustrar o que diz, sem sucesso)

Dois cachorros, um com o outro, treinando. Cachorro.

FILHA MAIS NOVA

E tu por acaso é um bicho, hein, prá fazer isso? tu é um cachorro morto cheio de moscas fedendo pela rua inteira?

NAMORADO(fazendo gestos de seu delírio)

“Mete, mete. Enfia fundo.”

FILHA MAIS NOVA

Olha prá mim, olha agora.

NAMORADO ( Mordendo os braços)

“Menino novo, menino novo. Filho da Lurdes.”

FILHA MAIS NOVA

Pára, pára com isso.

NAMORADO(Rosnando)

Dois cachorros novos. Treinando. Treinando.

FILHA MAIS NOVA(segurando o Namorado delirante)

Não tire os olhos de mim. Não tire. Não tire.

NAMORADO

“Mulherzinha! Mulherzinha!”

FILHA MAIS NOVA

Olha pros meus olhos e me dá um beijo. Um beijo

NAMORADO

“ Mulherz...”(Ela o beija. Ele em convulsão até se acalmar. Ela o pega pelo braço e sobem para o quarto)

*Casa da vizinha. Sala.*

MÃE

E como ele fazia, hein? Por trás, igual a um cachorro?

DONA CONSTÂNCIA

Nunca houve nada. Não que ele não quisesse.

MÃE

Mentira. Todo mundo sabe. Eles contavam por aí, viviam se gabando.

DONA CONSTÂNCIA

Meu marido, teu marido, tudo a mesma coisa. Sem diferença.

FILHA MAIS VELHA

Mãe, eu não volto mais prá casa. vou ficar no quarto com a filha da vizinha

FILHA DA VIZINHA

Ela é minha amiga. A gorda é minha amiga.

MÃE (Tentando se levantar, sem conseguir.)

Agora vai se perder com mulher? Tu volta comigo. Não criei filha minha prá...

DONA CONSTÂNCIA(tentando pegar a caixa que está com sua Filha)

Não houve nada. Tu sabe muito bem.

FILHA DA VIZINHA

Larga! Eu ainda não descobri o que tu fez com meu pai.

MÃE

O que eu fiz na minha vida prá chegar numa situação dessas....

FILHA MAIS VELHA(indo prá Filha da Vizinha)

Me dá um beijo! Um só por favor!

FILHA DA VIZINHA

Sai, gorda! Não quero nada contigo! Sai!(Empurra a amiga que cai no chão)

DONA CONSTÂNCIA (conseguindo ficar com a caixa. Examinando.)

Tens uns ossos que se parecessem com ossos de gente.

MÃE(rindo, risada grave, de velha doente)

Tua namorada não te quer mais, é?

FILHA MAIS VELHA

A culpa é da senhora, mãe. Toda sua.

FILHA DA VIZINHA(Indo atrás dos ossos)

Me devolve, mãe. Me devolve.

DONA CONSTÂNCIA(ainda admirando os ossos)

Teu pai não valia nada mesmo.

MÃE

Era um homem trabalhador. Não merecia a mulher que tinha.

DONA CONSTÂNCIA(sua filha lhe toma a caixa)

Trabalhador? Eu é quem sustentava a casa.

MÃE

Sei, com teus escapulidas...

FILHA MAIS VELHA(desolada no chão)

Eu não tenho ninguém, ninguém.

DONA CONSTÂNCIA

Por mais que eu trabalhasse, o dinheiro nunca dava. Meu marido vivia com o teu lá no campinho vadiando.

MÃE

Vadiar é um negócio que tu sabe bem.

FILHA DA VIZINHA

Ele é que tá feliz, gorda, nessa caixa. Olha(abre a caixa. A Filha mais Velha se apavora)

FILHA MAIS VELHA

Não, não faz isso comigo. Eu tenho medo.

DONA CONSTÂNCIA

Teu marido emprestava dinheiro a juros, tu sabia? Todo mundo pegava dinheiro com ele.

MÃE

Não. Não sabia. E o que isso tem a ver com...

DONA CONSTÂNCIA

Como o dinheiro não tava dando, eu fui lá pedir.

MÃE

Tu foi é se vender!

FILHA DA VIZINHA

Pega um, toma. Pega um só um osso. Daí eu te deixo tu me beijar.

DONA CONSTÂNCIA

Eu?Me vender? Era o que teu marido queria. Ele fazia isso com todas. Os maridos, os amigos tinham vergonha de ir pedir dinheiro. Então as mulheres iam, e o cachorro do teu marido se aproveitava.

MÃE

Mentira. Acusando prá se livrar da culpa! Mentira.

FILHA MAIS VELHA

Não quero! Não quero!

DONA CONSTÂNCIA

Quando meu marido soube, pela boca dos amigos, não agüentou. Primeiro descarregou no cachorro. Depois, quando ficou doente, se matou, me deixando aqui com as contas e a casa. Sozinha. Era um covarde. Um covarde. Tudo por causa do que os amiguinhos iriam falar.

FILHA DA VIZINHA(Joga os ossos na Filha mais Velha)

Não. O pai não...

FILHA MAIS VELHA(tendo um ataque para se livrar dos ossos e do pó dos ossos)

Eu vou morrer. Eu vou morrer. Me ajudem. Me ajudem.

MÃE (passando mal. Dos nervos)

Isso não é verdade! Não! Nunca nunca.

DONA CONSTÂNCIA

Tu não queria me ouvir. Quantas vezes eu te disse que teu marido...

FILHA DA VIZINHA

O pai não, mãe. Ele não!

DONA CONSTÂNCIA

Quantas vezes eu quis de te dizer, mas tu....

MÃE

Com todas elas, com minhas amigas. Cachorro! Cachorro!

FILHA DA VIZINHA

Mas quando ele ficou doente, mãe, a senhora...

DONA CONSTÂNCIA

Não fiz nada. Não fiz mesmo. Ele não tomava os remédios. Eu não insistia. Agora tu fica aí me empurrando esses ossos. Não tenho nada a ver com isso, ouviu? Nada. nada. Ele morreu porque quis.

FILHA MAIS VELHA

E eu não quero morrer, não quero. Nunca beijei. Nunca me beijaram. Nunca fui no shopping.

MÃE

E eu cuidando desse monstro, dia e noite, dando de comer, limpando, lavando. Minha vida como escrava de um homem que me jogava na cara que eu não prestava pra nada, que não fazia nada, que não trabalhava. E agora eu tô aqui nessa cama sofrendo disso, por causa dele? Me levem. Me tirem daqui.

DONA CONSTÂNCIA

Você não tá em condições de...

MÃE

Não me interessa. Na cama não. Nunca mais. A cama não. Me tirem da cama. Eu preciso me curar disso. Me tirem daqui. Me tirem daqui agora.

*Casa. O Pai no chão, envolvido nos lençóis, segurando o choro. Entra a mãe, apoiada na Dona Constância*

PAI

Todo mundo feliz. As duas bruxas fizeram as pazes. Agora que vou morrer...

MÃE

Como você pode fazer isso, depois de todos esses anos...

PAI

O que eu fiz que tu não sabia?

MÃE (entrando na casa)

Todos esses anos... Por que tu fez isso comigo? Por quê?

PAI

Não consigo evitar. Tá em mim.

DONA CONSTÂNCIA(fumando)

Não adianta.

PAI

Vocês não entendem. Não entendem. Uma mulher não consegue...

MÃE

E teus amigos? Até com eles tu...

PAI

Eles precisavam aprender. O tio Aparício...

DONA CONSTÂNCIA

O pior de todos. Não sei como ainda invoca um monstro como aquele.

MÃE

E tuas filhas... e eu... a tua família, a tua família...

PAI

O que você vai fazer vai me bater, vai me matar. Esperou eu ficar doente pra acabar comigo. todos esses anos eu fazendo o queria e agora é que tu acordou pra vida? Agora que eu to no morre não morre? (sons de sexo vindo do quarto de cima)

MÃE

O que é isso? Quem tá lá em cima.

PAI

A tua filha, a tua querida filhinha, aquela que tu mando prá rua, prá virar nisso, mulher de homem. pelo menos alguém faz sexo nessa casa. ela trabalha. Ela merece.

DONA CONSTÂNCIA

É fácil matar um homem. difícil é amar.

PAI

Podem falar o que quiser, podem me acusar de tudo. Agora que eu não sou mais nada, agora que a doença rói meus ossos, vocês podem qualquer coisa.

MÃE

Tu não vai morrer não, tu vai continuar vivo prá ver o que tu não queria ver.  
(indo ajeitar o Pai, para devolvê-lo para a cama)

PAI

Me largue! Me deixe aqui no chão. Eu mereço isso tudo. eu mereço.

MÃE(para a Dona Constância)

Vem cá me ajude.

DONA CONSTÂNCIA

Depois de tudo o que ele fez?

PAI

Essa doença, esse câncer, eu busquei com todas as minhas forças. Eu quis isso prá mim.

MÃE

Vamos colocar de volta prá cama.

DONA CONSTÂNCIA

Ele tinha é que ficar apodrecendo ali no chão.

PAI

Porque eu sou homem, um homem. E eu vou morrer como um homem, com tudo que um homem precisa prá morrer.

MÃE

Aqui, o. Isso, isso.

DONA CONSTÂNCIA (O Pai passa a mão no corpo das mulheres)

Um cachorro! Cachorro! Tire a mão de mim!

PAI (Na cama. De bruços. A Mãe o encobrindo com o lençol, arrumando os travesseiros.)

Não é uma doença dessas que vai me curar.

DONA CONSTÂNCIA

Que nojo! Que nojo! ( Se afasta para fumar)

PAI

O canal pornô! Liguem no canal pornô! Pelo menos alguém se diverte nessa casa!(fica jogando seu corpo contra a cama, como se fizesse sexo. Expressão de dor no rosto)

MÃE (se arrumando)

Tu ainda vai viver muito. E eu não vou mais continuar morta, podre igual a tu. Ta ai na mesa os remédios. Eu volto mais tarde.

PAI

Mais tarde? E o meu chá? Eu preciso...

DONA CONSTÂNCIA

Como se adiantasse...

MÃE

Se quiser levanta e faz. eu e a vizinha a gente tá indo no shopping.

PAI

Shopping?

MÃE

Preciso comprar umas coisas.

PAI

Mas lá é tudo caro. Eu não tenho dinheiro...

MÃE

Tem sim. Eu sei que tem. Prá canal pornô e outras coisas tu tem. Eu trago mais chá prá você.

PAI

Mas.. mas...

DONA CONSTÂNCIA

Tchauzinho! (Saem as duas rindo, rejuvenescidas.)

**Casa da vizinha. Quarto. As duas na cama. Debaixo das cobertas.**

FILHA DA VIZINHA

Você não vai morrer. Eu não vou deixar. Eu não vou deixar. (abraça a amiga, coloca sua cabeça no seu peito. )



FILHA MAIS VELHA

Como você é quente.

FILHA DA VIZINHA

Meu pai, minha mãe deixou meu pai morrer.

FILHA MAIS VELHA

Me abraça forte, forte.

FILHA DA VIZINHA

Quando eu ficar doente, ela vai fazer a mesma coisa.

FILHA MAIS VELHA

Não vai não. Eu não vou deixar. Eu vou ficar aqui contigo.

FILHA DA VIZINHA

Daí ela vai me guardar naquela caixinha de ossos, junto com meu pai.

FILHA MAIS VELHA

Nunca, isso nunca vai acontecer. Você é linda, linda.(Se olham)

FILHA DA VIZINHA

Promete que vai me cuidar.

FILHA MAIS VELHA

Prometo, prometo.

FILHA DA VIZINHA

Prometo que não vai deixar ninguém fazer mal prá mim.

FILHA MAIS VELHA

Como você é linda, linda de morrer.

FILHA DA VIZINHA

Promete que...

FILHA MAIS VELHA

Me abraça, me abraça forte.(se abraçam. Olham uma para a outra. se aproximam. Fecham os olhos. Lábios nos lábios. Beijo de biquinho. Depois se afastam, estranhando, balançando a cabeça, limpando os lábios como se tivessem comido algo amargo. Entram as duas Mães rindo.)

DONA CONSTÂNCIA

Se arrumem, vamos passear.

MÃE

Isso. Vamos pro shopping.

FILHA MAIS VELHA

Pro shopping? Mãe, é verdade

MÃE

É, minha filha. depois de todos esses anos.

FILHA MAIS VELHA(pulando na cama)

Eu não acredito! Eu não acredito!

FILHA DA VIZINHA

A gente vai com elas?

MÃE

Vamos todas, minha filha. vamos todas!

FILHA DA VIZINHA

A senhora tá tão feliz. Alguém morreu?

MÃE

Eu. Minha vida! Vamos comemorar?

FILHA MAIS VELHA(TODOS EM SAÍDA)

E os ossos?

DONA CONSTÂNCIA

Deixe pros cachorros.

*Casa. PAI trocando de canais da tv. Entram a Filha mais nova e o Namorado.*

PAI

O canal de sexo! Não é só vocês que precisam se divertir nessa casa!

FILHA MAIS NOVA

Pai, eu tô indo trabalhar.

PAI

E o filho da Lurdes aí? Vai querer me matar ainda?

NAMORADO

Vou arrumar minha vida. A gente vai ter um filho.

PAI

Pena que eu não vou estar presente prá levar meu neto lá no campinho.

FILHA MAIS NOVA(saindo)

Nem o senhor, nem o tio Aparício.

NAMORADO

Mas pode deixar que eu vou levar o garoto. Ele vai jogar um bolão. (sai)

PAI

Se tu ensinar o que eu te ensinei, eu tenho certeza, tenho certeza que ele vai ser um homem, um homem dos bons, igualzinho ao avô. (Rindo. trocando os canais) Igualzinho. Igualzinho mesmo.

*BLACKOUT*

*CENA FINAL: TODOS EM VOLTA DO PAI. ELE PEDINDO CHÁ E O CANAL PORNÔ.*

FIM

**O VIOLADOR****(2004)****Primeira parte**

*Rua. Dois amigos caminham pela noite. Eles se dirigem para a casa de um terceiro. O primeiro vai a contragosto, sendo quase arrastado pelo segundo. Discutem.*

AMIGO 1

Tu não tinha outra noite prá arrumar tua vida não?

AMIGO 2

Tem que ser hoje. Hoje eu resolvo tudo.

AMIGO 1

E ainda me arrastar prá isso...

AMIGO 2

Foi tu quem quis vir. Agora vai comigo até o fim.

AMIGO 1

Mas eu não sabia que esse fim era tão longe.

2

Nós já tamo chegando. Não reclama.

1

Reclamar eu? Tá tudo muito bem. Nunca estive melhor...

2

Eu preciso que tu venha comigo, entendeu? Eu preciso!

1

Eu não sei onde isso vai dar. Até agora tu não...

2

Ali ó: olha a casa do cara.

1

Vê lá, heim: esse cara não é fresco não?

2

Quem?

1

Tu não tá me levando prum...

2

Se o cara é fresco, viado, bicha ? É disso que tu tá com medo?

1

Medo?

2

É por isso que tu não...

1

Eu não tenho medo disso. Eu...

2

Prá te acalmar, o cara é um fresco, um enorme de um fresco, fresco por todos os lados. Tu nunca deve ter visto um cara tão fresco como esse!

1

Tá brincando!...

2

Não, sério. Tu vai ver.

1

E tu tá me levando lá?

2

Tu vai aprender na marra a ser homem. Vamo ver se tu agüenta.

1

Tu me tira de casa, me faz andar um tempão prá chegar na casa, na toca de um cara desses. O que que tu quer?

2 (Na frente da porta. Pronto para tocar a campainha.)

Se se segura! Não tem problema não. Tu tá comigo.

1

A gente pode ir embora, a gente pode desistir disso. Vamo, vamo!

2

Eu não vim até aqui prá voltar. Daqui prá frente não tem retorno não. (Toca a campainha. Soa uma melodia discoteca anos 70.)

1

Que merda é essa! É boate gay é!?

2

É, é gay, é bicha, é fresco, é tudo o que tu sempre quis!

1

Tu tá se divertindo, não é!? Tu tá é aprontando prá mim! Tu sabe que eu não gosto dessas coisas!

2(Toca a campainha novamente)

Não gosta! ... então prá que esse pavor todo?... Por que que tu ...(Ouve-se uma voz dizendo ‘ já vou’ e os passos de chinelas )

1(Virando-se para sair..)

Tchau! Fica aí com essas...

2 (Segurando o amigo)

Tu não vai...(Abre a porta um homem alto, gordo, barbudo, peito cabeludo, água escorrendo, como se tivesse saído do banho. Ele vem dentro de uma toalha cheia de flores presa na cintura.)

3 Mas não dá prá esperar nem...

1

Ah não !

2(para 1)

Não disse?

3

Mas... você?!(Surpresa, uma felicidade meio sem jeito.Dá um abraço em 2. Bate firme nas costas dele. Sons) Há quanto tempo, heim? Que bom te ver! Entra, entra. E o teu amiguinho aí ? Como é que tá? (Vai abraçar 1. Este estende a mão. Mas o 3 faz os mesmos cumprimentos que fez com 1.). Por aqui. Sentem. (Para 2.) Quando tu ligou dizendo que ia aparecer eu não esperava que...

2 (Sentam-se 1 e 2 em um sofá. E 3 em uma poltrona. O 3 cruza e descruza as pernas quando fala, mostrando sua cueca vermelha.)

A gente decidiu de repente.

1(Resmungando)

A gente... (Levantando-se) Se quiser, a gente volta outro dia.

3(para 2. Gestos com a cabeça.)

Qual é a de teu amigo?

2

Deixa ele. Eu precisava falar contigo. Então eu...

3

Pois é.... desde a faculdade! A gente aprontou muito, não foi? não tinha noite que..

1(Desconfiado. Olhando em seu redor.)

Faculdade? Faculdade de quê?!...

3(Levanta-se e vai pegar bebida)

Já entendi! Teu amigo aí tá querendo bebida! Se lembra que a gente fazia a mesma coisa? A gente não tinha dinheiro e...

1

Não tinham dinheiro e...

2

Daí a gente ia em tudo quanto era festa sem ser convidado, prá beber de graça até cair.

3

Era casamento, exposição, defesa de tese. Tudo. Não tinha noite que a gente não...

1

Exposição, não é? Arte...

2(Como que repreendendo 1)

É, exposição!

1

Igual a essas coisas aí na parede...

3 (Chega com a bandeja com belos copos coloridos e uma garrafa de Campari. Serve as bebidas.)

É, isso: quadros. Quadros!

2

De tanto ir naquelas coisas tu foi tomando jeito prá coisa!

1

Muito jeito. Obrigado!

3

Bons tempos, bons tempos! A gente podia fazer o que queria.

1

Se liberar, não é? Conhecer o mundo...

3 (Fala para 2, excluindo 1 da conversação)

E o que que tu faz agora? Conseguiu se formar?

2 ( 1 se levanta se vai conferir os quadros e as estátuas da sala)

Consegui, consegui! Agora eu voltei prá faculdade prá fazer pós- graduação.

3

Tu voltou prá lá? Eu não quero passar nem perto daquilo!

2

Nem eu queria. Mas eu precisava. Por isso eu vim te procurar.

3

Mas não tinham fechado...

2

É outro curso! Novo! Mudaram tudo. Tiverem que mudar.

3

Sei...

1 (pára diante de uma escultura que parece um falo.)

Isso aqui é...

3

Pega e descobre! (riem 2 e 3. O 1 olha com censura para os outros dois e continua sua visitação.)

2

Eu tinha que voltar lá, cara, de qualquer jeito!

3

Depois de tudo que aconteceu... eu nunca esperava que...

2

Não consigo, cara, não consigo esquecer.

3

A gente devia ter feito alguma coisa na época. Agora é tarde...

2

Não, não diga uma coisa dessas. Não é tarde não, nunca vai ser tarde!



1(voltando do passeio)

Cheia de coisinhas a tua casa não é?

3

Se tu quiser eu te arranjo umas!

2

Deixa, deixa o cara!

3

Quem é ele?

2

Faz curso lá comigo.

3

Tu contou alguma coisa ? Ele sabe...

1

Contou, falou tudo. Eu não tenho preconceito. Desde que tu...

2(Para 1, estranhando)

Não, eu não falei nada.

1

Falou sim. Eu não tenho nada a ver...

3

Contou ou não contou?

1

Pode ficar tranquilo, eu não vou dizer prá ninguém que tu...

3

Eu? Eu não fiz nada? O que que tu disse prá ele? Fala! Fala!

2(para 1)

Por que que tu fica inventando essas coisas? Por que que tu...

1

Mas foi tu mesmo quem disse que o cara...

3

Vamos acabar logo com isso! Daqui a pouco minha mulher chega e eu...

1

Mulher?

2

Tu casou e não me disse nada?

1

Mas tu não era...

3

O que que eu era?...

2

Também, como tu ia me encontrar depois de todos esses anos...

1

Mas o cara é ou não é?

2

Então tu casou!

3

Casei, casei. E tenho duas filhas já.

1

Então tu é casado... e tu gosta de...

2

Duas filhas?

3(Para 1)

O que tu tá querendo dizer?

1

Nada. Foi ele quem disse. Foi ele...

( 3 e 2 se olham e começam a rir. ) Tão rindo de quê? (Vendo a situação de 1, eles gargalham e bebem). Tão rindo é de mim, seus frescos? Tão rindo? Vocês tão juntos nessa é? Bem que eu não queria vir. Eu sabia que tu ia me aprontar alguma. Seus frescos!

3

Então tu pensou que eu era...

1

Ele me disse. Daí tu abre a porta de toalhinha. Então eu pensei: pronto, dessa eu não escapo. Mas não vai ser fácil. Vou me defender até o fim.

3(Ainda rindo)

Era o que a gente devia ter feito.

1

Porque, se tem uma coisa no mundo que eu não iria suportar...

2

Tá bom, tá bom!

1

Se tem uma coisa pior no mundo, eu acho que...

2

Chega! Chega

1

Seria sentir no pescoço o bafo de um....

2

Cala boca! Será que tu não consegue ficar um minuto sem...

3

Hei, hei: já deu, já deu! Vamo parar!

1(Se servindo. Mais agressivo e misterioso. Para 2.)

Seu fresco de merda!

2

Que que é?

1

É isso que tu ouviu! Pensa que eu não sei?

3

Calma pessoal, daqui a pouco minha mulher e as crianças chegam...

2

Então fala, fala o que tu sabe! Se é que tu...

1

Lá na faculdade o pessoal comenta. Não tem segredo não.

2(para 1)

Fala, seu merda, comenta o quê?

3

Mas já faz muito tempo. Daquela turma ninguém mais...

1

Ninguém? Ninguém o cassete! Tá todo mundo lá. Todo mundo...

1

Então fala, já que tu sabe tudo! Nem precisava eu ter vindo aqui já que tu...

3(Rindo.)

Não tá vendo não? O cara tá te sacaneando! Tu aprontou com ele e ele..

1( Rindo.)

Tu pensava que ia se dar bem nessa, é?

2

Seu fresco de merda!

3

O cara te pegou direitinho.

2

Não sei como cai nessa! (Para 3.) Tu sabia? (Para os dois.) Vocês tão juntos nessa?

1

Eu já não tava mais agüentando. Imagine, tu sai de casa e vai parar num lugar como esse.

3

Como assim? O que tem de errado...

1

Esse apartamento é muito fresco! Tu me abre a porta de toalhinha florida, depois fica mostrando essa sunguinha vermelha e me serve campari? ... O que que tu queria eu pensasse?...

2

Mas como tu é observador...

3(Se aproximando como para um ataque sensual.)

Tava de olho, não é, gatão? Tava de olho em mim. Vem, vem pro teu macho! Eu tenho um negócio prá tu...

1

Sai, sai que eu não gosto dessas brincadeiras.

2

E quem é que tá brincando? A gente tá aqui, tudo fechado. Ninguém prá nos atrapalhar. Não é o que tu queria: não é o que tu sempre quis na vida?

3(Prende o 1 pelos braços. 1 tenta se livrar.)

Vem cá, garotão. Eu vou te mostrar como é ser homem de verdade.

1

Sai, sai: tua mulher já vai chegar!

2

Segura, segura. Vamo tira as calças dele, vamo. Ele tá gostando, ele quer é mais.(Começam a tirar as calças dele.)

1(Para 2.)

Tu é louco? Foi por isso que tu me trouxe aqui, seu fresco? Tu vai me pegar a força ?

3(Para 2.)

Tira, tira tudo que eu seguro o cara!

2(Para 1.)

Tá com medo? Tá ainda como uma bichinha apavorada?

1(Ficando desesperado)

Parem com isso! Parem com isso!

2

Olha a cuequinha do cara! Esse ta pedindo!

3

Quem é o fresco agora, heim? Quem?

2(Para 1.)

Fala, fala o que tu sabe!

1

Tudo bem, tudo bem!

3

Diz assim “ Eu sou a mulhezinha de vocês. Eu me rendo.”

1

Eu falo, eu falo.

2

Então fala, seu fresco!

1

Dá doendo meu braço, dá doendo!

3

Vai doer outra coisa se tu não falar!

1

“Eu...eu...

2

Mas que fresco mais vagabundo esse...

3

Fala, fala: senão eu te rasgo todo!

1

Eu sou... eu sou...

(Toca o telefone. 3 larga 2.)

3

Minha mulher!

1(Pega bebida. Fala de com todas as sílabas.)

Eu- sou- é- mui-to- ma-cho, seus frescos de merda!Muio é macho!!!

2

O cara é difícil ...

1(Motivado pela vitória.)

Tão pensando o quê? Que é só me assustar que eu entrego tudo?

3(Atendendo o telefone.)

Alô! Oi amor!

2

Entrega o quê? O que que tu já não entregou que...

3

(para eles) Querem parar!(Volta para a mulher) Não, não: tudo bem. Eu pego vocês. Não tem problema.

2

Tu não sabe de nada! Prá que se fazer de entendido...

1

O que tu queria que eu fizesse? Tu tá comigo ou não?

3

Tá, tá: até daqui a pouco. Um beijo. Tchau. (Desliga.)

2

A gente não veio aqui prá...

3

E vieram prá que então? (Para 2) Tu contou prá ele?

1

Contou o quê? O que que vocês tanto escondem?

2

Nada, nada.

3

A gente tem um tempo ainda. Depois tenho que pegar minha mulher e minhas filhas no shopping.

2

A gente não vai demorar. Eu só queria saber se tu tem o endereço do Professor.

3

Qual ? Não me diga que tu...

2

Não, não: é o outro.

1

Não tô entendendo nada. Tu me tira de casa, me traz prá esse fresco e...

3

Péra aí: calma lá!

1

O que é que ta havendo? Prá que esse mistério todo?

2 (Se servindo de bebia.para 3)

Tu tem ou não o endereço do cara?

3

Esquece. Deixa esse negócio prá trás. Prá que tu quer mexer nisso?

2

Eu preciso, viu? E tem que ser hoje. Tu não é meu amigo?

3

Isso vai dar sujeira. Eu tô noutra. Tá vendo minha vida agora?

2

É, as coisas ficaram boas prá você. Mas não prá mim. O endereço, fala!

1

Do professor? Qual professor? É alguém da faculdade?

3

Já se aposentou. Melhor, foi afastado, convidado a se retirar...

2

Prá essa conversa, heim?

3

Calma, a gente tem tempo. Tu me aparece do nada depois de todos esses anos e não quer bater um papinho, se divertir, lembrar umas coisinhas? Tu não é meu amigo não?

1

Isso mesmo! O cara só pensa nele!

2(para 1)

Se tu soubesse o que houve, não tava dizendo tanta besteira.

1

Ué, então me conta!

3(Para 2.)

A gente se divertiu muito, não foi?

2(Senta-se.)

Esse endereço ta é me me dando muito trabalho...

1

E o professor? Quem é? Eu conheço? O que ele fez?

3

Quando a gente é novo, topa qualquer coisa. Naquela época, a gente podia fazer o que quisesse. A gente e eles.

2

Qualquer coisa mesmo!

3(para 1)

Quando tu era criança, tu lembra do que acontecia quando só ficavam os meninos?

1

Como é que é?

3

Ninguém esquece. Tu não conta prá ninguém. Tu cresce com aquilo. E um dia isso acontece de novo.

2

Menino é mau, não presta.

3

Nada disso. É bicho. É como tem que ser. Os mais fortes, os mais fracos. Aquela história...

1

Sei, sei. O pior é ser gordinho e chorão. (Para 3) Tu devia ser a festa da molecada.

3



Num aniversário, festa, natal, enquanto os adultos enchem a cara e conversam, todos os meninos vão para um quarto, uma garagem. Fecham as portas. Apagam as luzes. Tiram as roupas. E daí no escuro começa a luta, a grande brincadeira.

2

Se o cara reage, se o cara tá sozinho, se o cara fica com medo, se o cara chora – pior prá ele. Todo mundo vem prá cima do cara.

3

E não adianta gritar ou fugir. A noite é longa. Os adultos estão bêbados. E você precisa voltar prá casa uma hora. O melhor a fazer é agüentar ali no quarto, na escuridão. Até tudo acabar.

1

Eu... eu não tive essas coisas não. Eu morava com minha vó.

2

E os vizinhos? E a rua? Vai me dizer que não tinha uma rua?

1

O que que tá havendo? É outra brincadeira é? (3 passa a mão na bunda de 1)  
Epa! Seu fresco! Eu sabia! Eu sabia!

3

Não era assim que tu brincava lá na tua rua? Tu não tirava uma lasquinha? Tu não conferia o que era teu ?

1

(Para 3) Fresco de merda! (para 2) Prá onde tu me trouxe, heim? O cara não tem mulher não, não é? É tudo mentira! Mentira!

2

Se a gente apagar a luz, fica igual quando a gente era menino.

1

Vamos embora! Eu não tô gostando (3 passa a mão de novo na bunda de 1)  
que merda é esaa! Eu vou bater nesse cara! Ah eu vou!(Vai para cima de 3.)

2(Separando os lutadores.)

Tu não sabe brincar não?

1

Essa brincadeira não!

3 (Vai se sentar e se servir de mais bebida.)

Mas tu protege muito esse traseiro! Deve ter tido muita experiência desagradável aí!

1

Seu fresco! Tu é que deve ter...

2(Larga o 1 . Rindo.)

A gente tá parecendo menino!

3

Quer que eu apague a luz?

1

Eu não tenho medo não! Pode apagar! Quero ver alguém chegar perto de mim!

2

Olha, tu é o mais novo, o mais fraco! A gente é dois...

1

Então tu vai é ficar do lado dele?

3

Como tu acha que as coisas funcionam? Sempre tem que ter covardia. Lembra, tu sabe bem como era. Sempre era mais de um contra o coitadinho da vez. Depois trocava.

2(Perto da parede.)

Então vamos pegar ele! (Apaga a luz. Os dois correm contra 1 e o derrubam no chão, rolam, trocam tapas, chutes, até que o imobilizam.)

3

Tu se rende? Tu se entrega? Fala! Fala!

1

Não, não!

2 (Para 1.)

Desiste, vai, desiste!

1

Me larga, me larga! Deixa eu sair daqui que eu...

3

Vamo amarrar a boca do cara.

2

Aproveita e tapa os olhos dele!

3

Seus frescos, seus frescos!(Vendam os olhos e a boca de 1)

3(Para 2. 3 fica com os joelhos nas costas de 1. 1 tem suas mãos puxadas para trás.)

Vai lá na geladeira e traz o negócio!(2 sai e acende a luz) E agora, heim? Pensou que ia se livrar? Pensou que era fácil? (1 se movimenta tentando se libertar) Calminha, calminha: tu não vai a lugar nenhum. A gente é que vai se divertir contigo. Não adiantar se sacudir. Tu tá preso, tu tá seguro. Relaxa, senão é pior! (Para 2 que vem chegando com ovos)Traz, traz. Me dá aqui. (Abaixa a calça de 3) Que bundinha heim! Tu tá comendo muito feijão. Agora tu vai sentir o que tu sempre quis. Agora tu vai virar homem de verdade! (Derrama o ovo na bunda de 1, bate com mão forte nas calças e o larga, tudo acompanhado pelos risos de 2 e pelos gemidos de 1. )

1(Em um pulo)

Que merda é essa! O que vocês fizeram...(Coloca a mão dentro das calças e tira a meleca que escorre em seus dedos.) O que é isso, seus frescos? O que é isso?

3

Vai me dizer que tu não sabe?

(1 aproxima a mão do nariz e cheira. 2 cai na gargalhada. Após saber o que é, 1 ri um pouco e joga a meleca nos outros dois. Depois corre atrás deles para sujá-los no rosto e na bunda, tirando mais meleca de dentro das calças. Ao fim, descansam no sofá, na mesma posição em que estavam antes sentados.)

3(para 2)

Lembra de uma festa na casa do professor, quando a gente dormiu lá pela primeira vez?

2

Nunca vou esquecer!

3

Pois é, a gente acordou com batidas na porta. Eu fui abrir e era minha namorada, a minha mulher. Assim que ela me viu começou a brigar comigo. E eu sem entender nada. Nisso esse animal (Aponta para o 2) chega e ela, que estava louca de raiva, de repente pára com o escândalo e começa a rir sem parar.

2(apontando o 3)

É que ele tava com batom na boca e no rosto. E eu também. Enquanto a gente dormia, fizeram a festa.

3

É. E enquanto ela ria, eu senti um negócio escorrendo em minhas pernas.

2

Eu também.

3

E a gente no maior desespero, na frente dela, enfiando a mão no traseiro e tirando essa meleca, essa clara de ovo.

1 (Mexendo pouco a vontade no sofá.)

Sei, sei: sei como é. Agora foi comigo.

3

Tem que passar adiante. Tu é novo, tu tem muito tempo prá colocar um no teu lugar.

1

Onde é que é o banheiro?

3(Aponta. 1 sai.)

Se queria segredo, prá que tu trouxe o cara?

2

Não quero ir lá sozinho, entendeu? Me dá lgo esse endereço!!!?

3

Por que tu acha que eu teria o endereço depois de todos esses anos?

2

Não vem não: tu sabe, tu se defende muito bem. Tu sempre se defendeu. Quando estourou a merda, tu se livrou direitinho.

3

E o que tu queria que eu fizesse? Eu tava quase noivo, precisava trabalhar, precisava do diploma.

2

E daí sobrou tudo prá mim, não é? Tudo!

3

Cara, todo mundo lá tinha alguma coisa, alguém prá se segurar. Quando apagaram a luz, tu era o mais fraco na hora.

2

Sei . Daí veio o processo todo, a imprensa, o julgamento e eu ali, as pessoas sabendo o que tinha acontecido. Vergonha, vergonha!

3

Mas passou, passou! Que merda: prá que que tu quer entrar nessa porcaria outra vez ? Esquece! Deixa prá trás!

2

De jeito nenhum! Eu quero ver o cara. Eu quero falar como ele. Me dá o endereço do professor que depois o professor me ajuda a chegar no cara. Eu quero ir até o fim.

3

Não, não vou dar a merda de endereço coisa nenhuma!

2

Por que? Tá com medo que sobre prá você?

3

Não é isso. É que...

2

É claro que é. Já pensou tua mulher, teus clientes, tuas filhas, todo mundo descobrir que...

3

Eu não tenho nada a esconder, ouviu? Nada!

2(Pega o telefone.)

Então liga, liga agora prá ela. Fala prá tua mulher. Tudo. Conta o que fizeram com a gente, conta toda aquela podridão. Depois conta também que, quando estourou a merda, tu foi o primeiro a fazer acordo e negar tudo, deixando teu amigo levar nas costas sozinho.

3(Pega o telefone. Começa a discar)

Tu quer que eu conte, é? Tu acha que eu não sou homem o bastante prá fazer isso ? Tu acha que eu te larguei? Pois eu vou contar, eu vou dizer tudo. Daí tu vai ver...

2 (Desliga o telefone)

Não precisa. Deixa disso. Eu sei que tu tava comigo.

3(Tira a mão de 2 do telefone. Começa a discar nervoso. Erra os números.)

Não, chega. Eu vou até o fim também. Não agüento mais essa merda! Não agüento mais tu me culpando.

2

Não adianta. Agora é tarde.

3

Tarde? Nunca é tarde! não foi o que tu disse?! Eu não vou viver com isso!  
 Não é o que tu quer? Não é o que tu precisa?

2

Olha: calma!

3

Agora, depois desses anos todos tu chega aqui me acusando e exigindo e eu não vou fazer nada?

2 (2 Coloca a mão sobre a mão de 3)

Não é contigo, viu, não é contigo que eu tenho que ver. (Entra 1 resmungando.  
 Vê a cena.) A gente era novo... a gente não sabia...

3(mãos na cabeça, certo desespero)

Se eu pudesse voltar atrás ... se eu pudesse...

2

Tu agora sabe um pouco como eu me sinto. Todos os dias isso na minha cabeça... mas esquece, deixa prá mim, deixa que eu ...

1(entrando. Vendo os dois amigos.irônico)

Huumm...O campari já tá fazendo efeito. Querem que eu apague a luz?

3(para 1)

Por quê? Tu quer levar na bunda de novo?

1

Esse negócio prega! Tem que limpar rápido. Agora como eu vou sair na rua com as calças grundando..

3(Para 1)

Então tira as calças. (2 rindo) Tu já tem um jeito meio fresco...

1(para 2)

Tá rindo é? Tu não vai me ajudar? Tu não vai fazer nada?

2(Para 1)

Tu leva muito a sério. Isso aqui não é nada!

1

Nada?

2

Nada, nada!

1

Então tu se faz de meu amigo, a gente envolvido nas coisas da faculdade, estudando, discutindo, e daí um dia tu chega prá mim e diz: “ Hoje a noite eu preciso resolver umas coisas mas não posso ir sozinho. Tu vem comigo? Tu tá comigo nessa?” E eu, sem pensar, respondo que sim. E então tu me traz pruma merda dessa...

3(para 1)

Péra lá, tu tá bebendo de graça...

1

E pra que? Pra tu ficar se divertindo comigo, me pegando, me sujando e depois ficar aí dizendo que não é nada, nada? Tu só pode tar brincando!?

3(para 2)

É, o cara merece uma consideração.

2(para 3)

E tu quer o quê? Que eu conte tudo?

1

Olha, qualquer coisa que tu falar não vai mudar nada. Eu já vi muita coisa nesse mundo. Eu já fiz coisa que até eu duvido.

2

Não, tu não viu nada como isso.

1

Tô falando. Pode contar. Não é pela curiosidade não.

3 (para 1)

Então tu é experiente, esperto.

1

Acho não: sou

3

Então tu acha que agüenta tudo.

2

É o malandro, garotão, 10 anos de praia.

1

Isso, acertou: 10 anos de praia.

3

Pois vou te contar o seguinte: tava um cara assim como tu, cheio de esperteza, tomando banho de sol na praia, de olho em tudo que passava ...

1

Essa eu já conheço.

2

Então ouve e aprende.

3

Daí chega do nada um coroa e pergunta se pode passar bronzeador no garotão esperto.

1

Vai continuar contando?

2

Presta atenção, presta atenção.

3

E o garotão, sabe como é, dez anos de praia, aceitou. Depois o coroa convidou o garotão para ir pro apartamento, tomar um uísque, um campari.

1(Enquanto o 2 ri)

E o garotão aceitou. Dez anos de praia, sabe como é que é...

3

Chegando lá, ficaram bebendo. Daí o coroa perguntou se podia fazer uma massagem no garotão esperto...

1(2 ri mais)

Dez anos de praia, sabe como é que é...

3

Depois da massagem, o coroa chamou o garotão prá ir pro quarto e (gesto e som de sexo) o garotão.

2(Rindo mais ainda)

Ué, mas o cara não tinha dez anos de praia?

1(com desânimo, como que citando)

É, mas o coroa tinha 30, 30 anos de praia ( O 1 gargalha. 3 ri com intensidade e faz os gestos e som de sexo. 1 não participa dessa felicidade.) Merda de piada! Não sei porquê vocês tão rindo.

2 (Chorando de rir)

Dez anos de praia!

3

Deixa de ser chato!

1



Piada velha! Não sei como vocês conseguem! E nem é assim que se conta. (para o 3) Tu devia falar como se fosse o garotão, como o cara que foi passado prá trás pelo coroa. A graça da piada tá nisso: no cara mesmo que conta a história se fazer de esperto. Ele todo confiante, indo até onde não podia e a gente acreditando que ele vai dar conta da situação. Até que o que a gente não esperava ou não queria acreditar acontece. (repete gesto e som de sexo do 3) A graça tá nisso: no cara que conta a história se dar mal.

3

Então por tu não contou já que sabia tanto?

1

Eu não sei contar piada. E piada repetida eu...

2

Tu é tem medo dessas coisas. Tu não quis ouvir porque tu tem medo. Tu é o garotão esperto que o coroa (gesto e som do sexo).

1

Se eu sou o garotão,(para 2) tu por acaso é o coroa?

3

Isso parece aquela brincadeira de medir o tamanho do pinto. Vocês já fizeram?

1

Que merda! Tu só fala dessas coisas! Tu não cresceu não?

2

Não disse que o cara tinha medo?

3

Garoto esperto, dez anos de praia...

1

Toda hora é a mesma coisa. Toda hora vocês me...

3

O lance é sempre ter o pato da vez. Tu é o pato. E a gente se diverte...

1

Que que é agora? Vai me pintar com batom? Vai apagar a luz?

2

Tu não sabe de nada, viu? nada.

1

Ué, então me conta!

2

Tu acha que é só isso, brincadeira de menino... gozação?

3

A gente pensa que um dia as coisas vão passar e então...

1

Do que vocês tão falando?

2(Senta-se. Desânimo.)

Ainda bem que tu não sabe, viu? Ainda bem. Eu queria que nada disso tivesse acontecido. (Abaixa a cabeça. Mãos no rosto.)

1

O que que é que eu não deveria saber?

3

Quando eu olho minha mulher, cara, quando eu olho minha filha... sabe eu...

2

É por isso que eu tenho que ir lá entendeu? É por isso.

1(pega bebida)

Só porque eu não ri da piada...

3

Quando eu olho para elas, dá vontade de enfiar a cabeça na terra, de sumir. Dá vontade de contar tudo e sair correndo, tá me entendendo?

2

Eu indo lá pelo menos vou falar tudo, tudo. Ele vai ter que me ouvir, ah vai ter.

1(rindo)

10 anos de praia!

3

Um beijo! Um beijo!

2

Me dá o endereço do professor!

1(rindo)

O coroa ... 30 anos de praia!

3

Eu nunca mais vou poder beijar...

2

Vamos acabar com isso! Me dá o endereço!

1(Gargalhando. Pega)

Lá no quarto, o coroa no garotão (pega uma almofada e simula o fim da piada. gesto e sons de sexo.).

3

Não, não: eu não posso, eu não posso fazer isso!

2

Me ajuda, cara, me ajuda: contigo ta tudo resolvido.

1(Gargalhando, gestos e som de sexo. Toca o telefone.)

Garoto esperto...

3 (Atende o telefone. Fragilizado.)

Alô! Filha! Papai te ama! Papai te ama! Que saudades! Que saudades! Papai não vai deixar nada de mal acontecer com você, viu? nada, nada. Me dá um beijo, um beijo. Dá um beijo no papai. Que saudades, minha filha, que saudades!

2

E tu: pára de comer a almofada!(vai para tirar a almofada do outro\_

3

Oi meu amor: que saudades, que saudades! Eu te amo! Eu te amo! Eu queria de beijar agora, meu amor, agora. Eu preciso tanto de um beijo, eu preciso tanto!

2(tenta tirar e não consegue. O 1 só rindo)

Não tá vendo que isso não tem graça nenhuma!

3

O que tá acontecendo? Não tem nada acontecendo? Você acha que tem algo acontecendo?

2

Me dá essa merda!

1

Me larga, me deixa em paz!

2

Tá pensando que pode fazer o que quer?

3

Não, eu não to bêbado! Não é isso! Não briga comigo,por favor! Um beijo, meu amor! Só um beijo! Eu te amo! Eu te amo!

1

Sai daqui seu fresco!

2

Fresco! Eu vou te mostrar quem é o fresco aqui!!!!(Brigam. Rolam! Porrada.)

3

Eu não fiz nada, meu amor! Nada! Eu não sei de nada! Eu só queria que você estivesse aqui! Eu amo vocês duas! Eu amo! Eu amo!

2(Imobiliza 1)

Quem é o fresco agora? Quem é o fresco?

1

Pára, pára: ta machucando!

2

É prá machucar mesmo! Nunca mais me chame daquilo, viu?

Do quê? De fresco? Seu fresco! Fresco!(2 enfia a almofada no rosto de 1, para tentar silenciá-lo.)

3

Não tem que explicar nada não! Eu já to indo. Eu pego vocês. Não, não precisa de táxi. Eu to bem! eu pego vocês. Beijos! Beijos, meu amor. Eu te amo! Eu te amo! Eu amo vocês, eu amo vocês! (Desliga. Está desfigurado, olha o sufocamento sem fazer nada. Até que 2 se cansa e 1 diminui sua resistência quase desmaiando. Todos estão exaustos. Param com tudo. Silêncio. Olhares mortos. Som da respiração. Aos poucos 1 se restabelece e ainda no chão, com as mãos na garganta, fala:)

1(para 2)

Tu não sabe brincar não? Tu queria me matar de verdade!!?e verdade!!!

2

Se não agüenta, não provoca.

1

Eu já tava desmaiando. Não sabia que tu era capaz de...

2

Tu é que é fraco! Não dá prá essas coisas!

1(para 3)

E tu: nem prá ajudar! E se eu tivesse...

3(para 2)

Tu acha que ela sabe? Que ela desconfia de algo?

1

Se eu tivesse desmaiado, sei lá o que vocês iam fazer comigo...

2(para 3)

O que a gente não quer esconder, a gente mostra. Não tem jeito. Na cama dá prá saber tudo.

1

Eu lá no chão, jogado, esse campari...Tenho até medo de pensar no que...

3(angustiado)

Então tu acha mesmo que ela... que eu ... na hora... na cama... que eu...

2

Tu achava que ia ficar livre é? Tu achava que ninguém um dia ia perceber...

1(Abraça a almofada como se ela fosse uma proteção, ou algo a ser protegido)

Vocês por acaso não...não, vocês não fariam isso... um cara desmaiado ali no chão... não, vocês não...

3 (Sentindo-se sujo. Passa as mãos pelo corpo)

Não fale mais nada, nada! que vergonha! Que vergonha! Por que? por que que isso aconteceu com a gente! Como é que eu vou olhar para minha filha? Ela sabe, eu tenho certeza que ela sabe. Eu vejo nos olhos dela. Ela com medo, com tristeza, com nojo de mim! E minha mulher?... todos esses anos! todos esses anos...

2

Viu? Agora tu ta entendendo porque eu tenho de ir lá. Me deixa fazer o que precisa ser feito. A gente não pode ficar com isso aqui dentro...

1

Só alguém muito ruim prá fazer isso. Só alguém que já não se importa com nada, que ... eu nem consigo imaginar alguém assim.. Só um doente ... um monstro prá chegar a fazer uma coisa dessas e gostar.

3

Eu vejo agora todo o sofrimento que eu venho causando prá minha família. Elas sabendo de tudo e tendo que ficar perto de mim, como umas condenadas. Olha o que eu fiz, cara, o que o eu fiz? Eu acabei com a vida delas!

2

Mas tem jeito de remediar isso, tem jeito. A gente tem que enfrentar, a gente tem que ir lá, olho no olho, e dizer tudo.

1

E ninguém prá ajudar, ninguém! O cara lá no chão sendo currado e todos olhando, olhando. (para os dois )Eu tenho nojo de vocês! Nojo!

3

Me ajuda, cara, me ajuda! Agora eu entendi tudo, tudo! Como é que eu vou poder olhar no rosto delas outra vez ?!!!

2

Me dá o endereço! O professor vai dificultar, mas depois ele fala. Daí a gente vai saber onde o monstro se esconde,o outro, o pior de todos.

1

Seus frescos de merda! frescos!

3(levanta e vai procurar no armário o endereço)

Então faz isso! Me ajuda, me ajuda por favor

1

Eu vou embora!

2

A gente ta indo. A noite é longa.

3

Ta tarde.O professor não vai receber vocês.

1

Mas quem disse que eu vou junto?

2

Claro que vai receber a gente . Ele ta é nos esperando. Nem dorme mais. Depois de tudo, ele continua nos esperando. Um cara como esse deve ficar acordado o tempo inteiro.

3 (Voltando com um cartão de natal)

Aqui. Achei.

1

Eu não vou a lugar nenhum até vocês...

2

Um cartão de natal? Ele teve a ...

3

Quando recebi, quase desmaiei. Depois de todo esse tempo...

1(Pega o cartão)

Quem é esse cara?

2(tenta pegar de volta)

Me dá aqui!(Rasga o cartão) Viu o que tu fez?

1

Eu? Foi tu quem puxou!!

2

Dá prá ler... dá prá ler... parece um...

1

Não tô entendendo nada!

3

Um pedido de desculpas!

2

Isso. (para 1) me dá a outra parte!

1

Não dou não, seu fresco. Só depois que...

2(batendo em 1 com o seu pedaço de cartão)

Quantas vezes eu tenho que dizer prá tu não me chamar de...

3

O professor deve ter mandado isso prá todo mundo.

2(pegando e juntando as duas partes)

Como se adiantasse alguma coisa.

1

O que ta escrito? Fala! (indo para pegar o cartão inteiro.)Não sabe ler não?

2(vira o corpo para evitar que 1 pegue o cartão)

Sai, sai!

3

Depois de tudo, um cartão de desculpas!..

1 (Passa a mão na bunda de 2 que, surpreso, vira para reagir. Nisso, 1 pega o cartão.)

Agora tá comigo, seu fresco! (sai correndo)

2(Com raiva, indo atrás de 1)

Eu vou te mostrar que é o fresco!

3(Rindo. Se servindo de mais campari)

Pega! Pega o cara!

1

Tu pensou que ia passar a noite me enrolando, não é?

2

Me dá! (Esbarram nas esculturas ambíguas da casa.) Tu não sabe no que tá se metendo!

3

Cuidado com minhas coisas! Cuidado!

1

Esse mistério todo! Isso só pode ser coisa de fresco! Fresco!

2

Não tô brincando não! (derrubam e quebram as estátuas) Me devolve esse cartão agora!

3

Lá se foi mais uma! Seus frescos de merda! seus frescos!

1(diminuindo o passo)

Se tu não deixar eu ler, eu vou rasgar isso, viu? vou rasgar!

2(cercando 1)

Não se mete nisso! É pro teu bem! Não se mete!

3(desanimando-se)

O que eu vou falar prá minha mulher!... Vocês... seus merdas! Seus merdas!...

1

Quem é o professor? Do que que tu quer se vingar? Fala! Fala senão eu rasgo!

2

Fica fora dessa, seu merda! Fica fora dessa!

3 (para 2)

Por que tu veio? Por que tu...

1

Foi na faculdade, não foi? foi quando vocês...

2(Para 3)

Não fala nada! não fala nada!

3

Eu não queria, tá me entendendo? Eu não queria!...

1

Não queria o quê, seu fresco? o que tu não queria?

2(se afasta de 1. Vai para consolar 3)



Ninguém queria, viu? ninguém! Nos obrigaram. Fizeram de nós a festinha deles. A brincadeira. A gente não teve culpa. A gente era novo. Não sabia de nada. Até quando tu me deixou com tudo na mão. Mas tu não fez por mal. eu sei.

3

Me perdoa? Tu me perdoa?

2

Escuta: eu não vim aqui prá exigir nada. Deixa comigo. Não se preocupa. O que a gente não fez daquela vez, hoje eu...

1(lendo)

“ Feliz natal, minhas coisinhas lindas, e um próspero ano novo. São os votos de quem não esquece vocês. Perdão, perdão. Beijos.” Mas que merda é essa, seus frescos!

2

Agora que tu leu, me dá o cartão!

1 (joga pra cima os dois pedaços do cartão que 2 procura recolher com todo cuidado.)

Vocês não têm vergonha, não? Metidos num negócio desses! É nojento! Nojento!

3

Eu sei, eu sei! É o que eu sempre digo!

2 (Lendo com felicidade e firme desígnio o cartão.)

Que é tu prá dizer alguma coisa?! Vai me diz que tu nunca....

1

Nunca o quê? O que tu tá querendo....

3

A gente luta contra isso, a gente acha que não é certo...

2

Não vem não! Tu sabe muito bem! Sabia desde que tu aceitou vir comigo! o que tu achava que...

1

Eu? Eu não achava nada, viu? nada, seu fresco!

3

Mas quando vê, é isso: é o que tu queria. É o que tu queria descobrir.

1

Como é que é?!!!Tô fora.

2

Mas no fim não tem diferença: tu ta fazendo a mesma coisa que a gente fez. Tu segue a gente. Tu quer o que a gente quis. Tu quer isso mais do que qualquer outra coisa.

3

Sei que é sujo, sujo... Mas eu como desejo ainda,como eu quero. Chego até a sentir saudades...

1

Nunca, nunca. De jeito nenhum.

2

Desde menino, o menino brincando.Lembra: Quem é o mais forte? Quem não tem medo? Quem foge correndo? E tu lá, sabendo de tudo, menino com os meninos, menino virando menina.

3

Eu sei que não devia, mas não consigo evitar. É mais forte, é tão forte que, quanto mais eu resisto, quanto mais eu...

1

Frescos, frescos: vocês são um bando de...

2(pegando uma almofada )

Daí eles te pegaram. Tu que fazia com os outros, agora vai sentir na carne. Um dia tu corre, outro tu fica. E assim vai, até tu crescer e achar que ta livre disso.(rasga a almofada) Mas lá dentro tu não esquece. Tá guardado, tá contigo. Que as coisas são assim. E tu sabe, tu fez, tu aprendeu, tu pode fazer de novo.

3

Sem culpa, sem culpa! eu preciso buscar minha mulher, minha filha! Saiam daqui, por favor. Saiam agora!

1(para 3)

Seu gordo de merda!....

2(para 2, tentando consolá-lo, a mão em sua cabeça)

Eu vou lá, eu vou...

3(afasta com força a mão dele)

Tire a mão de mim, seu merda! Chega! Não quero mais saber dessa merda! Vá embora e não me apareça mais aqui !

1

O fresco ta violento!

3( tira a toalha. Fica de mini sunga. Gira a toalha e começa a bater nos outros dois, espantá-los para fora. )

Saiam da minha casa! saiam agora! Entenderam?

2

Mas... mas....

3

Saiam daqui, seus merdas. Essa é a minha casa, ouviram? Minha casa! E é casa de homem! De um homem de verdade! E ninguém vai emporcalhar nada! Nada! Saiam seus frescos de merda!

1

Fresco eu? Ai! Péra aí! Cuidado! Isso dói! Isso dói. Ai! Ai!

2

A gente tá junto! Ai! Ai! A gente...

3

Eu nunca mais quero te ver na minha frente! Sai senão eu arrebento contigo! Eu não tenho nada a ver com isso! Saiam! Saiam da minha casa agora!

1

Ai! Ai! Eu não sou fresco! Ai! Ai! Eu não...

2

Ai! Ai! De novo! De novo tu me deixa sozinho! Ai! Ai! De novo!(Saem)

3 (abraçando-se na toalha)

E não voltem! E não voltem! Minha mulher e minha filha! Daqui a pouco elas chegam! Eu preciso olhar para elas! Eu preciso olhar sem medo! Eu preciso olhar e não ver o nojo, o horror brilhando nos olhos delas! Ah como eu preciso, como eu quero, como eu desejo

*Fim primeira parte*

**Parte segunda**

*Rua. Travestis oferecendo seus serviços. 1 e 2 vem andando, conversado.*

*Durante a conversa 1 evita vários assédios dos travestis.*

1

Já não chega a dor nas costas ainda tem esses frescos...

2

Cala a boca e não reclama. Devia agradecer por eu ter deixado tu vir comigo.

1

Agradecer? Tá brincando. Depois do que eu passei na casa do teu amigo gordo!... Agora que eu não te largo. Quero ver onde isso vai dar.

2

Eu pensava assim também. Olha no que deu.

1

Tu não me diz nada. Mas o tal professor vai dizer, vai contar tudo. Isso se ele estiver em casa.

2

Não tem problema nenhum: depois de tudo, ele nunca sai, nunca dorme.

1

Como assim não dorme!

2

Desde que a gente era calouro corria essa história. O cara sabia muito. Não havia coisa que a gente perguntasse que ele não respondia. Era a melhor aula da faculdade. Ao mesmo tempo, não havia festinha que você fosse que ele não estivesse lá. O professor estava em todas. Ou ele era mil, ou não dormia.

1

Então tinha muita festinha, heim? Muita brincadeira...

2

Era uma loucura. A gente virava noites e noites. Era farra atrás de farra. De dia nos livros, de noite descobrindo o mundo.

1

Sei, sei...e o professor atrás...

2

Não só ele: os outros também. Todo mundo junto, até amanhecer.

1

Todo mundo junto, bebendo... brincando... uma festa...

2

Depois do aconteceu, as coisas mudaram. Mais cedo ou mais tarde, aquilo ia acabar. Tinha que ter um fim.

1(Olhando para os lados.)

Tem certeza que é por aqui? Olha essa merda de endereço.

2

É por aqui mesmo. Eu tô sentindo.

1

Mas que faro, heim! Não esquece...

2

Se tu tivesse passado o que eu passei, tu...

1

Mais de jeito nenhum! Tô fora! Não quero isso prá mim. Tem certeza mesmo que tamos no caminho. Olha lá prá onde tu tá me levando. Não vai dar uma de...

2

Depois das festas, a gente saia pelas ruas correndo. Imagine um bando de calouros correndo pela madrugada, gritando, chutando o que viesse pela frente.

1

Lindo! Que romântico! As meninas voando...

2

Mas então a gente parou de correr e gritar. Foi quando tudo começou.

1(Pára para descansar.)

Olha de novo esse cartão! Deve ter alguma coisa errada! Eu não agüento mais andar. Tô cansado.

2(Conferindo)

É por aqui mesmo. Anda, anda.

1

Tô mais tempo na rua que...

2

É ali, ó. Bate a campainha.

1

Eu? Por que eu? O professor é que é teu amiguinho!

2

Bate que eu não tô preparado!

1

Não tá preparado? Seu fresco de merda! Tá com medo? Ta com desejo?

2

Não, não é nada disso. É que...

1

Eu não vou bater a campanha merda nenhuma! O que tu tá querendo fazer?

Por que a gente veio aqui? Não me diga que tu...

2

Que eu o quê?

1

O que é isso no teu bolso?

2

No meu bolso? Nada.

1

Que merda! Tu tá armado, é? Tu veio aqui prá dar um tiro no cara? Tu veio aqui prá fazer isso, é?

2

Não, seu merda. Claro que não. Eu só...

1

Fica com a mão no bolso! Não mostra a arma aqui na rua. Seu fresco! E me trouxe junto prá essa porcaria! Que merda! Que merda!

2 (Tirando a mão do bolso)

Mas eu só...

1

Não tira! Não tira! (2 mostra o cartão que havia guardado no bolso. A porta se abre. Sai um homem alto e gordo, vestido de coelhinho da páscoa rosa. Segura a cabeça da fantasia em suas mãos.)

PROFESSOR

Que confusão é essa! O que os meninos...(surpresa) Mas... mas o quê o senhor... o senhor (Se recompondo e olhando com desejo) Como é o nome mesmo? ... O que senhor está fazendo aqui?

1(para 2.)

Esse fresco é que é o professor? É disso que tu ta com medo?

2 (Para o Professor)

A gente veio fazer uma visita.

PROFESSOR

Pensei que o senhor tinha...

1(Rindo.)

Coelhinho da páscoa!

2

Tá indo prá alguma festinha?

PROFESSOR

O que eu posso fazer! Os meninos precisam se divertir...

1

Nunca vi um coelho com uma bunda tão grande!

2(Perdendo seu vigor diante do mais forte. Daí em diante, sente-se oprimido pela proximidade com o Professor, enquanto o Professor fica mais sedutor. Por outro lado, o Amigo 1 vai tomando as dores do 2, e busca vingança.)

Antes é...a gente precisa conversar. Eu queria o...

PROFESSOR

Tudo que eu tinha pra dizer eu já disse no tribunal. Tá tudo nos autos do processo. Agora isso é passado. Se os senhores me derem licença...(Fechando a porta.)

1(Segura a porta)

Calminha, professor! Calminha! Eu não vim até aqui prá...

2(para o Professor)

Vai ser rápido! Por favor! O que eu tenho não é contigo!

PROFESSOR

Querem entrar? (para 2)O senhor tem certeza que quer fazer isso mesmo outra vez ?

1

Primeiro a gente foi na casa do fresco do amigo dele...

2

É só uma conversa e mais nada. Depois segue com tua festinha.

PROFESSOR

Então entrem. Isso pode ficar interessante.

1

(eles entram) ... e aí ficaram falando um monte de coisa que eu não... mas...mas que merda é essa!( A sala da casa é uma mitologia ilustrada, com representações dos deuses gregos em suas aventuras homoeróticas. Destaque para o quadro Cronos devorando seu filho.)

2

As mesmas alucinações...

PROFESSOR

É preciso conservar a tradição.

1

Primeiro o cara lá tinha um monte de...

2

A confusão toda ... tudo o que eu sofri... não adiantou nada...

PROFESSOR

O que o senhor queria? O senhor achou mesmo que...

1

E agora esses negócios aí ... sem pé nem cabeça...

2(senta-se)

Eu... eu não devia... eu não devia ter ...

PROFESSOR

O senhor continua o mesmo!... Relaxe! Descanse um pouco! Enquanto os meninos não chegam....

1

O que o coelho da páscoa tem a ver com...

2

Eu perdi tudo, ouviu! Tudo! E por quê? Por quê?

PROFESSOR

Sempre reclamando! O senhor não mudou nada! Todos esses anos e o senhor...(Levanta-se e vai colocar música. Coloca Adágio, de Albione.)

1(Para a ilustração de Cronos.)

Essa é a pior! O que esse velho barbudo ta fazendo com...

2

Depois de tudo que aconteceu, essa armadilha continua armada. A casa... os quadros... (soa a música) a música... quem é dessa vez? Quem vai ser enganado? Violado?



PROFESSOR

Dez anos! Dez anos se passaram e o senhor não esqueceu nenhum detalhe!  
Deve ter sido uma festa inesquecível!

1

O velho barbudo... é você, não é professor?

2

E eu pensando que era só...

PROFESSOR

Mas não foi assim da primeira vez? Eu me lembro do senhor entrando aqui cheio de confiança, pensando que era dono de tudo.

2

Não, por favor...

1

Deixa ele contar. Quero saber quem é o cara do quadro!

PROFESSOR

Quem visse quando o senhor entrou e como circulava dentro da casa, ia pensar que a festa era sua, que tudo aquilo ali tinha sido feito prá lhe receber, pra lhe agradar.

1(para 2)

Não foi assim. Eles me chamaram! Eles chamaram todos os outros.

2

Prá toca do coelho!

PROFESSOR

E tudo que ofereciam, o senhor pegava, cheio de vontade. Enchia os bolsos e queria mais e mais. O senhor comia e bebia sem parar. E falava alto e cantava, e provocava todo mundo, rodando pela casa inteira.

1(para 2)

Eles me encheram de coisas. Eu não sabia o que fazer. Tinha algo na bebida. Eu fui enganado, enganado. Eu é que sou a vítima!

2(querendo descobrir...)

Então o coelho da páscoa e o velho barbudo do natal sangrento...

PROFESSOR

A noite foi passando, e o senhor dentro dela, se enchendo de tudo que podia, e cada vez mais insatisfeito e sem controle, como que suplicando pela única coisa que pudesse...

2(para 1. Coloca as almofadas no ouvido.)

Diz prá ele parar. Diz prá ele!

1

E depois os garotinhos, os menininhos, balinhas e balões...

PROFESSOR

Tudo como o senhor queria, tudo como o senhor sempre quis! E não foi a única vez. O senhor voltou aqui, o senhor nos obrigava a abrir a porta. Como hoje. E depois não parou de abrir a boca, até que veio a lei e a justiça, e os jornais – tudo pro senhor não parar de se divertir. E agora vem aqui, depois de todos esses anos, como um menino arrependido, chorando pelo dedinho machucado, pelo brinquedinho que se quebrou e quer o quê, quer que eu conserte as coisas? Que eu te dê de mamar? É isso que o senhor quer? A sua festinha? Toda a sua festinha de todos os dias de volta? Pois o senhor veio ao lugar certo!

1

Não foi por isso, professor, não foi por isso que eu vim. Eu queria que...

2

Apagam as luzes... o quartinho escuro... as mãozinhas perdidas... o velho barbudo em tudo quanto é lugar...

PROFESSOR(desliga a música)

Fora! Fora da minha casa! Eu quero que o senhor e seu coleguinha saiam agora daqui! Senão eu chamo a lei, a justiça, as autoridades! Aquilo que o senhor sabe!

1

Mas... mas...

2

O coelhinho da páscoa tá brabo! Ai, eu to cum medo... muito medo...

PROFESSOR

Eu não vou deixar que o senhor acabe com minha diversão de novo! Eu sei do que o senhor é capaz! Eu bem sei o que o senhor pode fazer! Então suma daqui! E nunca mais me apareça! Nunca mais!

1

Não me mande embora! Não me mande! Eu preciso...

2(chacoalhando 1)

Tu precisa é virar homem, seu fresco! Vamos, acorde! Tá com medo desse gordo de merda! Tu não me trouxe aqui prá passar essa vergonha!

PROFESSOR

Eu avisei! O senhor tem cinco minutos prá ir embora! Quando eu voltar eu quero o senhor longe daqui! Tenho mais que fazer! Uma festinha de verdade me espera!(sai)

1

Tudo inútil, inútil! Por que tu fez isso com o professor? Chamar o cara dessas coisas!!!?Eu tava quase conseguindo!

2

Conseguindo o quê, seu fresco? Conseguindo o quê?

1

Tu não ia entender! Eu preciso saber onde ta o outro cara, o pior de todos. Prá chegar nele, só pelo professor! O professor era quem armava tudo pro outro cara! se eu chegar no outro, acaba tudo, tudo.

2

Chegar onde? Em quem? No barbudo? No trinta anos de praia?

1

É, nesse mesmo. Se a gente pega o cara, ninguém mais...

2(olhando em volta)

Tô sabendo, tô sabendo...

1

Senão, tudo que eu fiz não valeu nada, entendeu?

2

Tudo o quê? Tu vinha aqui prá comer e beber de graça e vomitar no tapete e gritar e causar confusão...

1

Não, não é nada disso.

2

Daí um dia chamaram a polícia e deu maior merda pros caras porque vocês eram de menor.

1

Presta atenção, presta atenção...

2

E tu saiu na porrada com o coelho bunda grande e chutou a boca do velho da barba. Mas tu é macho mesmo, heim? (abraçando o 1) Eu sabia que não tu era fresco! Desde que a gente se conheceu. Tu não ia me enganar, tirar vantagem de nossa amizade!

2

Olha, a gente...

1

Agora tu voltou porque tu quer bater mais, tu quer acabar com eles. Pois eu tô contigo, cara, vou até o fim. Eu sempre quis ver um fresco desses aqui na mão sangrando até morrer, sabe?

2(levanta)

Fala baixo, o professor...

1

Lá na minha rua tinha uns desses, doentes. A gente jogava pedra! Era só um deles sair na rua que a gente xingava e jogava pedra!

2(anda de um lado para o outro)

Daqui a pouco ele volta e a gente tem que...

1

Eu fiquei meio desconfiado na casa do teu amigo de toalha! Eu tava querendo bater nele, tava querendo bater em tu também. Mas não sabia, não sabia mesmo.

2(mão na cabeça)

Eu não posso perder essa chance... Eu não posso errar outra vez...

1

Mas agora, com esse gordo de merda, agora é fácil. Eu sempre quis pegar um deles e bater, bater até quebrar tudo. Tu nunca quis isso, heim? Tu nunca quis acabar com a raça de um fresco desses?

2

Cinco minutos! Cinco minutos! O que vou fazer? O que eu vou fazer!

1

Fica tranquilo! Deixa comigo! Quando o gordo de merda voltar, eu dou uma porrada nele. Daí tu chuta a cara dele com força, com força mesmo. Tu vai se sentir bem, tu vai dançar e ficar feliz. É só ver o sangue espirrando...

2(vai até 1)

A gente não pode fazer isso, viu? A gente tem que fazer o jogo do professor até ele...

1(afastando-o\_

Sai, tira a mão de mim! Tu não entendendo! A gente vai acabar com essa merda agora! Tu arrebenta esse fresco e tudo fica bem. Eu quero quebrar esse gordo. Eu quero fazer a bichinha sangrar!

2

Se a gente fizer qualquer coisa com ele, eu nunca...

1(pula em cima de 2)

Cala a boca, seu fresco! Cala a boca! Tu não sabe o que é ter esses frescos te cercando em casa, te querendo enquanto tu dorme. Tu não sabe o que é isso, tu nunca passou nada parecido. Tu só vive...

2(joga 1 para longe de si)

E tu pensa que tu é o único? O especial? Que só queriam você?

1

Vamos acabar com esse gordo, vamos acabar com o fresco!

2

Não adianta, seu merda! Não adianta! A gente tem que chegar no cara, viu? No cara!

1

Eu tinha que dormir de luz acesa. Eles podiam chegar a qualquer hora. Eu dormia com pedras, um monte delas, debaixo do travesseiro. (vai para onde está o quadro de Cronos) Me ajude aqui. Vamos tirar a moldura.

2

Prá que isso, seu merda?! O professor....

1(subindo no sofá)

Prá bater nele. Um pedaço de pau. Aqui não tem pedra. Eu preciso de...

2(Puxando 1 para baixo)

Tu ta querendo acabar comigo! Sai daí! Sai!

1

Me larga, seu fresco! me larga!(cai. Os dois e entram em um briga. Em meio à briga, vão derrubando móveis da casa. Alternam entre os golpes, sorrisos e provocações, como se fossem crianças brincando de brigar. Cansados, eles se sentam,

o sangue no nariz escorrendo. Entra o Professor com um carrinho trazendo uma cozinha completa e ingredientes para um jantar.)

PROFESSOR(Sem entender, mas como que orgulhoso.)

Meus titãs! Meus meninos! O que...

2

Foi ele!(empurra 1). Eu disse prá ele...

1

Tu não disse nada, seu fresco de merda. Tu só...

2

Quer apanhar de novo é?

1

De quem? Cadê o homem aqui prá me...

2

Tu vai ver (se lança contra o outro)...

PROFESSOR(Indo para a lateral da cena, para preparar um jantar)

Isso! Lutem! Lutem meus titãs, meus meninos! Isso está ficando cada vez mais interessante!

2

Eu vou arrebentar tua cara!

1(sem entender)

Mas tu não ia...

2(imobiliza 1 e faz sinais com a cabeça para 1, como que querendo dizer que está tudo sobre controle)

Cala boca, seu merda! Cala a boca

1

O que que tu ta querendo...

2

Tu já vai saber! Depois que eu te acabar contigo!

PROFESSOR(para 2. esquentando a água para um talharim )

Mas como o senhor está mais selvagem, mais estimulante. Nada daquele juvenzinho aborrecido que vinha aqui...

2(consegue colocar 1 imobilizado de rosto do chão. 2 fica em cima de 1 como se exibisse um troféu)

Vai, diz agora quem é teu macho.

1

Nunca! Nunca!

2

Fala, seu fresco de merda, fala!

1

Tá me machucando! Tu vai ver quando eu...

2

Pensou que podia comigo, heim? Pensou que era só...

1

Deixa eu sair daqui... tu vai ver o que eu...

2

Cadê o macho que estava aqui! Cadê o...

PROFESSOR(colocando ingredientes na frigideira para fazer o molho)

Eu sempre como antes de sair. É preciso energia para devorar a noite. Hoje o senhor é meu convidado. O senhor está me surpreendendo.

2

Aprendi muito com meu professor! Aprendi tudo o que eu sei!

1

Tá doendo cara, tá doendo. Vamos parar com a brincadeira.

2

Não é brincadeira não, seu merda! Se rende, se rende!

1

Tá me machucando, seu fresco! tá me machucando!

2

É prá machucar mesmo, não é professor? É prá deixar marca!

PROFESSOR (Colocando o talharim na água quente.)

Se o senhor fizer bem, nunca vão esquecer. Ninguém recusa um bom jantar.

2

Tá ouvindo? Tá percebendo? ( Rasga a camisa de 1.)

1

Ficou louco? O que que tu tá fazendo? Tu tá com ele, não é seu merda?

2

Só agora que viu isso? Seu burro, burro! Depois que eu tirar tuas calças o que que tu vai pensar...

1(se lastima)

Tu me enganou, seu fresco... tu me enganou... Me trouxe prá essa merda... tá em cima de mim...

2

Vamos ver se tu agüenta, se tu é homem mesmo. Não é professor?

PROFESSOR(mexendo o molho)

Todos sempre resistem. Têm um horror, um pavor. Mas depois, como o senhor, voltam querendo mais. Sempre voltam.(experimenta)

1(em transe)

Eles brincavam comigo. Ninguém ficava em casa. Então eles vinham me pegavam, tocavam em mim. Em tudo. Eu tinha dor, muita dor e não sabia de nada. Só sabia que no dia seguinte eles voltavam, com toda força...

2

Então tu já tá acostumado. O que a gente fizer não vai fazer diferença. Viu professor, viu como eu tô gostando disso?

PROFESSOR ( Tirando a massa da água e escorrendo-a, para depois colocar em dois pratos)

É o que parece! O senhor está realmente me fazendo bem, muito mesmo.

1

Depois, só depois eu fui saber o que faziam comigo. Então eu pude ter ódio, ódio. Mas eles não estavam mais em volta de mim.

2

O professor está satisfeito? O professor então pode chamar o...

PROFESSOR(Colocando o molho sobre a massa nos dois pratos)

Calma, meu titã! Calma! Isso leva tempo. Tire as calças dele!

2

Mas... mas...

PROFESSOR(pega um prato)

Tire as calças dele senão o senhor não come!

1

Por que fizeram isso comigo, heim? Por que? eu era só um menino... uma criança

PROFESSOR(comendo e se deliciando)



Tire agora! Rápido! Eu não agüento essa choradeira! É insuportável! O cara vem até aqui, sabe o que vai levar e depois se arrepende antes de receber o que sempre quis. Como se eu fosse o culpado, como se eu fosse obrigado a fazer o que eu gosto de fazer! E por que veio aqui então? Abaixе as calças do chorão agora. Já. O seu prato está esfriando.

2( Vai tirando as calças de 1. Aparece um corpo cheio de cicatrizes e feridas. 2 se lastima baixinho.

Me desculpa, me desculpa.

1

Eu era só uma criança, cara, uma criança...

PROFESSOR(Pega o segundo outro. E come.)

O senhor está perdendo sua chance de me impressionar. Seu tempo está acabando. Eu sou muito exigente, viu? E o senhor não está ajudando em nada. Eu tenho mais o que fazer.

1

Não desista de mim, por favor! Eu sei que posso, eu sei. Pode ir chamando o cara que eu ...

PROFESSOR

Tire a roupa e se deite sobre ele!Agora!

1

O quê?

PROFESSOR

Isso o que eu disse! Vamos movimentar essa festinha. Eu gosto de olhar,tudo. E até agora não teve muita ação.

1(para 2)

Me desculpe, me desculpe. Mas...

2

Se eu soubesse que isso ia acontecer comigo de novo... se eu soubesse...

1(sem calças. Apenas de camisa e cuecas. Começa a chorar)

Me desculpe, cara, me desculpe.

2

Por isso o ódio. Agora eu sei prá que serve o ódio.

PROFESSOR(torcendo e comendo)

Vamos: em cima dele. Cai com tudo. Tudo!

1(puxando suas calças de volta)

Eu...não posso. Eu não posso

2

Só o ódio, meu amigo. Só o ódio.

PROFESSOR

Faça o que eu disse, seu merdinha. Faça agora.

1

Me desculpe, me desculpe. Mas eu não posso, eu não posso mesmo.

PROFESSOR(vai até o 2. puxa as calças)

Abaixe as calças. O senhor tava indo bem. Abaixas as calças e entre com tudo!

2

Me deixa! Eu não vou fazer isso! Eu não vou fazer!

PROFESSOR(puxando as calças de 2, desesperado para não perder o show)

O senhor tá me provocando. O senhor está me fazendo perder tempo.

1(Começa a puxar as suas calças de volta, a se recompor.)

Enquanto eles faziam o que queriam, eu só via o ódio crescer dentro de mim. Eu era abusado pelo ódio, o ódio em todas as partes do meu corpo(enquanto, o professor e o 2 discutem, 1 vai para onde está o quadro de Cronos para arrancar a madeira da moldura)

PROFESSOR

O senhor não mudou nada, não é mesmo?

1

Não, não é isso!

PROFESSOR

Por que o senhor voltou?

1

Eu precisava... eu precisava...

PROFESSOR

O senhor vem na minha casa, me excita, me arma essa festinha e depois me deixa na mão? O que o senhor está pensando?

1

Por favor, me ajude. Só me diga...

PROFESSOR

Olha isso aqui é coisa séria. É coisa de homem, de gente grande. Se o senhor não sabe enfrentar, como nunca soube, então não comece, não faça nada. Não venha brincar com quem inventou o jogo.

2(segundo na fantasia do Professor)

Onde ele está? Me fala! Onde ele está?

PROFESSOR

Quem? De quem o senhor....

2(com mais coragem)

Deixa de conversa! Não vai me venha enganar de novo! fala? Onde ele se esconde?

PROFESSOR

Depois de tudo que aconteceu o senhor acha mesmo que..

2

E pare me chamar de senhor! Sempre com esse tratamento fino, mas querendo outra coisa! Pensa que me esqueci ?! O professor, o cara que todos admiravam. As belas palavras. Nos seduzindo. Nos atraindo para o outro. O professor não passava do empregadinho do mostro.

PROFESSOR(se aproxima de 2 , como se fosse lhe dar um beijo)

Dez anos depois e o senhor me vem aqui ainda com essa boca trêmula, esse olhar pedindo ajuda, as pernas batendo uma na outra... o mesmo garotinho perigoso de antes.(se afasta) Bem que ele me avisou de tudo, bem que ele me disse para ter cuidado com o senhor.

1(chega com o pedaço de madeira da moldura) E comigo!

2

Não, não faça...(Bate no professor com toda força. Ele grita terrivelmente e cai. 1 se lança contra ele e bate mais. 2 tenta tirar a madeira das mãos de 1 mas não consegue. 2 fica batendo no Professor até que ele desmaie arfando e ensangüentado. Eles se cansam e se sentam no chão.

1

A fantasia: a merda da fantasia atrapalhava!

2

Tu estragou tudo, tudo!

1

Bater no coelho da páscoa dá muito trabalho.

2

Eu não devia ter te trazido. Tu não sabe se controlar.

1

Eu é que não sei me controlar?! E tu me levando como comida pro cara!

2

Era tudo armação. Eu tava sabendo o que tava fazendo.

1

Tava é? Então por que se acabou em choro?

2

Tu não sabe o que aconteceu. Tu não sabe o que é estar aqui de novo...

1

E eu? tu acha que tu ta sozinho nisso? Que só foi tu que...

2

Agora não adianta discutir. O professor era minha última chance de...

1

Não, tu não vai sair dessa mais uma vez.

2

Sair de onde? Que história é essa?

1

Tu me cercou lá faculdade como esses bostas fizeram contigo. Tu virou meu amigo de repente e me fez vir prá esse buraco. Primeiro, o gordo de toalha, depois o gordo da páscoa. E eu ali no chão e tu tirando as calças. Eu ali de bunda prá cima e tu em cima de mim. A gente ta junto nessa, com calça ou sem calça. E tu vai ter que me ouvir e tu vai ter que me contar o que houve. Porque senão a gente vai ficar andando de casa em casa a noite inteira e eu não quero mais ficar de bunda de fora. É muito arriscado.

2(indo mexer nos restos de comida do Professor, prá ver se sobrou alguma coisa)

Tu ta é delirando ainda. Foi só ficar acuado que já foi soltando tudo. Tu não sabe se segurar, não sabe guardar o que tem.

1

O que eu tava dizendo eu tava vendo, seu fresco de merda. Aconteceu comigo. Não tava exagerando não.

2

Tu tem é medo. Tu fica imaginando essas coisas porque tu tem é medo.

1

Ah, então só tu é que pode ter...

2(fala com a boca cheia de comida)

Nada do que aconteceu contigo se compara com o que...

1

Foi pior, é? Então conta. Conta.

2

Prá que? prá tu se masturbar?

1

Eu? Que nojo! Que nojo!

2

Vai me dizer que quando tu escuta essas histórias de estupro e abuso tu não fica excitado?

1

Mas de onde tu tirou essa?

2

E quando tem violência, quando a vítima implora para não sofrer daí que tu fica mais...

1

Tu é podre, cara, podre. De tanto viver com ...

2

Eu conheço, eu sei, eu vi. Eu senti na pele. E não foi umas brincadeirinhas como tu.

1

Brincadeirinha? Eu era uma criança! Eu tenho todos os motivos prá...

2

Prá que? prá matar? Prá matar, é? Tu não não faz mal nem prá...

1

E a porrada no gordão? Quem foi que deu?

2

Isso? Tu acha que isso serviu prá alguma coisa?

1

Prá mim serviu!

2(Indo consertar o quadro do Cronos)

Tu tá inventando tudo isso! Tu não teve nenhuma infância assim! Tua história é cheia de furo! Não tem nome, não tem ação, não tem cenário, não tem nada. Nada! Eu sim. Eu sei quem foi, o que fizeram e onde.(aponta para a casa) Aqui, viu? Foi aqui! Tá me entendendo? Tá me entendendo?

1

Te fizeram de mulherzinha, não foi? Tu e o gordão de toalha nas mãos do professor coelhudo e rosado!

2

Eu sei o que houve. Fiquei esses anos todos relembrando. E agora eu tinha a oportunidade... e tu estragou tudo. Tudo, seu merda!

1

Esse mistério todo é por causa da vergonha. Tu veio atrás dos caras prá se livrar da vergonha. Mas não tem jeito, viu? eu sei. O que passou ...

2(arrumando os móveis da sala)

O professor não era o pior. Ele nos trazia prá cá. Ele preparava as coisas pro o outro. O outro é que tava quase perto. Da outra vez, no julgamento, ninguém nem sabia quem era o cara. Achavam que era invenção minha. Todo mundo ficou calado. O outro cara era muito poderoso, cheio de relações. Podia fazer o que quisesse que nunca ia ser pego. Só através do Professor dava prá chegar no cara. E tu arrebentou com tudo.

1(segura 2, interrompe seu trabalho.)

Esquece. Larga disso. Deixa de ser a arrumadeira, a empregadinha desses caras. Tu deu uma lição no professor. Já se vingou. Agora vamos embora.

2

Tu não entendeu nada mesmo. Eu não vim pra me vingar.

1

E o que que tu veio fazer aqui então?

2

Me solta. Eu preciso ir até onde o outro, onde o pior está.

1

O coelho da páscoa?

2

Tu não sabe como é terrível ainda ver as coisas acontecendo.

(Professor gemendo e rindo, como que acordando)

PROFESSOR

Aaahhh! Ahhh!

1

O fresco tá vivo! O que a gente faz agora?

2

Nada! Nada! Eu preciso dele! Eu preciso dele!

PROFESSOR

Aaahhh! Aaaahhhh! Minha cabeça!

1(indo pegar a panela com água)

Vamos acabar com isso! Vamos afogar o cara!

2(Indo atrás de 1)

Tu não me ouve não? Tu não me escuta?

PROFESSOR

Aahhhhhh! Minhas costas! Minhas costas!

1

A gente afoga o fresco e faz o que quiser com ele. O que quiser.

2(Rindo)

Não falei que tu tava excitado? Tu ta querendo...

1

Daí tu desconta tudo nele. Tudo.

PROFESSOR (tentando se levantar, com certa malícia)

Os meninos ! Os meninos ainda estão aí...

2(apavorado)

Ele sabe da gente! Ele sabe!

1(indo na direção do Professor com a panela de água)

Melhor! Assim tu junta teu medo com o dele!

2(tentando impedir 1)

Tu não sabe do que ele é capaz.

PROFESSOR (Virando-se para ficar de frente para os dois. Fala como se recitasse uma revelação. Luzes realçam o ambiente mítico, como se as coisas estivessem em movimento.)

“No princípio de todas as coisas havia o caos, sempre ele, em tudo presente, agindo sobre todas as coisas. Depois vieram a Terra, de enormes seios, se oferecendo

para os mortais, e Tártaro, o mais profundo abismo da terra, e o Desejo, a sedução, o deus mais belo dos deuses, irresistível, a confusão, a luta na mente e no coração.”

1(interrompe sua marcha agressiva)

Que é isso?

2

Não adianta! Agora é que a gente...

PROFESSOR

“E do caos nasceram a escuridão e a negra noite. E da noite vieram o dia, o ar, e a Terra se encheu de montanhas enormes e das águas furiosas do mar.”

1

É uma piada? O cara leva uma porrada na cabeça e...

2

Foi por causa disso que a gente vinha para aqui.

PROFESSOR

“E violentamente começaram a nascer as mais terríveis criaturas: os de único olho, os sem cabeça, os de cem braços, os de fogo. E a revolta entre eles foi crescendo até que de luta em luta, pais degolando filhos, filhos castrando pais, houve uma guerra, a primeira, a maior de todas, entre os mais jovens e os mais antigos. E se arremessavam uns contra os outros, os corpos perfurados, as vísceras escorrendo. E o tumulto da guerra formava em uma desgraça de sons e ruídos que ecoava até os céus, como se os planetas tivessem se chocado uns contra os outros e os céus derretessem de fraqueza e devassidão.(Se levantando e vindo da direção deles, tirando a fantasia, ficando de cuecas .) E a guerra se tornou noite escura, noite imensa, transbordando em corpos nus, amontoados uns sobre os outros - pele sobre pele, suor, garganta seca e hálito fervente.

1(passos para trás

E agora? O que eu faço? O que eu faço?

2(admirando)

Trinta anos de praia: lembra?

PROFESSOR

“E os que perderam, os que se deixaram ferir, foram jogados na mais profunda escuridão, que penetra até os ossos. De lá eles não pode sair. Sofrem e choram o tempo inteiro, esmagados pela lembrança da tortura dentro deles. Ali, nessa medonha morada, contam suas cicatrizes e não conseguem dormir. Cobertos de feridas e mofo,



eles vigiam para que um cão de olhos brilhantes não devore o que resta de suas carnes. E dentro do peito, quase a sair pela boca, o coração pulsa revoltado, irado, as mãos querendo um pescoço alcançar.”

1(perturbado)

Isso é aula de quê, professor? Do que tu tá falando?

2

Era isso que nos trazia aqui.

PROFESSOR

Não há nada além disso, meus meninos. Não há nada além da noite escura em volta de nós.

1

Prá que tu tirou a roupa? Prá tu tá contando história?

2(Se senta, desanimado)

Quando a gente entende o que a gente é, que tudo não passa...

PROFESSOR(toca em 1)

Isso foi há muito tempo. Eu gosto de ver, olhar. Eu gosto de tocar. Eu gosto de ouvir a noite.

1(imóvel)

Tira as mãos de mim. Eu tô avisando. Tira as mãos de mim

PROFESSOR(para 2. indo ligar a música)

O senhor já contou prá ele? Contou tudo que a gente fazia?

2(mãos nos ouvidos.)

Não! Não! Ele não sabe de nada!

PROFESSOR

Então ele não sabe como o senhor era bom, era o melhor em nossas guerras. No corpo a corpo, não havia ninguém melhor.

1(para o Professor)

Seus frescos! Toda essa conversa prá...

PROFESSOR(voltando para perto de 1. vem com as mãos dentro das cuecas.)

O senhor precisa dizer prá ele como era bom, e que o senhor fazia tudo porque queria fazer.

2(mãos na cabeça)

É mentira! É mentira!

1

Essa conversa toda... esses quadros... essa musiquinha...

PROFESSOR

Meus meninos, meus doces titãs! Alguém precisa cuidar de vocês! Alguém precisa mostrar o que é preciso ser visto!

1

Tu, seu gordo de merda, só faz isso porque o cara não reage!

PROFESSOR

Não fui eu quem foi atrás dele! Você, se quiser...

2(fraco)

Onde está o outro?! Eu preciso! Eu preciso!

PROFESSOR

O senhor já teve a sua vez! Deixe pra os outros...

1(Segurando os braços do professor)

E se a gente te pegasse agora, heim? E se a gente fizesse...

PROFESSOR

Os senhores não podem mais nada comigo. Os senhores...

1( vai empurrando o Professor)

Senhores o cassete! Pára com essa fala mole! Tu tá pensando o que? que eu não sei o que tu tá querendo? Pensa que eu caio nessa

2

Ele sabe. Pergunta prá ele. Pergunta sobre o cara.

PROFESSOR

Sobre quem? Não existe nenhum outro. Quantas vezes eu vou ter que dizer pro senhor que...

1(soltando os pulsos do professor)

Não existe?

2

Claro que existe! Eu sei! Eu senti. O pior de todos, o pior de todos!

PROFESSOR

O senhor está preso numa loucura que me condenou. Fui afastado, fecharam o curso. Acabaram comigo. Tudo por causa dessa sua loucura.

1(virando-se contra 2)

Então tu me trouxe....

2

Não acredite nele! Seu burro! Como é que tu pode confiar num cara que se veste de coelho da páscoa e...

PROFESSOR

E quem pode confiar em alguém que vem desesperado atrás de seu amante?

1

Amante? Seu fresco! E eu? E Eu?

PROFESSOR(dançando)

“Vem noite imensa, noite eterna.

Dispersa entre nós tua escuridão.”

2

Eu não sou amante de ninguém! Eu fui... Eu fui...

PROFESSOR

“Cobre nossos corpos com teu olhos

E penetra em nós o teu ardor.”

1(larga a panela no chão)

Por isso tu se aproximou de mim, seu fresco. Tu me queria levar junto prá essa merda, espalhar essa praga.(vai pegar a fantasia)

PROFESSOR(Vai se servir de bebida e arrumar a música. Vira um DJ maluco. Jogo de luzes de boate.)

“No princípio era o caos, o caos em todas as coisas.

E a noite negra e o menino com medo.”

2(indo para 2)

Não faz isso comigo. Não me deixa. Eu preciso de tua ajuda. Eu preciso.

1

Tu precisa de todo mundo. De mim, do gordo de toalha, do professor, do misterioso cara que não existe...

PROFESSOR( solta música de circo)

“Apague a luz e feche os olhos:

Eu te trouxe um presente mais lindo.

Teu coração dispara querendo

que eu entre logo em teu quarto.”

2

Tu não sabe o que eles fizeram comigo. Foi horrível. Foi horrível.

1(Tentando se vestir)

Põe o pé aqui. Põe. Vai. Se veste. É do teu tamanho. É a tua cara. É a tua pele.  
É tu mesmo, direitinho. Entra nisso e se afunda. Cabe tudo em você.

2

Não quero. Não quero. Me ouve.

PROFESSOR( solta um bolero)

“Cem braços mil cabeças

Todos os olhos e línguas

Nada vai matar tua sede, meu bem.

Nada vai te cicatrizar.”

1

Veste essa merda, seu fresco! Veste essa merda.

2(pulando com um pé só, preso na fantasia)

Tu tá fazendo o mesmo que eles faziam. Tu agora é do lado deles!

PROFESSOR (Solta música marcial, música para guerra)

Os meninos vão sorrir

Corpo a corpo eu quero ver

Armados até os dentes

E que boca... e que boca...

1

Tu não queria voltar pra festinha? Tu não tava com saudade? Então aproveita.  
Faz o que tu sempre fez.

2

Me larga, seu burro! Me larga!(Perde o equilíbrio e cai, levando consigo as  
imagens míticas, como se tivesse destruído o cenário.Fica lá com as coisas sobre ele.)

PROFESSOR ( Coloca música ritmo caribenho. Pega bebidas.)

Vamos beber meu meninos! Vamos beber meus titans! Eu não quero rostinhos  
tristes em minha casa!

1(Pega a bebida)

Pelo menos bebida grátis.

PROFESSOR

Tudo o que o senhor quiser. Tudo.

1(Cheira.)

O que é isso? Campari?

PROFESSOR

O senhor dança? O senhor sabe dançar?

1 (bebe um pouco)

Não tem outra bebida aí não? Uma bebida pra homem?!

PROFESSOR (Pegando nas mãos de 1. ensaiando os passos)

Eu ensino. O senhor precisa dançar. Me siga.

1 (Bebe mais. Vai dançando. O professor vai servindo mais bebida pra ele)

Eu gosto de bebida forte! Tem uísque? Vodca?

PROFESSOR

Isso, assim: o senhor está indo bem.

1

Conhaque? Saquê? Pinga? (ri)

PROFESSOR

Olha o pezinho! O senhor precisa prestar atenção em mim.

1 (Se soltando das mãos do professor. Dançando mais a vontade)

Eu gosto de bebida assim. De homem. Desde pequeno eu só bebia bebida de homem. Forte. Era pra ser homem quando eu crescesse. Homem. Bebida de homem.

PROFESSOR (Batendo com palmas o ritmo. )

Mas o senhor leva jeito pra coisa. Devia ter aparecido aqui faz tempo.

1

E eu vestia só roupa de homem. Homem. Nada de fantasia ou toalhinha. E tinha que falar, comer, andar, cuspir como homem. Desde pequeno. Pra virar um homem quando eu crescesse.

PROFESSOR (Coreografando)

Agora roda, roda pra aqui. Isso. O senhor vai indo muito bem. muito bem mesmo!

1

Mas, principalmente, não devia dançar. Nunca. Nunca se deixar levar pela música. Segurar os pés. Travar a cintura. Endurecer os braços. Como um homem. Sempre alerta contra a música. Dançar nunca. Nunca. Não mover o corpo jamais.

PROFESSOR

Que desperdício! O senhor é ótimo! Ótimo! Agora pra esse lado. Vamos. Mais leve. Leve.

1

Mais bebida. Mais. Como ta bom! Eu adoro campari! Como eu adoro!

PROFESSOR (Pega a fantasia e a abraça e dança com ela)

Essa foi feita prá gente dançar juntinho, agarradinho!

1

Calma. Calma! Um passo de cada vez! Eu to aprendendo! Eu to aprendendo ainda!(ouve-se um choro. O 1 começa a sair do ritmo para ouvir o que está acontecendo, saber de onde vem o choro)

PROFESSOR

Volta pro ritmo! Se concentra! A gente tem muito ...

1

Que choro é esse? Quem ta chorando?

PROFESSOR

Não tem ninguém chorando não. É a música. É a música não pare de dançar. O senhor não pode parar de...

1

E essa fantasia? O que tu ta fazendo de cuecas?

PROFESSOR

O senhor quer mais campari? O senhor quer que troque a música?

1(procurando)

Esse choro... tem alguém chorando escondido aqui...

PROFESSOR

Não é nada! nada! volte a dançar! O senhor sempre quis ...

1(indo em direção do Professor)

Seu fresco! tu ta mentindo. Tu tá me escondendo...

PROFESSOR

Não tem ninguém além de nós. O senhor podia ser mais educado e ...

1

E o que? baixar as calças também? Seguir o tu faz? Seu fresco de merda: então é assim que tu...

PROFESSOR

Bebeu da minha bebida, dançou da minha música e agora...

1

Cadê o menino chorando! Onde é que tu enfiou...

PROFESSOR( se afastando para recolher as bebidas, copos no carrinho.)

O senhor podia me retribuir com alguma coisa. Depois de tudo que eu fiz.

1

Seu fresco! ta pensando o quê? Que é só colocar uma música, uma bebidinha

e...

PROFESSOR(desliga a música e as luzes de boate)

Quanta ingratidão, quanta desfeita. O senhor devia é...

1(se arremete violentamente contra o Professor e o afoga no panela de água )

Devia o quê, heim? Seu merda! Sua bicha coelho da páscoa, dez anos de Praia! Cadê o menino! O que tu fez com ele!

PROFESSOR(rindo)

Isso! Isso!Vai ! Me pega! Me bate! Me mata!

1

Achou que eu ia cair nessa, não é? Acho que eu ia ser mais uma coisinha tua!

2(vindo com as imagens mítica no pescoço, uma ruína viva, tentando controlar seu choro)

Pergunta...pergunta do outro. Do outro cara!

PROFESSOR

Olha aí o nosso menininho!

1

Quantos tu trouxe prá cá! Em quantos tu colocou essa roupa de palhaço!

2

Não acaba com ele não! Pergunta! Pergunta prá ele!

PROFESSOR

Essa água ta tão boa! Mais mais! A gente podia tirar a roupa e ...

1

Na minha casa, o pessoal fazia umas festinhas dessas. Festinha de fresco. Colocam uma música, apagavam a luz. E a gente tinha que dançar pelado. Pelado!

2(tentando tirar 1)

Deixa ele respira, seu burro! Deixa ele respirar.

PROFESSOR

Venham nadar comigo, meus meninos! Venham! A água está uma delícia! Uma delícia!

1

Eu era só uma criança, seu merda! Uma criança ...

2

Sei, sei, tu não pára de dizer isso...(consegue afastar o 1) Sai daqui. Sai daqui!

PROFESSOR(Derruba a panela com água. Cai no chão. Começa a jogar a água no seu corpo e nadar. )

Aqui, meus meninos. Bem aqui! (joga água na boca e bebe maliciosamente) é muita água, meus amores, é muita água prá nós.

1 (levanta-se. Uma madeira da moldura)

Eu vou acabar com isso. Eu acabar com esse cara.

2(vendo 1 indo enfiar a madeira na bunda do Professor)

Não adianta, seu merda! Não adianta....

1 (cravando e girando a madeira)

Não é isso que tu queria fazer com a gente? Tu e teus amiguinhos, todo dia lá em casa. Agora toma! Toma isso!

PROFESSOR

Ahhh! Ahhhh!

2(indo tirar o 1 e a madeira)

Deixa o cara! Deixa o cara!

1

Nunca mais vai mexer com ninguém. Velho gordo barrigudo. Atolado nessa merda de esgoto de praia. Trinta anos de esgoto. Trinta anos de merda!

2(conseguindo afastar 1 e tirar a madeira)

O cara, por favor: me diz onde o cara...

PROFESSOR(Abraça a fantasia. Fala gemendo.)

O caos.... o caos

1

Vamos embora! Vamos sair daqui!

2

Uma pista, uma pista só!

PROFESSOR

O caos, a escuridão e a negra noite.(começa rir entre o sofrimento)

1(vem e arrasta 2)

O fresco aí não vai falar nada. Nada. Vamos embora

2(Sendo arrastado)

Por que você não me ajuda? Por quê? por quê?



PROFESSOR

O caos! O caos! (Enquanto os dois saem de cena, a luz se fecha no Professor que se abraça forte à fantasia e a lambe, lambe com todo prazer.)

*Fim da segunda parte*

### **Parte terceira**

*Rua. Escuridão. Um tonel com fogo. Iluminação da cena brincar com as figuras que entram e saem da escuridão. Travestis se aquecendo. Um homem de cadeira de rodas rindo, girando sua máquina. Ele é franzino, rosto marcado por antigas feridas. Para se aquecer mais, alguns travestis brincam de ser perseguidos pelo homem de cadeira de rodas. Ele procura pegar os que correm. Brincadeira e erotismo. Alguns acabam caindo nas mãos fortes do pequeno homem que se diverte com tudo girar em volta dele. Vindo da platéia ao fundo, chegam discutindo 1 e 2.*

1

Acabou! Agora tu ta livre!

2

Eu tava perto, tão perto...

1

Vamo logo senão pode sobrar prá gente.

2(Pára)

Prá gente? Fui tu que...

1

Alguém tinha que fazer alguma coisa. Tu...

2

É, mas não matar o cara.

1(Pára. Volta-se para 1)

Que que tu ta dizendo? Eu não matei...

2

Não. Tu acabou foi comigo.

1

Como é que é?

2(Sem olhar no rosto de 1, senta-se no chão.)

É isso mesmo que tu ta ouvindo.

1

Então a gente tava numa merda e eu me arrisquei...

2

Tava tudo bem até tu ...

1(Mão na cabeça. Gira sem saber para onde ir.)

Eu não acredito!

2

O professor , ele ia...

1(olha para 2. Se arrependendo.)

Como é que tu pode dizer...

2

Não sabe nada. Tu não sabe fazer nada ...

1

E pensar que eu...

2(se irritando. Para 1)

Tu não devia ter vindo. Tu não...

1

Mas depois de tudo ...

2(gritando para 1)

Vai embora, seu merda! Vai embora!

1

E tu vai ficar aí sentando no meio da rua?

2

O que que tu tem a ver com isso? Por que tu veio comigo?

1

É perigoso! Sai daí!

2

Não te interessa! Chega!!! Tu veio é prá me prejudicar. Tu deve tá com eles, com os caras. (como se encontrasse as respostas).

1

Como é que é?

2

Eu bem que devia ter pensado nisso. Tu foi se aproximando de mim, sabendo o que eu fazia, se dispôs a me ajudar. Tu era muito fácil, fácil demais.

1

Não, tu tá brincando comigo. Tu não acredita mesmo que eu...

2

Então tu veio comigo, sempre ali, se fazendo de desentendido, de burro...

1

Tu tá maluco, é? Tu tá...

2(mãos no rosto)

Que armação! Que desgraça!

1(Se aproximando.)

Vamos embora. A noite foi longa.(Vai colocar a mão na cabeça de 2) Tu precisa...

2(Afasta violentamente)

Sai daqui! Tira as mãos de cima de mim. O que que tu quer, heim? Tu quer o mesmo que eles? Tu quer me pegar? Se divertir?

1

Não é nada disso. Eu só...

2 (Vai levantando para encurralar o 1)

Só o quê!Fala! Fala seu merda!

1

Eu...

2

Agora tu vai dizer tudo. Por que tu veio comigo? por que tu ta agüentando tudo isso?

1

Não é nada disso que tu tá pensando!

2

Ninguém, mas ninguém mesmo ia passar a noite inteira do lado de outra pessoa... se não tivesse algum interesse. Fala!

1

Tu acha que assim? Que só tem interesse no meio?

2

Tu tava lá na faculdade, vivia me cercando, puxando papo. De uma hora prá outra virou meu amigo. Fala seu merda! fala!

1

Pêra lá! Não foi bem assim!

2

Me atrapalhou na primeira visita... destruiu minhas chances arrebatando o professor... to entendendo, to entendendo... (vai para o pescoço de 1) Fala tudo agora seu bosta de merda!

1 (caindo no chão com 2 em cima dele)

Eu não vou falar! Eu não vou falar nada!

2

Por que tu fez isso comigo? Por que?

1

Me deixa! Me deixa!

2

Por que tu fez todo esse mal comigo? por que?

1 (se livrando)

Eu tava te protegendo. Eu nunca ia querer..

2

Tu tem parte com eles. Tu...

1 (Consegue imobilizar 2. Inverte-se a situação. É 1 quem está por cima.)

Não, não, não é nada disso. Me ouve.

2

Me larga (cospe na cara de 1) Me larga (cospe mais)

1

Eu nunca iria te fazer mal.

2

Fala seu merda! fala porque...

1 (olhando bem nos olhos de 2)

Eu nunca... eu nunca...

2

Me larga! Me larga! O que que tu...

1 (se aproximando, como para um beijo)

De jeito nenhum. Eu ... eu...

2

Que é isso? O que que tu tá fazendo? Sai! Sai!..

1

Me perdoa... me perdoa....

2(lutando para não ser beijado)

Mas... mas... o que que tu...

1

Eu queria só que você...

2(conseguindo se soltar)

Seu fresco! seu fresco de merda!

1

Você não entende. Eu queria...

2

Eu sei o que tu queria... igual aos outros. Tudo a mesma coisa.

1

Não é verdade. Me ouve, me ouve.

2

Sai daqui! Me deixa! Querendo se aproveitar...

1(Indo na direção de 2)

Eu só quero...

2

Essa desgraça não acaba! Não pára..fica aí,longe de mim! Já não bastava eu...

1(pára)

Eu sei, eu sei. Mas

2

E mesmo assim tu...

1

Eu ouvia tudo, tudo, o que você me dizia e o que você não queria dizer. Eu sabia que tinha coisa pior. Sem querer isso foi tomando conta de mim. Eu precisava de mais, mais.

2(ficando com raiva)

Não vem com essa! Quem tá contigo? É o cara, é? É ele? Tu tá fazendo o que ele...

1

Você pode contar comigo pro que você quiser. Eu sei como é que passar o que você passou.

2

Claro. Eles te informaram. Eles disseram direitinho o que tu devia fazer.

1

Abusavam de mim em casa, cara. Em casa. Todo mundo sabia. Eu era o brinquedo preferido.

2

Sei, sei...

1

Eu sempre tive ódio, muito ódio de não sei o quê. De não poder fazer nada, de..

2

Tá bom, tá bom! Agora chega. Volta pro teu...

1

E daí eu te encontrei, todo fechado dentro de si, como se só você tivesse..

2

Tu acha mesmo que eu vou cair...

1

Então eu me vi, igualzinho, eu e tu, a gente na mesma...

2(debochando)

Quer dizer que tu...

1

E hoje de noite eu entendi que não adianta, que quanto mais a gente...

2(meio confuso)

Péra aí: a gente coisa nenhuma. Tu tá é querendo...

1

Por que eu me vi fugindo ainda, fugindo. E eu não quero mais...

2(pega um pedaço de pau)

Nem eu! Nunca mais se aproxime de mim, nem fale comigo. nunca mais...

1(olhando para 2)

Por isso eu queria te...

2

Sai! Vai embora! Me deixa aqui! Eu não preciso...

1

Se você...

2

Não! Sai!

1(saindo)

Eles eram fortes, viu? Mais fortes que eu!

2

Mentiroso! Mentiroso!

1

Eles fizeram coisas comigo, sabe?

2(com as mãos nos ouvidos)

Não quero ouvir mais nada. nada

1

Mas eu peguei uma pedra...

2

Vai embora! Vai embora!

1(Desaparecendo no meio da escuridão.)

Joguei, corri e agora estou livre! Livre...

2(Cai de joelhos, joga o pedaço de pau e começa a chorar)

Por que tu tá fazendo isso comigo, seu merda!? Por que! por que!....(Depois de muito chorar, de bater em si, de tentar rasgar suas roupas, ele se joga no chão e por um tempo procura como que nadar, voar sobre o solo. Seus movimentos vão cada vez mais se desacelerando até que desaparecem, como se ele mesmo virasse ar, nada. Nisso, o som da algazarra no palco aumenta e ele vai aos poucos se levantando e dirigindo para lá. É seu reencontro com o homem da cadeira de rodas. Durante o percurso desse reencontro, um pavor vai tomando conta dele. Quando chega é saudado pelo seu antigo violador:

HOMEM DE CADEIRA DE RODAS

Mas olhem só quem está perdido por aqui!...(Travestis param de fazer o que estavam fazendo e vêm para ver o recém-chegado que calado apenas olha)

TRAVESTI 1

E aí garotão: tá afim de um programinha?!

TRAVESTI 2

Esse cara... eu já vi esse cara... é freguês... das antigas...

TRAVESTI 3(Passa a mão a bunda de 2)

É menino ou menina?

TRAVESTI 1

Fala, boneca! Quer brincar ou não? A gente não tem a noite inteira.

HOMEM

O que que você está fazendo a uma horas dessas na rua?

TRAVESTI 2

E na nossa rua. Ele sabe muito bem o que veio fazer aqui.

TRAVESTI 3

Trouxe dinheiro? A gente não aceita vale nem cheque. Tá pensando o que? Que a gente é puta?

HOMEM

Não vai me dizer que você passou aqui por acaso, que não sabia, que viu o fogo e veio se aquecer...

TRAVESTI 1

Tu não sabe que isso aqui é lugar de trabalho? O que tu tá pensando? Vai fazer o programa ou não?

TRAVESTI 2

É,é isso. Fala. Tu tá aqui prá quê? É 50 no carro, 100 no motel.

TRAVESTI 3

Cadê o carro: tu veio a pé,é? Tu tá sozinho?

HOMEM

Eu não acredito. Então é verdade? Tu tava andando por aí e...

TRAVESTI 1(Interrompe o cerco. Para o Homem)

Então tu conhece o rapazinho... o cara é tua velha conhecida.

TRAVESTI 2

Não falei? Eu sabia. Eu já vi essa bundinha em algum lugar. Nunca esqueço um rabo.

HOMEM

Dez anos heim! Dez anos: quem diria heim! Tanto tempo e você agora bem aqui, outra vez.

TRAVESTI 3

Dez anos? Então é bicha velha, amiga.

TRAVESTI 1



Não vai falar nada? Vai ficar aí parado, pensando. Pensando no quê?

TRAVESTI 2

Tá é cum medo! Garoto esperto... tá se cagando todo. Parece o cara da piada. Dez anos de praia prá acabar levando na bundinha...

HOMEM

Não adianta. Eu conheço o rapazinho. Ele não vai falar. Foi como da primeira vez. Ele sempre faz assim. Primeiro se aproxima, parece que não quer nada. Depois é difícil se livrar dele.

TRAVESTI 3(Empurra o Amigo 2)

Então tu é assim? Então tu fica esperto viu? (tira um canivete)Tu toma jeito, que aqui não é tua praia!

HOMEM(para Travesti 3)

Pode deixar. Sem violência. Por enquanto.

TRAVESTI 1

Isso já tá me irritando. Vamos tirar a roupa dele. Daí ele fala.

HOMEM

Se tirar, daí é que ele não vai abrir a boca. O negócio dele é outro.

TRAVESTI 2

O rapazinho tá cum medo mesmo! Olha a cara dele. (para Homem)O que que tu fez com ele? Diz! Deve ter sido bom demais prá ele voltar tanto tempo depois.

TRAVESTI 3(Indo para o Homem )

É, faz com a gente. ( pula no colo do Homem) Faz. (a cadeira gira). Pagando tu pode fazer o que quiser. (os outros travestis vêm para o Homem)

HOMEM

Deixem disso. Olha o garoto. Deixem disso. (riem, se divertem como antes. Após alguns instantes, o Amigo 2 fala. Ninguém o ouve até que ele vai aumentando sua voz)

2

Eu... eu vim aqui prá... eu precisava... eu tinha que... quer parar com isso!

TRAVESTI 1

A bichinha tá viva! Acordou!

HOMEM

O que você quer? Quer acabar de novo com a minha festa?

TRAVESTI 2

Ah, to lembrando. Eu sei quem é o cara. é a bicha arrependida, que armou o maior escândalo...

2

Eu vim aqui prá dizer o que eu nunca disse. Eu vim aqui prá...

HOMEM

Não quero saber. Não me interessa. Saia daqui.

TRAVESTI 3

Falar? O cara quer falar?

2

Todos esses anos eu esperei prá...

HOMEM

Você não ouviu o que eu te disse? Eu não quero ouvir nada do que você tem prá dizer. Pensa que eu não sei o que você vai choramingar? Sempre a mesma coisa, sempre.

2

Não. Eu não cheguei até aqui prá voltar assim. Você me destruiu! Você vai ter que...

TRAVESTI 1(para Homem)

Quer que a gente resolva. Daí tu paga mais.

HOMEM

Então veio prá me dizer que eu não presto, que eu te fiz mal, que eu devia estar preso. Tudo como da outra vez. Mas quando você estava no quarto comigo eu não era esse monstro. Você veio atrás de mim, você sempre está me perseguindo. Eu não tenho culpa nenhuma nisso.

TRAVESTI 2

Eu tava lá. Tinha umas festas na casa de um professor doido, gordo. A gente fazia de tudo. A gente era novo. Tinha muita energia. O cara aí não parava. Bebia todas. Dançava com todo mundo. Gritava alto e falava muito. Sempre falando muito. Agora tá mudo, tá calado. Fala pouco. Tá é cum saudades. Por isso voltou.

2

Vocês não sabem de nada. Eu fui enganado, eu fui usado.

TRAVESTI 3

E quem não é, minha querida? E quem não gosta de ser enganada, usada...

HOMEM

Você sabia no que tava se metendo. Você fez tudo porque quis. Você podia ir embora e não foi. Agora vem de novo me acusar como antes. Eu não tenho mais nada com isso. Na hora da diversão, você fechou os olhos. Não sou eu quem vai ter que te carregar a vida inteira.

2

É mentira! É mentira! Eu era uma criança! Eu não sabia o que tava acontecendo. Eu tinha apenas...

TRAVESTI 1

Tu já nasceu usada, minha filha. Tu já nasceu com as coisas prá fora, toda oferecida. Tu quer é ser a melhor. Tu quer é todo mundo em tua volta. Tu vai é acabar com minha freguesia.

HOMEM

Menor ou maior, homem ou mulher – prá mim tanto faz. Não me interessa a cor dos olhos, mas sim o calor da pele. Quando eu te levei pro quartinho eu não queria saber teu nome, teu endereço. Era só meter e pronto. Sem conversa, sem juramento, sem amanhã. Mas você ficou em cima de mim, não queria parar de brincar. Porque você tinha nojo, nojo e queria mais. Eu era o cara da cadeira de rodas, eu tinha que pagar mais caro. Eu podia pagar. E você veio, fez de tudo prá vir comigo.

TRAVESTI 2

A gente era contratada para animar festinha na casa do professor. Vinham os garotos da faculdade, todo mundo esperto, todo mundo rindo. Eles achavam a gente uma coisa estranha, diferente. No final eles não queriam as mulheres. Eles queriam é só a gente.

2

Mentira! Mentira! Vocês não sabem de nada. nada.

TRAVESTI 3

É sempre assim, querida. Um homem que vem atrás da gente sabe o que quer. Dá prá ver nos olhos, no andar. O cara vem feito um bandido, como prá te assaltar. Mas quando chega perto quase desmaia, se entrega todo, e quer que a gente faça o que quiser com ele.

HOMEM

Depois de tudo, você me denunciou, você denunciou o professor. Disse que era um esquema, uma religião, cheia de intrigas e conexões nacionais, internacionais,

que estavam prostituindo todo mundo. Quando as coisas ficaram ruins prá você, você veio com essa história.

2

Quer dizer que tudo o que aconteceu comigo, que tudo que eu disse prá imprensa, que tudo que foi pro tribunal era invenção minha? Que tudo não passava de...

TRAVESTI 1

Mas que bicha poderosa! Garoto esperto! Dez anos de praia! Quis é fazer propaganda do negócio! Tu não é inocente não. Se deixou levar prá acabar como piada. Ninguém lembra mais do coroa bom de papo trinta anos de praia. Ninguém lembra de quem leva ferro. Mas tu conseguiu, bichinha, tu conseguiu, bicha bandida.

HOMEM

E depois de ter feito tudo o que fez, chega no meio da noite, por acaso, com cara de choro, querendo falar, falar, como se nada tivesse acontecido, como se fosse a primeira vez, aquela, na festa da casa do professor...

2

Não! Pára!

HOMEM

...quando pegou nas minhas pernas, sentou no meu colo...

2

Por favor! não! (cai no chão, mãos no rosto, chorando)

... me beijou e disse rebolando: “ eu sou tua, eu sou tua. Ah como eu sou tua”.  
(Travestis riem. Repetem em tom de paródia as falas do HOMEM. Pegam nas pernas de 2 e ficam arrastando em volta do tonel, )

HOMEM(olhando para a platéia)

Agora eu sou culpado? Por acaso eu tenho alguma coisa a ver com isso? Eu sou homem, homem. Entenderam? Me respeitem. Posso estar aqui numa cadeira de rodas, mas eu continuo homem, muito homem. Enquanto eu estiver vivo, enquanto eu puder, eu preciso, eu quero, eu vou ser homem. E nada há nada que vai conseguir me impedir, não há nada que vai mudar o meu jeito. (Tira dos bolsos dinheiro e joga para fora). Porque eu posso pagar, eu pago. Eu pago. Eu não tenho vergonha nenhuma disso. (Os travestis largam o Amigo 2 e vem correndo pegar o dinheiro que continua a ser arremessado) Eu tenho dinheiro. Eu posso pagar. E o que mais um homem quer? O que mais ele quer pagar senão isso? Eu pago, tão me entendendo? Eu pago tudo!

Quem quiser que venha que eu tô pagando! Pode vir agora, agora mesmo. Façam filam, empinem o rabo, que eu tô pagando. Com roupa ou sem roupa, pobre ou rico, é só chegar que não tem preconceito não. Pode vir. Eu pago. Eu sempre paguei. Prá mim é melhor pagando. É ali, na mão. Deu, e já sai com o dinheiro. É sem enganação. (olhando para a platéia) Não tô aqui prá enrolar ninguém. Tua filha, teu filho. Teu pai, tu mãe. Tu mesmo. Tudo junto. Tudo agora. Tá precisando? Tá querendo comprar o quê? Eu pago. Eu pago o que você quiser. A gente negocia. Eu tenho dinheiro. Eu tenho muito. Eu ganho prá isso. É só vir aqui comigo. Eu sou homem. Homem! tá me entendendo? Eu gosto disso. Quem não gosta? Mas tem que ter dinheiro, tem que pagar. Aí é mais gostoso, até só tu pode, tu pode o que quiser. Eu pago é com gosto, com prazer. Eu tenho dinheiro, dinheiro...(Amigo 2 vai se arrastando para ir embora. Travestis vão lá e pegam o amigo 2 e o trazem de volta. Eles o imobilizam no chão no centro do palco. HOMEM vai para o tonel ardente, enfia uma tocha e a acende. Depois volta a falar:)

(Para os travestis. Vem se aproximando deles com a tocha na mão.) Segurem o garoto esperto! Vamos arrumar o cara pro show dele. Não queria chamar a atenção de todo mundo? Pois agora vai realizar seu sonho.(Os travestis pegam batons e começam a pintar a boca do Amigo 2. este luta para se ver livre desse ataque. Depois ele é amordaçado e tem as mãos amarradas. Ele em vão se debate. Então colocam uma peruca nele.

TRAVESTI 2 (para o Amigo 2)

Tu não mudou nada. tá é mais gostoso. Vai mexe, mexe, que tu logo vai levar o tu tá querendo.

HOMEM

Abaixem as calças dele!

TRAVESTI 3

Viu no que dá brincar com fogo? Se tu não agüenta, não provoca, seu merda!

TRAVESTI 1

Eu quero ver essa bundinha. Eu quero ver essa bundinha linda..

HOMEM

Agora passem batom, passem batom no rabo dele. Quero ver essa merda bem bonita, no perfume, que eu não sou homem esculhambado.(Os travestis cumprem as ordens)

TRAVESTI 2

(rindo) esCulhambado...

TRAVESTI 3(com desejo)

Tá ficando lindo, tá ficando bom demais.

HOMEM

Agora segurem bem o cara. Eu tenho uma surpresa prá ele.

TRAVESTI 1(com mais desejo, abaixando suas próprias calças)

Eu também tenho, eu também...

HOMEM

Calma.Não é isso. É coisa melhor.

TRAVESTI 2(rindo, como que adivinhando)

Tu não vai...

TRAVESTI 3

Isso pode dar...

HOMEM

Dar em quê? Não dá em nada. olha só prá mim! Tenho cara de alguém que se deu mal? Que tá sofrendo ? Era isso que esse merda quis ver quando veio atrás de mim. Queria ver se adiantou alguma coisa ter me denunciado, se eu fui punido ou mudei de vida. E o que que ele queria: que eu me arrependesse e virasse um outro homem? que eu pedisse desculpa? Passou esses anos todos pensando nisso, mentindo, se enganando. Porque na verdade ele não esqueceu quando eu entrei todo dentro de suas carnes. E é por isso que ele voltou aqui, é por isso que me procurou tanto.(Amigo 2 fica se debatendo mais forte com a proximidade do Homem com a tocha) Segurem o cara, que eu vou satisfazer o desejo dele. (para o Amigo 2) Você não queria mais? Você não queria me encontrar? Pois eu tô aqui, seu merda, eu tô aqui! (Enfia com força a tocha na bunda do Amigo 2. Nesse momento, as luzes se apagam, e Amigo 2 solta um grito enorme, terrível, seguido pelas risadas dos travestis. )

TRAVESTI 1

Vamos levar o cara daqui!

HOMEM

Podem fazer o que quiser com ele.

TRAVESTI 2

Tá todo ferido, marcado.

TRAVESTI 3

Será que alguém ouviu?

HOMEM

Ele tava sozinho. O burro aí veio sozinho.

TRAVESTI 1

Tá vivo. O cara tá vivo.

TRAVESTI 2

Tu queria o quê? Que fogo no rabo matasse?

TRAVESTI 3

Se fosse assim...

TRAVESTI 1 (colocando o Amigo 2 em seus ombros)

Me ajuda aqui.

TRAVESTI 2

Ajudar o quê? Vamos levar ele prá onde?

HOMEM(tirando mais dinheiro)

Se virem. Eu to pagando. Joguem essa merda em qualquer lugar.

TRAVESTI 3(batendo com as mãos nas pernas, se apavorando)

Eu disse, eu disse que ia dar merda.

TRAVESTI 1

Agora não adianta. A gente tem que fazer alguma coisa.

TRAVESTI 2(para o Homem)

Por que tu fez isso? Pensei que tu ia só assustar.

HOMEM

O cara não sai do meu pé. Eu precisava me livrar dele.

TRAVESTI 3

Vão vir atrás dele. Ele deve ter amigos. Ele deve ter alguém.

HOMEM

O que vocês querem: é mais dinheiro. Eu tenho. Eu tenho. Vocês querem mais dinheiro prá fazer o serviço?

TRAVESTI 1

Ainda tá quente, a bundinha dele tá fervendo.

TRAVESTI 2(para Homem)

Ele te conhece. A gente ele nunca viu. tu é que tá enrascado.

TRAVESTI 3

Eu não vou fazer nada, nada.

HOMEM(Indo para o tonel acender a tocha)

Enrascadas tão é vocês, suas putas.

TRAVESTI 1(larga o Amigo 2)

Péra aí! Puta não!

TRAVESTI 2

Não precisava ter queimado o cara.

HOMEM

Ah é, é? E desde quando vocês têm moral prá me dizer...

TRAVESTI 3

O que tu tá querendo dizer? Que a gente...

HOMEM

Isso mesmo que tu tá pensando, suas putas de merda, isso mesmo.

TRAVESTI 1

Pois tu tá errado, cara. tá errado. Eu tenho família. Eu tenho...

HOMEM

Tu não tem é bosta nenhuma. Tu, eu, vocês, nós, todo mundo aqui não é nada, nada.

TRAVESTI 2(Indo contra o Homem)

O que tu tá pensando, seu aleijado de merda, que vai ficar aqui humilhando a gente e...

HOMEM

Tu, esse bosta que tá no chão- ninguém vale nada. nada.

TRAVESTI 3

Eu vou te mostrar, eu vou te mostrar quem não vale nada. (dá um chute no Homem que cai no chão. A cadeira de rodas vai parar longe)

TRAVESTI 1

Tá pensando o quê? Que vem com dinheiro aqui e pode fazer o que quiser??!!.

HOMEM

É, eu posso, posso fazer isso mesmo. E ninguém, ninguém vai me...

TRAVESTI 2(Chuta o rosto do Homem)

Seu fresco de merda!

HOMEM

Posso, eu posso. Vocês não valem nada. Ninguém aqui vale nada. nada.

TRAVESTI 3(pega o Homem pela camisa e o bate em seu rosto)



Tu vai apanhar, seu bosta. Tu vai apanhar até aprender, que não se mexe com gente decente, que não se humilha ninguém assim. Não aprendeu em casa, vai aprender na rua.

HOMEM

Bate, seu fresco. Mas bate com força. Força. Eu quero ver até onde tu...(Pancadaria. Vem TRAVESTI 1 aos gritos com a tocha e acaba o serviço).

TRAVESTI 1

Morre desgraçado, morre! (Após uns instantes para se recuperarem, eles começam a conversar, sentados no chão.

TRAVESTI 2

Dois corpos! O que a gente vai fazer agora?

TRAVESTI 3

Eu não vou fazer nada, nada. Eu avisei.

TRAVESTI 1

Aqui não tem ninguém santo não. Não vem tirando o corpo fora.

TRAVESTI 2

Vamos colocar prá queimar no tonel. Assim a gente se livra deles.

TRAVESTI 3

No tonel? Mas ... mas...

TRAVESTI 1

É a coisa mais burra que eu já ouvi. Por isso tu trabalha nas ruas. Não serve prá nada mesmo.

TRAVESTI 2

Ah é? Então dá uma idéia melhor, já que tu...

TRAVESTI 3

Vamo parar, vamo parar. Senão daqui um pouco a gente...

TRAVESTI 1

A gente o quê? Tu tá mandando agora? Tu é o chefe?

TRAVESTI 2

É, tu tá querendo o quê? Tu que queria sair fora, agora...

TRAVESTI 3

Pois eu queria mesmo. Se a gente...

TRAVESTI 1(Levanta-se com a tocha na mão)

A gente o cassete! Tu ta mais dentro nisso que...

TRAVESTI 2(Pula no Travesti 3 que parecia fugir e o segura)

Tá indo prá onde!

TRAVESTI 3

Me larga, me larga!

TRAVESTI 2 (Para Travesti 1)

Bate, bate no cara.( travesti 1 bate no travesti 3 até que este desfaleça. Depois descansam. O Travesti 2 parece ver seus ferimentos).

TRAVESTI 1

Agora a merda está completa.

TRAVESTI 2

Quando eu falei prá bater, era prá bater no cara, não em mim.

TRAVESTI 1

Como é que é?

TRAVESTI 2

Isso mesmo que tu ouviu. Tava querendo ficar com toda a grana prá ti?

TRAVESTI 1

Que grana? Eu nem tava...

TRAVESTI 2

Mas tu acha que eu sou burra, é? Por que a gente acabou com todo mundo?

TRAVESTI 1

Não sei, foi dando aquela vontade..

TRAVESTI 2

No cu! No cu! Tu tá pensando o quê? Que eu fiz tudo isso porque tava com raiva?

TRAVESTI 1(se levanta com o pedaço de pau)

O que é agora? Vai querer brigar? Vai querer me encarar?

TRAVESTI 2

E se eu quiser? Tem algum problema?

TRAVESTI 1

Então vem. Eu tava preparado prá isso.

TRAVESTI 2

Viu? não disse? Tu tava de olho na grana.

TRAVESTI 1

Eu vou acabar contigo. Vou enfiar essa tocha no teu rabo. Tu gosta é disso mesmo. É o que tu quer.

TRAVESTI 2

Eu sabia que não dava prá confiar. Eu sabia.

TRAVESTI 1

Vem, o que tu tá esperando?

TRAVESTI 2

Gente como tu merece morrer sofrendo.

TRAVESTI 1

Por acaso tu é melhor que eu?

TRAVESTI 2

Eu vou te pegar!

TRAVESTI 1

A gente é tudo a mesma merda.

TRAVESTI 2

Vai dizendo, vai dizendo!

TRAVESTI 1

A gente não vale é nada. Nada.

TRAVESTI 2

Eu vou acabar contigo! (Se arremessa contra o outro. Lutam. Rolam. Batem no tonel que cai sobre eles. Apagam-se as luzes. Gritos.)

Fim

## IAGO

### METADRAMA PARA QUATRO FIGURAS E CORO

#### *ELENCO*

*ATOR A, QUE FAZ IAGO*, a maldade confusa que aos poucos se manifesta, mas somente pela ação dos outros. A persuasiva voz.

*ATOR B, QUE FAZ CÁSSIO*, o homem comum na hora e no lugar errados.

*ATOR C, QUE FAZ OTELO*, espada por espada, braço por braço, arrastando homens e mulheres sem saber para onde.

*ATRIZ D, QUE FAZ DESDÊMONA*, o fim do ciclo, a tentativa de romper com o fascínio que a violência causa.

*CORO*, a cada momento, uma reação.

*Cenário de guerra. Cercas de arame, trincheiras e metais retorcidos. Corpos de soldados mortos espalhados. Encenação do fim (adaptado) de Otelo, de W. Shakespeare.*

(Sob a melodia da Canção do Sicômoro, o público entra. Otelo afastado um pouco da esposa morta, Desdêmona. Após, entra o coral armado e ameaçador. Otelo empunhando a espada em resposta:)

OTELO

Olhem: estou armado!

E uma melhor que esta nunca esteve  
com melhor soldado. Já aconteceu  
de com este braço e esta espada  
abrir caminho através de obstáculos

vinte vezes maiores. (Desistindo de lutar, vendo a inutilidade de sua ação) Mas prá quê?

Destino sem controle! Agora eu sei...

Não fiquem com medo, (para a espada) mesmo com isso...

(Contracena com a espada, até chegar à ponta dela.)

Aqui é o fim da minha viagem, o fim...

ponto extremo onde meu barco chegou.

Não recuem: o medo é inútil.

Apontem um dedo contra Otelo

e ele recua. Prá onde eu iria ?

(Olha para a mulher morta)

E tu, vagabunda azarada, e tu?

Pálida como tua camisola!

Co' esse rosto, no juízo final,

vai lançar prá fora do céu minha'alma

e demônios vão me possuir. Frio,

muito frio sinto... como tua pureza...

Ah desgraça: me espanquem, demônios!

O céu não, não! Tempestades me levem!

Que eu asse no enxofre! Me afoguem no inferno!

Ah Desdêmona! Morta. Morta. Não!

Ah não, não, não.

(Entrando outra parte do coral trazendo Iago preso.

Cássio lidera este coral. Cássio está ferido, fraco.)

CÁSSIO

Onde está o louco, o desgraçado?

OTELO

Aqui. Aquele que era Otelo...

CÁSSIO (Mandando trazer Iago para frente.)

O traíra: tragam o vilão prá cá!

OTELO (Olhando para o chão, para os pés de Iago.)

É lenda. Não vejo nada que lembre

o diabo. Então posso te matar.(fere Iago com a espada)

CÁSSIO (Para o coral)

A espada! Tirem!

IAGO

Ferido... mas vivo.

OTELLO (Seguro por parte do coral.)

Bom! Muito bom! Eu te quero assim.

Prá ti a morte é coisa nenhuma.

CÁSSIO

Ah, Otelo, tu que já foi alguém,  
se deixar levar por esse bandido!

O que dizer...

OTELLO

Diz o tu que quiser...

Que eu sou um assassino honrado, é,  
Fiz tudo pela honra, sem impulso.

CÁSSIO (apontando para Iago)

Esse infeliz já confessou sua parte.

Então vocês estavam juntos nisso?

OTELLO

É.

CÁSSIO

Mas por quê, general, qual a razão?

OTELLO

Agora eu sei. Não mereço perdão.

Mas suplico: perguntem para o demônio  
aí por que ele fez isso comigo.

IAGO

Não me perguntem nada. O que foi, foi.

A partir de agora, não falo mais.

OTELLO (Em revolta mas contido pelo coral)

Desgraçado! Desgraçado! Vilão!

CÁSSIO (para Otelo)

O senhor deve deixar esse quarto!

Já! Seu poder e comando não mais

lhe pertencem. (Para Iago) Quanto a esse bandido,

se houver tortura cruel e engenhosa

que o atormente por muito, muito tempo,

que seja assim. Vamos, vamos embora.

(Empurra Otelo) Será tratado como criminoso.

OTELO

(Interrompendo sua saída)

Por favor, esperem: quero falar.

Eu servi ao Estado, todos sabem.

Mas... isso não. Suplico aos senhores

Que quando relatarem o que eu fiz,

contem tudo. Não atenuem nada.

Mas não se excedam. Falem sem maldade

de alguém amou demais, e sem pensar;

que não tinha ciúmes, mas, enganado,

perturbou-se ao extremo; e co'as mãos

jogou fora uma jóia tão rica,

a mais preciosa. Falem de seus olhos

que antes nunca mostrando comoção,

agora se derramam em mil lágrimas.

Contem tudo isso, e escrevam.

E não deixem de contar que uma vez

em viagem, quando eu vi um bandido

espancando um cidadão e xingando

nosso Estado, eu peguei pelo pescoço

o cachorro miserável e o matei

assim: Ah... (Otelo se mata com sua espada)

CÁSSIO

Que final sangrento! Nada mais resta!

OTELO

(Para a mulher)

Antes de te matar, eu te beijei.

Agora morro e te beijo outra vez.

(Cai sobre a mulher. Todos observam os mortos. Aos poucos, parte do coro faz um círculo em volta dos cadáveres e a outra parte sai com Iago que é empurrado com violência, tendo seu rosto encoberto por um capuz de enforcamento. Pano. Cena se esvazia. Após alguns instantes, entra o ator que desempenhou o personagem Iago. Ele chega sob o som estridente de aplausos. O ator chega cambaleante, as mãos em seu flanco esquerdo segurando uma ferida morta que sangra. Ele atira-se para uma poltrona mais à frente do palco, pega um controle remoto e fixa o olhar nos espectadores. Após reclamar de dores, começa a falar. Enquanto fala, entra o ator que desempenhou o papel de Miguel Cássio. Enquanto Miguel Cássio ajuda Iago quanto ao figurino e maquilagem, entram felizes, mais ao fundo, os atores que desempenham Otelo e Desdêmona.)

ATOR A, QUE FAZ IAGO

Ah, desgraçado! Desgraçado!

ATOR B, QUE FAZ CÁSSIO

Calma! Deixa eu ver?! (Mexendo nas roupas de Iago).

A

Ai! Tire a mão daí. Quer me matar também?

B

Só quero ver o que aconteceu. A armadura: tire!

A (Empurrando)

Sai daqui! Fique longe de mim!

B (Tentando tirar a armadura)



Deixe eu te ajudar. Levante os braços!

A (A armadura sendo tirada)

Não! Ai, bem aí, bem aí! Ele me acertou de propósito, viu?! De propósito!

B

Calma! Desse jeito...

A

Olha esse corte! Ele podia ter acabado comigo!

B( Tirando as roupas de Iago, com cuidado.)

Não sei porque tanta roupa em cima da gente!

A

Ai, seu idiota! Cuidado!

B (Desanima. Deixa de fazer o que está fazendo.)

Já tá exagerando! Não foi nada. Passou de raspão.

A

Não foi nada, é? Não foi nada? Vocês sempre desculpando o coitadinho, o desgraçado ...sempre...

B(Se limpando. O sangue.)

Eu? Que que eu tenho a ver com isso!

A

(Se vestindo novamente sozinho) É muito perigoso ser Iago! Alguém precisa fazer alguma coisa!

B

Quer o meu papel? O de Otelo? Ou o de Desdêmona?(rindo)

A

Sai, sai. Prá variar, você não está entendendo nada, nada.Como sempre.

B(Voltando-se)

Como assim?! O que você tá inventando agora?

A(como se tivesse uma platéia.)

Não foi o que eu disse? Você não consegue entender nada mesmo!

B

Olha, todos conhecem essa peça!

A

As coisas pioraram... Iago ser ferido é uma coisa que assusta.

B

Quem?

A

Aquele desgraçado! E você, um idiota!

B

Não vai me dizer que você tá com medo?! Um simples acidente e ...

A

(Procurando se erguer e se afastar de Cássio) Acidente? Olha, você está cada dia mais parecido com Cássio: é apenas alguém que não sabe, que continua sem saber.

B

Mas você tá falando sobre o quê, afinal?! Fala!

A

As coisas aí bem na sua frente e você nada!!! Nada!!!

B

Eu vi a cena! Eu estava lá! Ele fez o que tinha de fazer! Só isso!

A

Então você acha que foi só isso? Que o desgraçado do coitadinho...

B (Sem paciência)

Mas qual é esse novo imenso mistério que ...

A

O que você acha, heim? Que é fácil carregar tudo isso, esse mundo de horror e destruição, assim sem pensar em nada? Por acaso eu sou uma máquina? Um monstro?

B (Tentando mostrar o que aconteceu)

Como é que é?

A (Abraçando Cássio.)

Você quer é que eu te explique as coisas, não é? Que eu te mostre tudo, tudo o que realmente estamos fazendo aqui noite após noite!?! Pois eu vou fazer isso, meu amigo. Eu posso fazer isso por você. Vou dizer tudo o que você precisa saber. E depois quero ver quem se atreve a dizer que o meu papel é o de um simples vilão.

**(Entram 'Otelo' e 'Desdêmona' aos beijos)**

ATOR C, QUE FAZ O PAPEL DE OTELO

Olha só como já estão amiguinhos! É o novo casal da peça!

ATRIZ D, QUE FAZ O PAPEL DE DESDÊMOMA.

Shakespeare é cheio de surpresas!

C (Vira-se e depois da fala beija a mulher, ela meio desconfortável com a situação.)

O espetáculo continua noite adentro, noite afora. (Ele se esforça em mantê-la junto a si, de seu abraço.) Enquanto ele se ocupa em acabar com o mundo, a gente...

D (afastando-se um pouco.)

Alguém precisa fazer o trabalho sujo.

A (para C)

A tua espada está cada vez mais afiada, viu?

C

Então cuidado! E não fique muito perto de mim! E, principalmente, dela!

D

Ele me olha de um jeito... Parece que me vigia, persegue.

C (para A)

Tá ouvindo isso?! tá ouvindo isso???

B (procurando contornar o conflito)

Calma ! Calma! Sem confusão! Tem gente ainda por aí!

A

(Para C. Irônico.) É, você realmente está cada vez mais parecido com Otelo.

C (Para A)

O que tu quer dizer com isso?

A (Para B.)

Não falei?

C (Para D)

O que ele tá querendo dizer?(Sacode a mulher) Me fala, me fala!

D

Eu lá sei!

C (Solta a mulher e vai na direção de A)

Deixa eu te mostrar o que eu acho disso de você ficar olhando prá minha mulher!

D ( cansada, como se estivesse passando um texto já batido)

Sempre faz isso, todo dia a mesma coisa...

B

(Tentando apartar a briga) Vocês estão malucos? Chega disso, ouviram?! Chega!

C

(para B) Me largue! Me deixe acabar com ele.

D

“Honesto Iago”... nunca um texto foi tão mal escrito!

B

Parem com isso! Parem com isso!

(O ator que faz Iago é empurrado por Otelo e vai com desdém para sua poltrona, segurando seus ferimentos entre risos).

A

“Quando eu não te amar mais, o caos vai ser novamente estabelecido.”

D (Levanta-se do chão.)

Não adianta nada. Olha ele lá!

C (para A)

Escute uma coisa, rapazinho: amanhã, durante o espetáculo, se você se aproximar dela, te prepara: eu vou te pegar na frente de todo mundo, ouviu? Tá me entendendo? Tá avisado: amanhã você não escapa. Amanhã eu acabo com esse tormento! (Saem C e D. C vai puxando D pelo braço com força.)

A (para B)

Você viu o que aconteceu? Viu o que ele fez? É disso que eu estava falando.

B (Tirando o figurino, maquilagem e se arrumando para sair)

Sei, sei. As coisas que só você entende! De novo!

A (típico monólogo)

Não é preciso ser Iago para entender o que está havendo, meu amigo. Eu odeio o mouro e ele me odeia. Nos colocaram juntos nessa peça e, quanto mais o tempo passa, mais eu tenho certeza que não foi uma boa idéia reunir gente assim. Às vezes me falta a maldade necessária para fazer acontecer, de uma vez por todas, aquilo que é inevitável, aquilo que precisa acontecer. E nessa espera, noite após noite, fico pensando porque manter longe algo que eu mesmo, a qualquer momento, posso realizar... Será espada por espada!

B (Enfastiado dos monólogos de Iago)

Vamos beber? Hoje foi difícil acabar. Parecia uma tortura. Cada dia piora, parece que não tem fim. Vamos beber?

A

A noite, meu amigo, a noite. Essa noite é uma noite perfeita para lago.

( Saem pisando e tropeçando nos corpos deitados no chão. Em seguida, sons distorcidos de uma batalha sangüinária podem ser escutados. Gritos surdos de alguém que é atingido de surpresa por um golpe de espada e não possui a oportunidade de chamar por socorro e vê-se afundar sob a lâmina que abre espaços no corpo atingido que engole qualquer possibilidade de fuga. Ruídos de ossos se quebrando lentamente, até virarem pó. Sons do ferro de espada trançando sua coreografia de embate e relampejar. A batida contínua de graves tambores em ritmo uniforme, pontual, como os passos de algo se aproximando, algo sobre nossas cabeças. Em meio a essa orquestração de uma mítica batalha, começam as vozes humanas, sons sem palavra ou melodia, um suspiro rouco, gutural, como as ondas do mar, indo e vindo, trazendo a memória de almas sem nome e rosto, um só fôlego se formando diante de nós. A partir desse coral, os corpos mutilados de todas as guerras começam a se levantar, e se colocam em passo de marcha contra a platéia, uma marcha lentíssima, que se avoluma no olhar desses que andam e cada vez mais eliminam qualquer campo de visão do público. Quando não houver mais distância entre a platéia e esse coral, há um estampido de tambor e flauta trilando bem agudo. O coro cai e ao fundo chegam A e B bêbados, conversando, um amparado no outro. O ator A vai enchendo o copo de B.)

B

Com tanta mulher no mundo você foi logo...

A

Mas ela não é linda, não é? Principalmente porque está com ele...

B

(Meio se afastando) Não entendi! O que você quer dizer com...

A(vai para servi-lo de mais bebida.)

Quando você vê um casal assim tão feliz, não dá a vontade de ir lá e...

B

E o quê?

A

Tu sabe, tu já conhece essa história.

B

Não cara, não sei de nada. Onde tu tá querendo chegar?

A

Olha, pode falar: nunca te deu vontade de saber mais dela? De espiar nas frestas do camarim?

B

Quem? Eu!?

A

Toda noite vocês falando, uma noite dessas vocês juntos... não me diz que nunca pensou nisso!?!

B

Mas... mas...

A

Pode falar. Prá mim você pode dizer tudo. E o que tem de mal nisso - desejar a mulher do cara. Agora é proibido gostar de mulher? Qual o problema? Você pode gostar dela se quiser. Se você quiser, você pode até ficar com ela. Eu não me importo...

B

Mas eu nunca quis nada com ela! De onde você tirou isso. Realmente, ela é muito bonita. Mas entre achar isso e querer algo mais ...

A

E por que não? Só por que não está escrito? Você precisa de alguém prá dizer o que você deve fazer?

B(estendendo o copo)

Eu preciso é beber mais. Com você por perto, eu preciso de mais bebida.

A

“Está em nós ser isso ou aquilo”. Se você quiser, ela é tua. Ela te ama. E não há nada melhor do que isso, o amor de uma mulher noite adentro.

B(Bebendo rindo.)

Não adianta. Você não vai me convencer. E eu vou beber às tuas custas.

A ( Se afastando com a bebida.)

Ah, é insuportável essa tua natureza tão nobre e dedicada! Servo de tudo que já existe!

B(indo atrás de A)

Ei! Pode ir embora mas deixe a bebida!

A (Evitando que B pegue a bebida)

Mas eu te convido a prestar mais atenção nas coisas, a ver mais, a ver melhor. Responde: quando eles, o maldito casalzinho começou a ficar junto?

B

Não sei, não me lembro. Acho que desde os primeiros ensaios.

A

Muito bem. E eles sempre demonstraram “intensa paixão e vontade”?

B

Não, não. Só no começo. Só até a estréia. Me dá, me dá.

A (Dá a garrafa para B.)

E depois? Lembre!

B(Esforço para lembrar)



Com o passar das apresentações ... as coisas se acalmaram ... as carícias foram desaparecendo...

A

E tudo foi ficando frio e vazio – um profundo tédio. Ele cada vez mais violento, viril...

B

É... pode ser... pode ser...

A

Ou seja, antes faziam questão de desfilar essa sujeira por aí, obrigando todo mundo a ser platéia desse horror.

B

Não sei bem... acho que...

A

Cássio, Cássio isso que você imagina ser amor não passa de um parasita, que enxertaram em nós para nos distrair. Meu amigo Cássio: até quando você vai continuar invisível, esquecido atrás de Otelo ?

B(rindo)

Eu quem? O que você...

A

(Puxando o braço de B, trazendo B para junto de si) A mulher, Cássio, tome a mulher e a tua história vai ser diferente. Existem muitas coisas no ventre do tempo esperando ser paridas. Então pegue essa mulher e crave os dentes nela! Você precisa disso hoje, agora. Eles estão jantando perto daqui. Vamos lá acabar com essa farsa! Como eu odeio a mentira!

B

Largue meu braço, seu maluco! Saia de perto de mim!

A

A mulher, Cássio. Você pode, você deve. Nada faz sentido nesse mundo enquanto Cássio não dormir com a mulher de

Otelo, pelo menos uma vez. Vamos enxertar um pouco de alegria nessa peça tão insuportável.

B

Me deixe, homem! A espada, ela devia estar envenenada! Eu não vou ser a tua mão! Você deve ter perdido muito sangue!

A(A empurrando B para fora de cena)

O cavalo certo cobrindo a égua certa, o bode velho com os cornos enterrados no chão! O mundo enfim nos trilhos certos!

(O mesmo coral realiza uma dança burlesca que contém motivos animalescos e ludibriosos. A personagem que faz Iago atravessa essa paisagem de sátiros abraçado à personagem que faz Cássio, procurando convencê-lo a ousar. Após a saída deles, parte do coral sai e empurra uma cama com as personagens que fazem Desdêmona e Otelo. A outra parte do coral continua sua dança. Com a chegada da cama, tudo se suaviza e as feras da noite aplacam seu frenesi. A personagem que faz Desdêmona encontra-se na cama deitada sobre Otelo. )

A ATRIZ D QUE FAZ DESDÊMOMA

(Coloca as mãos na cabeça de C, abraçando o pescoço dele)

Você me ama? Ama de verdade?

O ATOR C QUE FAZ OTELO (Vira-se para ela . Rude.)

Mas por que isso agora?

D

(Descendo as mãos, agora pousando suas mãos nas mãos de Otelo)

Só me responda: você me ama?

C (afastando as mãos dela)

Você tem cada pergunta. E a essa hora da noite...

D

(Vira-se abruptamente. Sentada sobre o ventre de Otelo. Eles frente a frente, olhos nos olhos. Ele vai dizer alguma coisa e ela o interrompe colocando o dedo nos lábio dele. Ele sorri, pensando em sexo. Ele se aproxima mais para beijar, arma o abraço e ela se afasta, erguendo-se e levando consigo o lençol. Usa o lençol para apoiar as referências de sua fala.)

Até o meio do terceiro ato, eu sou bela, linda e você me quer. Há uma noite de núpcias nos esperando. A cama está arrumada, os lençóis limpos e a porta aberta. Mas no quarto ato, você enlouquece. Vem com todo seu ódio prá cima de mim e me esbofeteia sem razão. E logo depois, no quinto e último ato, enquanto eu dormia em nossa cama, nos mesmos lençóis ainda limpos, a porta aberta, você entra com uma vela na mão em busca de meu pescoço. Você me beija e eu não te reconheço. Diz que vai me matar e eu suplico piedade a Deus, a ti. E você fica me abanando no meu rosto a memória de um lenço. Mas então me mate amanhã, espere mais, ou daqui a meia hora, eu peço, já com o desespero me encurtando o fôlego. E você cala minha boca aos gritos, me xingando de vagabunda, suas mãos fortes e duras encontrando meu pescoço. E não mais há luz ou nada para se ver ou respirar. Tudo enquanto eu dormia. Então você me ama? Isso é o amor de homem? (Ela senta-se no chão e chora. Otelo levanta-se e vai abraçá-la, consolá-la. Ela recusa. Ele continua seu forte abraço, vendo-a assim fragilizada, o corpo aparecendo por entre os lençóis.) Por quê? Por que isso tudo? Primeiro o amor. Depois... As mulheres, elas precisam sempre morrer: asfixiadas, loucas, envenenadas... Primeiro, o amor. E, no fim do amor, o fim do amor, para onde o amor aponta: morte. (Vira-se, fica de frente para ele e fala desesperadamente. Nisso, o coral começa a fazer um movimento de cerco, o prazer da antecipada dor que a caça acuada sente brilha em seus rostos) E se eu não quiser isso, heim? Tudo bem? Tudo bem se eu não quiser assim, essa desgraça? E se eu não quiser essa morte,

essas mãos em volta de minha garganta? Eu posso não querer, posso? Eu posso recusar, fugir, correr, ir embora?! (Para todos no teatro) Ninguém, ninguém vem ajudar quando uma mulher grita. (Olha para ele) O assassino desfila a sua força, na frente de todos. E nada. Ele traz a luz, meu bem, ele invade um quarto que é só dele. Ele te procura e te acha sob o olhar cada vez mais satisfeito da platéia. ( Lança Otelo para longe de si. Ela se joga ao chão chorando. O coral pega o lençol, cobre-se e prepara-se para cobrir Desdêmona, como um ataque, como sexo. Somente o rosto dela ficará de fora dessa incrível engrenagem.) Então é assim que o homem me ama: com minhas feridas, com meu corpo morto, um nojo - asco e pedra. Até o meio do terceiro ato eu sou bela e linda. E para gozar, você me enche de bofetadas e me quebra inteira (Otelo interrompe a cena, tirando o lençol e abraçando Desdêmona. O coral sai correndo como se tivesse sido humilhado, descoberto em sua nudez. )

C ( Firme para a mulher, segurando suas mãos.)

Pare com essas coisas e me escute: Eu não sou Otelo, ouviu? Eu não sou Otelo!

D

(Aos prantos) Por que mostrar essas coisas? Prá que fazer um espetáculo disso?! Uma mulher, meu amor, uma mulher... Você me entende? Você consegue...( Entram Cássio e Iago bêbados, como se estivessem debaixo do prédio onde moram Otelo e Desdêmona. Eles chamam Otelo com provocações a respeito de sua virilidade)

C (Se afasta. Vai pegar uma bebida.)

A temporada está acabando. Vamos ver se você...

D

Sabe o que é morrer todo dia ? Todo dia?

C

Você acha que é só com você? Eu também morro no fim.

D

Não, você se mata. É diferente.

C (Bebe. Rindo)

É muito cadáver nessa porcaria

D

Quero saber, me responde (Tira o copo dele):quando você me bate ou me asfixia, o que você sente, heim? O que passa pela tua cabeça? Como você pode não sentir nada fazendo aquilo comigo?

C(pega o copo de volta e se afasta, não olhando Desdêmona nos olhos )

Mas Otelo precisa matar. (Rindo e se servindo mais) Se não fosse assim, não seria Otelo

D

Por isso eu perguntei se você me amava. Se você realmente me amasse, não deixaria nunca isso acontecer comigo.

C (Virando-se, já com um pouco de raiva.)

Mas onde você quer chegar com a merda dessa discussão, heim? onde?

D(se afasta dele)

Justamente nisso. Nisso.

C(Indo atrás dela, com raiva, segurando a bebida e o copo.)

Por acaso você acha que alguém viria aqui para ver o “amor de Otelo e Desdêmona”? Não, não, não. Eles vêm por isso: prá se assegurar que tudo vai acabar mal, como sempre. (O coral começa a realizar coreografados atos de guerra) Isso é o que fascina: a renovada visão de tudo se destruindo. Ninguém sai de casa para assistir (parodiando)“Você me ama? Você me ama.”. Há coisas melhores para se fazer, meu bem. É... Um soldado sabe

a guerra de sua vida. E não há como fugir dela. E estamos em uma época impossível de escapar da guerra.

D(entendendo as coisas)

E mesmo quem não vai prá guerra, quem não luta precisa morrer...

C

Tá começando a entender.

D

Por isso você apenas feriu Iago mas me assassina todo dia.

C (Percebendo o que disse)

Não, não,não: aí é diferente. Você, eu gosto, eu quero de verdade.

D

Sei, sei. Se gostasse...

C

Prá que isso, heim? Prá que essa coisa toda? Você acha que é fácil prá mim...

D

O que prá você?

C

Por acaso você já pensou em Otelo?

D

E você em Desdêmona?

C (Afastando-se, cansado. Sem argumento.Senta-se)

Não há como pensar nela. Mas Otelo... terrível! É terrível!

D

Por quê? Por que com o louco ciumento enganado que mata a mulher é pior?

C

O problema de Otelo não é o ciúme.

D

Ah não é não? Olha essa espada! Olha a espada!

C (Vira-se para Desdêmona)

O grande problema de Otelo é a mulher.

D

Como é que é?

C

Sem a mulher, nada disso teria acontecido. Não haveria razão para fazer o que ele fez. Se ela não existisse, todos seriam felizes.

D(surpresa)

Então agora Otelo é um pensador! Essa eu não sabia...então ele não é mais o idiota, o imbecil estúpido que seguiu a voz de outro imbecil? Não é esse que é Otelo? Pois, eu te digo, meu amor, Otelo é mil vezes pior que Iago. E você mil vezes pior que Otelo.

C (Afasta-se de Desdêmona. Não quer olhar o rosto da mulher. Ira!)

É melhor você parar. Eu não tenho nada a ver com isso. A gente aqui junto e de repente...

D

Não fuja agora. Eu preciso falar.

C (pensando, de costas para Desdêmona)

Parece que a gente ainda tem a noite inteira, meu amor, a noite inteira.

**(Apaga-se a luz. Em outro lugar ilumina-se a entrada de Cássio empurrado por um Iago completamente possesso e determinado em cumprir a destruição de tudo em volta. Ambos embriagados e cansados de procurar o casal.)**

ATOR B QUE FAZ CÁSSIO

Pare de me empurrar, eu já disse! Pare de me empurrar!

ATOR A QUE FAZ IAGO

Vamos logo, já estamos chegando.

B

Você tá falando isso a noite inteira!

A (Pára. Olha em volta.)

É por aqui. Eles devem estar por aqui.

B

É o que você disse quando a gente foi atrás deles no bar.

A

E a gente chegou atrasado. Eu estava certo. Como agora.

B

Já é tarde. Amanhã tem ensaio e depois espetáculo.

A

Eles devem estar em casa. Tenho certeza!

B

Eles é que estão certos. Chega! A caça acabou!

A

A gente precisa continuar, viu? A gente deve.

B (Interrompendo o empurra-empurra)

A gente quem? O que eu tenho a ver com isso? Você inventa um negócio, me enfia nele e ainda sou eu quem vai na frente?

A

Pare de pensar e olhe o quanto a gente já avançou. Antes não existia nada, só uma desconfiança. Agora estamos aqui, começo de madrugada, prontos para fazer o que realmente precisa ser feito.

B

Mas que merda essa prá qual você tá me empurrando? Me explica!

A

Não adianta nesse momento dizer tudo. Ouve: depois que a gente fizer, depois que principalmente você realizar, é que



tudo vai fazer sentido. Senão, vai parecer apenas alguma coisa entre mim e ele, uma vinganczinha. Todos viram o cara me ferindo com sua espada. Todos viram sua raiva contra mim. Mas isso não importa. Não interessa nada se foi comigo. Essa não é a coisa mais importante. O importante é você...

B

Eu?!!

A

É, você, justamente você, que sempre esteve ali, disponível, sem oferecer resistência ou dificuldade alguma. Você é o melhor nesse caso. Só você pode trazer um benefício para todos os envolvidos nisso. Sem você, nada do que virá terá algum valor. É a coisa mais certa desse mundo. Comigo tudo fica vergonhoso e horrível. Mas com você é a perfeição. Então, por mais que você se violente ou recuse, por mais que você não entenda ou não queira, só você, meu amigo, somente alguém assim como você vai poder completar tudo e movimentar a roda que impulsiona essa engrenagem.

B

(Senta-se e ri de cansaço.)

A

Logo você vai parar de resistir e vai fazer, você vai atingir Otelo, e Otelo vai cair. E tudo fará sentido nessa queda. Vendo o grande homem cair, você vai entender o que eu estou querendo, o que eu estou te ajudando a cumprir. Daí você vai ter, enfim, a mulher, tudo o que você sempre quis. Todos os inúteis dias de sua vida vão ficar prá trás. Por causa da mulher, uma vida inteira se perdeu e uma nova começa bem agora.

B (Mãos na cabeça.)

Pare de falar, por favor. Pare! Fique longe de mim! Chega! Como se fala nessa peça!

A (Levantando o sujeito.)

Cássio, Cássio: levante. Vamos para a casa do mouro, interromper novamente um amor que não se completa. A cama de Otelo vai ser tua. A mulher do outro é nossa companheira. Quando tudo piora é que estamos bem.

B

Mas... mas..

A

Não pense em nada. É assim que o mundo avança em seu eixo, caro Cássio. Tudo deve acontecer como foi escrito. Ontem e hoje, a novidade é a mesma espada nessas carnes. Olha como as luzes do apartamento deles ainda não se apagaram. E onde há luz, há uma porta aberta para nós. ( Coral se arruma com roupas de guerra. Na seqüência que se segue, os diálogos serão articulados em função de uma guerra sangrenta desempenhada pelo coral).

ATRIZ D QUE FAZ DESDÊMOMA

(Colocando a roupa de sua apresentação da peça Otelo)

Eu vou embora. É impossível ficar com alguém como você.

ATOR C QUE FAZ OTELO (Na cama, de cuecas, as mãos nos órgãos,frustrado pelo sexo não realizado.)

Ah, vai fugir. Depois eu é que sou o covarde!

D

O que você vai fazer? Vai me prender? Vai me matar?

C

Fez o que fez, ficou aí me acusando de tudo e agora...

D

Você nunca entende, não é? Você é sempre o pobrezinho do homem que nunca entende.

C

A gente estava na cama e daí você, do nada, foi ...

D (Ele se levanta e vai até ela, pensando ainda reverter a situação.)

Então a culpa é minha?! É isso que você quer dizer. A culpa é...

C

O que você quer, heim? Me diz: o que você quer que eu faça?

D

Tire as mãos de mim!

C(surpreso)

Mas, mas você está pensando o quê?!!

D

Tire as mãos de mim que eu já sei onde isso vai dar.(Sai do apartamento. Entra Iago comemorando.)

ATOR A QUE FAZ IAGO (Ele vai girando em volta de C, como que conhecendo e mostrando o quarto.)

O quarto todo preparado, a cama, a luz...

C ( Sentado na cama , confuso, mais frustrado.)

A última pessoa do mundo que eu queria ver hoje era você.

A

Realmente um lugar bonito demais prá se ficar só.

C

Ela vai voltar. Quando acabar a temporada, tudo vai se resolver.

A

Você conseguiu mesmo arrumar a cena. Dá vontade até de ser sua mulher.

C

Uma noite dessas e eu ainda te acerto forte com a espada.

A

Mas não adianta nada o quarto sem ela, não é? É para isso toda essa cena, todo o esforço para estar aqui com a mulher. No fim das contas, é a única coisa que importa.

C

Mais um bosta que fala, fala sem parar!

A (Falando junto de C)

Mas nesse momento ela desceu as escadas e se encontrou com Cássio. Ela chora, está triste e você sabe bem porquê. (No ouvido de C) Cássio vai ouvir o que ela tem prá falar. Cássio vai amar ouvir cada palavra, todas as que a mulher precisa dizer. E entre eles vai crescer uma vontade de estar juntos, cada vez mais próximos, longe desse quarto onde tudo acaba. ( Se afastando de C) E você, meu amigo, não pode mais fazer nada. Pois ela se foi. Mesmo que você traga a mulher de volta, mesmo que você amarre o corpo dela na cama e a enterre aqui dentro, ela já saiu desse quarto. A mulher estava tão perto de você e num instante, num fôlego, tudo se perdeu, para sempre.

C (levantando-se)

É o que você quer, não é mesmo? É o que você sempre quis. Por isso me cercava com esses seus olhos. Desde os primeiros ensaios, a mesma coisa, o olhar em tudo que eu fazia, me roubando o tempo inteiro.

A

Agora ela conversa com Cássio, um em frente do outro, o mesmo ar em seus pulmões. Ela já está dentro dele, assim como Cássio no mais profundo dela.

C (puxa A para sua direção)

Olhe para mim, seu merda. Sempre querendo meu lugar, torcendo para que eu errasse ou ficasse doente, ensaiando as minhas partes, desejando tudo o que o que é meu. Você me procurava em todas as coisas. Aonde quer que você fosse, você me buscava. Pois agora, aqui em meu quarto, a luz acesa, a cama

preparada, você conseguiu, seu idiota, você me encontrou. Agora somos só nós dois e o que vai acontecer? Você acha que eu vou fugir ou chamar outra pessoa? Somos só você e eu, frente a frente, de verdade, e não o seu amiguinho de merda ou minha mulher. E o que você vai fazer então, heim? Vai me beijar? Vai me morder? Vai gritar ou morrer de rir? (Joga A no chão. C fala cercando o homem caído.) Você é um bosta, uma provocação inútil. Passou o ano inteiro, dias e noites se preparando, fazendo o que podia para estar aqui. E então some, desaparece, se enfia dentro dessa visão maluca. Seu merda! Merda! Achando que é a figura da peça! Seu bosta, bosta, bosta de merda! Péssimo ator, horroroso, um lixo! (Puxa C e o leva contra a parede, para espancá-lo. O coral prepara uma sala de tortura com uma mulher ao centro, duplicando a cena. Cada frase de Otelo é um soco em Iago). Você alguma vez acreditou de verdade que essa conversa toda sobre minha mulher poderia me afetar? O pai dela mesmo disse que ela era indigna de confiança e amaldiçoou nossa vida. Outros falaram do perigo de se apaixonar por uma jovem atriz. Mas ela é meu prêmio. Eu mereço a mulher por tudo que eu já fiz. Amanhã a noite é a última apresentação, a consagração. E você não vai me perturbar. Nem você, nem ninguém. Eu vou fazer de tudo para que as coisas continuem como estão.

**(Em uma escada, conversam B e D)**

ATOR B QUE FAZ CÁSSIO

É perigoso sair assim sem rumo pela noite.

ATRIZ D QUE FAZ DESDÊMOMA

Perigoso é viver com esse homem, com qualquer um.

B

Volte para sua casa, antes que alguém espalhe mentiras.

D

Uma mulher não pode conversar com um homem sem que isso vire acusação. Uma mulher não pode andar pela rua sem ser percebida. É impossível não ser vista, invadida, arruinada. É como uma ameaça, uma ameaça eterna, desde que se nasce.

B

Mas sempre foi assim. É por isso que precisa de proteção e...

D

Que proteção coisa nenhuma! Você é igual a ele. Vocês são todos iguais. Eu não preciso de nada, ouviu? Eu não preciso precisar disso. Agora porque tem que ser assim, vocês se apresentam como heróis e tornam a minha vida uma desgraça. Mas eu também não quero mais isso. Eu recuso toda essa ajuda. Eu vou ficar aqui até o fim, falando e gritando, até que alguém me ouça e saia dessa escuridão e grite também, bem alto. E , quem sabe, por essa terrível gritaria, alguma coisa alguém me ouça e meu sangue não seja derramado. Você me entendeu, seu merda? Você está me entendendo agora? Quer que eu repita, que dance e cante tudo outra vez?

B(perturbado)

E a porcaria do lago dizendo todas aquelas bobagens sobre amor e mulher, me fazendo perder um tempo enorme com essa loucura. (pega no braço dela.)Vamos, vamos, minha senhora. Vamos pro quarto. A senhor vai se entender é com seu marido. Eu não tenho nada a ver com isso. A senhora pode falar e berrar o que quiser. Mas não prá mim. Eu não tenho culpa alguma. A senhora que descarregue esse monte de coisas lá no seu quarto, o mais longe possível daqui.(Empurrando a mulher para que ela volte para o quarto)

D(Andando contra a sua vontade)

É o que eu esperava. Você não entendeu nada. Seu burro, burro. Todos vocês!

B

E pensar que eu quase acreditei que você...

D

Burro, burro: me largue, você é igualzinho ao outro.

B

Ô noite estúpida, noite de merda!

D

Me deixe aqui, não me leve de volta para o quarto!

B

Cássio vai sorrir, Otelo enlouquecer....

(NO QUARTO. Quando C começa a pensar a partir dos estímulos de A. )

ATOR A QUE FAZ IAGO (Ferido e cansado de apanhar. Continua a dupla tortura.)

Não é em mim que você tem de bater, meu amigo!

C

Quantas vezes eu preciso te machucar prá você calar a boca!

A

Você pode me ferir e fazer sangrar que nada, nada vai me impedir de dizer o que eu tenho de dizer.

C

Falar, falar, falar. A noite inteira é gente falando no meu ouvido.

A

Me ouça então. Veja o que eu falo. Você sabe bem o que vou dizer.

C

Você não precisa falar mais nada. Apenas saia de minha casa.

A

Meu caro Otelo, nosso Otelo de hoje, olhe mais, veja melhor. Ela saiu faz é tempo. E Cássio também. E você aqui me esmurrando. Como devo dizer isso? Como devo me pronunciar? Aí estão os fatos, a verdade honestamente colocada. Eu ainda preciso argumentar? Diante de tudo isso, eu preciso te persuadir? (Com todas as sílabas:) Ela não te quer mais. De repente, foi o que aconteceu. Depois de uma noite de amor, ela mostrou um outro rosto. O gozo foi insuficiente, todas as noites de antes não serviram para nada. Você sempre fez o seu melhor, sempre honrou a sua forte presença. Tudo estava aqui nesta cama, toda a sua ciência. E num instante, num breve momento sem resposta, ela, dona de si, alheia a todas essas coisas, insensível a você e a esse empenho, ela, a mulher, Otelo, ela somente, a mulher sussurrava dentro de si, na escuridão do quarto, no fundo dos lençóis, 'adeus', 'adeus'. Mesmo com você dentro dela, a mulher abria seu espaço de fuga para longe do teu rosto. Mesmo com você usando todos seus músculos para contê-la, a mulher corria firme prá outros braços. Pois ela esperou você ficar fraco prá te surpreender, prá dizer suas palavras, prá te ferir no rosto. E você nunca mais vai conseguir calar aquilo que passeia em teus ouvidos, nunca mais vai conseguir fechar teus olhos. Ela quis assim, ela não te quer mais. O gozo foi insuficiente, e ela te diz adeus.

C (Se afastando, perturbado, pensando, não querendo aceitar essa realidade que Iago anuncia)

Ela não falou nada disso, seu estúpido. Você nem estava aqui. Você não sabe de nada.

A

Então por que você me bateu tanto? O que você quer esconder? Se ela não te quer, que culpa eu tenho?

C (Volta-se para Iago.)



Se é assim, por que ela não disse... não me... Mas não, ficou aí se fazendo de Desdêmona, angustiada por não sei o quê e me culpando.

A

É assim que elas fazem quando não querem dizer a verdade. Tudo é outra coisa, maior e mais intensa. Mas o que realmente está acontecendo é que elas vão partir.

C (Lembrando. Falando consigo.)

Sáímos, jantamos, viemos prá cá, estava tudo bem, eu ali pronto e, de repente, sem explicação, ela começa a falar e me perguntar se eu a amo.

A (Crescendo, por saber ter cravado os dentes em Otelo.)

Viu? Não te disse? Ela exige o que não pode dar em troca. Sempre a mesma pergunta! E o que ela quer saber que já não sabe? É isso, meu amigo, isso mesmo!

C

Depois se transformou na personagem da peça e ficou exigindo de mim que eu mudasse tudo, que eu deixasse de fazer o que sempre faço, para salvá-la desse mundo que ela dizia estar vendo.

A (Exibe-se, a partir do coro, uma mulher em uma cadeira, mãos atadas, olhos vendados. Fila de torturadores, que a chicoteiam)

Uma doença, meu caro, uma terrível doença é o que elas têm. Onde já se viu erguer um tremendo espetáculo desses prá desviar a atenção da verdade?!

C

E depois, frente à minha completa surpresa e ignorância, começou a me acusar, como se eu fosse o culpado de todos os sofrimentos e angústias e desgraças que as mulheres de todas as épocas e nações sofreram ou vão sofrer.

A

Que farsa! Que terrível farsa, com o único propósito de fazer com as pessoas pensem o pior de você, para ocultar o que realmente ela está fazendo.

C

E então por causa disso eu me torno no homem mais terrível que já existiu, alguém capaz de matar a sua própria mulher por causa de um engano, de uma mentira, por causa da merda de uma mentira inventada e produzida pela minha própria mulher ?

A

Pois enquanto você fica confuso, ela age. Enquanto você se perturba, ela aproveita. Todos os caminhos estão abertos para a mulher. Ela conseguiu sair do quarto, escapou disso que ela transformou em prisão e tortura. As mãos de seu homem se tornaram instrumentos de dor e humilhação. Você acabou com os sonhos dela. Por tua causa ela foi esquecida e abandonada. Você fez com que ela pensasse que não poderia conseguir coisa melhor que essa cama. Mas ela quer mais, muito mais.

C (Com as mãos na cabeça, como se estivesse tendo uma enorme dor de cabeça, diante da revelação.)

Mentira!!! Uma tremenda de uma mentira tudo isso, Iago! Aquela desgraçada me enganou!

A

Na verdade, ela vem te enganando faz é tempo.

C

Me fazer acreditar, querer que eu acredite nisso, que me torne um monstro, para ela se ver livre, feliz. Como eu poderia viver assim, carregando a miséria dessa culpa horrível, horrível? Mas ela deve ter planejado tudo ao me escolher como alvo. (Cai na cama e segura os lençóis com força)

A

Nenhum detalhe passou despercebido por ela.

C

Como eu poderia pensar que alguém seria capaz de fazer isso? Agora que eu perdi o sentido, eu não tenho mais valor algum.

A

E a história continua. Agora será com Cássio. Quem sabe o que virá depois...

C

Uma raiva enorme me comanda e eu vou obedecer. Estou totalmente aberto e fora de mim. Eu preciso fazer algo, Iago, eu preciso arrebentar essa ferida.

A

Faça o que deve ser feito.

### **(Fora do prédio )**

B (Sentado no chão, segurando uma garrafa de bebida, as mãos dentro das calças. O coral desempenha um harém que adormece Cássio em sua embriaguez)

Que a mulher faça o que quiser! Eu não me importo. Não quero saber. Nada vai acontecer por minha causa. Se eu subisse as escadas e o marido dela me visse... Iago, os olhos de Iago! ... Mas nada vai acontecer mesmo. Ela é bela e linda, e eu a quero. A bosta do Iago! ... Bem que eu gostaria que ela ... A pior coisa é uma noite assim, a bebida, tudo pronto e nada. Mas eu quero... Como eu quero... Sua boca em minha boca, o cheiro de seus cabelos... O calor de sua pele, de toda a sua pele em meus dedos... Ai , mulher! Que merda! Ah, que coisa boa, ah como é gostoso. Aqui ó, é isso. Pega aí, vai: pega tudo. Que merda ! Como isso é bom! Que bosta de merda! Como essa mulher é linda, é linda. Ah.... Ah...

**(Nas escadas)**

D ( Enquanto Desdêmona fala, o coral vem deslizando pelo chão em situação de ataque. Aos poucos vão tomando conta do corpo dela até que ela pare de falar)

Quando fui embora de casa, meu pai se sentiu traído. Ele sofria no meu lugar, como se fosse a mulher de meu homem, como se fosse dormir e fazer amor com um homem todinho seu. Meu pai só conseguia me ver sofrendo e sentindo dor porque eu nasci apenas prá fazer amor com outro homem. Então, traído e rasgado por dentro, ele parou de falar comigo, com outros, cheio de vergonha e medo de se ver em uma cama amando. Eu podia ver em seu rosto as marcas das unhas fechando os olhos para não ver nunca mais o medo. Daí eu saí de casa prá nunca mais voltar. E vi outros homens como meu pai, culpados por se sentirem como mulheres, com medo, homens com medo do violador. E em nenhum outro pude ver senão isso: o pavor de ser mulher, o pavor de virar mulherzinha na cama. Por isso não olham, não ouvem, não conseguem a mulher. Fogem da mulher como fogem do violador. Então sempre se sentem traídos, enganados, porque a mulher traz consigo aquele que violenta e apavora. A mulher prepara, pelas carícias, a invasão dolorosa. E todos os homens, como meu pai, não querem entender que continuam entregues a seus delírios e pesadelos, enquanto dormem com a mulher. E eu cansei dessa história, cansei de ser a masturbação anônima e mentirosa e resolvi falar. Pois a mulher não tem de morrer! Ela não precisa ser isso! E vou fazer de tudo quando entrar de novo nesse quarto para que ela não morra. Mesmo que esteja escrito, mesmo que esteja decidido no coração de alguém que ela deva morrer, eu vou romper a moldura, vou rasgar a máscara e lutar, lutar com todas as minhas forças para não morrer, para continuar existindo ali em frente de todos, além da garganta sufocada, além da palavra, da

sílaba, do som que ultrapassa o ruído da vida deixando o corpo para se perder no ar.(O coral arrasta a Atriz C para dentro do quarto.) Porque nenhuma mulher deve morrer mais, nenhuma , em palco algum! Nenhuma mulher deve vir à cena para morrer e ser morta, violentamente, como se isso fosse a única coisa que restasse para ela! Chega! Estão matando alguém, de verdade, de verdade! Ouçam, ouçam, estão matando alguém de verdade, de verdade...(Calam a atriz C com uma fita.)

C

Por que ninguém consegue fazer essa mulher parar de falar ? Eu não agüento mais! Iago, me ajude!

A

Você sabe o que deve fazer! Todos aqui estão esperando!

C (vira-se para D calada pela fita na boca e segura o rosto dela)

Por que heim, por que fez isso? Quem é você, me diga, quem é você?

A

Ela não vai dizer mais nada. A melhor coisa é isso..

(Entra Ator B bêbado. C se arremessa contra ele.)

C

O que você fez com ela? Vem Iago, me ajuda, me veste!  
(Iago traz a roupa do personagem Otelo para C. Ao mesmo tempo, A se veste também de Iago. O coral toma assento como uma platéia prazerosa em ouvir e ver o pior: a cena que se arma ) Eu vou mostrar prá esse monstro o que o ele deve sofrer. Que os céus me inspirem a não tirar o mal do mal. Há tanta necessidade de morte, e a hora do jantar já passou. ( Ator C, praguejando, espanca B, enquanto Ator A veste ator B com roupas de dormir de Desdêmona. Ao fim, B é jogado desacordado na cama. Durante a sessão de espancamento, D consegue se desvencilhar da fita em sua boca e canta a canção

do Sicômoro. Após cantar, ela se senta em canto mais ao fundo e distante do centro da cena para observar com horror, contrastando com a platéia do coral, a representação distorcida da cena II do Ato V de *Otelo* de Shakespeare. Iago segura uma luz para que Otelo faça o que tem de fazer. )

OTELO (Ator C)

Essa é a culpa, a culpada, minha alma!

Não me peçam seu nome, ó céus sem mancha.

Ela!!! Mas não vou derramar seu sangue;

nem ferir pele mais branca que a neve,

leve e suave escultura de vento.

Mas deve morrer, não trair mais homens.

Apague-se a luz e apague-se a luz:

(para a lâmpada que Iago segura)

Se eu te calo, oh ardente condutor,

posso recuperar tua antiga voz

quando quiser. (para ator B) Mas a tua luz não,

oh mais dissimulada coisa do mundo:

não sei mesmo onde possa estar o fogo

que te acenda. Quando arrancar a flor,

não poderei restituir sua seiva.

Ela vai murchar. E eu sentir seu cheiro.

(Otelo beija ator B, uma mordida que arranca sangue. Ele acorda assim violentamente e se contorce e grita e puxa os lençóis, mas é seguro firmemente por Iago que o amarra e amordaça. Desanimada, ATRIZ D suspira sua canção. Otelo vai tirando a camisa como quem vai fazer sexo selvagem e violento. O coral fica excitado e come mais pipocas e comenta o que vai acontecendo, torcendo pelo pior.)

Ah perfume suave, que quase faz

a justiça quebrar sua espada (novos beijos terríveis).  
Beija!

Isso, até morrer. Eu vou te matar  
e te amar depois. Beija, que é o último:  
doce e mortal. Deveria chorar  
mas é terrível: os céus me agridem,  
ferem onde mais amo. Acorda, puta!

ATOR A QUE FAZ IAGO (Falando por Ator b que faz  
Cássio. Voz de mulher. Ele parodia a vítima, zombando de seus  
medos e honestidade)

Quem está aí? Otelo?

OTELO

É, sua burra!

Ou você esperava outro homem?!!

IAGO

Já vem prá cama, meu senhor?

OTELO

Já pediu perdão aos céus, puta?

IAGO

Sempre!

OTELO

Se você, puta, lembrar de algum crime  
ainda não confessado aos céus  
fale agora!

IAGO

Ai, meu senhor, não sei de nada, nada!!

OTELO

Olha: fale agora e seja breve, puta!(Andando em volta da  
cama, mirando o golpe, arrumando a posição do corpo de Cássio,  
que vai ficar de quatro, tudo com a ajuda de Iago).

Não mataria alguém despreparado.

Não, pelo céus! Tua alma não, puta!

IAGO

Matar? Matar?

OTELO

É, matar!

IAGO

Que os céus

tenham pena de mim!

OTELO (a mão no coração)

Amém, amém!

IAGO

Isso, amém, com fé, mas não me mate!

OTELO

Ãhãh!

IAGO(gemer)

Ai, que não há como fugir do medo

vendo teus olhos de um lado para outro

buscando achar culpa em mim que eu não tenho.

OTELO

Pensa nos teus erros.

IAGO

Errei só em te amar.

OTELO

E por isso vai morrer.

IAGO

Que aberração esta - amor e morte!?

Ai, porque você está mordendo os lábios?

Desejo de sangue agita teu corpo.

Maus presságios. Mas eu espero mesmo

que não me atinjam.

OTELO

Cale a boca, quieta!



IAGO

Vou calar. Mas por quê?

OTELLO

A cama, os lençóis - tudo que eu amei  
você deu pro Cássio!

IAGO

Não, por minha vida e alma!

Pergunte prá ele!

OTELLO

Cuidado, puta de merda,  
com a mentira: essa cama é tua tumba! (pula na cama e  
fica atrás de Cássio que está de quatro. Pega no pescoço dele  
com uma mão e com a outra se apoia no corpo de Cássio para  
fazer movimentos de sexo)

IAGO

Não, não quero morrer!

OTELLO

Mas vai, e logo.

Então vai falando, tudo, confessa!

Pois não adianta jurar que não fez.

Nada vai sufocar esse desejo

meu que geme pelo teu corpo morto.

IAGO

Ninguém vai me ajudar?

OTELLO

Amém, amém!

IAGO

Então você, Otelo, me ouça: eu nunca  
fiz algo contra ti. Nunca amei Cássio  
nem outro homem com o mesmo amor  
que eu te amo! Nunca, meu amor, nunca!

OTELLO

Pelos céus, eu vi, a cama, os lençóis!!  
Puta falsa, roubou meu coração,  
e quer que eu considere assassinato  
o sacrifício purificador  
que estou fazendo?!?! Mas eu vi, eu vi!

IAGO

Viu o que, Otelo?

Viu o que? Mas o que você quis ver?

Confesse você a verdade!

OTELO

Eu já conheço a verdade!

IAGO

Qual é?

OTELO

Você é uma vagabunda!

IAGO

O que?

OTELO

Vagabunda!

IAGO

Não, você não disse isso!

OTELO

Por acaso estou com a boca amarrada?

O honesto Iago me fez ver tudo!

IAGO

O medo me faz ver melhor. É inútil!!

OTELO (Puxa os cabelos de Cássio para se apoiar no ato  
de sexo)

Se teus cabelos fossem muitas vidas  
para cada eu teria uma boca!

IAGO

Que horror! Você enganado, e eu destruída!

OTELO

Sua puta! Em minha frente, aos prantos, por ele!

IAGO

Me mande embora, mas não, não me mate!

OTELO

Fica aí, sua puta!

IAGO

Essa noite não.. me mate amanhã!

OTELO

Não! Quietinha!

IAGO

Meia hora, meu Deus!

OTELO

É tarde demais! (Asfixia Cássio. O coro que vinha acompanhando tudo se apavora e se dispersa, correndo de um lado para outro em desespero. Os gritos sufocados na garganta, o rosto vibrando um apelo não expresso, os olhos abertos ao máximo. Otelo, arfando, recompondo-se, pende sobre o corpo morto do ator B que fez Cássio vestido de Desdêmona. Ao ver o coro se dispersando, Otelo fica sem entender, como se despertasse de sua loucura. Olha para Iago que lhe volta as costas. Otelo, aos poucos, começa a entender que tem um cadáver entre suas pernas. Otelo puxa suas calças que estavam arriadas e, envergonhado, se veste, olhando de um lado para o outro, temendo ser pego em flagrante. A atriz D que faz Desdêmona, com esforço e ódio, tenta a todo custo tirar a fita de sua boca. Iago começa a rir, repetindo 'Idiota! Idiota'. O coro, ao fim se reestrutura e forma um batalhão de linchamento que se arremessa como um golpe fatal contra Otelo. Em meio ao linchamento, Desdêmona enfim consegue tirar sua fita na boca. Desdêmona então vai se arrastando para ver a destruição de

Otelo. A peça termina com os sons dela se arrastando e o som de sua respiração, seu esforço para estar ali, sua voz conspirando para continuar viva. Nesse cansaço, por fim, ela sussurra a Canção do Sicômoro. Em plena escuridão, Iago das sombras vem andando para o público, com uma espada na mão e fala:

OTELO

Por acaso eu preciso de alguma razão fazer o que eu fiz? Falem! Respondam! Eu preciso mesmo de uma razão? E se eu apenas quisesse e pronto, heim? E se você, é, você também quisesse? O que você quer fazer? Me fala! E você? Não há ninguém no mundo, uma pessoa só que você não gostaria de enfiar uma espada? Uma, uma só. Pense bem, olhe em volta! Olhe! Procure! Não pare! Continue! Eu tenho certeza que você vai encontrar! Vamos, não desanime! Há pelo menos uma pessoa, uma só esperando toda a tua atenção, todo o seu carinho. No momento apenas uma. Ela. E você está esperando o quê? (Se afastando para o palco) Por acaso você precisa de alguma razão prá isso tudo? Me fale, me responda: e se você apenas quisesse e pronto. Mais nada. Uma pessoa só prá todo mundo saber. Todo mundo. Todo mundo.

FIM



A DESPEDIDA<sup>4</sup>

(2008)

## PERSONAGENS

Homem Velho

Capataz, coordenador da mudança

Homens-bailarinos que trabalham na mudança

Orquestra

*Um imenso quarto vazio. Cortinas velhas caídas pelas paredes. Caixas empilhadas. Mudança. Homens fazendo seu trabalho de empacotar e guardar coisas. Alguns objetos caem e se quebram. Os homens não interrompem sua rotina. Poeira e ruídos. Não há vozes. Depois de terminado o serviço, eles saem. Entram o Capataz e um homem Velho.*

## CAPATAZ

Foi-se. Agora o senhor assina aqui. (O Velho tira os óculos, lê com cuidado o documento e depois assina. Em seguida se põe a observar o lugar esvaziado, como se tentasse lembrar de alguma coisa) Depois do almoço os homens voltam para levar as caixas. Empacotamos tudo, como o senhor pediu. ( O Velho faz sinal de concordância com a cabeça) Esvaziamos os quartos, a cozinha, os banheiros. (O Velho começa a

---

<sup>4</sup> Para Hugo Rodas, um presente por seus 70 anos.

andar, mancando, mãos para trás, uma marcha de alguém satisfeito com o que foi realizado no lugar). Difícil foi o escritório: muitos livros, papéis. Uma tonelada. Os homens reclamando o tempo inteiro (O Velho ri, e passa a fazer gestos como se respondesse a alguém imaginário) O senhor é um homem de sorte. Não é toda agência de mudança que aceita um trabalho desses. Ainda mais assim em cima da hora. Da próxima vez...(entram alguns Homens trazendo marmitas na mão. O Capataz vai à direção deles, envergonhado) Quantas vez eu tenho de dizer...(para o Senhor) Me desculpe, me desculpe!(Para os Homens, saindo com eles) Onde já se viu uma coisa dessas!! É sempre a mesma coisa! Quantas vezes eu...(O Velho continua seu passeio pelo quarto vazio, arrastando os pés, as mãos para trás, assobiando. Após alguns instantes ele começa a andar mais dançado, seguindo a melodia assobiada. É uma linda canção para se dançar com alguém- UMA CACIONETA NAPOLITANA- O Homem Velho muda do assobio para cantar uma melodia sem letra até que tudo caminha para um êxtase quando reentra o Capataz e tudo se interrompe. Ele reentra pisando nos cacos espalhados pelo chão)

CAPATAZ

Eu prometo que isso nunca mais vai acontecer! Eu prometo! Eu tenho o maior respeito pelo senhor e por essa casa. Todo mundo na cidade dizia... o senhor já deve saber... tem tanta gente no mundo que não presta... que inventa moda e fica assim pelo certo como se...(o Velho volta a andar, passa a mão nas paredes, tira o pó das paredes, mexe nas cortinas, ri, mede cada coisa ainda ali presente, obra de suas mãos) mas eu não, nunca. Eu morava ali no fim da rua, eu brinquei com seus filhos. Como eu poderia... Não, nunca! Essa casa era a melhor coisa da minha vida. A melhor coisa!

VELHO (chegando às caixas)

Olha, Garoto, se assegure que tudo isso seja queimado, destruído. Eu paguei adiantado.

CAPATAZ

Sim, senhor Está no contrato. Mas...

VELHO

É o fim: sonhei com esse momento tantas vezes. Não me faça esse mal. Apenas cumpra o que está escrito no contrato.

CAPATAZ

O senhor é quem manda. Depois do almoço...

VELHO

E nem um minuto mais. Quero tudo fora daqui antes da noite chegar. O senhor sabe por que, não sabe?

CAPATAZ

Não tenho a mínima idéia, a mínima...

VELHO

Mas quem é que andava pelos cantos do jardim desde moleque espiando, buscando o que não devia, heim?!

CAPATAZ

Não sei, senhor. Acho que meus irmãos.

VELHO

Você por acaso não é o filho daquela mulherzinha lá do fim da rua?

CAPATAZ

Sou, sim senhor. O senhor me conhece?

VELHO

E por que você acha que eu te contratei?

CAPATAZ

Eu lá vou saber?! É que...

VELHO

Eu te contratei, garoto curioso, pra uma última dança. A sala vai ser esvaziada, nada entre nós. E hoje à noite a festa vai ser grande. Somente eu e você.

CAPATAZ

Como é que é?

VELHO

Como você cresceu, minha criança. Como você cresceu. Continua o mesmo garoto curioso e burro que viu o que não devia ver. Mas hoje à noite...

CAPATAZ

Hoje à noite?

VELHO

É, hoje à noite, como nas outras, todas aquelas que você atravessou a rua e veio bisbilhotar minha casa. Agora você está aqui e tudo está vazio, pronto pra você revirar ao avesso. (Entram os homens. Eles começam a carregar as caixas para fora da cena. O Capataz olha assustado para o Velho, para os homens. Ele busca ajuda. O Capataz corre para os homens, esconde-se atrás deles, das caixas, que aos poucos são levadas. Quando a última caixa é erguida, lá está, atrás dela, o Capataz, mãos na



cabeça, tremendo de medo. O silêncio é rompido pelo Velho que coloca uma música em uma radiola que ficou no chão. É a mesma música assobiada antes. Ele vai colocando a música e assobiando a melodia. Depois ensaia os passos da dança, a dificuldade da perna ruim. O Velho vai cantarolando a melodia sem letra e chama o Capataz para a dança. O Capataz se apavora e foge para debaixo das cortinas. O Velho parte para o jogo de caça ao Capataz: o jogo é realizado com a entrada dos homens da mudança como dançarinos ao som da música que agora tem letra, cantada pelo Velho. É um número musical arrebatador, como uma ballet grotesco com homens vestidos de estranhas bailarinas e máscaras de cães. Na caça ao Capataz, os dançarinos fazem ver a orquestra que está no palco. Ao mesmo tempo os panos se tornam parte de seus adereços e figurino. Tudo se encaminha para a última cortina, debaixo da qual treme apavorado o Capataz. Quando os bailarinos cercam o Capataz, sob o som de suspense o Velho começa a erguer a cortina que cobre o Capataz. Ao fim, a orquestra pára de tocar: o Velho segura a cortina. Silêncio. Tudo sem movimento, como em um museu de cera. O Capataz, que esperava o pior, aos poucos vai recobrando-se do choque. Ao adquirir confiança, o Capataz, como um Adão que se descobriu no paraíso, olha para si, para os dançarinos, para o Velho e procura pensar no que fazer. Sente frio, sente-se perplexo sem respostas. Busca alguém além daquele mundo. Busca nos que estão ali alguma resposta. Até que entre a coragem e o receio, aproxima-se do Velho. Um misto de admiração e ódio. O Capataz busca pegar a cortina de volta. Ele titubeante ergue a mão, como se houvesse uma fogueira em sua frente. Sons da orquestra ampliam estas reticências. Até que ele arranca das mãos do Velho a cortina. O Capataz arranca com tanta força que cai, rola no chão. Ao rolar ele reclama da dor da queda, mas depois de instantes vai girando feliz, entre gargalhadas. O Capataz diverte-se como dono da cortina que cobre seu corpo, como dono do lugar, tomado apenas por figuras mortas. Essa diversão emenda em uma pilhéria dançada. O Capataz, como uma criança, parte para sua brincadeira de provocar os homens e o Velho. Ele pula, brinca na frente das estátuas, gira com sua cortina, com seu manto. Esta pantomima cresce com a intensidade da música. O Capataz agiganta-se feliz com sua dominação e triunfo. Depois das brincadeiras ele começa a ficar agressivo. Parte para cima dos Homens e os agride. Mas o Capataz é fraco demais, menino demais. Depois de lutar para derrubar os Homens, ele cai no chão, cansado, exausto. Então a orquestra muda sua música e a pantomima cede lugar a uma canção do Velho, uma paródia de uma canção de consolo. Os Homens se animam novamente e enquanto o

Velho canta o nosso Capataz é arrumado com a cortina como um bebê, um bebê com fraldões. Ao fim da canção e do novo figurino, o Velho coloca batom na boquinha do nenê e os Homens dão pancadas no rosto do Capataz com travesseiros de pó. Tonto, o Capataz gira nas mãos dos Homens. Começa o desfile do meninão, uma nova bizarra pantomima com o Capataz vestido de criança, a cara branca, o batom borrado, o vermelhão escorrendo pela máscara atônita. Os Homens formam um círculo. O Bebezão do Capataz é arremessado de um lado para o outro, sob as palmas de todos. A música transita para uma estripulia, para uma nostálgica brincadeira de roda. Querendo chorar, o Capataz vai perdendo-se nesse desvario até que começa a gostar, a dançar, a aceitar o jogo. Quando a festa chega ao máximo de alegria do Bebezão-Capataz, a música cessa, a orquestra desaparece, desaparecem os homens e o Velho. No centro de tudo está o Bebezão-Capataz, ainda sem entender o que aconteceu. Ele olha para os lados, para cima, para a platéia. Ele sorri, pensando que é novamente uma brincadeira, que estão se escondendo. Ele fecha os olhos conta com os dedos até dez. E nada. Ele renova sua confiança que tudo vai voltar ao normal com um sorriso. Ele mantém esse sorriso o máximo que pode, os braços cruzados, a certeza que não será mais frustrado, que agora pela primeira vez em sua vida encontro tudo que sempre quis. Aos poucos esse sorriso perde seu brilho, e o Capataz se percebe só. Ele volta a olhar para os lados, para trás, para o céu. E nada. Ele então olha fixamente para a platéia, seus braços largados, e começa um choro contido, fininho. Depois esse choro emenda em um profundo lamento. Ele se abraça, bate em si mesmo. Em seguida, tira o fraldão, a maquilagem no rosto: descobre ridículo, ridículo, um homem daquele tamanho com essas roupas, um homem daquele tamanho dançando, brincando. Ele se descobre como alguém que foi enganado, ludibriado e jogado fora. Ele esperneia, vomita imprecações, xingamentos. Está no fundo de seu ódio. Exausto, cansado, o Capataz deita-se com a cara no chão, como um cachorro preguiçoso. Nesse transe de coisa largada, abandonada, ele não percebe o retorno da orquestra e da primeira canção. Nem os dos Homens que entram com as caixas e montam o cenário primeiro. Nem muito menos do Velho, que contempla todo o trabalho de rearranjo da casa-cenário e cantarola a melodia da canção primeira. Enquanto o Capataz permanece alheio a tudo, fazendo das fraldas o seu chão, o seu cobertor de cachorro, os Homens abrem as caixas e delas saem luz e objetos que povoam a nova casa: lustres, estátuas, quadros, livros, cadeiras, uma mesa. Quando a sala está montada o Velho canta uma canção narrativa. O Capataz não reage: está preso ao seu mundo.

Durante a canção se organiza uma refeição. A mesa está posta, em dimensões descomunais: alta, com pratos e talheres grandes, cadeiras grandes, pratos gigantes. O Velho convida o Capataz que não vem, que se recusa a sair de sua miséria. Ao fim da canção, o Velho, sentado à mesa, rodeado pelos Homens-garçons, começa a rir enquanto corta a carne que come. O Capataz tenta resistir a essa gargalhada que contagia os Homens-garçons. Ao fim, todos estão rindo, rindo do Capataz-mendigo, que aos poucos larga seu lugar forrado de fraldas e se aproxima da mesa. O Capataz-mendigo vem rindo, como que rindo de um suposto alguém que esteve todo esse tempo lá no chão largado, como se não fosse ele quem assim esteve. Ele vai se aproximando, escala a cadeira alta e no senta-se no extremo oposto de onde o Velho está. O Capataz-mendigo vê toda aquela comida. Não sabe por onde começar. Olha para o Homens-Garçons, olha para a platéia, olha de volta para a comida. O Velho faz um gesto, e os Homens-garçons arrumam o Capataz-mendigo, colocam as fraldas nele, agora como babadouro. Maquilam o Capataz, enchem seu copo e servem comida em seu prato. O Capataz maravilha-se com tudo. Quando, enfim vai dar a primeira mordida, os Homens-Garçons tiram o garfo dele e o prato e o copo. O Velho diz:

VELHO

Antes, dance pra mim.

CAPATAZ

Como é que é?

VELHO

Isso que você ouviu: dance, dance pra mim.

CAPATAZ

Mas.. dançar eu?!

VELHO'

Você dançava quando menino, um menino insuportável. Você quase me enlouqueceu. Agora vai ter que mostrar como é que faz, vai ter que me mostrar esse menino outra vez, vai ter que me ensinar o que ele sabe.

CAPATAZ

Mas como é que eu...

VELHO

Naquela noite você sabia, naquela noite que você invadiu minha casa,minha vida. Nós temos todo o tempo do mundo. Nós temos a noite inteira. E essa noite vai ser inesquecível. Toquem a música! Toque a música! (Orquestra apresenta uma

melodia incisiva. Os Homens performam uma dança que é um ritual preparatório para uma posterior e aguardado êxtase do Capataz. O Velho deixa a mesa e se ajunta aos festivos dançarinos. O Capataz fica observando tudo, apreciando a beleza e a intensidade das evoluções, vibrando com a dança do Velho, como se o Velho fosse o Capataz, como se o Capataz se visse fazendo as coisas que o Velho realiza em cena. O espetáculo dura até o tempo do fascínio do mais completo deslumbramento do Capataz. Quando isso acontece a música é interrompida. O Capataz está eufórico ele bate palmas, sorri. Está feliz. Nunca havia visto algo tão forte e maravilhoso. Ele ama tudo o que viu. Foi a coisa mais importante de sua vida. Ele anda batendo palmas e rindo em direção do grupo que acabara de se apresentar. O grupo está imóvel, como estátuas. O Capataz continua batendo palmas, mas já muda seu rostos. Ele não consegue entender por que a festa acabou, por que as coisas pararam de acontecer. Ele vai diminuindo seu ritmo de palmas ao se ver cercado por aquelas imensas figuras gélidas. Então o Capataz pára com sua alegria no meio do palco e olha sem saber o que fazer para o público. Então, após alguns instantes tragicômicos, o Velho fala

VELHO

Agora é a sua vez, garoto. Nos mostre o seu melhor. Aquilo que você viu anos atrás, aquilo que você tomou de mim.

CAPATAZ

Mas eu não sei do que vo...

VELHO

Essa é a casa, o que você sempre quis. E eu estou esperando. Você já comeu, beber e riu. Agora vai ter que dançar, dançar como nunca. Como nunca.

CAPATAZ

Mas de onde...(Os Homens amordaçam o Capataz e colocam uma saia nele e sapatilhas. Enquanto preparam o Capataz para a dança, o Velho fala:

VELHO

Me mostre, garoto, a tua dança de fera, a tua luta, o teu querer. Mova esses pés, e voe: arrebente essas paredes que nos prendem. Eu quero chegar além dos céus, eu quero ver teu corpo aberto e sangrando. Me mostre, garoto, teus órgãos em chamas, no furor da noite sem resposta, na garganta que explode em pragas e torturas, no suor que me beija devagar. Eu quero ver, garoto, eu quero tocar: minhas mãos em cada dobra de tua pele pulsando.( O velho canta como que fazendo um cerco ao Capataz, uma música ao sabor dos pampas. O Velho empurra, gira, estapeia o Capataz,

tentando fazer com que ele dance.O Capataz amolece, titubeia, diante de tantas solicitações. Até que cai, assentando, derrotado.Ao fim o Capataz reclama, murmura.)

CAPATAZ

Eu não sei, eu não posso, eu não consigo!!! Será que você não entende isso? Será que você não me ouve?

VELHO

Mas pra expiar você é bom, não é garoto?Agora que viu, vai ter que fazer.

CAPATAZ

Tudo por causa daquela noite estúpida.

VELHO

A maior da tua vida. Ande, vamos, levante-se: não temos a noite inteira.

CAPATAZ

Todos falavam que você era louco, que era perigoso. Mas eu queria, eu queria ver.

VELHO

Fique em pé. Olhe o eixo. Os ombros.

CAPATAZ(levantando-se)

Então eu atravessei a rua, devagarinho, com cuidado, pra ninguém me pegar.

VELHO

Em pé, isso, firme. Olhe para mim, garoto, olhe para mim enquanto eu estiver falando.

CAPATAZ

E eu pulei o portão, meus pés na grama, o sereno frio e suave grudando em minhas pernas.

VELHO

Solte esses braços, garoto, pare de tremer. Olhe firme pra mim, respire, respire: pelo amor de Deus não pare de respirar.

CAPATAZ

Daí eu fui pra janela, a luz de dentro da casa invadindo explodindo em meu rosto, me puxando com todas as forças, meu hálito quente no vidro da janela, meus lábios fervendo com o gosto das gotas de luz e agonia...

VELHO (mexendo na fantasia de bailarina,posicionando na meio do palco, na frente da platéia)

Agora se arrume, fique direito, meu garoto: sua hora vai chegar. Todos aqui vieram te ver.

#### CAPATAZ

Então eu vi, eu vi tudo, tudo, a maravilha que não sai dos meus olhos, de dia e de noite, nos meus sonhos, dentro de mim, eu vi e quero mais, você comigo, sempre, sempre.

#### VELHO(atrás do Capataz)

Pronto, agora não tem mais jeito. É a tua vez: vai, mostra tudo, tudo , tudo!(chuta a bunda do Capataz. O Capataz vai para frente tentando se equilibrar, depois de ter sido jogado, como que para uma apresentação em um teatro, para um grande show surpresa, uma performance esperada, o auge, o clímax, mas para qual o Capataz não está preparado. O Capataz vai para a frente desequilibrado e quando estabiliza está diante de uma imaginária audiência, ampla, cósmica, no maior teatro do mundo, tendo de performar para este público sem saber. Quando ele pára seu movimento desequilibrado, o Capataz congela em uma pose torta, descuidada, como um flagrante inesperado, um susto, uma pegadinha, como se tivesse sido pego na situação mais embaraçosa de sua vida. A vergonha é imensa, tanto quanto sua tentativa em seguida de tentar amenizar a desgraça. O desajeitado Capataz vai tentando um passos, uma movimentação mais organizada, uma quase-dança, a não dança, ridícula, tudo em câmara lenta, lentíssima, o empenho e o esforço de improvisar uma saída, uma solução para essa vergonhosa cena. O Velho acompanha cada movimento, seguido pelos Homens que se convertem em platéia próxima. Quando o Capataz titubeia e quer desistir, o Velho lhe empurra, e o jogo recomeça, com o Capataz tentando se equilibrar. Os Homens começar a parodiar o Capataz, o Capataz vai sentindo-se mais seguro em suas poses e movimentos, cada vez mais ridículos e tortos. O Velho também entra no jogo. Todos pulam e seguem as estripulias sem nexos e quebradas de o Capataz, que aos poucos vai sentindo-se um consumado bailarino, dançando como se seguisse um modelo, um sonho, uma visão, a orquestra tocando animada uma sequência de um ballet em sua conclusão e clímax, o Capataz girando e jogando seus pés para cima para os lados, em êxtase, até que o Velho e os Homens param de acompanhar essa bizarra demonstração de total falta de habilidade para a dança, o Velho e os Homens cada vez mais inertes e sérios, observando o desvario do Capataz que atravessa o palco e vai para a platéia, até que a música termine, a orquestra calada, e ele, sozinho, ainda gira, gira e perturba, bailarina

equivocada e trapalhona, que tropeça e cai na platéia, e se levanta e cai, e se machuca e sangra, e baba, e tosse, e escorrega, faz barulhos e tumultos e grita, e comemora, e festeja e começa a falar, tonta, tonta, tonta, até cair no chão, cansada, rindo, feliz, realizada, até naufragar aos pés do Velho e dos Homens:

CAPATAZ (no chão falando e dançando, mostrando o que diz)

Ah como foi bom, como foi, ver o Velho sozinho na casa enorme e vazia. Todos me falavam “Cuidado com o Velho! Fique longe! Ele é perigoso!” mas eu fui, eu vi, e amei. E nunca mais quis saber de outra coisa, senão todas as noites voltar, meu sorriso na janela, minhas mão desenhando no vidro o teu rosto, uma história, o que eu queria pra mim. Você de um lado para o outro, as vezes rindo, os braços grandes como árvores, você movendo os móveis, os quadros, falando alto ao telefone. E cada palavra tua ecoava em mim como um rio de muitas águas, uma tempestade que tudo arrasa e desfaz. E eu me sentia arrastado por cada som, cada gesto, tuas mãos cortando o ar de tantas maneiras que eu seguia, colhia, as lascas, as finas lâminas brilhantes do invisível. E essa poda selvagem fazia espirrar em meu corpo os farelos de uma preciosa dádiva, um vigor necessário, esperançoso, meu alimento, minha fomes, pois tenho fome de ti, quero ser coberto dessa pele, tua pele em minha, tua dança minha dança, teu ar em meus pulmões. Desde que atravesssei a cerca e pisei o jardim e te vi, eu tenho fome, eu quero nunca mais sair de perto de ti. Eu quero comer.

VELHO

Eu também, garoto, eu também. Quem é teu pai?

CAPATAZ

Como é?!!!

VELHO

E tua mãe? Pra onde eu devo te mandar de volta?

CAPATAZ

De volta?! Mas eu...

VELHO

Está ficando tarde. Não tenho tempo para o cansaço.

CAPATAZ

Mas depois de tudo o que eu fiz, eu mereço...

VELHO

Você não merece nada, nada. Tire essa roupa e vá embora.

CAPATAZ

Não! Essa roupa não

VELHO

O contrato, você não seguiu o contrato.

CAPATAZ

Não! Eu fiz tudo...

VELHO

Acabou: (para os Homens) Tirem a mesa, guardem tudo. Eu não suporto gente assim. ( Vira-se para sair)

CAPATAZ (pega nos pés do Velho)

Não me deixe. Como eu vou viver sem você.

VELHO

A pergunta é como você consegue viver assim. (livrando-se)

CAPATAZ

Depois do que houve, você não pode fazer isso.

VELHO

Mas não houve nada. Você sabe quem eu sou? Me responda: você tem alguma idéia de que eu na verdade seja?

CAPATAZ

Os outros dizem que...

VELHO

Eu estou falando de você, garoto. Você alguma vez na vida parou pra pensar realmente em mim? (canção farsesca em que o Velho se dirige ao Capataz e ao publico. Os homens dançam com o Velho. Ele diz e não diz que é. Diz que é inesquecível e que ele é o que é. Brinca com os elogios que lhe fazem, com os gracejos que faz de si e dos outros. Depois vai para a mesa. Os Homens guardam as coisas do jantar. Enquanto isso, o Velho fala seu texto de despedida, enrolado na toalha da mesa)

Nunca pedi, nem implorei nada: apenas me deram e eu aceitei. Assim acontece, e não poderia ser diferente. E por isso eu fui belo para os que me queriam belo, e terrível e doce e maravilhoso quando fosse necessário. Acima de tudo um dia, uma noite você veio até mim, o coração inteiro, os braços abertos, o olhar intenso, desejoso. E o que você queria que eu fizesse? Como recusar uma oportunidade tão amável, tão fácil. Eu, que não sou Deus como poderia evitar tamanha entrega, uma



oferta gratuita, frágil e tão atrativa?! Pois é o que tenho feito esses anos: você vindo pra mim, na esperança de sentir tantas coisas, uma vontade sem limites de nudez e alegria, poder correr descalço entre as feras e as matas escuras, as garras cravando em teu pescoço as escoriações das auroras. Porque eu sou inesquecível, essa última palavra em tua boca, inesquecível como o mar pela primeira vez, o sal em tua pele avermelhada, inesquecível como o sol estourando sua luz em teus olhos, como o clamor de uma tempestade que se abate luzente e violento sobre o teto da tua casa, inesquecível como a primeira vez que você se perdeu e não sabia onde estava, quem eram aquelas pessoas em volta, que era você naquele lugar, terrivelmente inesquecível como a tua primeira surra, o primeiro tapa na cara, a cabeça contra a parede, o tropeço, o cair, o levantar-se, o choro, os olhos cegos, submersos, os meninos em volta, as tuas calças abaixadas, a luta, a poeira, a calçada, os cães, os cães farejando, os cães mostrando os dentes, os cães latindo raivosos, correr dos cães, odiar os cães, viver como cães, os cães em toda a parte. Eu sou esse nome na tua boca, que você queria ouvir enquanto corria, enquanto teus pés ainda desenhavam a manobra da fuga. Em tua mente, bem em frente de ti, para onde quer que você vá, eu sou essa janela aberta, o portão escancarado, o jardim para teus pés. E você veio e me buscou e eu nunca mais vou sair da tua vida. (puxando o Capataz pelas mãos). Vem comigo. (para os Homens) Tragam as caixas! Tragam tudo que ele precisa. O que você quer, garoto, o que você mais quer?

CAPATAZ

Eu... eu... eu... quero dançar... eu quero fugir... eu quero pular muros...chutar os cães... chutar os cães imundos!!! Todos eles!!! Todos!!Todos!!!

VELHO (Para os Homens, que entram com caixas com figurinos de teatro, textos, papéis, fotos)

Tragam aqui essas caixas. Tragam rápido!

CAPATAZ

Me ajude, viu, me ajude por favor: você sempre fez o que sempre quis. Eu vi, eu sei: eu vinha aqui toda noite. Me ajude a acabar com os cães. Eles estão em toda parte.

VELHO(Recebendo as caixas e as abrindo)

Vai, tome: escolhe o que quiser.

CAPATAZ(vai abrindo e tirando as coisas)

Mas...mas isso vai ajudar?!

VELHO

Ande logo, já vai amanhecer. Temos que ensaiar tudo. Depois é contigo.

CAPATAZ

Mas... mas...

VELHO(pegando roupas das caixas)

Pegue isso. E isso. E mais isso. Veste essa. Calça isso. Assim. Como você se sente?

CAPATAZ

Eu... eu não sei...

VELHO(pega um estojo de maquiagem)

Deixa eu dar uns retoques.

CAPATAZ

Tem certeza que...

VELHO

Fica quieta. Senão vai borrar.(maquilando o Capataz) Isso. Pronto. Agora. Pega na minha mão. Olha pra frente. Estufa o peito. Pare de tremer. Imagine que tudo vai dar certo. Imagine que chegou a tua hora. Os cães pararam de latir (orquestra começa a tocar abertura do espetáculo). Os cães, os cães foram mortos. Agora é somente agora. A cortina vai subir. (para os outros homens) Venham, garotos, venham pra junto de nós. Estamos todos juntos, todos juntos agora. Peguem minha mão. Segurem firme, firme. Olhe pra frente, com toda força, com toda verdade!(O Velho coloca a mão de um dos Homens na mão do Capataz e sai da fila formada pelos atores. Ele vai saindo e falando) Ninguém pode com vocês, ninguém pode com quem oferece o seu melhor. Pois fiquem de pé, diante de todos, lutem, derrubem as cercas, invadam os corações, e degolem as feras, as criaturas fantásticas, as multidões furiosas, o sangue na boca dos cães, o sangue escorrendo pelos atalhos do corpo, de tantas cores e brilhos, o sangue em tudo que eu vejo, o corpo aberto, pulsante, vivo, suspirando, (saindo de cena) maravilhosamente inesquecível, inesquecível, inesquecível (a orquestra passa a performar a canção final, cantada e dançada pelos que estão em cena. Aplausos. Como um fim. Até que, após alguns instantes, volta o Velho com um microfone e canta com todos a canção final da peça, um grande número musical.

FIM